

Crônicas Arcanas 02

Cavaleiro Eterno

Kresley Cole



Revisão Inicial: Tininha e UTA
Revisão Final e Formatação: Fidalga
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES





Neste segundo livro emocionante das Crônicas Arcanas, Evie se esforça para aceitar seu lugar na profecia que vai salvar o mundo — ou destruí-lo.

Evie já está de posse plena de seus poderes no tarô como a Imperatriz, e Jack estava ali para ver tudo. Como um dos 22 adolescentes que recebeu poderes após o apocalipse, agora ela sabe que uma guerra está se formando, e é matar ou ser morta.

Quando Evie encontra Morte, o lindo e perigoso Cavaleiro Eterno, as coisas ficam ainda mais complicadas. Apesar de apaixonada por Jack, ela é atraída para Morte também. De algum modo, a Imperatriz e Morte compartilham uma história romântica, uma que Evie não consegue se lembrar — mas Morte não consegue esquecer...

O CAMPO DE BATALHA

Durante o Flash, uma explosão global e catastrófica, a superfície da terra foi convertida a cinzas e corpos compostos por água evaporaram instantaneamente. Toda vida vegetal foi morta, bem como a maioria da animal. A imensa maioria dos humanos pereceu, com as mulheres como as maiores atingidas. A chuva não caía há oito meses.

OBSTÁCULOS

Milícias e traficantes de escravos se unificaram consolidando o poder, todos inclinados à captura de mulheres.

Pragas se espalharam; canibais floresceram. Os Saqueadores, zumbis contagiosos criados pelo Flash, perambulavam à noite, sedentos por umidade em qualquer forma, até mesmo sangue.

INIMIGOS

Os Arcanos. Em toda era sombria, vinte e dois garotos nascem com poderes sobrenaturais e são destinados a lutar em um jogo de vida ou morte. Nossas histórias estão descritas nas cartas dos Arcanos Maiores de um baralho de Tarô. Eu sou a Imperatriz; agora nós jogamos novamente.

A Morte, o vitorioso dominante, não irá parar até que o meu sangue banhe a sua espada.

Para derrotá-lo e os outros, eu terei que dominar os meus poderes de Imperatriz: cura realçada, a habilidade de controlar tudo que tenha raízes ou que floresça, furacões de espinhos — e veneno. Porque eu sou a princesa dele...

Comentário Fidalga: Muita calma nessa hora! Acabei de revisar o último capítulo e decidi. **VOU MATAR A KRESLEY!** Mais uma terrível DPLB* que a autora me proporciona. O livro é infinitamente melhor que o primeiro, e não tenho ideia de como ela conseguiu. Há uma reviravolta tão surpreendente na história que tira nosso chão. Não definam o lado para o qual vão torcer, por que o desenrolar dos acontecimentos são surpreendentes. Eve, Jack e Cia Arcana seguem sua jornada no mundo pós flash (apocalipse), cercados de Sugadores, canibais, novos inimigos e... chuva. Muita chuva em dias cada vez mais curtos. O que acontece com uma plantinha sem a luz do sol?? Imperatriz vai penar. Muitas revelações e novas alianças se formam para que Morte possa vir a ser derrotada. Mas aiiiiiiii... CARACA!!!! Sabe aquela criatura medonha de capuz negro e foice que vc tanto teme? Se prepare pra babar horrores por ela. O mundinho de Jack ruiu quando Morte entrou de sola revirando as entranhas de Eve.

Não gosto de fazer comentários nos livros que reviso, acho que a Ti fala o suficiente rs, mas não pude fechar a matraca depois do que acabei de ler.

Assim como fiz no primeiro, peço que abram seus horizontes e apreciem este livro com tema sobrenatural e percebam o quanto a Kresley Cole é boa no que faz. **UM SHOW!!**

(*DPLB – Depressão Pós Livro Bom)

Comentário da Ti: Gente, mas o que é isso?? Kresley Perversa Cole mais uma vez acaba comigo. E deixa meu pobre coraçãozinho caindo aos pedaços. Eu jurava de pé junto que era Jack forever... mas agora? Estou dividida. E muito. Vocês terão que ler para entender o estado lamentável do meu pobre coração.

Jack começa o livro na cena exata em que terminou o 1º. De pé nos escombros daquela casa onde o furacão Evie passou e com uma bruxa vermelha em seu lugar, parecendo doida de pedra. Neste livro a emoção rola solta... muitas cenas pra dar um vuco-vuco nas suas entranhas no estilo Kresley de ser.

Jack apresenta um lado diferente dele, Evie começa a se lembrar do passado vivido como a Imperatriz. E a coisa engrossa e toma um rumo completamente desgovernado e alarmante. A ponto de termos a visão



dos dois lados da moeda. E torcermos pelo inimigo Número Um do mundo caótico do pós Flash.

Conselho de amiga? Nada de escolher um lado... deixe a vida te levar... no caso, a Morte. Que é uma coisa do outro mundo. Suspiros à parte, esse livro é eletrizante. Mais uma vez Kresley se superou e mostrou que pode fazer o que quiser em qualquer estilo. Arrasou geral. Tô babando aqui e ansiosa pelo próximo.

Capítulo 1

DIA 246 D.F.¹

RÉQUIEM, TENNESSEE

BASE DA CADEIA MONTANHOSA DE SMOKY MOUNTAINS

É isso o que realmente sou...

Jackson tropeçou ao se afastar de mim, fazendo o sinal da cruz. Exatamente como previ. Com aquele único gesto, ele partiu o meu coração completamente.

— *E ainda assim eu não poderia me sentir mais orgulhoso, Imperatriz.*
— a sedutora Morte sussurrou na minha mente.

Eu o ouvi com tanta clareza; ele devia estar por perto. Não tinha mais nada a perder, nenhuma razão para viver com medo dele.

— *Cuidado, Anjo da Morte, estou à caça.*

Uma risada áspera.

— *A sua Morte a espera.*

Eu comecei a rir, e não consegui parar.

Jackson empalideceu ainda mais. Esperava que ele fosse me abandonar agora e levar os outros três consigo, para longe de mim.

Porque do contrário, a Imperatriz poderia simplesmente matar todos.

Algo úmido desceu pelo meu rosto. Uma lágrima?

Chuva.

Enquanto Jackson e eu nos encarávamos, gotas começaram a cair entre nós.

Minha risada morreu quando eu o vi apertar a minha fita de cabelo com tanta força que as articulações feridas dos seus dedos ficaram brancas — como se ao segurá-la ele pudesse se prender à garota doce que achava que conhecia.

Ela foi embora, substituída pela Imperatriz, ainda tensa para lutar de pé em uma poça dos restos mortais do Alquimista. Quando meu cabelo vermelho se colou às minhas bochechas, senti o meu rosto se contorcer em uma expressão que eu nunca fiz antes. Uma de ameaça.

Fiquei meio surpresa por Jackson não ter me atacado, mas o seu arco mortal ainda estava pendurado por cima de seu ombro.

¹ Depois do Flash.



Junto com a garoa agourenta, névoa começou a invadir aquela cidade fantasma, obscurecendo tudo, mas espiei um movimento pelo canto do olho. Afastei o meu olhar de Jackson para o resto do grupo desordenado, três outros Arcanos como eu.

Selena, Matthew e Finn.

Foi em Selena que me concentrei. Ela havia retirado o arco das costas e agora deslizava uma flecha da aljava² da coxa.

Levantei as sobrancelhas em surpresa. Achava que a Arqueira finalmente havia se cansado de querer nos matar.

Quando ela levantou a flecha, o furacão de espinhos acima de mim se apertou. A pequena videira em meu rosto se estendeu na direção dela, como uma víbora preparada para o ataque.

— Então é assim que vai ser, Arqueira? — Minha voz estava rouca de tanto gritar de dor. Eu soava como a vilã de um filme. Também me sentia uma. Há uma emoção na batalha — exatamente como Matthew havia me contado.

— Fazemos isso agora? — Exaustão começava a surgir enquanto o meu corpo se regenerava. Embora as granadas de ácido do Alquimista tivessem devorado parte das minhas roupas — e pele — ainda tinha um pouco de vigor em mim.

Mas, por quanto tempo?

— Ei, moças, o que está havendo aqui? — perguntou Finn com o seu sotaque sul-californiano. — Selena, por que diabos está apontando isso para Evie?

Matthew murmurou.

— A Lua nasce. A Lua se põe.

Selena ignorou os dois.

— Não quero machucá-la, Evie. — ela disse, mesmo apontando a flecha para mim. Sua pele impecável brilhava, tingida de vermelho como uma lua do caçador³. Seu cabelo comprido corria em volta do seu rosto, um loiro prateado, a cor da luz da lua. — Mas irei me proteger até que consiga controlar isso.

— Eu lembrei o que devemos fazer, Selena. — Matar uma a outra. — Me dê uma razão para eu não acabar com a sua vida agora. — Acenei para os dois carvalhos enormes que revivi mais cedo. Atrás dela, o chão rugiu quando as raízes das árvores se aproximaram como cobras, prontas para arrastá-la para o fundo da terra.

Meus soldados esperando a minha ordem. Seria uma forma terrível de morrer.

— Você precisa de mim. — ela disse. — Você e eu — junto com algumas outras cartas — nos juntaremos para matar Morte. Ele é forte demais para que algum de nós consiga sozinho. Trabalharemos juntos até derrotá-lo. Depois todas as apostas morrem.

— E se eu disser não?

Ela puxou a corda do arco.

Os glifos que se moviam pela minha pele queimaram com agressão.

² Coldre onde se guarda as flechas.

³ Lua que segue o equinócio de outono.



— Dispare, Selena. Quero que faça isso. Simplesmente irei me regenerar, e a enterrarei. — Arrogância, considerando que eu enfraquecia a cada segundo. Meus soldados também.

Selena arriscou uma olhada por cima do ombro.

— Não temos tempo para isso agora! Os Saqueadores estão vindo, mais do que eu já vi juntos. — Nenhuma noite depois do apocalipse estava completa sem aquele zumbir com sede de sangue. — Mas J.D. — ela indicou Jackson com o queixo — e eu só temos mais algumas flechas. Tivemos que roubar um jipe daquela milícia para chegarmos até aqui. Vamos só dizer que eles não o cederam com facilidade.

Eu podia ouvir os gemidos de gelar o sangue dos Saqueadores em algum lugar dentro da noite. Como se contando os segundos entre um relâmpago e um trovão, eu supus que eles estavam a alguma distância.

Mas também parecia haver milhares deles.

— Além disso, outras cartas nos seguem já faz um dia. — continuou Selena. — A esta altura eles sabem que você matou um Arcano, e a morte do Alquimista os trará para cá. Muito em breve.

Jackson olhava entre Selena e eu. Há quinze minutos, ele achava que nós éramos duas garotas normais — ou tão normais quanto podíamos ser D.F., depois do Flash.

Agora nós falávamos em nos matar, matar uma carta de nome Morte. Enquanto um furacão de espinhos rodava acima de nós. Sem mencionar que Jackson havia visto os restos do Alquimista, e sabia que eu havia dilacerado um adolescente.

Selena diminui um pouco a tensão na corda do arco.

— Precisamos dar uma trégua por esta noite e nos afastar daqui o máximo possível.

— Uma trégua, pronto, ótima ideia! — disse Finn. — Vamos cair na estrada e resolver isso na base da conversa. Evie, me diga que ainda está com a minha caminhonete.

— Sem gasolina.

— Merda. A nossa também. Parece que estamos a pé.

Nenhuma reação de Jackson. Ele parecia estupefato e exausto. Os olhos injetados de sangue.

A barba não estava feita e cobria sua mandíbula firme.

A emoção da batalha agora decaía; eu não precisava mais reprimir a necessidade esmagadora de aniquilar os outros Arcanos. Talvez ela tenha piorado por eu ter negado a minha natureza de Imperatriz por tanto tempo.

Selena seria uma idiota de me matar enquanto Morte vivia. Uma aliança era possível? Eu precisava de tempo para pensar em tudo, para considerar as minhas opções.

— Trégua. — concordei. — Por esta noite.

Ela tirou a flecha do arco, recolocando-a na aljava com um único movimento fluído. Não consegui evitar revirar os olhos. Que exibida.

Sem aquela ameaça, comecei a controlar os meus poderes. Enquanto as minhas garras se transformavam em unhas comuns e rosadas, dirigi o meu furacão de espinhos para que se desfizesse na rua.



Os espinhos mergulharam como um enxame de abelhas morrendo ao mesmo tempo. No meu braço esquerdo, uma gravação na pele de três espinhos brilhou de dourado a verde antes de perder o brilho.

Eu deposei um beijo de despedida na videira carinhosa. Quando ela afundou na pele do meu braço direito como se afundasse dentro d'água, uma gravação de videira sinuosa brilhou, depois sumiu. Meu cabelo vermelho e cheio de folhas clareou de volta ao loiro. Eu sabia que meus olhos mudavam do verde para o meu azul normal.

Jackson, sempre observador, estudava os meus movimentos, minhas reações. Com cuidado, como faria com um animal selvagem. Eu não o culpava. Estaria enlouquecendo ao ver esse tipo de coisa pela primeira vez.

E na realidade, enlouqueci quando vi aquelas coisas pela primeira vez por meio das visões de Matthew.

Naquela noite Jackson aprendeu que o mundo não era o que ele pensava que era. Naquele momento, parecia querer estar em qualquer lugar menos ali.

Mas se ele me temia — ou a nós — por que não foi embora?

Estava prestes a perguntar a ele quando uma onda de tontura e calafrios me atingiu, a regeneração sugando o meu último estoque de força. As gotas de chuva eram esparsas, mas suficientes para ensopar o meu cabelo e a pele descoberta. Enquanto mancava para ir encontrar a minha jaqueta, eu me perguntava se teria tempo de ceifar a vida dos carvalhos.

Poderia afundar minhas garras em seus troncos e sugá-los até que ficassem secos como uma injeção de energia. Mas isso levava tempo.

Uma coisa ruim de usar árvores como armas? Depois do Flash, eu precisava carregá-las com a minha própria força vital, o meu sangue.

Outra coisa ruim? Você não podia levá-las consigo.

Os outros me seguiram dentro da casa, desviando da poça de restos mortais. Não realmente “dentro” da casa, pensei, enquanto observava a cena surreal.

Embora a casa estivesse partida em duas, suas paredes externas e teto desabados, partes da sala estavam intactas. As mesinhas cobertas por paninhos rendados. O fogo continuava aceso na lareira, que ainda estava de pé.

Aquela casa era como eu. Nós começamos o dia de um jeito e agora estávamos as duas sem conserto. Mas uma parte de mim continuava igual. Eu esperava que sim.

O olhar de Jackson passou pelas marcas de chão queimado. O ácido tinha corroído áreas no mesmo padrão disperso que marcou as minhas pernas cheias de bolhas. A madeira estava marcada em volta de duas pegadas perfeitas, como ilhas gêmeas.

Quando olhou para a minha pele em processo de cura, sabia que ele entendia o que havia acontecido comigo ali.

Com certeza entenderia por que tive que fazer o que fiz.

Meus olhos caíram no gravador de Arthur ainda em cima da cabeceira da mesa, agora cheio de gotas de chuva. Uma fita com a história da minha vida estava ali. Ela tinha acabado pouco antes dele ter ameaçado talhar o meu rosto com um bisturi... Matthew veio até mim, sorrindo de sua imensa altura, os olhos castanhos enormes tão confiantes.



— Senti saudade de Evie. A Imperatriz é minha amiga.

A leva de agressão que tinha sentido enquanto era completamente Imperatriz se transformou em quase nada. Eu havia mesmo acreditado que poderia ferir os outros? Tinha vergonha dos meus pensamentos.

Claro que nunca machucaria Matthew. O que queria dizer que jamais jogaria aquele jogo.

Ele levantou o seu rosto corado para o céu, deixando a garoa bater. Já estávamos há oito meses sem chuva; Matthew tinha previsto que todas as coisas ruins viriam com ela.

Uma ameaça de cada vez.

— Precisamos encontrar um abrigo, coração. Preferivelmente um com um teto e sem partes de corpo espalhadas em volta. — Fazendo careta com a dor em minhas pernas, eu perguntei. — Tenho tempo suficiente para sorver energia dos carvalhos?

Justo quando Matthew ia responder.

— Não. — Finn gritou. — Saqueadores!

Capítulo 2

Nós cinco corremos para a varanda. Pelas sombras, dúzias de Saqueadores se esquivavam até o pátio frontal.

Suas peles de couro curtido queimadas pelo Flash excretavam uma gosma fedorenta.

— Como chegaram tão rápido? — gritou Finn. — Eles pareciam estar a milhas.

— A névoa está brincando conosco. — *A névoa mente, Evie.* — palavras da minha avó de tempos atrás.

Os Saqueadores mais próximos eram três homens altos, usando uniformes iguais e pretos da Adidas. Um velho usava um pijama.

Um policial com o cinto de sua arma pendurado de sua cintura esquelética.

Não havia pensamento em seus olhos pálidos e gotejantes. Desde que foram criados no Flash, os Saqueadores obedeciam a sede que sentiam.

Selena mirou o arco, vindo para mais perto de mim.

— A chuva não irá dispersá-los agora?

Eles se aproximaram mais.

— Acho que não! Evie, ataque com as suas árvores! — Ela se virou para mim, fechando a cara para o que quer que tenha visto. — Suas gravações se apagaram bastante. Droga, tente mesmo assim.

Apagaram? Eu aprendi que isso significava que a minha reserva de poderes se esgotava, o tanque de combustível da Imperatriz estava vazio. Ainda assim, acenei com o braço, comandando os dois carvalhos colossais para que balançassem seus galhos pelo pátio. Eles grunhiram em protesto, lentos em obedecer — como músculos cansados.

— Vamos, vamos!



Eles conseguiram atingir uma fileira de Saqueadores, pinos de boliche voando pelos ares.

— Puta merda! — gritou Finn. — Eu sabia que poderia com eles, mas ver é diferente!

— *Mère de Dieu*. — ouvi o sussurro de Jackson. Mãe de Deus. Primeira vez que ele havia falado.

Antes que pudesse golpear outra vez, mais Saqueadores encheram o pátio. Eu nunca vi tantos, nem mesmo na casa de Matthew quando nós o resgatamos.

Embora eu lutasse para controlar as árvores, elas estavam tão fracas e desajeitadas quanto eu. Elas balançavam devagar, nada parecido com as hidras raivosas que foram antes.

O Saqueadores atacaram as árvores como chacais atacando criaturas feridas, mastigando seus galhos; pude sentir cada mordida. Finalmente, meus soldados simplesmente... cederam. Quando eles caíram, eu tropecei, Matthew me segurando contra o corpo.

Selena me xingou.

— Muito bem por usar toda a sua energia, idiota.

Eu ofeguei.

— Está dizendo isso com apenas uma flecha sobrando?

— Moças. — Finn gritou — Hora de correr!

Ele e Selena correram passando por mim na direção dos fundos da casa. Quando Jackson seguiu, ele tirou o arco das costas e disparou três flechas. O trio de atletas caiu com flechas nos crânios, mas Jackson se conteve de usar sua munição restante.

Quando ele me alcançou quase não freou. Depois de todo tempo que passei com ele, eu meio que esperava que ele agarrasse meu braço e gritasse.

— Corra, *bébé*! — Com um olhar sombrio, ele pode ter hesitado uma fração de segundo, indicando que eu devia correr na sua frente.

Agarrando a mão de Matthew, eu o fiz, mancando o mais rápido que podia para os fundos.

Por cima do ombro, Finn disse.

— Eles também estão desse lado!

Selena se posicionou na varanda traseira, seu cabelo de raio de luar balançando, seu arco armado. Mas ela nunca usou aquela última flecha.

— Evie, tem mais alguma coisa na sua cartola de truques?

Meus outros poderes eram péssimos contra zumbis. Veneno só funcionava em coisas vivas. Um furacão de espinhos perfuraria a pele deles, mas não poderia matá-los. Talvez pudesse segurá-los um pouco. Embora a minha gravação de espinhos estivesse turva, ergui as mãos para invocar as farpas mais uma vez. Eu as senti vibrando no asfalto... abelhas lutando para voltarem à vida... e depois mais nada.

— Exaurida. — Disse a Finn. — Crie uma ilusão, faça parecer que estamos correndo para o lado oposto.

— Também estou quase sem nada! Disfarcei nosso jipe por quarenta e oito horas. Um jipe em movimento, sem deixar que o motorista Cajun soubesse. Mas vou tentar. — Ele começou a sussurrar em sua misteriosa linguagem mágica, o ar em volta deles esquentando.



Logo nós ficamos invisíveis enquanto cinco ilusões nossas pareceram correr pela varanda da frente, descendo os degraus. Os Saqueadores que estavam mais perto as seguiram. Por enquanto.

Infelizmente, Finn não conseguia disfarçar o nosso cheiro.

Jackson olhou fixamente para as ilusões.

— Mais Saqueadores vindo! A casa estará cercada em segundos.

Meu olhar foi atraído para a direita, na direção dos degraus do porão.

Jackson seguiu o meu olhar e correu até eles. Selenia se apressou atrás dele, indicando que eu ficasse perto. Eu os segui, Matthew e Finn bem atrás de mim. Mas na soleira, eu resisti retornar àquele laboratório.

Finn estendeu a mão ao redor de Matthew para me dar um empurrãozinho.

— Vamos, Eves!

Eu me virei para ele.

— O último garoto que me empurrou por esses degraus virou uma mancha no chão.

Finn levantou as mãos, os olhos arregalados.

— Sem problemas, *chica*. Tudo bem. — Ele criou outra ilusão, de uma lanterna para iluminar o caminho. — Tudo fica melhor com um pouco de luz, não?

Mais abaixo, Jackson fechou a cara para a magia. Então aquela noite era a primeira vez que ele a testemunhava? Nós concordamos em manter os nossos poderes em segredo dos não-Arcanos.

Segredo? Acho que o explodi pelos ares.

Ele e Matthew tiveram que se abaixar para passar pela porta. Depois que todos entramos, Jackson fechou a porta do porão, depois colocou uma mesa de metal na frente dela.

Nós nos afastamos, mais para dentro do laboratório, perto das cortinas de plástico manchadas de sangue que dividiam a masmorra. Os outros olharam em volta, os olhos indo até os Bicos de Bunsen em cima de um balcão enorme de aço, as prateleiras repletas de partes de corpos. Resquícios da minha batalha com o Alquimista, cacos de vidro e soros derramados cobriam o chão de terra batida.

Finn disse.

— É oficial. Esse é o lugar mais assustador em que já estive. Um cientista maluco acabou de ligar dizendo que quer o laboratório de volta.

Você não viu o pior.

Assim que o cheiro rançoso da masmorra os atingiu, Finn cobriu a boca.

— O que diabos tem ali atrás?

— Um cadáver. — respondi de modo monótono. — Está... se decompondo. — Meus tremores retornaram.

Quando Matthew colocou o braço em volta dos meus ombros, coloquei o rosto em sua camisa molhada.

Como se não pudessem evitar, um por um, Jackson, Selenia e Finn passaram pelas cortinas manchadas.

Matthew me levou até a parede dos fundos, usando o tênis surrado para afastar os cacos de um canto do chão.

Quando nós sentamos no chão gelado, eu disse.

— Já sabe o que tem ali, não sabe?



— Uma mesa de açougueiro. Ralos. Um serrote e um cutelo. Algemas enferrujadas penduradas na parede. — Ele encolheu os ombros. — Eu vejo além. — Ele me mostrou visões do passado, presente e futuro — dos Arcanos e até dos não-Arcanos.

Mas uma vez ele me disse que o futuro fluía como as ondas — ou os redemoinhos — e que era difícil de ler.

— Sabia que eu derrotaria o Alquimista?

Ele sacudiu a cabeça. Parecia menos confuso do que o de costume.

— Eu vejo além, não tudo. — Segurou a minha mão direita, tocando a nova marca. — Apostava em você para ganhar o ícone dele.

Supus que aqueles símbolos eram um modo de contar os pontos daquele jogo doentio.

Achei ter ouvido um ofego da masmorra e tentei imaginar aquele espaço através dos olhos deles. Ver o cadáver acorrentado faria com que eles entendessem o que enfrentei?

Se eu tivesse chegado antes até Arthur, talvez pudesse ter salvado aquela garota. Inclinei a cabeça para trás e fitei o teto baixo. Quantas outras estavam acorrentadas lá fora, querendo ser soltas?

Capítulo 3

Finn saiu tropeçando da masmorra primeiro, com a mão tapando a boca.

— Prestes a chamar o Hugo. — Ele teve alguns espasmos estomacais, mas não vomitou.

A expressão de Selena era neutra quando saiu de trás das cortinas. Sem uma palavra, ela sentou em um dos balcões.

Quando Jackson emergiu, parecia lutar para controlar a própria raiva. Para um garoto que recorria com tanta frequência aos punhos, ele desprezava violência contra mulheres.

Ele passou pela mesa que bloqueava a porta, depois se abaixou para sentar apoiado em uma de suas pernas. Para reforçar o seu bloqueio? Ou por ser o canto mais afastado de mim?

Ele parecia vibrar com uma energia frustrada, como um tigre rondando uma jaula. E como um animal preso, Jackson agora não tinha para onde ir.

Tentei me colocar em seu lugar. O que eu faria se achasse que ele era de um modo e revelasse ser algo sobrenaturalmente diferente? Sabia muito bem como eu parecia quando os meus poderes estavam em plena fruição — fiquei horrorizada ao ver a Imperatriz do passado em meus pesadelos.

Se eu fiquei revoltada, como ele não ficaria?

Pulos foram ouvidos acima de nós, depois um bum! Como se a mobília tivesse sido virada.

— Eles voltaram. — sussurrei. Saqueadores na nossa cola.

Todos olhamos para o teto, Jackson e Selena levantaram seus arcos. Quantos havia lá fora?

O corpo decomposto ali embaixo camuflaria o nosso cheiro?



Depois que vários segundos se passaram, eles se afastaram. Selena e Jackson baixaram gradualmente suas armas.

Com um suspiro de alívio, Finn sentou ao lado de Selena, claramente ainda enamorado; ela o olhou com raiva.

— Acho que vamos ficar aqui por um tempo — ele começou — e preciso que me respondam algumas perguntas. Como por que vocês duas estavam agindo como se quisessem matar uma a outra. Logo duas das últimas gatas na terra, preciso acrescentar.

— Diga a eles, Selena. — disparei. Ainda estava me regenerando, o que significava que dor irradiava pelo meu corpo. — Diga a eles tudo que sabe sobre o jogo — tudo que escondeu de nós esse tempo todo.

— Oh, e você fala! — Selena agarrou o arco em seu colo como se ansiasse por disparar flechas em mim.

— O que quer dizer com *jogo*? — perguntou Finn. — Strip-pôquer é um jogo. Quarters⁴ é um jogo. Jogos são divertidos.

Como se as palavras fossem arrancadas dela, Selena disse.

— A cada intervalo entre os séculos uma competição se inicia, colocando vinte e dois adolescentes frente a frente em um conflito de vida ou morte. Somos chamados de Arcanos, e temos poderes especiais, os mesmos em cada jogo.

Finn levantou a mão.

— Epa, você disse antes que não sabia por que tínhamos poderes.

— Menti. — ela disse sem uma pitada de vergonha. — O último que sobrar vive até o torneio seguinte como um imortal. Nossas histórias foram documentadas em cartas de Tarô.

Olhei para Jackson para ver como ele absorvia todas aquelas revelações. Seus olhos estavam estreitos, a mente funcionando. *Sim, Cajun, todos escondemos segredos de você, eu mais do que todos. Sim, não somos totalmente bem humanos. E, oui, você está preso dentro de um porão com as aberrações.*

Selena continuou.

— Algumas famílias mantêm registros dos jogadores e das batalhas, crônicas detalhadas. Minha família fez isso. A de Evie também. A avó dela era uma sábia do Tarô, uma Tarasova. Ainda assim, por alguma razão, Evie diz que esqueceu tudo a respeito do jogo.

— Esqueci porque era muito nova! — Disparei, embora isso estivesse longe da verdade absoluta. Não era necessário confessar para ela que fui “desprogramada” no CLC, um hospício em Atlanta. — Eu tinha oito anos na última vez em que a vi.

Selena apontou para a minha mão.

— Agora Evie entrou para valer no jogo. Ela matou um de nós.

Finn me perguntou.

— Então o cara no pátio, o cientista maluco, era um Arcano? Como o encontrou?

— Ouvi o seu chamado e o segui.

Selena explicou para Jackson.

⁴ Jogo onde os participantes tentam acertar copos com moedas de vinte e cinco centavos em rodadas e ganham o direito de punir os outros com doses de bebidas.

— Todos os Arcanos têm um bordão, uma frase característica, como uma assinatura dos seus personagens. Podemos nos ouvir. É assim que nos comunicamos, eu acho. Como podemos dizer quem está se aproximando.

Para encontrar o Alquimista, eu aprendi a bloquear alguns chamados e canalizar outros, como sintonizando um rádio antigo. Mesmo quando não estava sintonizada à estação dos Arcanos, a transmissão ainda acontecia para os demais.

— Isso mesmo, Selena. — eu disse. — E mesmo assim você nos disse que nunca ouviu vozes, chamou-nos de loucos. — Finn me deu um olhar do tipo “acertou em cheio”.

Como se eu nem tivesse falado, ela disse a Jackson.

— Podemos até ouvir alguns pensamentos se eles estiverem acompanhados de emoções pungentes.

No momento, a estação Arcanos estava uma confusão, e todos nós ouvíamos:

— *A Imperatriz matou pela primeira vez!*

— *O Alquimista não existe mais!*

— *Ela agora vale dois ícones.*

Os outros ficaram calados quando a Morte falou: — *O sangue da Imperatriz é meu. Administrem os seus jogos de acordo.*

Tendo sido ameaçada por ele há meses, nem fiquei intimidada com suas palavras. Morte queria me assassinar? Deve ser terça-feira.

Finn perguntou.

— Como a Morte consegue falar com todos?

Como Matthew, Morte podia se comunicar mentalmente com todos nós. Mas especialmente comigo.

— Ele ganhou os últimos três jogos. — disse Selena. — Tem mais de dois mil anos. Tenho certeza que aprendeu alguns truques.

Supus que, como o último vitorioso, ele fosse o rei das ondas radiofônicas ou algo parecido. Isso explicava como ele conseguia ler os meus pensamentos?

Se Selena esperava que Jackson ingressasse no diálogo, ficou decepcionada. Ele não disse nada, não perguntou nada. Por quê? Ele era um solucionador de enigmas, e se havia um para ser solucionado...

— O cara que você matou era o Alquimista, hã? — Finn me perguntou. — O quê? Não tem uma carta de *serial killer*? Ou de *Maníaco Psicopata*?

Sacudi a cabeça.

— Também conhecida como carta do Ermitão. Ele tinha soros de cura e poções que lhe davam uma força super-humana, mas ele sequer sabia sobre o jogo. Disse pra mim que estava registrando as histórias das pessoas a respeito do apocalipse e me prometeu uma refeição se eu deixasse que gravasse a minha. — Uma artimanha completa. — Notei que drogou minha bebida então entrei no jogo dele, agindo estranhamente porque achava ter ouvido alguém no porão. — Meus olhos percorreram a masmorra. — Ele tinha quatro garotas acorrentadas aqui, fazia experiências com elas. Uma não sobreviveu. Libertei as demais. — eu me virei para Matthew. — Elas ficarão seguras por hoje?

— As garotas estão fugindo de Réquiem. Duas viverão. A terceira não sobreviveria em nenhuma situação.

Meu coração afundou.



Selena disse.

— Então você fez o Alquimista pagar.

Sério?

— Não queria machucá-lo, jamais quis matar ninguém. Parte de mim se recusava a acreditar que apenas um de nós dois sairia daqui vivo. Não até ele me dizer para tirar o meu novo colar do meio desses restos mortais e colocá-lo em volta do pescoço!

— Caaara. — murmurou Finn, a palavra cheia de simpatia. — Parece que o Alquimista mexeu com a garota errada.

Não neguei aquilo, porque, bem, foi o caso.

— Agora entendo porque Matthew vive falando em matar as cartas más. — disse Finn. — A maioria delas é homicida? Essas aberrações vão vir atrás de nós querendo esse prêmio de imortalidade? E ei, por que vocês duas falavam em se matar?

Matthew sussurrou de modo que todos ouvissem.

— Matar as cartas malvadas.

Quando ele tinha dito aquilo pela primeira vez alguns dias atrás, achei que falava de uma batalha entre o bem e o mal.

Como fui ingênua. De certo modo, todos nós nascemos para fazer o mal.

— Cartas malvadas, Matto. — Finn passou os dedos pelo seu cabelo claro pelo sol. — Nós não somos os malvados. Então ninguém vai matar ninguém. Somos todos amigos. Certo, Selena? Quero dizer, é, eu rompi a nossa pequena unidade familiar com a minha ilusão inoportuna. — ele disse, seu sotaque *dudebrah*⁵ ficando mais forte. — Mas eu, por causa disso, peço desculpas. Ferrei tudo. A culpa foi minha. Caras, sem duplo sentido no que acabei de dizer.

Ilusão inoportuna? Ele havia usado os seus poderes para se fazer igual a Jackson fisicamente, e depois beijado Selena?

Tinha começado a suspeitar daquilo — ou melhor, ter esperanças de que fosse o caso.

— Finn, era você com... ela?

Finn deu um aceno dolorido; Selena o fulminou com o olhar.

Lembrei daquela mesma noite em que Finn me perguntou como fazer para ganhá-la. Ele havia me dito que “bolaria algo”. Deus, foi o que fez.

Então, onde Jackson estava? nossos olhares se encontraram. Ele levantou o queixo como se dissesse, *Você me julgou mal*.

Como eu me sentia a respeito dele sabendo que nunca a beijou? Tentei fazer um inventário mental das minhas emoções. Tudo estava vulnerável e entorpecido. Mas não importava o que sentia por ele. Ele tinha revelado sua aversão por mim.

O sinal da cruz, Jack? Sério? Ele achava que eu era alguma espécie de demônio que se devia exorcizar?

Ele o faria? Procurei pela minha fita vermelha. A certa altura ele ou a enfiou no bolso — ou a jogou fora.

Selena disse a Finn.

— Você tem sorte de estar vivo depois do que aprontou comigo. Vê, Evie? Já fiz sacrifícios por conta desta aliança. Normalmente eu teria punido o Mago por usar seus poderes contra mim. Ele me fez de...

⁵ Termo que mistura as palavras dude, “cara” e brah, “mano”, usado muito na costa californiana.



— Idiota. — disse Matthew.

Selena o olhou com raiva, e depois disse.

— Mas fiz concessões para nos manter fortes.

— Nós somos uma aliança? — Perguntei. A poucos dias atrás, a Arqueira esteve planejando me matar.

— Por que a reviravolta?

Os olhos dela passaram rapidamente por Matthew.

— Somos uma aliança. — ela disse em um tom firme. Ele deve ter dito algo a ela sobre o futuro.

— Me castigar? — disparou Finn. — Pare de falar como se fosse um ditador, Selena. Não pretendi tratá-la como uma idiota. Não consigo controlar... às vezes *tenho* que enganar as pessoas.

Mais passos no andar de cima. Pulei quando um Saqueador deu um gemido agudo.

— Não entendo isso. — sussurrou Selena. — Eles não deviam estar felizes com a chuva? Por que não estão lá fora com as bocas abertas para o céu?

— De volta ao assunto. — O olhar de Finn caiu no arco de Selena. — Diga que você nunca planejou nos matar neste jogo.

— Claro que ela planejou. — eu disse em voz baixa. — Você a ouviu. Primeiro cuidamos da Morte, depois é cada um por si.

Olhando em volta freneticamente, Finn abriu e fechou a boca. Abriu, fechou.

— Vocês estão vibrando as minhas bolas, certo?

Todos franziram o cenho.

— Chupando o meu saco? Fodendo comigo? — Os olhos dele ficaram desesperados. — Me diga, Selena!

Ela não respondeu. Só fitava a parede.

— Me diga ou eu juro que vou gritar.

Jackson levantou as sobrancelhas, olhando para o garoto com uma cara de *que porra é essa?* Com um movimento sutil, ele mirou o seu arco, pronto para disparar no Mago no caco de uma emergência — sempre o sobrevivente, preparado para fazer o que quer que fosse necessário.

Depois de um bom tempo, Selena disse.

— Um jogador sobrevive. Essa é a regra. Fui criada para jogar esse jogo, mas isso não significa que goste dele.

Finn aparentava ter rompido algo dentro de si, qualquer possível grito esmagado.

Jackson baixou o arco, uma expressão perturbada cruzando seu rosto. Ele e Selena podem nunca ter se envolvido, mas eu tinha certeza que ele a considerava uma amiga.

Não uma assassina a sangue frio. Esse jogo transformaria todos nós em assassinos.

Se deixássemos.

Jackson fitou as minhas pernas expostas, a pele que se remendava, depois tirou a garrafa do bolso e deu um generoso gole. Tão apavorado assim, Cajun? Não que alguma vez tivesse precisado de uma desculpa para beber.

Finn saiu do balcão para sentar sozinho.

— Não posso acreditar que te dei comida e abrigo. — disse a Selena. — Até lhe dei o meu último Snickers! Pode ter sido o último da terra.

O rosto dela não tinha expressão.

— Então por que você se conteve? — ele perguntou a ela. — De nos matar?

Selena olhou para mim ao invés de olhar para ele.

— Embora me doa dizer isso, preciso de vocês.

Fiz um som de escárnio.

— Devo confiar que a Portadora da Dúvida não vai cortar a minha garganta se eu baixar a guarda por um segundo? — Aparentemente eu não podia mais confiar que Jackson guardasse o meu sono.

Finn se voltou para mim.

— Agora que você lembrou do jogo, vai nos matar?

— Não.

Selena virou a cabeça bruscamente.

— Agora, quem é a mentirosa?

— Não participo de jogos onde não sou eu quem faço as regras. — eu disse, soando como Dona Fodona, como a minha ardorosa mãe era. Finalmente. E mais, eu acreditava no que dizia. — Eu matarei a Morte. Depois vou parar.

Eu conseguiria controlar aquele aspecto do *furor da batalha*. Sim, conter os meus poderes me causou problemas, mas eu tinha uma carta na manga.

— Minha avó, a Tarasova, me ajudará. Tudo o que preciso fazer é alcançá-la na Carolina do Norte. — Assumindo que ela ainda estivesse viva. O que eu fazia. Sentia que ela estava.

Selena me olhava com um novo interesse.

— Não se consegue simplesmente parar.

— Fique olhando. — Talvez eu não tivesse que rejeitar as minhas habilidades. Poderia usá-las fora daquele jogo para ajudar as pessoas, como aquelas garotas da masmorra. Se recebi os poderes para jogar aquele jogo doentio, poderia me dar um novo propósito, lutar contra a droga do crime se precisasse. — Não quero ter nada a ver com esse jogo. Preferia morrer a machucar Matthew. — Ele bateu outra vez na minha mão marcada.

— Como vai passar pelas outras cartas? — perguntou Selena. — Eu já pressenti umas não muito longe. Com a morte do Alquimista, elas virão correndo atrás de nós. Elas podem estar esperando do lado de fora deste porão, e quando sairmos pela manhã estarão prontas para nos dar um beijo de despertar.

— Então terei que convencê-las a não jogar. — Minha voz estava ficando mais fraca? — Começarei um tipo diferente de aliança.

— Vamos nos deparar com as cartas erradas e você não vai conseguir falar uma palavra sequer antes de morrer.

Apesar da ameaça de mais Arcanos, eu me apoiei em Matthew quando outra onda de tontura me atingiu.

— Correrei o risco. — disse, mal mantendo os olhos abertos.

Finn considerou tudo aquilo, e então me perguntou.

— O que há de tão importante sobre esse cara, a Morte? Por que ele é o único com o qual vai lutar?

— Porque ele é um psicopata que não vai parar até que eu esteja morta.

O estômago do coitado do Matthew estava roncando. Mesmo quando a exaustão me puxava, perguntei.

— Alguém tem algo para Matthew comer?

Finn levantou as sobrancelhas olhando para Jackson.

— Certa pessoa não nos deu muito tempo para recolher provisões para a viagem precisamos-salvar-a-Evie. — Para mim, ele disse. — Nós abandonamos os meus abundantes estoques. Fico feliz de termos chegado aqui a tempo de salvá-la, a propósito.

Eu me virei para Jackson.

Ele levantou uma mão vazia e o seu arco. Em um tom brusco, disse.

— Não tenho nada para o coo-yôn.

Cajun idiota.

— Minha bolsa ficou na caminhonete.

No que ele estava pensando deixando aquela bolsa para trás? Ele considerava se separar de suas provisões de sobrevivência um pecado capital, como suicídio, tinha me xingado sempre que deixava a minha a centímetros de distância.

— Não está com a bolsa no corpo? — ele dizia, empurrando-a nos meus braços. — Então está morta. Ouviu? MORTA.

Conseguí manter a minha até ser sequestrada por aquele grupo de milícia. Jackson me salvou daqueles homens, provando-se um herói.

Aquilo foi há apenas três dias atrás?

Agora ele estava bem aqui comigo. E nunca ficou com Selena. Queria seus braços fortes em volta de mim. Queria que ele murmurasse em francês Cajun para mim naquela voz grossa dele, as palavras que somente eu entendia. Mas ele parecia há mil milhas de distância.

Não consegui evitar perguntar a ele.

— Não vai dizer nada sobre tudo isso?

Ele me deu um sorrisinho cruel, um vislumbre de seus dentes brancos.

— Essa festa não é mais minha, é? — Raiva brilhava em seus olhos cinzentos.

— Não. Não é.

Todos ficaram calados.

Apesar da tensão forte no ar, minhas pálpebras ficaram mais pesadas. O sono estava prestes a me reivindicar, mas eu temia Selena.

Matthew sussurrou em minha mente, *Ela a protegerá com a própria vida até que a Morte se vá. Se a Morte se for. Ela sabe que você é a única fraqueza dele.*

E eu? Eu os machucarei? Acidentalmente soltando esporos venenosos ou coisa do tipo.

Seguros. Você tem o controle agora.

Com isso, fechei meus olhos. Podia sentir o olhar de Jackson em mim, mesmo antes de Matthew dizer, *Ele olha. Ele olha. Ele tem fome de saber o que há atrás do seu rosto falso. A curiosidade o queima.*

Eu me virei para Matthew, querendo ouvir mais. *Rosto falso? É por isso que ele parece me odiar?*

Ódio/amor. Dor/ira.

Não entendo.



Matthew não respondeu. Provavelmente fitava a própria mão, o que sempre significava: assunto encerrado. E eu não tinha energia de sobra para insistir.

Finn pigarreou.

— Então esse cara, a Morte, ele tipo, não ia se incomodar em vir atrás de um reserva que nem eu?

Justo quando caí no sono e no mundo dos sonhos, Matthew murmurou com tristeza.

— A Morte vem para todos nós...

Perdi muito sangue; ele corria de um ferimento na lateral do meu corpo pingando nas areias do deserto.

Meus inimigos me cercavam. Nós nos reuníamos naquele lugar como folhas em um redemoinho.

Os chamados deles soavam ainda mais alto na minha cabeça. Eu já matei quatro dos seus mais fortes, mas agora estou esgotada de forças, ferida.

Não tenho espinhos, videiras, árvores para me auxiliar. Nada cresce naquela terra desértica. Não havia água em qualquer direção, só paredes de cordilheiras atrás de cordilheiras.

E não tinha ideia de como me locomover pelo terreno, nenhum cavalo para me levar. Enquanto tropeçava passando por um labirinto de desfiladeiros interligados, meus pés afundavam na areia. Andando em círculos?

Ali, mais a frente... vejo minha própria trilha de sangue. Estive andando em círculos! Apoio em uma rocha. Por que não fui presenteada com os sentidos da Senhora da Fauna?

Pegadas de cavalo começaram a ecoar pelo desfiladeiro, o que soava como um massivo corcel. Morte? Ele me encontrou, afinal? De algum modo consegui aumentar o passo, numa corrida embaralhada. Suor escorre. Sangue escorre.

Paro abruptamente. Cheguei num local sem saída. Encurralada. Viro quando o Anjo da Morte surge.

Ele está só, montado em um garanhão branco de olhos vermelhos. Ele usa uma armadura negra, um elmo cobrindo o seu rosto. Duas espadas presas ao seu cinto. Uma foice polida se sobressai de um coldre na cela.

— Imperatriz. — ele enuncia.

— Morte. — Falo entredentes, tentando disfarçar a severidade do meu ferimento.

— Assisti sua batalha com os outros hoje. — ele diz, sua voz áspera e grossa. — Seus poderes são monstruosos, criatura.

— E os seus não? — Ele podia matar só de encostar em algo. Outros Arcanos sussurram que ele prefere matar com o toque.

Mas eu quero viver! Só tenho dezoito primaveras, estou muito longe de estar pronta para deixar este mundo.

A morte inclina sua cabeça protegida.

— Sua carne se regenera. Pergunto-me se os outros poderiam chegar a matá-la de fato.

— Não podem. — eu minto. — Nem você. Então me deixe em paz.

Como se eu não houvesse falado, ele remove o elmo, revelando uma visão chocante: seu rosto.

Ele é... bonito.

Seus traços masculinos são claros e atrevidos, com uma testa e um nariz orgulhosos. Sua pele bronzeada e cabelo loiro claro faz com que seus olhos âmbar se destaquem. Acho que ele não tem mais de dezessete.

Ele desmonta com uma graça letal. Conforme se aproxima, tenho que inclinar a cabeça para trás para manter o seu olhar. Deve ter mais de um metro e oitenta de altura. Sua postura evidencia arrogância. Obviamente um nobre.

Seu olhar cai na mão ensanguentada que uso para segurar a lateral do corpo.

— Tantos ícones. Muito em breve serão meus.

Se ele me assassinar, aquelas imagens aparecerão em sua mão, minhas mortes se tornarão suas. Qualquer Arcano que possua todas as marcas no final, o último a sobreviver, vence.

Leões rugem à distância. Fauna com suas feras.

Onde estão os meus aliados? Louco, você me abandonou?

Quando a Morte empunha a sua espada, eu cuspo sangue em seu rosto e corro para a direita; ele me bloqueia com uma velocidade não-natural. Corro para a esquerda, o mesmo. Abro os dedos e golpeio a sua armadura, esperando perfurar o metal com as minhas garras indestrutíveis de espinhos.

Faíscas sobem, mas minhas garras estão cegas, não deixam mais que um arranhão. Ofegando, sacudo a cabeça freneticamente, balançando o meu cabelo envermelhecido. Nenhum veneno corre pelas minhas madeixas. Levanto minha mão livre e invoco a minha flor-de-lótus. Nada. Aperto os lábios, lambendo-os. Eles estão entorpecidos, rachados. Nenhuma toxina os cobre para um beijo fatal.

Usei todos os meus poderes ganhando os quatro ícones em minha mão, minhas gravações ficaram apagadas naquele odioso deserto.

— Implore por sua vida.

Levanto o queixo, mesmo quando meus pulmões lutam para respirar.

— Eu sou a grande Imperatriz... a Rainha de Maio, uma assassina de primeira ordem... nunca implorarei.

Ele me dá um aceno relutante, como se me respeitasse por isso.

— Você mereceu uma morte honrosa, criatura. — Ele encontra o meu olhar; seus olhos começam a brilhar, como se cheios de estrelas. Não consigo desviar os meus.

— Não doerá por muito tempo.

Sem som, ele empurra a espada, perfurando-me. Eu berro de dor, apertando a lâmina que me prende à rocha. Meu grito morre quando começo a me afogar no sangue.

Não há simpatia nos olhos estrelados da Morte, nada a não ser uma determinação enquanto ele prende os meus pulsos com uma mão enluvada. Ele levanta a outra até a boca, usando os dentes para abrir a luva.

Para me tocar.

E é então que eu sei: aquele garoto ganhará todo o jogo...



Capítulo 4

DIA 247 D.F.

Estou indo atrás de você, Imperatriz.

Acordei, sentando de um salto. Morte estava em meus sonhos e em minha mente. Era como se pudesse sentir sua presença em minha cabeça, uma sensação pesada.

Como a de ser possuída.

Aquele sonho com ele foi tão vívido que apertei as mãos no estômago, esperando sentir uma espada.

Os detalhes do seu belo rosto flutuaram no limiar da minha memória. Ele parecia mais novo no sonho do que estava agora e sua armadura negra era diferente, parecendo bem antiga.

Aquela era algum tipo de visão de outro jogo ainda mais antigo?

Justo quando a presença da Morte foi sumindo, algo passou por mim. Levantei a cabeça, olhando em volta com desconforto. Estava sozinha no laboratório? Com o cadáver em decomposição? Era culpa dos meus arredores ou do meu pesadelo aquele pressentimento tão nefasto que eu tinha?

— Vista-se, Evie. — gritou Selena ao descer correndo as escadas do porão, jogando uma trouxa de roupa à prova d'água aos meus pés. — Rápido!

— O que está acontecendo? — ajoelhei ao lado da trouxa, desenrolando para encontrar uma capa de borracha com capuz azul marinho, uma calça jeans, meias grossas, camisetas, até uma quantidade de roupas íntimas. Botas com cadarços também. Elas pareciam ser do meu número.

Debaixo das roupas havia barras *Mayday*, *MRE's*⁶, e saquinhos de *energy gels* — uma lancheira apocalíptica.

Enquanto tirava a minha camiseta em farrapos, Selena me atualizava.

— Os Saqueadores se foram com o dia, mas Matthew teve uma visão de uma companhia de Arcanos se aproximando. As cartas seguem as mortes, como eu previ. — ela acrescentou em um tom superior.

— Quais?

— A Torre, o Julgamento e o Mundo.

Eu vi os dois primeiros lutarem em uma visão que Matthew me mostrou. Mesmo se estivesse ávida por jogar, não iria querer mexer com eles, especialmente quando ainda estava tão fraca de ontem.

— Ouviu os chamados deles? — Dormi e não os escutei?

— Ainda não. Acho que ainda estão muito longe. Estávamos saqueando os suprimentos do Alquimista — o bastardo tinha de tudo — quando Matthew começou a murmurar sobre interferências na frequência. Isso quer dizer algo para você?

Sacudi a cabeça.

— Ele disse que essas cartas estão vindo rápido, que temos menos de uma hora.

⁶ Iniciais de Meals Ready to Eat, ou refeições prontas para consumo.

— Então podemos escapar? — Me perguntei se teria tempo de drenar os carvalhos, ou eles seriam o meu presente de despedida de Réquiem? Quando Selenia assentiu, eu disse. — Por que está tão empolgada para evitar uma briga?

Ela me olhou por cima do nariz.

— Porque hoje nós perderíamos.

Ótima razão.

Ela mostrou um mapa laminado do Sudeste, cheio de buracos de cigarro.

— Vou planejar a nossa saída deste vale. — Como uma gazela, ela voltou a subir os degraus.

Tirei o que restava da minha calça, aliviada de ver que minha pele havia se curado. Depois de vestir o jeans novo — comprido demais nas pernas, apertado demais no traseiro: a história da minha vida — amarrei as botas.

Ao menos elas serviam direito.

Com uma última olhada em volta, coloquei a bolsa no ombro e subi às pressas. Mesmo no meio daquela crise, percebi que estava nervosa de ver Jackson, imaginando como ele agiria hoje. Queria que tivesse sonhado com ele ao invés da Morte.

Na luz fraca da manhã, a casa parecia ainda mais estranha, com gosma de Saqueador por todo lugar e mobílias reviradas. Uma garoa cobriu meu cabelo devido ao teto ausente. Nuvens nebulosas corriam pelo sol atenuado. Depois de meses só com céus azuis ou tempestades brutais de poeira, aquela bruma cinza era estranhíssima.

Sem mencionar a previsão de Matthew de que ficaríamos fracos na chuva enquanto os nossos amigos se fortaleceriam.

Enquanto Selenia analisava o mapa, Finn ajudava Matthew a armazenar suprimentos em uma bolsa. Notei que Matthew tinha um novo casaco. Um alívio — ele andava mais do que necessitado de algo quente para vestir. Como a maioria das roupas que vimos D.F., ele tinha buracos de bala, causa da morte do seu dono anterior.

Suspeitava que foi Finn quem conseguiu a roupa para ele. O Mago estava sendo prestativo para compensar o truque que pregou?

Embora chateada pela ilusão que ele criou, realmente achava que o garoto tinha um coração decente.

Mas onde estava Jackson? Tive um momento de pânico, imaginando que ele havia ido embora. Claro, ele não me deixaria sem dizer uma palavra. Não depois de tudo que passamos. Para mim é só você, *peekôn*.

Ainda assim, estava prestes a perguntar quando Selenia anunciou.

— Estamos em um vale com montanhas dos três lados. Dois são altos demais para escalar. O terceiro leva até uma área de canibais.

Finn engoliu em seco. Ele havia visto os canibais quando atravessou as montanhas no passado.

Presentindo a angústia de Finn, Matthew deu tapinhas em sua cabeça.

— Pronto, pronto.

Selenia continuou.

— A única via para fora daqui é um gargalo. Se conseguirmos escapar antes que os outros Arcanos apareçam, digo que voltemos para o sul, para a cabana de Finn. Atrair a Morte para a nossa trincheira, lutar com ele em



território familiar. Os poderes de Evie funcionam melhor quando ela consegue se estabelecer e se preparar.

Finn enxugou a água do rosto.

— Assume que estou lhe convidando de volta ao meu cafofo, Selena? Não vou sair dessa cidade com você. Ficaremos bem sozinhos.

Ela enfiou o mapa na mochila.

— Escute, seu merdinha falso, Evie é o eixo de apoio. Eu vou aonde ela for.

— O eixo de apoio ainda vai achar a avó dela. — interrompi. — Como eu disse, estou indo para Outer Banks. — Olhei em volta. — Cadê o Jackson?

Finn fechou o zíper da mochila de Matthew.

— Hmm, Jack deu o fora antes de acordarmos. — ele disse, seu comportamento cheio de culpa. — Ele foi embora, Evie.

— Não é carta. — disse Matthew. Ele nunca se sentia confortável com Jackson, um não-Arcano, por perto.

— Embora, embora? — Não, eu me recusava a acreditar que ele me abandonaria sem nem olhar para trás. Como você o abandonou? Minha consciência me sussurrou.

Selena revirou os olhos.

— O que esperava? J.D. testemunhou você ficar toda Imperatriz, igual a uma lojinha de horrores. Acho que ele captou a mensagem: nós-não somos humanos. Sem mencionar o que ele ouviu no porão sobre sermos o centro da atenção da Morte. Se eu fosse ele, estaria fugindo para longe de nós o mais rápido que pudesse.

Aquilo era... justo.

— Estou surpresa que não tenha ido atrás dele.

— Se ele retribuísse os meus sentimentos, podia ter pedido que fugisse comigo. — admitiu Selena. — Mesmo que essa aliança que aceitei fazer com você seja a única coisa que tem a chance de me manter com vida.

Perguntei a Matthew.

— Acha que ele não vai voltar mais?

Matthew olhou o céu cheio de nuvens.

— Ele devia ter se despedido.

Olhei o pátio, vendo os corpos dos Saqueadores da noite anterior. Jackson havia recolhido as flechas dos cadáveres ao sair.

— Sempre prático, Cajun.

Meus olhos se encheram d'água, mas forcei uma expressão neutra no rosto.

— De qualquer modo, foi o melhor. — Odiava o fato dele ter ido embora! — O lugar dele não era conosco. — E sim comigo.

Nunca mais vê-lo de novo? A ideia me doía mais do que uma espada no estômago. Perguntei a Matthew.

— Se Jackson ainda estiver por perto, ele estará seguro das outras cartas?

Matthew assentiu.

— Não-Arcano.

Mas nós éramos, o que queria dizer que todos corríamos perigo. Não podia me dar o luxo de pensar em Jack no momento.

Precisava descobrir como sobreviver por mais uma hora!



— Certo, Evie, o que faremos? — Finn checou um relógio novo. — Vamos ter companhia em menos de quarenta e cinco minutos. — Ele me olhava como se eu fosse a líder, como se ele fosse escutar o que quer que uma garota como eu tinha a dizer.

No passado, ninguém me consultava a respeito de nada. E por mim tudo bem.

— Nós saímos correndo do vale, passando por baixo. — disse. — Mas se quiserem ir comigo, então faremos um pacto de não machucar um ao outro e temos que ir rápido.

Selena e Finn se olharam com raiva.

— Quais são as suas opções? — Exigi saber. — E se voltarmos para a casa de Finn e a Morte aparecer? E se alguém conseguir derrotá-lo? Nós ao menos teremos tempo de celebrar a nossa vitória — ou começamos a atacar um ao outro logo em seguida?

Quando eles continuaram não convencidos, eu disse.

— Matthew me mostrou uma visão de outra aliança de três. Eles lutaram contra a Morte. Eram organizados, habilidosos e comprometidos. Nunca teriam se machucado, o que quer dizer que deviam estar planejando um encerramento do jogo. — virei para Matthew.

— Certo?

Ele não negou, apenas disse.

— Sistematize o jogo, jogue o sistema. Há um furor na batalha.

— Há sim. — eu disse. — Talvez precisemos lutar, mas não quer dizer que temos que nos matar. Se todos nos comprometermos, então não precisaremos nos transformar em assassinos. Suas mãos estão limpas. — Diferente da minha.

Finn perguntou a Selena.

— Acha que um pacto é algo ao menos possível de se imaginar para você?

— Se conseguirmos bolar um modo viável de sair desse jogo, então não machucarei nenhum de vocês. — ela disse. — Do contrário, voltamos à aliança para tirar a Morte de cena.

Eu troquei um olhar com Finn. Era o melhor que conseguiríamos.

Ele bateu no relógio.

— Estamos nos aproximando do prazo.

O que significava que eu deixaria as minhas árvores para trás. Por nada, Réquiem!

— Tudo bem. Primeira ordem da aliança: correr.

Os dois pegaram suas mochilas, como se eu tivesse dado mesmo uma ordem.

Segurando a mão de Matthew, corri na direção do pátio.

— Consegue ver a distância das outras cartas? — Nós atravessamos a varanda de entrada — o lugar onde eu matei o Alquimista. Não havia sinal de sangue. Os Saqueadores devem ter limpado as tábuas com a língua.

— Precisa ficar aqui e lutar, Imperatriz.

A mera ideia me embrulhava o estômago, minhas pernas pareciam de borracha.

— Nós vamos embora, querido. Será mais seguro para você.

Os seus enormes olhos castanhos estavam solenes quando disse.



— Espero que fique apavorada e raivosa e triste enquanto a chuva continuar a cair.

— Matthew! Por que diria isso? — Eu o olhei magoada. — Tudo bem, falaremos disso depois.

— A Morte observa. Ataque primeiro ou seja a primeira a ser atacada.

Ele continuava dizendo isso, mas mesmo se eu utilizasse todo o meu arsenal, não sabia se poderia matar a Morte. Ele penetraria as minhas barreiras e videiras com as suas espadas. Sua armadura o protegeria dos meus espinhos e garras. Exatamente como em meu sonho. Agora que não estava mais abastecida com o combustível da Imperatriz, não tinha muita esperança com relação às minhas chances.

— Uma ameaça por vez, ok?

Não saímos do pátio quando todos pararam onde estavam; chamados Arcanos soaram.

Olhos nos céus, rapazes, eu ataco de cima!

Eu os observo como um falcão.

Já ouvi aqueles antes, vi os seus donos nas visões compartilhadas de Matthew. O primeiro chamado pertencia à Carta Torre, Joules. O segundo era de Gabriel, a Carta Julgamento, um garoto com asas.

Merda, estava acontecendo!

— Matthew, você nos disse que tínhamos uma hora!

— Menos de uma hora. Isso é menos de uma hora.

— Eles já estão no vale. — Selena fechou a cara. — E se ouvimos os seus chamados, é melhor acreditar que eles escutam os nossos. Não podemos passar por eles agora. O gargalo é muito estreito.

Bem quando Finn disse.

— Nós quatro podemos cuidar de dois deles, certo? — nós ouvimos outro chamado:

Encurralados na palma da minha mão.

Nunca ouvi aquele.

— Quem é esse?

Matthew respondeu.

— Tess Quinn, a Carta Mundo, um dos elementares. O quinto elemento dança pelo mundo.

O que eu não daria por um anel decodificador!

— Quais são os poderes de Tess?

— Intangibilidade, levitação, manipulação do tempo, teletransporte, projeção astral... — Ele fez uma pausa para respirar para continuar.

Eu o cortei.

— Ok, ok. O que fazemos?

— Esse trio vem atrás de você. Joules quer a sua morte. Para irritar a Morte.

Bem então, ouvimos o Anjo da Morte dizer a todos os Arcanos:

A vida da Imperatriz é minha. Não desobedeçam e eu não os matarei, não por eras.

Finn disse.

— Porque esse Joules está tão ávido para matar Evie? E por que a Morte se importa?



— Matthew me mostrou uma visão da Morte matando Calanthe, a namorada de Joules. — expliquei rapidamente.

— Ela era a Carta Temperança. Joules ficou desolado. A Torre, Julgamento e Temperança eram os membros da aliança que mencionei.

Selena tirou o arco das costas.

— Se Joules quer Evie, então ele vai ter lutar por isso.

Que estranho Selena agora estar inclinada a me proteger. Perguntava-me o que exatamente Matthew disse a ela.

Finn me perguntou.

— Como está o combustível? Conseguiu alguma coisa? O meu está baixo.

Selena disse.

— Eu ainda tenho uma única flecha. Talvez possamos montar uma armadilha e encurralá-los?

— Conservar e convergir. — disse Matthew.

— Alô, escutem o que estão falando! — Apertei as têmporas. — Não vamos lutar com eles! Se tivermos que enfrentá-los, precisamos tentar uma aliança com eles. Então seríamos sete, unidos contra a Morte. Ninguém tem motivo para odiá-lo como Joules. Podemos usar isso.

Selena me olhou como se eu estivesse louca.

— Ou Joules poderia matar todos nós, conseguir os nossos ícones e mais poder para matar a Morte ele mesmo. É da Torre que estamos falando, tipo um peso dos grandes.

— Por mais que odeie admitir — disse Finn —, Selena tem razão. Se tentarmos recrutá-los enquanto estivermos fracos, vai parecer que só queremos mesmo é sair vivos. Temos que ir com tudo para cima deles, e só depois oferecer misericórdia caso se juntem a nós.

Eles tinham razão. Esse negócio de aliança era que nem o meu antigo time de líderes de torcida — tinha que parecer que as mais populares estavam nele, ou ninguém queria entrar.

— Matthew, precisamos da sua ajuda. O que fazemos?

— Olhe a minha nova bota. — Ele levantou um pé. — Finn disse que estou igual a um cafetão agora. — Então ele franziu o cenho. — Isso é uma coisa boa?

— Sim, sim, mas...

— Ele tomou conta de mim quando você me abandonou.

Deus, a culpa. Às pressas, eu disse.

— Achei que ficaria mais seguro com Finn do que voltando à estrada comigo! Sabe o quanto será perigoso chegar à costa! — Mas também, eu acreditei naquilo antes de saber o quão letal eu poderia ser.

— Perigo, Imperatriz!

— Eu não tinha ideia que Jackson traria vocês quatro aqui. — Ele veio atrás de mim, querendo ficar comigo.

Até testemunhar o que eu era.

— Coração, por favor, pode se concentrar? O que devemos fazer?

— Lutar até a morte.

— Maldição, Matthew!

Selena agarrou o meu braço.



— Quer que eu entre nesse papo furado de “faça amor, não faça a guerra”? Então me convença de que é ao menos possível. Pode não ser capaz de derrotá-los, mas é melhor dar a entender que pode...

Capítulo 5

— Não está funcionando! — De volta à varanda da frente de Arthur, tirei a mochila das costas e a capa de chuva, exigindo que minhas garras aparecessem. Elas coçaram, mas continuaram dormentes. — Sem forças. — Minhas gravações estavam escuras, o medidor de combustível piscando *vazio*. — Usei tudo do meu arsenal ontem.

Selena meteu a mão no meu rosto.

— Que diabos? — Quando coloquei a palma da mão na bochecha, ela bateu com mais força na outra.

Senti as minhas gravações se moverem.

— Se não quer que essas cartas morram, então faça com que elas funcionem, Evie! Precisa parecer a Antiga Imperatriz, vil, sinistra e sexy, tudo ao mesmo tempo.

— Toque em mim outra vez e você vai ver o vil e o sinistro.

Com a velocidade superior dela, empurrou-me para trás antes que eu pudesse reagir. Eu tropecei em cima da mochila, caindo de bunda no chão.

— Sua vadia! — eu me levantei, as garras de espinhos expostas.

— Pronto! Venda essa imagem, irmã, ou estaremos mortos!

Olhei para o meu próprio corpo, para a minha pele brilhando por baixo do tecido das minhas roupas. Emoções fortes como fúria e completo terror sempre ativavam os meus poderes; Selena tinha me irritado o suficiente para me *ligar*. Estreitei os olhos para Matthew.

— É por isso que me quer com raiva, assustada e triste durante a temporada de chuva?

Um sorriso *vazio*.

Que poder escolher? A gravação da flor era o meu lótus, a de espinhos o meu furacão. A videira brilhante circulando meu braço estava pronta para ganhar vida, deixando o meu corpo para mutilar e matar. O padrão pontilhado tremulando pelo meu torso representava os meus venenos.

Abri a palma da mão, olhando para os três espinhos que emergiram da minha pele. Eu os atirei no ar, vendo as farpas se multiplicarem no céu, formando um furacão.

— Ra-di-cal! — gritou Finn.

Ainda não viu nada. Poucos arranhões das minhas garras nos meus braços me deram o sangue que fazia as videiras crescerem. Deixei que escorresse pelos meus dedos, lançando pingos pelo chão. Plantas começaram a crescer.

Quando estalei o pescoço, meus dois carvalhos se sacudiram, chamando atenção.

— Agora sim, garota. — Selena esticou a corda do arco, em posição pronta. — Transforme isso tudo numa selva!

Fiz a inspeção do meu arsenal. Não tão apavorante quanto o que invoquei ontem à noite, mas...

— É assim que deve ser.

Todos nos posicionamos na varanda. Nesta trégua, minha mente pensou em Jackson e meu peito doeu.

Não pense nele, não pense nele. Obviamente estava bem mais seguro longe de nós. No momento, enfrentávamos uma possível batalha sobrenatural.

Selena me perguntou.

— Acha mesmo que sua avó pode te ajudar a sair do jogo?

— Ela pode ser a última cronista viva. — Antes eu tive a necessidade de encontrá-la para perguntar sobre os meus pesadelos e alucinações, sobre as mudanças físicas que aconteciam dentro de mim. Agora precisava dela para me ajudar a não me transformar em uma assassina à sangue frio, alguém que sentiria o impulso de matar os próprios amigos. — Ela terá respostas.

Sim, vovó uma vez me disse que eu teria que “matar todos eles”, mas ela só recitava regras antigas.

O fato era que a sua neta Imperatriz não havia saído como o esperado.

Esta Imperatriz não queria ter *nada a ver* com o jogo.

— Como as cartas nos encontraram aqui tão rápido? — perguntou Finn.
— Evie acabou de tostar um desses malucos.

Selena vasculhou a rua.

— Somos atraídos um pelo outro, procurando algo que nos leve a um combate. Eles provavelmente já estavam por perto.

— Convergência. — disse Matthew.

Finn limpou as palmas suadas das mãos na calça jeans.

— E se algum jogador morava na Antártica antes do Flash? Não é como se pudesse pegar um avião ou um navio agora.

Um bom palpite, já que não havia aviões. Ou oceanos.

— Convergência. — repetiu Matthew em um tom extremamente paciente. — Nós somos guiados. Nós guiamos. Nós seguimos. MacGuffins⁷! A aliança da Torre chega em 20... 19... 18...

Enquanto ele continuava a sua contagem regressiva murmurada, Finn perguntou.

— Se a Torre é um dos pesos pesados, o que esse cara tem na manga?

Murmurei.

— Controle sobre toda a eletricidade e raios. Ele tem uns dardos prateados que aparecem em sua mão. Sempre que os lança, raios caem. Além disso, ele consegue encher a própria pele de corrente elétrica.

— 14... 13...

Selena explicou.

— Um acerto desses raios poderia fritar as minhas vísceras, mas posso sobreviver. Evie ficaria petrificada, talvez tempo suficiente para ele arrancar a sua cabeça. Finn, você e Matt morrem instantaneamente.

Finn fechou a cara, franzindo o seu nariz cheio de sardas.

⁷ Elemento de suspense que faz com que os personagens avancem na trama, expressão popularizada por Alfred Hitchcock.



— Isso não é justo! Por que somos tão fracos?

— Matthew é capaz de prever onde o raio vai cair e você pode evadir dele usando sua magia. Mas ele é louco e você está fraco.

— 8... 7...

Aqui estamos: um Louco mentalmente instável, uma Arqueira quase sem flechas, um Mago magicamente desafiado, e eu, que funcionava à base da raiva.

Como poderíamos perder?

Eu me lembrei que o encontro de hoje podia ser o primeiro passo para extinguir aquela competição ancestral. Imaginei o jogo como uma máquina com engrenagens rangendo para ganhar vida a cada alguns séculos. Queria enfiar uma banana de dinamite na maquinaria e rir quando ela explodisse para sempre.

— Shh. — Matthew cobriu os lábios com o indicador. — Chegaram.

Quando os três dobraram a esquina, dois no chão e um no ar, minha adrenalina aumentou. Mesmo assim notei que os nossos adversários não eram tão intimidantes quanto eu esperava. Gabriel, por exemplo, voava obviamente sentindo dor, sangue escorrendo de uma asa negra sedosa manchando o seu terno antigo. Debaixo de madeixas de cabelo preto, seu rosto estava pálido.

Como uma Arcano, eu pude ver o seu *tableau*, uma figura breve sobreposta nele, como uma carta de Tarô. A dele era a de um Arcanjo carregando um cajado e uma espada, voando acima de uma massa de corpos.

Selena murmurou.

— Ele está ferido.

— Morte cortou sua asa. — respondi. — Bem antes de decapitar a Carta Temperança.

E o Mundo? Tess Quinn era uma morena gordinha com olhos nervosos. Ela levava um cajado gasto.

No momento, ela roía as unhas da mão livre. Dificilmente uma assassina profissional.

Apostaria que ela tinha pouco controle sobre os seus poderes, como eu costumava ter. Seu *tableau* era o de uma donzela com os seios à mostra com uma faixa de tecido em volta do quadril, símbolos dos quatro elementos a cercavam.

Mas Joules parecia malicioso, seus olhos escuros brilhando enquanto faíscas se formavam pela sua pele. Seu *tableau* era o mais assustador — corpos tostados arremessados de uma torre atingida por raios.

Quando os três pararam na frente da casa, ele disse.

— Deem uma olhada em todas essas videiras! A Imperatriz deve ter derramado doses de sangue para fazer com que nascessem! — Seu sotaque irlandês era bem pronunciado. — E as árvores enormes também. Aposto que está bem cansada. O furacão tem uma aparência bem ameaçadora, mas Gabe pode voar em volta dele.

Ele abriu a mão direita e um dardo apareceu.

Ante aquele sinal de agressão, minhas garras voltaram a formigar, o calor crescendo. *Venha, Torre, toque*, estava na ponta da minha língua. Ao invés disso, inalei buscando controle e me forcei a dizer.

— Oi, Joules, meu nome é Evie.

Uma reação de surpresa da Torre.



— E eu quero que saiba que sinto muito pelo o que aconteceu a Calanthe. Ela era uma lutadora corajosa. Merecia coisa melhor.

Na minha cabeça, Morte estalou a língua e desaprovação. *Você me magoa, criatura.*

Ignorando-o, disse a Joules.

— Queremos nos juntar a vocês em uma aliança contra Morte. Seríamos sete contra ele.

Joules girou o seu dardo com facilidade. Era algo belo, brilhante, incrustado com símbolos antigos.

— Ou eu poderia acabar com todos vocês hoje, tomar os seus ícones e mais poder para matá-lo sozinho.

Pelo canto da boca, Selena murmurou.

— Eu falei, idiota.

— Não queremos problema com você. — eu disse.

— Que pena. Porque é problema o que vão ter.

— O que aconteceu com *o inimigo do meu inimigo é meu amigo*?

— A Morte roubou a minha garota de mim. Agora vou roubar o que ele deseja mais: a sua morte.

Estava fazendo o melhor que podia, e ainda parecia que estávamos prestes a cair.

— Isso não acontecerá, Joules. A nossa aliança é muito poderosa. O Louco já previu que nós ganharíamos esta luta e que vocês três morreriam. — Blefe. — Podíamos ter nos escondido usando as ilusões do Mago e emboscado vocês, mas eu queria oferecer uma aliança. Não vamos jogar esse jogo. Nós nos recusamos a matar qualquer outro jogador com exceção da Morte. Podemos fazer essa promessa a vocês agora mesmo.

Tess arregalou os olhos, empolgação em sua expressão. Flutuando acima de nós, Gabriel inclinou a cabeça, o rosto indecifrável. Joules parecia ainda mais furioso.

— A cruel Imperatriz está fazendo promessas? O problema é que você nunca as cumpre. Todos sabem que você rompe todos os votos em todos os jogos.

Rompia? Dei um olhar inquisidor para Selena, mas ela tinha o seu foco de laser preso a Joules.

— Bem, então neste jogo é diferente. Nós nos recusamos a matar.

— Oh, é verdade? — Sua hostilidade era palpável — e ainda mais forte, por alguma razão.

— É sim. — Minhas esperanças de uma aliança estavam indo por água abaixo. Agora eu só queria dar o fora dali com vida. Preparei o meu braço. Poderia prendê-los com as videiras, dando-nos tempo de fugir.

— Mentirosa! — gritou Joules. — Acha que não posso ver sua mão, vadia? Você já matou! — Sem aviso, ele lançou o seu dardo direto em mim.

Como um borrão, Selena perdeu sua flecha; a mesma atingiu o dardo, tirando-o de curso. O dardo atingiu a casa vizinha. Raios explodiram, disparando escombros em cima de nós.

Pedaços da casa caíram no carvalho mais próximo como golpes de machado, rachando o seu tronco, fazendo com que eu sentisse dor. Fragmentos de telhas cortaram a lateral do meu rosto e sangue escorreu.

Ele atacou?

Depois de eu ter oferecido uma trégua?

Ele atacou... *a mim?* Fúria me encheu e eu gritei por ela, meu cabelo ruivo balançando com o vento, minhas mãos dirigindo. Raízes explodiram debaixo do chão, atravessando a superfície do pavimento em volta dele e de Tess. Quando Joules mirou outro dardo, uma videira se enroscou na sua cintura e braços, esmagando-o ao chão.

Galhos do carvalho que restou fizeram o mesmo, a madeira rangendo quando apertava mais. Ele se debateu para se libertar, mas foi imobilizado bem rápido.

Gabriel soou um grito de batalha, mergulhando para atacar, mas o meu furacão o forçou a recuar.

Quando as videiras se enroscaram em Tess como serpentes, ela deu um gritinho nervoso e girou o cajado em um círculo acima da cabeça, como se rodasse um laço. Tanto Joules quanto Gabriel pareciam esperar prendendo o fôlego.

Nada aconteceu. Ela devia ser uma dos mais fortes? Eu contive um bocejo quando ela rodou a vara novamente. Entediada com o Mundo, lancei minhas videiras nela. Ela bateu nelas com o cajado, mas elas continuaram vindo. Derramando lágrimas, ela se agachou com um gemido.

Joules se debateu contra as suas amarras.

— Me solte, sua vadia!

A Morte riu. *Sabia que esse ato de Imperatriz da Paz não duraria muito tempo. Você é orgulhosa demais da sua... arte.*

Antes de tomar uma decisão consciente, já corria em direção a Joules, os galhos da árvore saindo do meu caminho.

Quase fora de mim de raiva saltei em cima dele, empoleirando-me no galho que apertava o seu peito com cuidado de evitar a sua pele eletrificada. Podia sentir as suas correntes elétricas bombardeando a madeira.

— Madeira. — expliquei. — Um péssimo condutor. — Enquanto ele lutava, levantei as minhas garras gotejantes para acabar com ele. — Parece que está indefeso.

A Morte me incitou *Mate. Você uma vez me disse o quanto era bom afundar as garras na carne. Não lembra?*

Tess gritou.

— Não o machuque! P-por favor, não faça isso!

Gritando de frustração, Gabriel tentou se evadir da minha tempestade para salvar o amigo, mas ele estava muito machucado, muito lento.

— *Póg mo thóin.* — cuspiu Joules. — Vá se ferrar, Imperatriz!

— Ah, Torre, devia ter aceitado minha oferta. — Minha voz estava mais velada, soando maligna. — Veneno é uma forma tão dolorosa de se matar.

A Morte sussurrou *Por que sempre tem que atormentá-los tanto? Seja rápida e acabe logo com isso.*

Cale-se!

Embora Joules parecesse horrorizado, seu tom estava cheio de coragem.

— Me envenene, então. De todo jeito, o que eu quero está do outro lado.

Abaixei a cabeça mais perto da dele, saboreando o modo em que as minhas gravações ardentes refletiam nos olhos apavorados dele.



— Venha. Toque. Mas você pagará um... — As palavras se prenderam em minha garganta porque eu avistei... Jackson.

Ele vinha correndo por um beco próximo com o arco preparado, mas parou imóvel ao me ver.

Meu coração deu um salto. Ele não tinha nos deixado?

Ele se abrigou atrás de um velho galpão a menos de cem metros. Usava um casaco de caçador, um moletom com capuz e luvas sem as partes dos dedos. As alças da sua mochila enorme e familiar estavam presas nos seus ombros largos.

Suas botas de motoqueiro foram trocadas por botas de fazer trilha.

Ele andou se reabastecendo antes de voltar para mim! Devia ter tido mais fé nele.

Os lábios de Jackson se abriram ante a minha aparência. Ele viu o resultado da minha batalha com o Alquimista — agora tinha o assento na primeira fila de uma execução.

Execução?

Aquilo não era eu. Não era uma assassina. Jack não nos abandonou naquela manhã. — mas eu sabia que se fizesse aquilo agora, eu o perderia para sempre. Olhei para Joules.

Eu não via mais a maliciosa Carta Torre. Aquele era só um garoto suando de medo. Sacudi a cabeça com força, controlando a fúria. Respire. Inspire. Olhei para Jack. Melhor.

Para Joules eu disse.

— Disse que não queria matar ninguém. A única razão de ter esta marca na mão é porque tive que me defender. Fiz tudo o que podia para não machucar o Alquimista.

— Acabe logo com essa porra!

Vendo a quantidade de ira que Joules tinha dentro de si — e um desejo aparente de morrer — me fez questionar a minha oferta de aliança. Embora eu pensasse em ter que recrutar aquela banda triste hoje, eu os pouparia com uma condição...

— Se eu soltá-lo, você jura não nos caçar novamente?

Tesse gritou.

— Faça o juramento!

Gabriel falou.

— Faça, Torre.

Joules piscou os olhos para mim.

— Você nos poupará?

— Este jogo é diferente. Desta vez, a Imperatriz não está jogando. Pouparei todos vocês.

Selena, Matthew e Finn se aproximaram me rodeando. Uma frente unificada.

— *Nenhum* de nós está jogando. — Olhei para Selena. — Não é verdade?

Ela suspirou.

— Aparentemente vamos descobrir um modo de matar Morte, depois interromper o jogo.

Joules levantou o queixo.

— Sim, então eu juro não caçá-los. Mas se nos atacarem, a promessa morre.

Ansiosa para ir falar com Jack, eu disse.

— Dá pro gasto! — Meus espinhos caíram mais uma vez na rua. Minhas unhas voltaram ao normal. Minhas inscrições apagaram. Só com um pensamento, libertei Tess e a Torre, oferecendo a mão para ajudá-lo a levantar.

Joules a fitou. Murmurando — *Putá merda* — ele a aceitou.

Com a batalha evitada, Gabriel aterrissou e fez uma saudação formal a Selena — o Arcanjo gostava da Arqueira?

— Não precisa ir trocar de penas ou coisa parecida? — ela fungou.

Em um tom comiserado, Matthew disse a Tess.

— O Mundo não foi feito em um dia. — Depois se voltou para Joules. Soando mais autoritário do que já o ouvi, Matthew disse. — Precisam deixar este vale, Torre. Antes do sol se pôr.

O olhar de Joules passou por cada um de nós.

— Sem problema.

Assim que a Torre e os seus aliados saíram de vista, tudo parecia competir pela minha atenção, quando tudo o que eu queria fazer era falar com Jackson.

Selena me bateu nas costas.

— Se eu fosse uma boa pessoa que não a odiasse, diria que fez um bom trabalho.

Um galho do carvalho se ofereceu para as minhas garras de espinhos, como um braço estirado para uma doação de sangue. Energia disponível para ser consumida.

A Morte tinha o seu próprio comentário: *Você poupou a Torre, de todos os Arcanos? Perdeu o juízo, criatura?*

Mas eu não prestava atenção a nenhum deles; ao invés disso me apressei até o local onde Jackson estava, atrás daquele galpão. Ele já começava a se afastar.

— Jack, espere. — Corri atrás dele.

Ele continuou caminhando na direção das montanhas. Aquelas que levavam à área canibal.

Selena gritou.

— J.D.! — Ele a ignorou.

Enquanto os outros ficaram onde estavam confusos, eu o segui.

— O que está fazendo?

— Me mandando de Réquiem. — Ele me jogou a minha mochila antiga, a que achei que tivesse perdido para sempre.

Olhei-a de boca aberta.

— Como? — Ele deve tê-la recuperado da milícia. Olhei dentro dela. Eles roubaram as joias de família que guardei para trocar, mas deixaram alguns suprimentos básicos — e o meu *pen drive* com as fotos da minha família. — Quando a conseguiu?

— Provavelmente por volta da hora em que achou que eu estava ficando com a Selena.

Meu rosto incendiou.

— Você deixou sua mochila para trás ontem à noite.



— Erro. — Capturando o meu olhar, ele disse. — Não vai acontecer de novo. — Depois continuou andando.

Tentei manter o passo de suas passadas longas.

— Para onde está indo? — Com tanta pressa? Para tão longe de mim?

— Para as montanhas.

— As que estão apinhadas de canibais? — Finn gritou, conforme ele e os outros pegaram as várias mochilas e jaquetas e começaram a nos seguir. — É lá onde eles vivem, você sabe, os que comem carne humana crua, os que eu vi. Alguém escuta o que eu digo?

Eu escutei.

— Estamos indo pelo outro lado. — disse a Jack. — Pelo gargalo.

— Então vão morrer.

— E isso não te incomodaria?

Os seus ombros ficaram tensos, mas ele não diminuiu o passo.

— Há uma horda de zumbis lá atrás. — Nossa. — Maior do que a da noite passada, enfiada em um armazém há uns nove quilômetros pela estrada.

Ele se virou para se dirigir aos outros com uma expressão cruel no rosto.

— Do jeito que Evie é lenta, vocês vão chegar bem no meio deles quando o sol se pôr.

Não podia dizer nada sobre a minha lentidão. Não era como se eu pudesse fugir dando saltos mortais para trás.

— Montanhas. Ou isca de Saqueadores. — disse Jackson. — Isso é entre vocês e o seu deus. Eu? Vou me afastar do perigo mais próximo.

Havia outras coisas a serem ditas, outras perguntas a serem feitas.

— Divirta-se, *Imperatriz*. — Ele pronunciou a palavra com escárnio.

— Por que está com tanta raiva de mim? — Sabia que raiva era a emoção que o movia, mas ele estremecia de excesso dela.

Ele se virou bruscamente e andou até mim.

— Vocês. Não. São. Certos. Nenhum de vocês.

Ofeguei, chocada até o fundo.

— Não posso fazer nada a respeito do que sou.

— Isso não quer dizer que eu precise lidar com isso. Não precisa mais de mim para dar uma de babá. — Ele cobriu a cabeça com o capuz, virou-se e caminhou para frente.

— Tem mais raiva do que eu sou ou por ter escondido de você?

— Acabe com esse assunto. Já deu.

— Você... você prometeu a minha mãe me levar até a vovó!

Ele olhou com os olhos estreitos por cima do ombro.

— Vai usar essa merda contra mim? Ótimo. Tente acompanhar o passo, pois eu vou naquela direção. — Ele apontou para as montanhas, como se me desafiasse segui-lo.

Como se esperasse que eu não o fizesse.

Enquanto fiquei ali de pé, em choque, Matthew chegou ao meu lado.

— Devemos seguir Jack? — perguntei a ele.

— Eu a guiarei pelo caminho correto. Digo quando deve sair dele. — Ele passou por mim, seguindo o Cajun.

Aquele era o caminho correto? Os outros me olharam outra vez como se eu fosse a líder.



— Vamos ficar perto das beiradas. — garanti a Finn e a Selenia. — Ir pelo sul até o fim da cadeia, depois voltar para a Carolina do Norte. Não vamos adentrar as montanhas a fundo.

— E se nos perdermos? — perguntou Finn. — Há centenas de minas ali. Cada uma delas cheias de canibais, como formigas em um monte. Eu disse que nunca mais atravessaria os Appalachians outra vez.

— Eu sigo Matthew. — Jackson não tinha nada a ver com a minha escolha. *Mentira, Eves.*

Selenia quase mascarou o seu alívio de que permaneceríamos com Jack por enquanto. Finn quase conseguiu esconder o seu pavor.

Mais à frente, os passos de Matthew oscilavam enquanto ele abria a boca para beber da chuva.

— Vamos...

Pela meia hora seguinte, nós vagamos pela cidade-fantasma queimada, sem ver ninguém, sem esperar ninguém. Passamos sim por pilhas de corpos deixados pelo Flash. Sem roupas, eles pareciam manequins entulhados.

Levantei os olhos para as montanhas para as quais nos dirigíamos. As partes mais baixas uma vez foram cobertas por florestas. O Flash tostou as árvores em troncos carbonizados, que pareciam postes sem linhas elétricas. O chão estava coberto de cinzas.

Cinzas. O Flash carbonizou restos de árvores, animais e pessoas. Eu estremeci, sentindo fobia daquilo. Desde o apocalipse, ela foi soprada pelas tempestades de vento e se assentou em depósitos contra a face daquela inclinação.

Um banco baixo de névoa se derramava da montanha mais próxima, afundando-se em volta da base dela. Quando a névoa nos atingiu, aquele pressentimento nefasto de antes aumentou até eu pensar que me engasgaria com ele. Justo quando estava prestes a contar aos outros que estava repensando aquele plano, um Saqueador gemeu atrás de nós.

Adiante, Evie.

O que nos esperava naqueles montes sombrios?

Capítulo 6

Estávamos sendo vigiados.

Depois de subir com dificuldade na lama pelo que parecia horas, não chegávamos a lugar algum perto do centro daquela cadeia, então não podia ser os canibais. Nem Arcanos. Nenhum de seus chamados soava próximo.

Nem eram os Saqueadores; podíamos ouvi-los lamentando no vale abaixo de nós, contidos pelo sol que se punha.

Por enquanto.

Conforme a tarde passava, meu pressentimento ruim só crescia. Eu andava com dificuldade, bufando e ofegando, o cheiro ácido de madeira queimada atormentando o meu nariz. Treinei como bailarina por anos, mas comparado aos garotos e a Selenia, minha energia era ridícula. A garoa

contínua fornecia umidade suficiente para que as cinzas e a lama resfriassem como cola.

Eu tropecei tantas vezes que minhas mãos estavam cobertas por elas, meu cabelo também. Restos mortais. No meu cabelo.

Finn estava bem à frente, Matthew ao meu lado como um peixe-piloto. Selenia e Jackson andavam como se não conseguissem controlar as próprias pernas, bem à frente enquanto nos dirigíamos ao sul para o próximo vale. Ela mencionou ver uma torre lá no seu mapa; supus que estávamos indo até lá. Jackson também deveria estar.

Tanta coisa aconteceu nas últimas vinte e quatro horas que eu lutava para digerir tudo.

A derrota de Arthur, o retorno de algumas lembranças minhas, o confronto com Joules, o sonho com a Morte.

Jackson admitindo o que pensava de mim.

Selenia foi bem clara quando disse que ele estava enojado. Eu teria dado qualquer coisa para conversar com ele, explicar que eu poderia não estar certa, mas que aquilo não era uma escolha que fiz para magoá-lo. Não era uma escolha em absoluto.

— Tudo bem aí atrás, Evie? — Finn perguntou com uma expressão preocupada. — Talvez devêssemos parar por um minuto.

— Tudo bem. — *Estou morrendo!* — Temos que continuar. — *Eu cortaria a minha mão direita marcada para parar.*

Nunca tivemos que pelejar com lama antes. Esperava que ela atrasasse quaisquer zumbis — ou Arcanos — que decidissem nos perseguir.

— Ok. Legal. — Ele continuou na frente como se eu tivesse lhe dito a verdade ou algo do tipo.

Mal conseguia falar, mas perguntas rondavam na minha cabeça. Com a respiração entrecortada, disse.

— Matthew, ontem à noite eu sonhei com uma vez em que a Morte ceifou uma Imperatriz passada com uma espada. Você me mandou esse sonho?

— Sim.

— Por que agora? Eu já descobri as minhas habilidades. — Usei a maior parte delas ontem e hoje.

— Aprender a derrotar Morte. Você lutará com ele com os seus poderes.

Aquela Imperatriz no meu sonho não foi capaz de *usar* os seus poderes para que eu pudesse aprender alguma coisa.

— Todos esses sonhos pareceram familiares, mas nesse pude sentir a espada da Morte entrar no meu corpo.

— Você sentiu.

— É, foi o que acabei de dizer.

Ele assentiu, andando ao meu lado sem esforço.

— Você sentiu em uma vida passada.

Me virei para ele, falando entre os dentes:

— Vida passada? — Ele nunca me disse que os pesadelos de fato eram sobre *mim*. — Nunca disse que éramos reencarnações.

Claro, ele nunca disse que *éramos* reencarnados. Eu não tinha suscitado? Pelas visões que Matthew revelou, testemunhei uma Imperatriz do passado tão medonha que a batizei de bruxa ruiva.

Mas as suas façanhas não pareciam lembranças?

— A Imperatriz desta vez tem senso de humor. — disse Matthew, repetindo um comentário que ele fez semanas atrás.

Desta vez. Porque eu era a mesma carta, apenas uma versão diferente. Centenas de anos atrás, ela foi uma assassina cruel.

Não fui nada mais do que isso com Arthur.

Apertei a mão no estômago. Em uma vida passada, sofri aquele golpe. O que me esperava na presente?

— A Imperatriz do sonho de ontem parecia diferente da que eu via antes do Flash. — A que usou plantas do mar para destruir enormes embarcações à vela e espinhos para assassinar vilas inteiras.

— Mais, mais atrás. — disse Matthew. — Dois jogos atrás. Você era a Rainha de Maio na época. Bruxa Ruiva era Phyta. Você é a Princesa Veneno. Você é todas elas: Lady Lótus, Senhora da Flora, Rainha dos Espinhos.

Ele me disse esses nomes antes, mas eu não achei que eles se referiam a Imperatrizes específicas.

— Por que voltar para outro jogo? Já alcancei o meu limite com sonhos — com lembranças — da bruxa ruiva. — Ou Phyta ou quem quer que fosse.

— *Esta Morte te conheceu nessa época.*

— Fala da Morte nesta reencarnação? — Sua vida presente tinha iniciado há milhares de anos. Eu podia ter voltado como três Imperatrizes diferentes então, mas ele simplesmente persistiu e sobreviveu ano após ano, jogo após jogo. — Ok, tudo bem, então você quer que eu tenha essas memórias. Então por que está mandando essa informação por partes, Matthew? Por que não me dar logo todas as lembranças?

— Eu dei. A de dois jogos. Sua mente resiste. Sonhos abrandam. Válvula de escape.

— Espere... — Eu lutava para manter o ritmo físico — e com relação ao assunto. — Então tenho todas as lembranças dos dois jogos, só preciso sonhar com elas? Por que não posso vê-las de uma vez?

Ele me olhou de modo indulgente.

— Porque você seria como eu. Louca. Você é a fraqueza da Morte.

— É o que vive me dizendo. Ele sabe das minhas fraquezas?

— Tão bem quanto o rosto que vê no espelho. Preste atenção nos seus sonhos. Eu estou no bolso dele, então ele está nos meus olhos.

Não era a primeira vez que Matthew me dizia aquilo, mas não tinha entendido. Agora entendia. A Morte conseguia me ver pelos olhos de Matthew, então ele sempre sabia o que acontecia comigo. E embora não entendesse como, Morte conseguia entrar nos meus pensamentos quando queria. Nosso último contato foi durante a subida daquela manhã:

— *Merece cada segundo desta miséria e temor, criatura.*

— *E você sabe onde pode enfiar a sua foice.*

Uma coisa era ter os outros transmitindo seus pensamentos ou ter conversas silenciosas com Matthew. Mas ter a Morte rondando me tirava do eixo.

— Como a Morte consegue ouvir os meus pensamentos?

— Através do ramal central.

Recordando os comentários de Selena sobre Matthew interferindo nas frequências, eu perguntei.



— Considera chamados e pensamentos frequências? — Eu a nomeei de Rádio Arcano. Talvez na realidade fosse um ramal Arcano. Com uma risada nervosa, disse. — Você não é o operador dos ramais, é?

Como se falasse com uma criança, ele disse.

— Eu sou o Louco.

— Então, como estamos conectados?

— Através de mim. O operador do ramal. O Louco é o árbitro.

Soltei as palavras.

— Mas você me disse que não era... — parei de falar. Ele não havia negado, havia? — Então essa é uma das suas habilidades? — Não era de se admirar ele estar sempre confuso.

— *Responsabilidade.*

— Precisa desconectar esse circuito, Matthew! — Eu achava que ler as mentes fosse simplesmente um dos poderes da Morte. Então lembrei que o Anjo da Morte uma vez me disse. — *Matto se recorda de suas dívidas. Ele a mostrará para mim...*

— Vozes internas são importantes. — insistiu Matthew.

— Por que permitiria que ele entrasse em minha mente? — Não conseguia compreender aquilo. — Algumas semanas atrás, ele disse algo sobre você pagar as suas dívidas. — Nada. — Deixa que ele escute os pensamentos de todos?

— Morte só quer os seus. Morte possui Vida. Estou no bolso dele.

— Me deixe entender isso direito. Você conecta as ligações dos Arcanos. Deixa a Morte se comunicar com todos nós. E permite que ele tenha acesso somente ao meu cérebro, por causa de uma dívida?

Matthew me ofereceu uma pinha tostada.

Paciência!

— Você entende que a Morte sempre saberá o que estamos planejando.

— Não se importa com o que planejamos. Não mais do que você se importa com que os canibais nas minas planejam. Ele ri dos nossos planos.

— Não quero um assassino como ele na minha cabeça!

Matthew diminuiu o passo me olhando com uma expressão que parecia muito mais sábia do que os seus anos permitiam.

— Faço as coisas por razões.

Olhando para os lados, disse.

— Preciso contar aos outros. Essa é uma fraqueza imensa! Não posso formar uma aliança contra um inimigo quando ele sabe de tudo o que vamos fazer.

— Você sente a presença dele. Aprende quando ele está em casa. Morte conhece o meu olhar. Aprenda o dele.

— Posso aprender a saber quando ele está bisbilhotando? — Quando Matthew me mostrou aquela última visão da Morte lutando com Joules e seus amigos, o Anjo da Morte tinha nos pressentido. E eu não percebia um peso sempre que ele “aparecia”? — Até lá, como eu sei que a Morte não vai me impedir de chegar até a minha avó? — Perguntei, esperando que Matthew pudesse me confirmar que ela estava viva.

— Entedia Morte. Ele não acredita nela como você.

— Pode, por favor, me dizer se ela está a salvo?



— Defina salvo. — disse Matthew olhando para a mão. Assunto encerrado.

Ela tinha que estar viva. Eu precisava acreditar que Matthew se importava comigo o bastante para não me deixar fazer uma jornada rumo a algo impossível.

— Por que a Morte tem tanto interesse em mim, afinal? Há outras cartas para se aterrorizar.

Deu de ombros.

— Você sabe, mas não vai me dizer.

Sorriso.

— Louco que nem uma raposa!

— Matthew, por favor. — Um galho estalou a alguma distância à minha direita. Eu olhei, mas não vi nada. Uma sensação pegajosa rastejou pela minha nuca. — Estamos sendo observados?

Ele piscou para mim.

— Por que não estaríamos?

— Corremos perigo?

Ele riu, apontando o indicador para mim.

— Senso de humor.

É, adivinhei que nunca ficaríamos fora de perigo. Continuei andando.

— Jackson vai nos deixar? — Assim que fiz a pergunta me arrependi de ter gasto o fôlego com ela. Sabia a resposta daquela pergunta.

Ele ia na linha de frente, andando adiante com o capuz na cabeça. O dia inteiro a expressão dele variou entre furiosa e mais furiosa. Como se ele se irritasse com algo diferente a cada par de minutos.

Ele não falava comigo, mas também ignorava Selen e Finn. É, ele os riscou mentalmente da lista. Supus que ele sumiria assim que chegássemos à cidade seguinte.

— Devia ter dado adeus. Arcanos e não-Arcanos não se misturam. — Matthew suspirou. — *Dee-vee-oh* olha para você quando não está prestando atenção. Caçador. Observando. Você é o anjo em cima da árvore de Natal que ele nunca vai poder alcançar. O presente embaixo dela que ele não consegue abrir.

A esta altura, você já teria achado que eu estava acostumada com os desvios de assunto de Matthew. Não estava.

— Toda a sua vida, todos rostos falsos. Nascido de uma raça falsa. Você lhe mostrou a sua.

Jackson ainda levava as cicatrizes de sua infância pobre. Seu pai havia se recusado a pagar pensão, ou até mesmo reconhecer seu filho desamparado. Sua mãe foi uma alcóolatra que recebia amantes bêbados em casa. Aqueles homens abusavam dela — e surravam Jackson, ensinando-o a não confiar.

Ensinando-o a ser implacável e a se comunicar com os punhos.

Tudo o que ele conheceu foi falsidade e violência.

Como ele não poderia me ver como falsa e violenta, como igual ao resto? Ante seus olhos, eu me transformei em um monstro venenoso e com a pele coberta de videiras — um que ria da possibilidade de cortar a garganta de um garoto irlandês magricela.

Matthew disse.



— Pense menos em *Dee-vee-oh* e mais no jogo.

Esforçando-me muito para subir uma inclinação íngreme, considerei o que lembrava sobre as cartas. Ontem, quando olhei o meu novo ícone, memórias da minha avó me encheram. Elas ainda eram fragmentos, mas se completavam mais ao passar das horas.

Podia me lembrar dela me dizendo sobre os jogadores que controlavam animais como eu fazia com as plantas. Lembrei das cartas que podiam manipular os elementos.

Sua voz parecia ecoar em minha mente:

— *Os detalhes das imagens são importantes. Elas precisam ser lidas como um mapa. Estude as cartas. Memorize-as. Os símbolos estão lá por uma razão, Evie. Eles lhe falam sobre os jogadores.*

Como eu queria pôr as mãos em um baralho. Sabia que as cartas eram pontos intermináveis que precisavam ser ligados, que tinham coisas em comum. Algumas cartas tinham imagens de animais, algumas plantas. Outras água ou fogo.

Lembrava de vovó cantarolando enquanto embaralhava o baralho, preparando-se para me testar.

— *Quais cartas são as melhores com a palavra?*

Eu tagalerei.

— *O Sacerdote e os Amantes. E eu!*

— *A mais forte em corpo?*

— *O Diabo! O Diabo é muito forte!*

Não era de se admirar minha mãe ter ficado perturbada.

No topo da elevação, Finn esperava por nós.

— Evie, queria me desculpar outra vez por me fazer parecer Jack e enganá-la acidentalmente, fazendo com que você fugisse e tudo mais. Me desculpa?

Ainda estava com raiva? Estava tentando olhar o lado positivo. Ok, sim, agora meu rompimento com Jackson ia além de qualquer reconciliação possível, uma assassina, e um fugitivo de uma horda de zumbis.

Mas... voltei a lembrar de muita coisa sobre o jogo dos Arcanos, e salvei três —bem, duas — garotas e talvez outras que teriam caído na armadilha de Arthur. E aprendi a controlar os meus poderes.

Era um banho de água fresca. Ainda assim, lembrei de como Finn cuidou de Matthew nos últimos dias.

— Aceito suas desculpas, Finn. Só não apronte outra assim novamente.

Mais à frente, Jackson parou para respirar, bebendo de sua garrafa. Ele olhou para baixo da montanha. Deus, ele era tão alto e orgulhoso. Tão forte. Suas feições másculas eram dignas de suspiros.

Estávamos tão perto e eu ainda sentia falta dele.

Finn capturou o meu olhar.

— Sei que as coisas parecem difíceis com ele agora, mas ele vai voltar ao normal. Ele ficou louco quando você sumiu.

— Ele tem um temperamento forte. — O que não era surpreendente, considerando o seu passado trágico.

— Não, Evie. Ele ficou... desesperado, fora de controle. Estou falando de um Hulk tendo um ataque dentro da minha cabana. Quando percebeu que a nossa falta de meio de transporte era a única coisa que o impedia de chegar

até você, ele voltou correndo até aquele acampamento da milícia, recebendo uma saudação de balas. O cara nem tentou desviar, não mudou o passo, continuou, matou e pegou aquele jipe.

Meus lábios se abriram enquanto eu olhava maravilhada para Jackson.

— Ele ama você. — Finn insistiu.

Como se pudesse pressentir que era o assunto da nossa discussão, Jack me olhou de modo debochado por cima do ombro, depois continuou a marchar.

— Obviamente.

— Ele ama. A razão por não ter a mochila consigo ontem à noite foi porque ele não estava pensando na própria sobrevivência — apenas na sua.

Olhei para Matthew, que me deu um curto aceno: *É verdade*.

— Ele só precisa de mais tempo para se acostumar com a ideia de você com poderes. — Finn inclinou a cabeça, analisando o meu rosto — que eu sabia que estava vermelho vivo devido ao esforço e manchado de restos mortais. — A namorada dele foi de coelhinho a víbora. De uma gatinha linda a um monstro de parar o trânsito.

Eu levantei as sobrancelhas.

— De parar o trânsito? Fiquei repugnante.

Finn me ajudou a passar por um tronco.

— Quando você ficou toda Eviezilla⁸ eu tive uma ereção do tamanho de... bem, algo maior do que uma ereção.

Minhas bochechas esquentaram ainda mais, mas não coloquei muita fé no que Finn disse. Ele não era muito seletivo com relação a garotas.

— Bem, Jackson não achou o mesmo. Ele me dispensou. Ele tem essa curiosidade enorme. É extremamente inteligente e adora solucionar enigmas, desenterrar segredos. E mesmo assim ele não faz nenhuma pergunta sobre nós, sobre mim? Isso é porque não vamos mais fazer parte da vida dele por muito tempo.

Eu parei, recuperando um pouco o fôlego. Uma coisa eu precisava saber...

— O que estava pensando quando enganou Selenia naquela noite? O beijo valeu a pena?

Finn passou os dedos pelo cabelo.

— Diabos, não. Eu ultrapassei os limites.

— Você acha? Não pode tratar garotas assim.

— Eu sei, eu sei. Mas às vezes me sinto forçado a enganar os outros.

Matthew se meteu:

— No sangue dele.

Finn assentiu avidamente.

— Quanto mais uso as minhas ilusões, mas preciso usá-las. Fico inquieto se não usá-las. Essa foi uma das razões para que fosse deportado do sul da Califórnia para viver na Carolina do Sul com os primos caipiras — por causa das brincadeiras que fazia com os meus pais.

— Tipo o quê?

— Minha mãe surtou quando acordou com um moicano rosa no dia de um jantar social. Meu pai, estranhamente, não achou engraçado ver um palhaço com um machado ensanguentado na nossa piscina. Eles não sabiam

⁸ Evie + Godzilla.

ao certo se era eu, mas sabiam que alguma coisa estava acontecendo e não conseguiram lidar com ela. Mas ainda assim, eu não conseguia me conter. É como uma compulsão.

Eu o olhei assustada.

— Quanto mais uso os meus poderes... — eu me interrompi.

— Mais quer nos matar. — Finn terminou por mim.

Como Matthew sempre fazia, eu dei de ombros. Mas aquela conversa me fez pensar: Matthew ganharia clareza se conseguisse se privar de ter visões do futuro? Assim que as coisas se acalmassem, eu pediria que ele tentasse.

De qualquer modo, conservar os nossos poderes parecia inteligente. Nossas habilidades não eram infinitas. Tanto Finn quanto eu tínhamos nos exaurido e precisávamos recarregar. Olhei para Selena pulando um córrego com facilidade. Então o que aconteceria com ela se usasse os dela em excesso, além de ficar sem flechas? Quais eram as suas fraquezas?

Mudando de assunto, disse a Finn.

— Parece que ter problemas com os pais é uma característica dos Arcanos. Tipo, mais do que apenas briguinhas por chegar depois da hora.

Era nossa maldição não sermos compreendidos por eles? Minha amada mãe, que a sua alma descanse, havia me mandado para um hospício. A de Matthew tentou afogá-lo. Até Arthur deu a entender que derreteu o pai com ácido — ouvi outro galho se romper, desta vez à minha esquerda. Quando virei a cabeça tropecei, mas permaneci de pé. Mais à frente, Selena parou, virando a cabeça. Pressentindo algo também? Ela acariciou a penugem de sua última flecha, recuperada antes de deixarmos Réquiem. Mas depois de um momento, ela continuou caminhando.

Os olhos de Finn também estavam nela.

— Por tudo que é mais sagrado, eu me arrependo do que aconteceu com Selena. — eu disse. — Sei o quanto gostava dela.

— Verbo no passado. Uma coisa é gostar de uma garota que quer outro cara. Outra é gostar de uma garota que planeja te matar na hora que lhe for conveniente.

— Ela disse que foi criada para isso. Acho que não consegue evitar. — Não podia acreditar que estava defendendo Selena. Eu me virei para Matthew. — O que falou para ela para que ficasse do meu lado?

— O futuro. Se ela matar você, Morte fura o olho dela com a sua própria flecha.

— Que cara adorável.

Um pingo de chuva caiu no meu rosto. Gotas começaram a cair com mais regularidade, como a temperatura, nossos fôlegos formando vapor.

— Matthew, você me disse que ficaríamos mais fracos quando a chuva viesse. Disse, “Você nunca conheceu o terror, não igual ao que conhecerá quando a chuva vier”. Como? Por quê?

— Verde e ensolarado? Você aniquila. Agora? — Ele sacudiu a cabeça. — Poderes. Param. Iniciam. Aleatoriamente. Uma planta sem sol é fraca. Você já sente isso. Além do mais, obstáculos ficam mais rápidos, mais fortes. Inimigos riem de nós.

As lições de Matthew caíam em quatro categorias: arsenal, inimigos, campo de batalha, e obstáculos.

— Que obstáculos? — Sem resposta. — Ao menos me diga o quanto essa chuva vai durar.

Com um aceno decisivo com a cabeça, ele disse.

— Até a neve vir. — Como se isso respondesse tudo.

— Quando será isso?

— O Exército avança, um moinho gira. Aquele que aprender mais ganha no final.

Vai entender o que aquilo queria dizer. Não se conseguia arrancar informação de Matthew e nem apressá-lo para que fizesse previsões.

Quando vi que Jackson e Selenia tinham parado no topo de outra inclinação mais à frente, quase gemi de alívio. O sol ia se pôr em breve. Talvez houvesse um abrigo por perto?

Assim que os alcançamos, lutei para disfarçar o quanto estava exausta. Julgando pelo revirar de olhos de Jackson, não conseguia enganar ninguém.

— Eu não... disse uma palavra. — ofeguei. — Não estou... reclamando.

Depois de uma hesitação, ele murmurou.

— Não, você nunca reclama.

Aquilo soou quase não cruel.

Daquele ponto de vantagem, podíamos ver Réquiem lá embaixo, toda a extensão da estrada até aquele armazém.

Exatamente como Jackson disse, estava lotado de Saqueadores. Eles saíam pelas portas, juntos em bandos. Alguns brevemente enfrentavam o dia, correndo de volta ao abrigo. Como se testassem a luz do sol.

— É impressão minha ou eles parecem mais rápidos? — perguntou Selenia.

Eu assenti.

— O que os está incitando a sair? O que os deixou tão frenéticos assim?

Matthew disse.

— Sede de sangue.

Finn sacudiu a cabeça.

— Achei que eles procuravam sangue por não haver água por perto.

— A chuva significa que eles estão sempre fortes para rastrear sangue. Baterias novas.

— Está brincando. — Apertei a base do nariz. — Eles preferem sangue? — A chuva apenas cederia energia a eles.

Com toda certeza os obstáculos se tornariam mais rápidos e mais fortes. Não veríamos mais os corpos deles em farelos nos acostamentos das estradas.

— Eles prosseguirão quando a noite cair?

— Amaram o gosto do Alquimista. — Matthew respondeu. — Cinco de nós para comer. Mais sangue por milhas e milhas. A caçada está em andamento.

Mesmo com todos os nossos poderes Arcanos, estávamos em uma séria desvantagem contra aquela quantidade de Saqueadores.

Selenia tinha uma flecha. Finn podia nos disfarçar, mas os zumbis simplesmente seguiriam o nosso cheiro. Matthew não tinha poderes de ataque.

E eu? Não lutava bem em fuga, muito menos com poderes que estavam parando e começando a funcionar aleatoriamente.



— Qual é o problema, Imperatriz? — Jackson falou com os dentes cerrados olhando com raiva para a minha mão direita enlameada, para o meu ícone.

— Por que parece assustada, hã? Pode acabar com todos eles. — A onda de não crueldade anterior foi bem curta.

Exalei com cansaço.

— Não. Não, não posso.

— Mesmo assim, não é como se pudesse morrer.

Matthew sacudiu a cabeça.

— Ela pode morrer. Morte vem para ela.

— *Conte com isso.* — Veio o sussurro da Morte. — *Estará sob minha espada em menos de uma semana.*

Capítulo 7

DIA 249 D.F.

— Entããã... alguém mais tem um pressentimento de que alguma coisa terrível vai acontecer? — Finn perguntou com a boca cheia de uma barra Mayday. — Quer dizer, maior do que o normal. Ou talvez só de estar sendo observado?

Com os dentes batendo, eu disse.

— Oh, com certeza. — Sentia isso desde o dia que deixamos Réquiem, dois dias atrás.

Aquela primeira noite que passamos foi terrível, horas incansáveis abrigados entre algumas rochas. Esta noite, depois caminharmos quase cegos no escuro, Jack chegou a uma cabana de caça.

Basicamente, era uma cabana de metal a um metro e meio do chão, com tinta de camuflagem descascada e uma abertura.

Quando todos nos empilhamos no seu “achado”, Jack fitou o céu buscando paciência, mas não disse nada.

Havia espaço suficiente para que cada um de nós tivesse um pouco de espaço, se não tentássemos ficar em pé. Permitia que escapássemos da garoa e fornecia alguma proteção até que pudéssemos voltar a andar ao amanhecer.

Estávamos apostando as nossas vidas de que os Saqueadores não poderiam nos alcançar antes disso.

Eu me apertei no espaço, ajeitando-me.

— Eu tenho mesmo um pressentimento.

Finn havia produzido outra lanterna ilusória para nós. Eu podia jurar que as noites estavam ficando mais compridas, mesmo quando já nos aproximávamos dos meses de verão, enquanto a temperatura continuava a cair.

Um dia, o sol se esquecerá de nascer?

Apesar de todos estarem ensopados e morrendo de frio — com exceção de Selenia e as suas vestes perfeitas para qualquer clima — não acendemos uma fogueira. Ela tinha gravetos secos na mochila, fósforos, mas qualquer madeira pronta faria muita fumaça, e ainda tínhamos Saqueadores no nosso encalço.

O dia inteiro nos perguntávamos se os zumbis poderiam alcançar o nosso passo frenético. Pelo que eu entendia, eles não se curavam de ferimentos, e a maioria deles foi criada na noite do Flash. Com oito meses de idade, eles deviam ter um machucado cá, outro lá.

A menos que tenham sido criados pela mordida contagiosa dos iniciais.

Quinze horas atrás, ao amanhecer, Selenia retornou e explorou. A avaliação dela?

— Há mais deles.

Eu perguntei a ela.

— Onde eles vão passar o dia? — Embora chovesse, ainda havia claridade. E nós não passamos por uma casa sequer, só milha após milha de floresta carbonizada.

Ela tinha hesitado, depois dito.

— Estão se enterrando. Na lama. A boa notícia é que se qualquer Arcano pensar em nos seguir, terá uma enorme surpresa.

Tipo um campo minado de Saqueadores. E pelo resto do dia, imaginei a cada passo se eu encontraria um Saqueador.

Agora, Selenia disse.

— Estou com o mesmo pressentimento de vocês dois. Como se estivéssemos sendo perseguidos, como caçadores fazem com cervos. — Puxando a corda do arco, ela admitiu. — Não estou acostumada a estar deste lado.

Olhei para Jackson, sentado do lado de fora do nosso círculo próximo à saída, também nervoso. Ele me disse que nada poderia surpreendê-lo, e pelas últimas semanas, nada conseguiu.

Ele continuava conosco por dividirmos uma direção mútua ou por se sentir forçado a cumprir a promessa que fez à minha mãe? Desde que ele se recusava a falar comigo, não conseguia imaginar como ele estava lidando com tudo. Matthew tinha dito que ele ardia de curiosidade. Esta noite eu podia quase sentir a intensidade dela.

Embora Jackson não tenha feito pergunta alguma — não era a festa dele, eu supus — ele escutava e aprendia. Durante o dia, eu o peguei me fitando várias vezes, sua expressão variando de “Matthew, presente alguma coisa?”

Em resposta, ele estudava a mão. Também estava pensando em algo. Queria que falasse comigo, mesmo que eu entendesse pouco do que dissesse.

Coloquei metade de uma barra Mayday em sua mão, enroscando meus dedos enluvados em volta dos seus até ele segurar a barra sozinho. Eventualmente ele baixou a vista, parecendo surpreso de encontrá-la em sua mão. Mas ele a comeu.

— Quem poderia estar nos observando? — perguntei.

— Não são Saqueadores. — disse Selenia. — Eles simplesmente atacariam. Canibais?

Finn sacudiu a cabeça.

— Eles não caçam longe de casa.

Nós estávamos saindo de um dos buracos queimados do mapa de Selena. Eu quase tive a sensação de que estávamos prestes a cairmos da face da terra, como se devesse haver um sinal: Dragões adiante!

Mas enquanto estivéssemos evitando aquelas minas — e uma horda de Saqueadores — eu estava de acordo. Ouviríamos os chamados de outros Arcanos, certo?

De repente, Finn deu uma olhada por cima do ombro. O resto de nós ficou tenso e fitou a abertura da cabana naquela mesma direção, todos ao mesmo tempo, como fuinhas.

Ele murmurou.

— Queria que o que quer que esteja lá fora aparecesse logo ou desse o fora.

— Calma. — Precisando tirar a mente daquela tensão, eu me virei para Selena. — Se está tão disposta a se aliar a nós, por que não nos conta o que sabe?

Com um sorriso condescendente, ela abriu a mochila — e tirou um baralho de Tarô.

— Tinha um baralho o tempo todo! São em momentos como este que vejo o apelo do jogo.

Ela deu de ombros, depositando-as em cima do cobertor térmico prateado.

— Se estava tentando me convencer a formar uma aliança, por que manter tudo isso segredo? — persisti.

— Por causa daquele besteiro de “eu-não-me-lembro-do-jogo” que você jogou para cima de nós. Achei que estivesse mentindo. — Ela depositou as cartas em uma formação cruzada, bem parecido com o que a vovó fazia. Assim que vi as imagens de Tarô, memórias voltaram a ter nitidez, ganhando vida como papoulas desabrochando por baixo de uma camada de neve.

Tentando atrair Matthew para a nossa conversa, eu disse.

— Olhe, aqui está a do Matthew. — Apontei para a carta dele; nela um jovem sorridente com uma expressão distraída caminhava por uma terra desolada, carregando uma trouxa e uma única rosa branca. Um cachorro latia e mordiscava os seus tornozelos.

Matthew inclinou a cabeça para a representação.

— Em um lugar em que nada cresce, eu levo uma flor. A sua lembrança.

Sorri para ele.

— Isso é tão lindo.

Ele franziu o cenho.

— Isso aconteceu literalmente.

— Oh.

Finn disse.

— Essa é igual a imagem que vi da primeira vez que nos conhecemos. Ela apareceu por cima dele.

Eu assenti.

— Todos temos isso. Eles se chamam *tableaux*.

Finn segurou a carta próximo ao rosto de Matthew, comparando a semelhança.



— Parece chapado, Matto.
Matthew suspirou com satisfação.
— Obrigado.
Eu segurei a carta de Selenia.
— A Lua. — A representação dela era de uma resplandecente deusa da caça.
A expressão de Finn escureceu.
— Não estou interessado. Próxima.
Selenia o olhou com raiva.
Tirei outra carta. A torre cheia de raios.
— Vocês já conhecem a Torre, aquele agradável irlandês que foi tão bom conhecer. E aqui está a Morte. — Apontei para a sua carta. O Anjo da Morte estava coberto naquela armadura negra, foice pronta, montando um cavalo branco com olhos vermelhos malignos.
Ele levava uma bandeira preta adornada com uma rosa branca.
Finn murmurou.
— Jesus. Esse cara é de verdade? — Ele amassou o plástico de sua barra Mayday, jogando-o nas sombras. — Então quais são os poderes dele?
Todos me olharam atrás de uma resposta. Até Matthew, como se estivesse me testando.
— Ele é um cavaleiro e guerreiro com velocidade e força sobrenatural. Usa duas espadas e pode golpeá-las tão rápido que mais parecem borrões. Sua armadura é impenetrável, Até pelas minhas garras. Ele é destemido. Em uma das visões de Matthew, eu o vi andar pela chuva de raios de Joules como se não fosse nada. — Meio do jeito que imaginava que Jackson fez ao andar pela salva de balas da milícia. — Seu toque é mortal. — E ele foi capaz de ler a minha mente já faz semanas. Embora não sem detecção; eu o sentia até mesmo agora.
— Fraquezas? — Finn perguntou.
— Uma. — respondeu Selenia. — A Imperatriz.
— É o que vivem me dizendo. — eu disse.
Finn franziu o cenho.
— Se ele é um espadachim, o que o impede de cortar suas árvores, dando uma de Paul Bunyan⁹ para cima de você?
Jackson havia se aproximado mais de nós? De mim?
Selenia disse.
— Deve ser o veneno dela, então.
— Então como chego perto dele para conseguir administrar uma toxina sem ser mutilada? Como passo pela sua armadura?
Selenia me prendeu com o olhar.
— Temos que descobrir isso se quisermos viver.
Depois de um momento, desviei os olhos.
— E pensar que eu costumava ter pena dele.
Não quero a sua simpatia, criatura!
Você não a tem mais!
Senti falta do nosso tempo juntos. Senti falta de tocá-la.
Porque ele matava com o toque.
Você é doentio!

⁹ Lendário lenhador gigantesco do folclore americano.



— Evie? — Finn estalou os dedos na minha frente.

— O quê? O que disse?

— Sua carta. — Ele a levantou.

A Imperatriz estava sentada em um trono com os braços bem abertos. Nos fundos havia montes verdejantes e vermelhos, de plantas — e sangue. Uma cascata caía à distância.

— Parece assustadora. E sexy.

Estava prestes a dizer, *não sou eu*. Mas era, em uma vida anterior.

Finn mostrou a carta a Jackson, cujo olhar cinza foi e voltou entre a carta e mim.

— Ok, então você tem veneno nas garras — disse Finn — e aquela flor-de-lótus que explode da sua palma para sufocar e paralisar as pessoas, e um furacão de espinhos, e o seu sangue revive as plantas mortas. Oh, e a regeneração de ferimentos. Perdi alguma coisa?

Esporos tóxicos no meu cabelo. Poderia matar uma cidade inteira com eles. Ouvir outra pessoa descrever essas coisas, fazia com que me sentisse ainda mais uma aberração. Olhei para Jackson, querendo que ele pudesse entender que ninguém queria ser um monstro, ser temido. Inferno, até um demônio como a Morte me chamava de *criatura*.

Uma das coisas boas de virar a Imperatriz por completo? Quando eu ardia com aquela fúria proveniente do ardor da batalha, não havia espaço para a dúvida.

Agora, quando Jackson inclinou a cabeça para mim, eu estava repleta dela.

Selena acrescentou com entusiasmo.

— Ela também pode enfeitiçar garotos. — Revelado, sem dúvida, a favor de Jackson.

Ele estreitou os olhos, sua expressão dizendo, *Putá que pariu! Isso explica muita coisa*.

Finn parecia empolgado.

— Enfeitiçar? Sêrio? Aparece no seu chamado Arcano misterioso. — Tornando a voz ofegante, Finn disse. — Venha, toque, mas pagará um preço.

Jackson deu uma risada amarga.

Embora os braços da Imperatriz fossem acolhedores na carta, seu olhar era ameaçador — como se ela pensasse em seu chamado bem naquele momento. Mas também, aquele era o *Modus operandi* dela — meu. Atrair, seduzir, e então atacar.

— Enfeitiçar não é uma coisa que faço todo dia. — expliquei rapidamente. — Só quando estou no modo Imperatriz. Não funciona sempre, e de qualquer forma não por muito tempo. Eu fui com força total contra o Alquimista, e ele ainda estava disposto a arrancar a minha língua e guardá-la numa jarra em conserva!

Selena assentiu.

— Ahã, o que você disser, Evie.

Virei-me para ela.

— E quanto a você, *La Luna*? Tem o poder de alimentar a dúvida e atrair as pessoas até você com a luz da lua! — Cuidado com as iscas. — Montou uma armadilha para mim na sua casa na Georgia, mas Jack estava



comigo, então você se conteve em atacar. Sabe, aposto que nem era sua casa — nunca vi uma foto sua nas paredes.

Como me disse antes, ela falou.

— Prove.

Todos ficaram calados.

— Quais são as suas fraquezas? — Finn finalmente me perguntou.

Outra vez, Selena ficou feliz em responder:

— Quando não há plantas por perto para alimentar a sua energia, ela se esgota rapidamente, ainda mais se tiver que usar o sangue para reviver ou criar plantas. Ela precisa do sol. Seu poder é colaborativo — algumas cartas são mais dependentes do ambiente do que outras.

Ávida para tirar a atenção de mim, eu disse.

— E quais são as suas fraquezas?

— Não é óbvio? — Selena apontou para a aljava de sua coxa, que só tinha uma flecha verdadeira e duas outras improvisadas. Ela tentou reabastecer, mas, como ela explicou, não havia madeira verde para fabricar novas.

Eu supus que poderia ajudá-la com isso — abrir uma veia, incitar uma muda à vida — mas ainda não confiava nela o bastante para me enfraquecer e assim torná-la mais forte. E não era como se tivesse muito combustível no tanque.

Bem como Matthew alertou, meus poderes continuavam a se deteriorar com aquela chuva.

— Eventualmente, sempre vou acabar ficando sem flechas. Então tenho que depender da minha velocidade e graça aguçadas.

Revirando os olhos, peguei a carta do Diabo.

— Então, este é Ogen, também conhecido como *El Diabo*. Ele é aliado da Morte. Tem chifres e cascos como um homem-bode, mas seu corpo é todo de ogro — com uma força sobre-humana. Seu chamado? *Farei um banquete com os seus ossos*.

— Ogen, o ogro? — Finn ergueu as sobrancelhas. — Sério?

Eu dei de ombros.

— Não sou eu que fabrico as notícias, só as repasso. — Peguei a carta do Julgamento em seguida. — Vocês também conheceram Gabriel. Ele pode atacar como um míssil do céu.

Selena acrescentou.

— E ele tem sentidos animais. É por isso que é tão perigoso ele estar andando com Joules. Gabriel pode sentir o nosso cheiro inclusive através das ilusões de Finn, então Joules poderia ficar só aguardando em algum ponto vantajoso, mirar os seus raios e acabar com todos nós.

Forças e fraquezas. Eu precisava perguntar a Matthew o que poderia me matar, além do Toque da Morte.

Finn fungou para Selena.

— Esconder você com as minhas ilusões?

Já vi as alianças formadas no programa de TV Survivor mais fortes do que a minha.

Ele me perguntou.

— O que acontece se um de nós bate as botas por causas naturais?

Eu não lembrava da resposta, então acenei para Selena.



— O Arcano mais próximo a você fica com o seu ícone.

— O que acontece com os perdedores?

Selena respondeu.

— Eles renascem, sem lembrança alguma de suas vidas passadas.

Bem, com exceção dele.

Ela apontou para Matthew.

— O Louco vê tudo. É isso o que o deixa maluco. — Matthew assentiu com felicidade para ela.

Dirigindo uma carranca na direção dela, eu mexi em mais cartas, mas Finn deteve minha mão em cima de uma.

— Espere, já vi esse cara. — Seu rosto empalideceu.

— O Hierofante? — A imagem era a de uma figura de túnica dando sua benção para seus fiéis ajoelhados.

Todos eles tinham olhos brancos como o leite. Passei a carta para Finn.

Em um tom sussurrado, Matthew disse.

— O Hierofante. Aquele dos Ritos Sombrios.

Lembrei da minha avó me precavendo com relação a ele: *Ele é um conquistador, Evie, tem o dom da palavra. Nunca o olhe nos olhos. Você é vulnerável a ele. E ele não é o único.*

— Minha avó me disse que ele pode controlar a sua mente para fazer você cometer atos monstruosos. Assim que cometê-los, você fica escravizado para sempre — mesmo depois que ele morrer, vai continuar fazendo o que quer que ele quis que fizesse. Os atos monstruosos variam a cada jogo. — Tendo sofrido uma lavagem cerebral em um hospício, eu tinha um pavor particular de controle mental.

Com os olhos presos na imagem em suas mãos estremecidas, Finn disse.

— Ele estava com os canibais. Acho que posso adivinhar que ato monstruoso é o dessa vez. Ele está fazendo pessoas comerem carne humana.

— Ninguém precisa forçar pessoas a comerem umas às outras. — Jackson se juntou à conversa? — Caso não tenha notado, não há comida nestas montanhas. Nenhuma.

Íamos há meses sem supermercados e nenhuma muda nascia. Poucos animais estavam vivos para serem caçados.

Com a voz um sussurro, Finn disse.

— Esses canibais em particular se alimentam... de pessoas vivas. Não só de carne crua. Vivas. É monstruoso o bastante para você?

Não. Não podia ser.

Finn olhou para Matthew, o olhar assombrado.

— Esses Arcanos são doentios, e eles não estão só lutando uns contra os outros. Qual diabinho é o sentido da nossa existência?

Matthew olhou para cima, assustado.

— Motivo? Jogo. Somos os campeões dos deuses!

— Deuses? — Falei com a garganta seca, olhando para o teto baixo. — Existem, tipo, divindades por aí, controlando o jogo?

— Eles foram embora.

De repente, Jackson puxou o arco das costas, mirando a entrada da cabana.

— Temos companhia.



Selena já tinha se colocado de joelhos, o arco e a flecha preparados — um pouco perto demais da minha cabeça.

— É um lobo. — ela disse bem quando espiei uns olhos amarelos brilhantes na floresta queimada.

Olhos amarelos enormes.

Embora Jackson tenha relaxado a mira uma fração, Selena parecia ainda mais mortal. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, sua flecha passou pela minha orelha na direção do animal.

Quando ouvimos a criatura correndo pela lama, Selena disse um palavrão.

— Por que o mataria? — Exigi saber. — Ele pode ser o último da espécie no planeta!

Até Jackson — um caçador experiente — estava lhe dando um olhar que dizia, *Não foi nada legal*.

— Aquele não era um lobo comum. — Selena parecia perturbada. Selena nunca ficava perturbada. — Estamos sendo seguidos pela Carta Força. A Senhora da Fauna.

Eu lembrava daquela carta, e das palavras da vovó: *Fauna pode controlar os animais, Evie, pegando os seus sentidos emprestado e os tornando seus familiares*¹⁰.

— Por que não ouvimos o chamado dela ficar mais alto? — Finn perguntou.

Selena já havia armado uma das flechas improvisadas.

— Porque ela não está perto de nós, ainda não. Só os seus *familiars*.

Eu me afastei da linha de fogo.

— Por que ela não incitou o lobo a nos atacar?

Selena sacudiu a cabeça.

— Eu não sei por que, mas Fauna só queria dar uma olhada. E eu acho...

— O quê?

— Acho que ela queria que soubéssemos que está de olho em nós. Aquele lobo vem nos perseguindo há dias, mas nunca o avistei. Agora ele se revela?

Engoli em seco, e Finn disse.

— O que quer dizer com de olho em nós? E por que a Carta Força teria envolvimento com animais?

Eu lembrava dessa resposta — fiz a mesma pergunta oito anos atrás.

— As pessoas só começaram a chamá-la de Força em tempos recentes. Ela costumava ser a Carta Fortaleza, referindo-se a sua obstinada determinação. Ela pensa como os animais, como feras à caça, com um objetivo único e voltado ao sangue.

Eu peguei a carta dela, mostrando-lhes uma garota delicada com uma túnica branca, segurando a boca de um leão feroz.

— A sua carta é uma das mais literais. Ela pode manipular animais do mesmo modo que eu faço com as plantas. Como Gabriel, ela possui os sentidos dos mesmos.

Selena disse.

¹⁰ Um espírito em forma animal que age como assistente de seu proprietário.



— Não só isso. Ela pode se aproveitar dos sentidos de criaturas próximas.

Eu assenti.

— Lembro disso. Se ela quiser nos espionar, poderia conseguir que um corvo voasse acima de nós e conseguiria ver pelos olhos dele. — Até Jackson ouvia aquilo com extrema atenção. — E se ela trocar o sangue com um animal, ele se torna seu *familiar*, conectado para sempre a ela. Não sei exatamente como. Selena?

— Segredo da concorrência. Às vezes não sabemos todos os poderes. Embora Matthew possa saber.

Ele a olhou com teimosia.

— Não *sou* vidente.

— Matthew, por favor — murmurei —, pode nos dizer alguma coisa?

Ele olhou para a mão. Ainda assim parecia procurar por algo ali.

Ou talvez a minha paranoia estivesse se espalhando que nem um *kudzu*¹¹.

Perguntei a Selena.

— Você já se aliou à Fauna? A família dela escreve crônicas?

— Não normalmente. A cada jogo ela se alia com cartas diferentes.

Finn fitou a imagem por um bom tempo.

— Ela tem um símbolo do infinito na carta. Está bem acima da sua cabeça. Como na minha.

Aqueles símbolos compartilhados. A carta da Morte possuía uma cascata como a minha e uma rosa em sua bandeira. Em resumo, ele levava uma única rosa branca — como o Louco em sua carta.

— ... para serem lidas como um mapa.

Parecendo dar uma sacudida interna, Finn disse.

— Então, para recapitular, temos zumbis no nosso encalço e minas de canibais por perto, e agora temos outro Arcano no nosso traseiro.

— Olhe pelo lado bom. — eu disse. — Quantos animais podem estar vivos? Neste jogo, seria terrível ser a Senhora da Fauna. — Tão logo as palavras deixaram a minha boca um lobo uivou à distância.

Com cantos melancólicos, mais dois responderam.

Capítulo 8

Sangue escorrendo da minha boca e ferimento, eu me contorço na espada da Morte.

Por favor. A palavra está nos meus lábios, mas eu sou orgulhosa demais para proferi-la.

Embora eu queira viver, jamais implorarei!

O Anjo da Morte remove sua manopla, revelando uma mão coberta de ícones. Ele deve ter nove mortes.

¹¹ Videira asiática que cresce com enorme velocidade.

Em breve colherá mais cinco.

Ele me toca com aquela mão exposta, uma arma por si só. Estremeço de medo e agonia. Quanto mais me debato, mais a espada corta as minhas entranhas e raspa a minha coluna. Lágrimas borram a minha visão, escorrendo em minhas bochechas.

A certa distância, um leão ruge.

— Isso só vai doer por mais um momento. — ele promete, os olhos fixos nos meus.

Todas as coisas que desejei ter feito. Ao menos a minha família passará para a futura Imperatriz todo o conhecimento que adquiri. Eu garanti isso.

Ele está tão perto que posso perceber o seu fôlego em meu rosto, esfriando as minhas lágrimas.

Estou olhando para a Morte, enquanto sua mão se aproxima...

Despertei de um salto, passando a palma da mão na bochecha, chocada por não haver lágrimas nela, chocada da Morte não estar ao meu lado. Ao piscar os olhos, fiz uma sondagem, percebendo que sua presença se foi.

Estava escuro na cabana, mas minha camiseta tinha subido, revelando uma gravação brilhante. Ela produzia luz suficiente para que eu visse Matthew dormindo por perto. Selena e Finn também dormiam.

Jackson estava acordado, sentado na minha frente — e fitando a gravação. Ela refletia no seu olhar cinzento.

Em um tom baixo, ele disse.

— Pode sentir essas coisas, hein? — Não havia raiva em sua voz.

— Elas são como arrepios. — Admiti. — É bom senti-las. — Porque elas representavam o meu arsenal, e eu acreditava que, de algum modo, algum dia, seriam elas as únicas coisas que se colocariam entre eu e a Morte.

O olhar de Jackson foi para o meu rosto, estudando. Sempre estudando.

— Como é a sensação quando você se transforma completamente?

Incrível. Sem espaço para a incerteza, só para um poder imenso.

— Definitivamente é diferente.

— Você é tipo... uma *divinité*.

Eu me sentei. As palavras dele ainda conseguiam mexer comigo. Eu ainda estava a um segundo de lhe contar o quanto eu...

— Não é humana, não?

A emoção se apagou, deixando para trás cinzas frias. Embora a declaração fosse justa, ainda doía. Como responder?

— Os meus pais eram. Sabe que a minha mãe era. — Jackson a conheceu na noite antes dela morrer, dando-lhe tempo bastante para conhecê-lo, para ficar tranquila de que ele poderia me manter a salvo.

— Eu nunca quis enganar você, Jack. Só estava começando a me acostumar com esse negócio. Não sabia como proceder.

Ele passou uma mão pelo rosto cansado.

— Por que não me falou dessa merda toda?

— Me avisaram para não confiar nos outros. — Arcanos significam segredos, como Matthew tinha dito.

— *Coo-yôn* deve ter dito isso!

Selena suspirou sem despertar. Finn estalou os lábios e murmurou.

— Mãe, quanto tempo eu tenho que ficar?

Sem uma palavra, Jack recolheu suas coisas e saiu em meio a névoa, sentando-se no abrigo próximo de uma pedra.

Embora não convidada, eu me juntei a ele.

— Deu ouvidos ao *coo-yôn*, confiando mais nele do que em mim?

— Sim, Jackson, o vidente em que confio a minha vida me disse para não contar a ninguém. Você sabe, o garoto que previu o fim do mundo e me salvou do Flash. Além do mais, você e eu tínhamos um trato: eu te contaria os meus segredos assim que me levasse até a minha avó.

— Como se fosse me contar mesmo assim. Você me deixou um bilhete e saiu da cabana de Finn sem dizer uma palavra porque sabia como eu reagiria.

— Isso não é verdade. Depois da nossa briga, decidi que você merecia saber a verdade, com ou sem aviso. Ia revelar tudo quando vi você e Selena.

— *Eu não.*

— Você não. — sussurrei.

Ele ficou calado. *Fale comigo*, eu quis gritar. *Diga o que está pensando.*

— Você me disse que eu silenciava as vozes. — Os chamados Arcanos que ouvia, mas não entendia. — Parece que precisa ouvi-las agora.

— Por alguma razão, você calava todas elas. Mas se alguém chegasse muito perto eu ainda a escutava, como escutei o chamado de Selena.

— Assusta você saber que essas pessoas querem te matar?

Eu assenti.

— Sei há meses que a Morte tem algum interesse doentio em mim. Não sei por que, mas ele tem. — Pensei no meu sonho. Aparentemente, ele sempre teve. — Matthew me mostrou visões da sua habilidade, de sua falta de misericórdia. — E a Morte disse que eu não chegaria à próxima semana. — Mas tento não pensar demais nisso, tento pensar em outras coisas.

— Como o quê?

Como desejar que eu fosse normal para que pudéssemos voltar a ficar juntos.

— Penso muito em você.

— Por que isso? Você não precisa mais de um protetor.

Assunto passível de debate. E talvez precisássemos proteger um ao outro. Além disso...

— Essa não é a razão para eu gostar de você.

— Oh, isso eu tenho que ouvir. — O seu tom era sarcástico.

— Esqueça. Não importa. Por que deveria explicar alguma coisa a você? Você vai embora assim que chegarmos em outra cidade. Isso é claro.

— É?

— De qualquer forma, é o melhor. Ficará mais seguro quando nos separarmos. — Separar. Uma vida sem Jackson Deveaux. A mera ideia deixava as minhas emoções em torvelinho.

Minha pele começou a brilhar, e ainda debaixo da minha camiseta, as gravações brilharam onde elas se estendiam pelos meus braços, pelo meu peito. Sabia que meu rosto também estava emitindo luz.

Ele fitou as mudanças em mim.

— Olhe para você, Jack! Está enojado.

— Não estou acostumado a você. — Ele ficou de joelhos na minha frente, com cautela, como uma fuinha rodeando uma serpente. — Só me deixe fazer isso, ok?

Quando ele estendeu a mão para mim, tirou as luvas, como a Morte fez em meu sonho. *Bloqueie essa imagem.*

Jackson levantou a bainha da minha camiseta, expondo o meu torso para as gotas mínimas de chuva — e para o seu ávido olhar. Com os músculos tensos como se pudesse saltar para longe a qualquer momento, ele me tocou de maneira hesitante.

Ofeguei pelo contato.

Ficando mais ousado, ele passou as costas dos dedos por uma gravação que flutuava pela minha pele molhada. Seus olhos entrecerrados seguiam o movimento dos dedos.

— *Hypnotique*¹². — Sua respiração estava entrecortada formando vapor na noite fria, sua expressão fascinada.

Com uma lentidão infinita, ele acariciou até eu me encontrar ofegando, até eu sentir dor de prazer. Mordi o lábio para me impedir de gemer alto. Precisava que ele me beijasse. Precisava daqueles braços fortes me apertando contra o seu corpo.

— Sua pele é tão suave. *Satinée*¹³. — ele murmurou. — Você vai me enlouquecer antes disso tudo acabar, não vai?

— Jack, por favor.

— Por favor o quê? — Ele levantou a cabeça, encontrou os meus olhos.

Me aceite, me beije. Umedeci os lábios.

Ele notou. Embora suas sobrançelas se juntassem como se ele sentisse dor, não me deu o beijo que eu necessitava. Ainda assim seus dedos continuaram a traçar a minha pele, cada vez mais alto.

Quando ele chegou ao meu sutiã e passou as articulações dos dedos em mim, eu murmurei.

— Me beija?

Segundos se passaram.

Então, com um grunhido, ele beijou. As passadas lentas dos seus lábios nos meus ficaram mais quentes, mais urgentes. Ele me apoiou no braço, colocando sua palma calejada em minha bochecha para me manter no lugar.

Grunhidos explodiam dos seus pulmões, gemidos dos meus lábios. Como sempre, o fogo entre nós cresceu até formar um inferno. Aquela química em combustão. Ele me beijava como se quisesse me marcar.

Alguém pigarreou.

Quando Jackson me soltou e se afastou, eu vi Matthew de pé sem jeito na entrada da cabana.

Quando baixei a camiseta, Jackson falou entre os dentes.

— Você tem o gosto da minha Evie, se parece com ela. Mas não é ela. — Ele passou as costas da mão nos lábios.

Ah, e lá estava a fúria.

— Estamos aqui sem proteção alguma contra os Saqueadores, sem ninguém de vigia, e eu ainda estou a um segundo de te possuir! Você me enfeitiçou também? Essa é a única maldita razão para eu ainda pensar em

¹² Hipnótico.

¹³ Cetim.



— Você depois de toda essa merda. Durante minha vida toda nunca saí procurando encrenca, mas ela sempre me encontrou! Você é simplesmente a última dose de sofrimento.

Meus olhos doeram com lágrimas.

— Não queria que fosse assim.

— Então me liberte! Termine esse domínio que tem sobre mim.

— Eu não o enfeitei. Não faria isso. — Claro que não, não é?

— “Venha, toque, pague um preço?” Esse é o seu chamado? Bem, *eu paguei*. E ainda estou pagando.

Ele pegou o arco e a mochila e caminhou para dentro do escuro, deixando-me tremendo, com frio e à deriva.

Fitei a direção em que ele foi por vários minutos.

Quando puxei os meus joelhos para o peito, Matthew se aproximou para sentar ao meu lado.

— Não-Arcano.

— Pode ver o futuro de Jackson?

— Eu vejo longe. — Ele franziu a testa. — Não com ele. Desconhecido. Variável. Greve a partir da equação!

— Ele ficaria mais seguro longe de nós?

Matthew me ergueu uma sobrancelha tipo um *sério*? Pergunta idiota. Então, ele inclinou a cabeça.

— Mais sonhos com Morte?

Eu me forcei a parar de olhar na direção de Jackson e prestar atenção em Matthew, que soava relativamente coerente.

— Sim. O mesmo encontro com Morte, depois que ele me perfura.

Outra vez, notei que ele parecia mais jovem na época.

— Se ele é imortal, como a Morte envelhece?

— Duração dos jogos. O jogo começa, ele envelhece. O jogo acaba, ele para.

— Ele não parece muito mais velho agora. Quanto tempo esses jogos duram?

Matthew suspirou.

— Este será um dos mais longos.

— Se eu posso regenerar, então o Toque da Morte é o único modo de me matar? — Ou talvez eu fosse como os Saqueadores, eliminada com um tiro no crânio?

Dar de ombros.

Mudança de tática.

— Ele sempre me mata?

— Nem sempre. E a Lady Lótus não morreu uma vez.

Engoli em seco.

— Quer dizer que outros já me mataram — e que eu realmente ganhei um jogo? — Quase desejei não saber disso. — Quantos eu matei pessoalmente?

Hesitação.

— Mais do que qualquer um antes. Ou de lá para cá.

Eu era uma recordista. Não era de admirar Selena preocupada que eu dissesse alguma coisa quando nos encontrássemos com novos Arcanos. Todos estariam atrás da minha cabeça.



— Quem mais me matou?
Matthew estudou a mão com concentração, fim do assunto.
— Ao menos me diga quantas vezes Morte me matou.
— *Esta Morte?* Duas vezes das últimas três. — Os olhos castanhos de Matthew estavam muito sérios quando ele disse. — A prática leva à perfeição.

Capítulo 9

DIA 254 D.F

EM ALGUM LUGAR NAS MONTANHAS APPALACHIAN

— Parece bom demais para ser verdade... — Jackson murmurou para ninguém em particular.

Nos deparamos com uma propriedade rural abandonada, uma cabana estranha no alto de um monte, com cadeiras de balanço na varanda e um celeiro por perto. Parecia que pertencia a alguém que fumava cachimbo de milho, usava “dungarees”¹⁴ e chamava ursos de “usos”.

Ao sinal de um abrigo feito pelo homem, eu quase salivei. Não tínhamos um teto de verdade sobre as nossas cabeças desde a cabana de cinco dias atrás. Como sempre, todos com exceção de Selenia estavam ensopados e congelando.

Meus dentes batiam de novo, meu estômago roncava. Naquelas altitudes maiores havia uma névoa de congelar os ossos e até mesmo geadas.

Mas todos estávamos desconfiados.

— Mesmo se estiver vazia, podemos arriscar ficar aqui? — Finn perguntou, olhando para o lugar com a mesma ânsia que eu.

Saqueadores continuavam a nos seguir, e nós ainda tínhamos algumas horas antes do anoitecer.

— Os Saqueadores de-devem ter problemas naquela úl-última subida, certo? — eu perguntei.

— Igualzinho a você, Evie! — Selenia disse com alegria.

Filha da mãe. Apareceu uma rocha enorme para escalarmos. Tivemos que usar uma corda! Eu nunca escalei um penhasco na vida e fiquei me debatendo que nem uma truta na linha de pesca. Fiquei preocupada com Matthew e comigo mesma, mas comparado a mim ele era um alpinista.

Jackson não se juntou à discussão, só fitou a cabana. Quando nós seguimos, ele disse.

— Eu vou sozinho.

No passado, Selenia teria ido atrás dele de qualquer modo, mas agora ela ficava sempre mais perto de mim. Como um chiclete na sola da minha bota.

Eu disse a ele.

— *Fai gaffe à toi.* — Cuide-se.

¹⁴ Tecido de algodão grosso.

O olhar de Jackson me cortou, e eu vi alguma emoção brilhar lá antes dele pôr uma máscara.

Enquanto o observava caminhar com o arco a postos, eu me perguntava outra vez o que se passava em sua mente. Nós não nos falamos desde aquele beijo. Ainda se arrependia de ter me beijado?

Depois daquela noite, achei que ele não queria mais nada comigo, mas eu continuava pegando ele me olhando. Às vezes, sua expressão estava cheia de amargura, como se eu tivesse lhe feito algo de ruim. Mas no geral, seus olhares não eram mais tão desdenhosos, eram mais... perturbados.

Como se tentasse desvendar um inquietante mistério.

No caminho para a cabana ele inspecionou o pequeno celeiro. Devia estar tudo certo com ele porque ninguém levou flecha. Depois ele foi à cabana...

Por favor, fique bem, por favor, fique bem.

Não muito tempo depois, vi fumaça saindo da chaminé. Meus joelhos ficaram fracos de alívio — e de excitação. Ele estava seguro e nós teríamos um teto de verdade, uma fogueira de verdade.

Finn disse.

— Posso disfarçar a fumaça.

Selena sacudiu a cabeça.

— Não precisa. Estamos nas nuvens. O que J.D. sabe, senão ele não teria acendido o fogo.

Ele emergiu de dentro. Com um aceno brusco com o queixo indicou que nos juntássemos a ele. O respeito próprio saiu voando pela janela e nós corremos até a cabana como se ela fosse a fronteira de um país amigável.

Embora empoeirada, o cubículo de cabana tinha uma cama, uma banheira de madeira e agora um fogo em seu fogão a lenha. Passamos por um barril cheio de água da chuva ao entrarmos. Uma panela amassada estava em cima do fogão.

Madeira cortada foi empilhada ao longo de uma parede por algum dono que nunca voltou. Colocando tudo aquilo junto...

Banho. Quente. Eu até tinha um shampoo de viagem e sabonete líquido.

Aquilo era um golpe de sorte tão grande, uma reviravolta imensa das nossas circunstâncias comuns, que eu fiquei paranoica — como se essa cabana fosse desaparecer por entre as minhas mãos, desaparecendo para se juntar ao circo ou algo do tipo.

— Pedra, papel e tesoura decide quem toma o primeiro banho. — eu anunciei, mas aquilo seria só entre Finn, Selena e eu. Matthew era psíquico demais para jogar — ele havia se sentado em uma das cadeiras de balanço da varanda — e Jackson não estava interessado.

— Vou caçar tetraz¹⁵. — ele disse, saindo sem dizer mais nada. Seu tom e comportamento diziam, *E estou indo sozinho*.

A probabilidade de encontrar tetrazes eram tão mínimas que eu considerei dizer a ele que ficasse de olho para ver se encontrava o yeti¹⁶ enquanto caçava.

Selena o olhou com uma expressão preocupada, lembrando-me que Jackson podia simplesmente não voltar mais.

¹⁵ Ave galinácea.

¹⁶ Homem do gelo.

Por dias, ela ficou sofrendo por ele. Era tão óbvio. No começo fiquei irritada, mas depois me coloquei no lugar dela. Quando Finn a enganou, ela achou que Jackson a havia escolhido. Que seu sonho tinha se realizado. Em sua mente, foram os braços dele que sentiu em volta do corpo.

Como devia ser estranho para ela, viajar com o garoto que achava ter beijado — e também com o garoto que a enganou.

Agora que todos pareciam odiar Selena, eu começava a sentir pena dela, mesmo com tudo o que ela aprontou para cima de mim. Dias atrás, percebi que ninguém queria ser um monstro — e, contudo, era assim que a estávamos tratando.

Embora ela tivesse tentado atrair Jackson para participar de conversas por inúmeras vezes, ele só continuava andando, parecendo perdido em pensamento. Ele não tinha confiado nada.

Eu cansei de me importar. *Cansei.*

Não pense nele. Planejava aproveitar ao máximo aquele barril de água — e do tempo — para lavar toda a cinza. Às vezes eu sentia como se aquela cinza estivesse fazendo parte de mim, me obscurecendo, do mesmo jeito que conquistou Haven, minha casa na Louisiana.

Quando ganhei a primeira sessão na banheira, Selena revirou os olhos. Mas ela sentou do lado de fora com Matthew, cuidando de confeccionar flechas. Finn andou na direção do celeiro, procurando suprimentos.

Eu fechei a porta e me volvei para a minha tarefa. O quanto podia ser difícil ferver água? Uma vez assisti a um episódio de *Litthe House on the Prairie*. Portanto: Vamos arregaçar as mangas, vadia.

Quatro queimaduras e uma hora depois, eu entrava na pequena banheira, água até a altura da cintura formando vapores à minha volta. Bolhas do sabonete líquido se agrupavam na superfície. Se os meus pés cheios de calos não doessem enquanto se regeneravam, eu juraria que estava sonhando.

E se eu não sentisse pavor pela saída de Jackson.

Em frente ao fogo, ensaboei e enxaguei o meu cabelo, refletindo sobre a última semana.

Cada dia nós nos distanciávamos mais dos Saqueadores, mas todas as noites éramos forçados a nos esconder. Os Saqueadores faziam exatamente o contrário, comendo milhas e milhas todas as noites antes que o amanhecer os levasse a se enterrarem, um pensamento que ainda me dava arrepios.

Nossa corrida do para-começa já durava dias. Tínhamos que nos contentar com pouco sono.

Andava constantemente desconfiada, incapaz de relaxar por um segundo. E ainda estava enfraquecendo. Sim, meus calos estavam regenerando, mas bem mais devagar. Eu supus que já que a minha pele retornava ao estado anterior com qualquer ferimento, jamais fossem aparecer calos.

O que queria dizer que eu sempre teria aquelas bolhas. Lindo.

Não era a única que estava desconfiada. Como caçadora, Selena sempre parecia hiper-alerta, mas agora ela estava completamente nervosa. Toda manhã ela voltava por onde passávamos para sondar os Saqueadores atrás de nós.

Ontem, ela nos disse.

— O número deles ainda está aumentando. Devem estar absorvendo todos os nômades com quem cruzam pelo caminho. — Era como uma bola de neve, acumulando tamanho por contato com mais neve. Se aquela horda chegasse até nós...

Finn também ficou mais ansioso, mas ele parecia mais um viciado que não tinha mais a droga. O que aconteceria se ele *não* armasse outro dos seus truques em breve?

Quando nos conhecemos, ele era um piadista divertido. Agora sempre estava nervoso, insistindo em checar e checar novamente o mapa para garantir que não nos aproximássemos demais das minas.

Ele superou Selenia, não falava mais do que duas palavras com ela, e parecia determinado a juntar eu e Jackson, como se ele fosse a única causa da divergência entre eu e o Cajun.

Boa sorte. Temia que aquilo estivesse além até do poder da magia.

Matthew ficava cada vez mais retraído, olhando com frequência para Jackson de um modo especulativo. Eu tinha dificuldade para fazer o garoto comer, e nas conversas ele não fazia mais sentido.

Se eu lhe perguntava se sua cabeça estava doendo, ele respondia.

— Cuidado com o Toque da Morte.

Uma noite ele puxou os cabelos, gritando.

— Água! Água! — Eu corri para entregar a minha garrafa antes que ele se machucasse, mas ele a recusou.

Surpreendentemente, foi Jackson quem acalmou Matthew. Como se falasse com um cavalo assustado, Jackson havia dito.

— Opa, garoto, *traçasse-toi pás. Prend-lé aisé.* — Não se preocupe. Calma.

Sempre que eu conseguia algumas horas de sono, tinha mais sonhos com a Morte, todos naquele mesmo deserto, todos do mesmo encontro. Com a sua mão sempre se aproximando de mim, eu sentia o cheiro das areias queimadas e do seu cavalo coberto de suor. No meu último sonho, olhava para o céu, e por entre as lágrimas vi a Carta Julgamento circulando acima.

A Morte aparecia em minha mente cada vez menos. Achava que ele estava ocupado ou algo do gênero. No momento minha mente abençoadamente estava livre dele...

Os três lobos de Fauna continuavam a nos perseguir, seus olhos brilhando na escuridão, como fossas¹⁷ assustadoras de desenho. Mas eles nunca se aproximavam o bastante para que pudéssemos dar uma boa olhada neles.

Ontem, o chamado Arcano de Fauna — *Vermelho nos dentes e garras!* — começou a ecoar mais alto do que todos os outros. O que queria dizer que ela finalmente estava mais perto.

Quando ela agiria? Por que não atacar com as feras?

Meu pressentimento ruim aumentava. O estresse da nossa situação era quase insuportável. Lobos nos cercavam, Saqueadores perseguiram, e estávamos rodeados de canibais subterrâneos.

Em cima de tudo isso, a garoa fraca e constante era extremamente irritante. Apesar dos avisos de Matthew, eu quase desejei que ela caísse logo

¹⁷ Mamífero da ilha de Madagascar.



do céu. Agora ela era como alguém cutucando o seu braço, falando, “Né, né, né”.

O comportamento de Jackson também me deixava aflita. Ele começou a fazer certas coisas, coisas atenciosas.

Como acendendo aquele fogo no fogão sem ficar para aproveitá-lo.

E duas noites atrás, no abrigo improvisado do grupo, ele tirou alguns galhos do chão ao seu lado. Para que eu sentasse lá? Ou só para reforçar o nosso quebra-vento?

Sim, ele me ajudou a acalmar Matthew. Para manter o garoto calado e não atrair Saqueadores?

Ontem, pelo caminho, eu o vi passar metade de uma barra de energia para Matthew. Quando sorri para ele, Jackson fechou a cara como se fosse pego fazendo algo estúpido.

Hoje de manhã ele começou algo novo. Várias vezes abriu a boca como se estivesse prestar a falar, e depois a fechou abruptamente — bem parecido com o que fazia quando íamos a escola juntos. Ele também ficou perto de mim o dia inteiro.

Talvez estivesse amolecendo para o meu lado por eu não ter me transformado em Imperatriz já há dias? Ou talvez eu procurasse sinais que não existissem.

Sentia falta dele, meu peito doía quando lembrava de nós dois juntos na estrada. Como nós, apesar de tão diferentes, começamos a ficar tão próximos.

Tinha acabado de colocar a mão na cabeça quando ouvi alguém subindo os degraus da varanda. Do lado de fora, Finn disse.

— Ei, Evie está aí dentro, cara. Ai! Que porra é essa, Cajun? — parecia que Finn estava com a mão no nariz.

Jackson tinha acabado de bater nele?

— Você se passe por mim outra vez — Jackson falou com os dentes cerrados, — e eu te dou mais que um soco da próxima vez. *Compris?*

Por que essa raiva repentina dias depois?

— Certo. Tudo bem. — Finn disse com a voz grossa. — Meio que esperava por isso.

— Agora, todos vocês dêem o fora. O celeiro espera.

Jackson entraria ali? Eu nunca teria tempo de alcançar as minhas roupas. Merda! Eu me afundei mais na banheira, passando os braços por cima dos seios, esperando que a espuma cobrisse tudo mais abaixo...

Capítulo 10

A porta foi aberta com força. Jackson estava na soleira, pingando da chuva.

Fiquei tão perplexa com a determinação em seus olhos que levei um segundo para gaguejar.

— *Sa-saia!* Agora!

Como se não tivesse falado, ele entrou, fechando a porta atrás de si, jogando o arco e a mochila em cima da mesa. Ele sacudiu o cabelo como um

animal, jogando gotas de água fria nos meus braços e rosto. Madeixas negras se grudavam ao seu belo rosto.

— O que diabos está fazendo?

Ele tirou o casaco e o colocou em uma cadeira frágil, para que secasse perto do fogo.

— Vamos ter uma conversa. — Ele arrastou outra cadeira, afundando o seu corpo alto nela, o olhar passeando sem pressa por mim.

— Saia-daqui-agora!

— Não gosta de mim aqui? Então pode se levantar e sair.

Olhei para as minhas roupas. Tinha separado vestes limpas — calça jeans, um suéter, um quase conjunto de sutiã e calcinha. O sutiã era de seda vermelha, a calcinha de renda rosa; as cores ao menos eram próximas. Infelizmente, as roupas estavam a mais de um metro de distância.

Eu o olhei com raiva, apertando os braços em volta do peito.

— O que quer conversar que não pode esperar? Não disse mais que algumas palavras há dias. Então quando estou curtindo o meu primeiro banho quente em séculos, você fica falante?

— Desse jeito sei que não vai a lugar algum. E temos muito que conversar, você e eu. — Com toda a sua arrogância firmemente no lugar, ele disse. — Você está apaixonada por mim.

Fique calma, Evie, não demonstre nada.

— Ahhh, agora entendo. Achou crack na floresta, não foi? Temperado com sais de banho?

Minha resposta não pareceu insultá-lo; na verdade, ele pareceu encorajado por elas.

— Nada, só um pouco disso aqui. — Ele pegou uma garrafa com um líquido claro de dentro da mochila.

Encontrou álcool caseiro ilegal?

— Você é tipo um cão farejador de álcool.

Ele tomou um gole dela, depois me olhou com um risinho embriagado.

— Hmm, hmm, hmm, Evie.

Afundei mais na banheira. As bolhas estavam estourando?

— Por que não vai aproveitar a bebida em outro lugar?

— Andei pensando muito, descobri algumas coisas, mas ainda tenho perguntas.

Eu imaginei quando, e se, isso aconteceria. Mas nunca teria esperado que fosse durante a hora do banho.

— Isso não pode esperar?

— Não vamos sair daqui até acertamos algumas coisas. — Ele sacudiu a cabeça com força, parecendo determinado a falar comigo — e a evitar que o seu olhar se perdesse pelo meu corpo. — Como devíamos ter feito na cabana de Finn antes de você fugir, roubando a caminhonete dele para se afastar de mim.

— E você sabe por que.

— *Ouais.* — Sim. — Você pensou ter visto eu e Selenia mandando ver e não conseguiu suportar.

— Não vai me fazer sentir culpada. Eu acreditei em meus olhos. E você tinha acabado de gritar para mim: “Cansei de você!” Levei as suas palavras ao pé da letra.

— Eu estava bêbado e irritado por você não confiar em mim o bastante para me contar o que estava acontecendo. Ainda estou irritado.

— E bêbado também.

Ele não negou.

— De qualquer modo, ver você com Selenia...

— Não era eu!

— Não foi o único motivo de eu ter ido embora.

— Conheço seu outro motivo. *Coo-yôn* disse que você estava com medo de me envenenar ou fazer com que a Morte me matasse, ou coisa assim. — Ele dispensou o assunto com um aceno da mão.

— Matthew te disse isso?

Ignorando a minha pergunta, ele disse.

— O que só prova o meu raciocínio. Você não quer que nada de mal me aconteça. Porque está louca por mim, *peekôn*.

Meu rosto corou, a verdade exposta.

— Você ficou ainda pior naquela noite na cabana de Finn. Lembra da nossa conversinha?

— Claro que lembro. Não estava tragando uísque que nem um marinheiro abandonado em uma ilha-oásis.

Jackson tinha falado em começar uma vida comigo — com uma condição.

— Você disse que eu teria que desistir da minha jornada para encontrar a minha avó. Quando te disse que eu não podia, você rompeu comigo.

— Não rompi com você, não. Só disparei o que tinha na boca porque estava frustrado. Nunca conheci uma *filles*¹⁸ tão frustrante quanto você.

Que estranho ter essa conversa enquanto estava vestida de espumas que gradualmente desapareciam.

— Eu pensei nas minhas opções. — Ele levantou o indicador. — Ignorar todos os meus instintos de sobrevivência e ficar por perto de uns garotos que estão dispostos a se matarem. Uns bem sinistros também. — Ele levantou outro dedo. — Ou ir embora e ir atrás do Exército do Sudeste, me vingar.

— Qual é a sua decisão?

— Ainda estou aqui, não estou?

— O que o persuadiu? E por que agora? Não é como se soubesse de algo que o fizesse mudar de ideia, não desde que me informou que eu não sou *certa*. — eu disse com ênfase. A não ser que ele tenha...

Não. Aquela suspeita era tão humilhante até para se imaginar.

— Como eu disse, descobri algumas coisas sozinho.

— Olhe, Jackson, digamos que eu tenha sentimentos por você. Isso foi antes de entender que você nunca poderia aceitar minha natureza. Você me viu e surtou.

Ele estreitou os olhos.

— Eu não surtei, não. Acho que lidei muitíssimo bem com as coisas. Se tivesse me mostrado aquela merda antes, ao invés de soltar de surpresa...

— Aquela *merda* salvou a minha vida.

— Pelo que entendo, também a levou até um louco. O Alquimista, *non?* *Touché*.

¹⁸ Garota.

— Você me tratou que nem uma leprosa quando viu minhas habilidades.

Ele se pôs de pé, andou de um lado para o outro, e tomou outro gole.

— Você sempre espera que eu acerte tudo de primeira!

— Acerte o quê?

— As minhas reações, minhas palavras, tudo. Eu não vou acertar. Eu vi algo que nunca vi antes, e reagi.

— Com o sinal da cruz? Sério, Jack?

— Sou um garoto católico. E a menina doce que eu conhecia tinha acabado de assassinar algum garoto e parecia bem satisfeita com isso. Era como se estivesse possuída por um demônio ou algo assim! — Ele sacudiu a cabeça. — Você espera que eu seja perfeito.

— Aquilo magoou, Jackson. Ok? — Eu puxei os joelhos para o peito, sacudindo água.

Como se incapaz de fazer o contrário, ele baixou o olhar, parecendo encantado com os meus movimentos.

Mas levantou os olhos quando gritei.

— Partiu o meu coração! Eu tinha acabado de passar pelo momento mais terrível da minha vida. Precisava de você, mas você tinha nojo de mim. — Meus olhos ardiam com lágrimas. — Eu precisava de você!

Ele apertou o alto do nariz.

— Não conta em nada que... que eu esteja tentando lidar com tudo isso?

— Talvez não devesse tentar tanto. Qual é, nós temos problemas que se estendem do jogo. Sempre estamos brigando, sempre em páginas diferentes. Posso contar em uma mão as vezes em que tivemos uma conversa civilizada. Na maior parte do tempo não sei o que se passa nessa sua cabeça.

— O que quer saber? — Ele voltou a sentar na cadeira, descansando os cotovelos nos joelhos. — Quer que eu fale dos meus sentimentos? Maldição, como é que eu começo?

Eu pisquei em surpresa. Ele não estava sendo sarcástico. Estava sinceramente desorientado em como fazer aquilo. E por que não devia estar? Onde teria aprendido a discutir os seus pensamentos e emoções?

Não com a sua mãe. Ela não foi nem capaz de *alimentar* Jackson quando ele era um garotinho, muito menos ensinar a conversar sobre as coisas que o incomodavam. Com o seu pai? O homem havia lavado as mãos de tudo que envolvesse o seu filho.

Era um milagre Jackson ser tão decente como era. Lembro dele admitir que não sabia como se comportar comigo. *Pode me ensinar como te cortejar. Porque eu não sei fazer isso.*

Ele estava tentando. E como eu deveria ajudá-lo com isso? Oferecer conselho? *Use suas próprias palavras, Jack.*

— Você explodiu essa merda na minha cara, e depois de dias espera que eu supere o fato da minha namorada não ser exatamente humana!

Eu não sabia o que me chocou mais — a parte do *namorada* ou do *humana*.

— Droga, Evie, você foi na minha casa, viu como eu vivia. Não consegue entender por que odeio surpresas? Por que não gosto quando as pessoas tem vidas secretas?

Talvez nós dois fossemos muito diferentes.

— Muita coisa aconteceu. E você vem sendo terrível comigo há vários dias.

— Estava com raiva porque não entendia nada disso. Não gosto de coisas que não entendo. E aquela manhã em Réquiem, bem quando eu estava tentando aceitar isso tudo, eu voltei — na mesma hora em que você estava prestes a cortar a garganta daquele garoto irlandês.

— Ele nos atacou depois de eu tentar fazer uma trégua.

— Entendo que as pessoas vão se machucar. Entendo o roteiro. Inferno, eu escrevia esse roteiro de gente se ferindo muito antes do Flash. Mas quando a vi daquele jeito...

Enterrei a cabeça nas mãos.

— Eu não quero ser assim!

— Entendo isso agora. Algo acontece com você. Ainda é você, mas você tem um problema. *Peekôn*, olhe para mim.

Eu levantei os olhos.

— Se você tem um problema, eu posso aceitar isso.

Eu não estava convencida.

— Ficar com você me machuca.

— Mas às vezes é bom. Muito bom entre a gente. Você achou o meu beijo “perfeito”.

O olhar dele repousou em meus lábios, meu pescoço, minhas clavículas...

— Eu nunca te disse. — Então compreendi. — Oh, meu Deus. — Meu queixo caiu, minha suspeita anterior confirmada. É, tão humilhante quanto eu temia. — Você pegou o gravador do Alquimista! — Que continha a fita contando a história da minha vida.

Jackson me deu um sorriso sem-vergonha.

— *Ouais*. Eu escuto há dias. Essa foi a razão para que eu saísse naquela manhã em Réquiem. Estava procurando uns fones de ouvido para que pudesse ouvir escondido, debaixo do meu capuz.

— Você não fez isso!

— Eu tive um grande papel naquela história, queria ter certeza que você me via do jeito certo.

— É por isso que anda indo do oito ao oitenta? — Os olhares raivosos, os olhares perturbados. Os risinhos?

— Algumas coisas que você disse me irritaram. — Com a expressão obscurecendo, ele disse entre os dentes. — Tive que escutar você falando do seu namorado. Já foi muito ruim da primeira vez.

Brand foi um bom garoto. Imaturo, talvez, mas tinha um bom coração. As personalidades dele e de Jackson eram tão diferentes quanto o dia da noite. Os dois tinham se odiado.

— Como quando você foi legal com Clotile. Você sorria para ela e dizia “oi”, quando ninguém naquela escola fazia isso.

Eu poderia ter sido mais legal com ela, queria ter sido.

— Ou quando você descreveu o nosso beijo na piscina da casa de Selena. — Jack esfregou o rosto com a mão. — Devo ter furado a fita ouvindo essa parte sem parar.

Do jeito que as pálpebras dele ficaram pesadas, você pensaria que ele tinha acabado de ter um orgasmo auditivo. Minha respiração ficou entrecortada em reação. E de repente eu estava muitíssimo ciente da minha nudez, da água que esfriava. De Jackson espiando a minha pele molhada.

— Aquela fita era particular!

— Você contou a esse tal de Arthur, um estranho, a nossa história?

— Àquela altura, eu tinha bastante certeza que ele nunca a contaria a ninguém. — Minha pele começou a brilhar com fúria recordada, os glifos se movimentando pelos meus braços, pelo meu peito. Meus olhos estavam ficando verdes?

Jackson fitou as mudanças em mim.

— Está me mostrando esses... esses *glifos* para me assustar?

É. Ele conhecia bem o dialeto.

— Não vai funcionar. Aquela fita me deixou vagar por esse negócio de Arcanos, me fez aprender sobre o assunto pouco a pouco. Como você. E eu a ouvi falar que eu era a sua âncora.

— Sim, e daí?

— Você se conteve de matar aquele garoto irlandês assim que me viu. Nega isso?

Depois de um tempo, sacudi a cabeça.

— Você precisa de mim, e agora eu sei disso. — ele disse. — Você me avisou que não seria fácil com você. Ainda estou disposto.

— Por que estaria? Isso é mortal e estranho e apavorante.

— Igual ao resto do mundo! — Ele enfiou os dedos no cabelo molhado. — Isso prova o quanto a minha cabeça é fodida: eu posso aceitar esse jogo melhor do que posso aceitar os seus segredos. Ao menos agora eu sei com o que estou lutando.

Parte de mim estava mais que contente por ele me querer. Mas outra parte achava que qualquer coisa entre nós estaria condenada ao fracasso.

— Vamos ser realistas sobre as nossas chances.

— Quer saber o que estou sentindo? Deixe eu te dizer, *bébé*. Estou achando graça. Está agindo como se tivéssemos alguma escolha nesse assunto. Você está tão fodida quanto eu, porque nós dois já estamos doidos demais um pelo outro.

Eu me irritei.

— Gostar de mim se compara a se foder? Achei que fosse mais charmoso, queridinho da mulherada, com todas as suas *gaiennes*¹⁹.

Ele deu de ombros.

— Na outra noite depois que nos beijamos, eu disse a mim mesmo para continuar andando. Que essa merda era pesada demais para mim e que não era da minha conta. Eu disse a mim mesmo para não pensar em você.

Eu disse a mim a mesma coisa e tive o mesmo sucesso.

— Inferno, você esperava que eu te abandonasse de qualquer forma. Mas fiquei pior a cada passo, como se alguém tivesse enrolado as minhas tripas com arame farpado. E percebi que você estava com as minhas bolas nas mãos. Estúpido lutar contra isso. Não dou a mínima para o que você é.

— Tenha calma, meu coração. — eu disse em um tom esperto, mas estava amolecendo com ele, como sempre.

¹⁹ Namoradas.

Ainda assim lembrei mais do que disse naquela fita. Como senti ciúmes e me magoei quando ele flertava com Selenia. Ou como me senti como se tivesse perdido a cabeça quando ele me beijou. Era disso que ele ficava rindo?

— Ainda não posso acreditar que você violou minha privacidade desse jeito!

Na escola, quando Jackson quis ver o meu diário, ele o roubou. Quando ele quis ouvir as mensagens que eu deixava para o meu namorado? Ele roubou o celular de Brand.

Jackson continuava me tratando com arrogância, e eu estava farta disso.

— Precisa sair. — Meus glifos estavam tão vívidos que iluminavam o ambiente mais do que o fogo. — Eu quero me vestir.

— Não me deixe te interromper. Não saio até que você admita o que sente.

— Vai me chantagear? — Agora era uma questão de princípio. Ele ultrapassou os limites ouvindo aquela fita, e agora esperava que lhe desse um prêmio por isso?

— Pode sair se quiser. — Ele colocou os pés na mesa, inclinando-se para trás para equilibrar a cadeira em duas pernas. Com um sorriso convencido, colocou as mãos atrás da cabeça.

Ele era tão arrogante que senti vontade de — não, eu precisava — tirar aquele risinho da cara dele. Tinha chegado ao meu limite. Poderia morrer amanhã e me recusava a passar minha última noite na terra sendo manipulada por um Cajun bebedor de mercadoria ilegal.

Além disso, não era muito tímida. Tinha usado o meu uniforme ínfimo de líder de torcida na escola na frente de bandos de adolescentes babões, e a minha melhor amiga, Melissa, puxava a minha calça com bastante frequência.

— Ótimo. — Eu me virei na banheira para me levantar com as costas para ele, depois saí dela e marchei até as minhas roupas.

Pow! Ele caiu para trás com a cadeira?

Contendo um sorriso, eu mal me enxuguei com a minha camiseta velha, depois coloquei a calcinha.

— E-Evie? — Sua voz parecia sufocada.

Peguei o meu sutiã, devo ter mostrado o lado do seio, não liguei. Quando preendi o fecho, olhei por cima do ombro.

Ao lado da cadeira virada, Jackson estava de joelhos com os lábios abertos, a respiração ofegante.

Suas maçãs do rosto altas estavam coradas, e seus músculos tensos — como se ele estivesse prestes a saltar em cima de mim.

— Você... você saiu? — Ele passou uma mão trêmula pela boca, e outra vez, seus olhos se escureceram com luxúria. — Nunca achei que você fosse sair, *ma bonne fille*. — Minha boa garota.

Com um dar de ombros, peguei minha calça.

— Se não aguenta o calor, fique longe da cabana.

Ele engoliu de forma audível.

— *Brûlant*. — Extremamente linda. — E acredite, *cher*, planejo viver nesse calor.

Então ele se colocou de pé vindo até mim, aquelas botas pesadas batendo com força no chão de madeira.

Cada passo que ele dava a minha antecipação multiplicava. Ele ia me beijar outra vez, e a mera ideia me enchia de energia.

Não, não, não! Aquilo era errado. Não queria que ele me quisesse só porque estava bêbado e há tempos sem sexo.

Antes que pudesse colocar minhas roupas, ele me virou, encaixando um braço na parte baixa das minhas costas.

— Balançou essa bundinha linda na direção errada, *bébé*. Devia ter vindo para mim quando estava toda nua e molhada.

— Não ouse vir para cima de mim! Você só vai me acusar de novo de te enfeitiçar.

— Percebi que você não possuía todos os seus poderes quando comecei a te desejar.

— Por que acharia isso?

— Porque se estivesse me enfeitiçando na época, todos os caras de Sterling estariam babando atrás de você e não de Clotile.

Com o queixo levantado, eu disse.

— Ei, eu não era tão mal assim, Cajun.

— Claro que não. Quando eu a vi naquele dia sozinha no pátio da escola com a sua saia de líder de torcida... — A expressão dele era ardente. — Senti vontade de te deitar naquela mesa e te possuir bem ali, Evangeline.

Estremeci com o modo que o meu nome foi pronunciado com aquele sotaque dele. Sabia disso, porque estava lutando para resistir.

Ele tinha razão; estava louca por ele. Estúpido lutar contra isso. Olhei para ele, sussurrando.

— Só não me magoe outra vez. Se eu beijar você, e depois se enojar...

Ele deu uma risada baixa, movendo o quadril contra o meu.

— Parece que estou enojado?

Eu ofeguei.

— Jackson!

— Você tem cheiro de madressilva. Gosta do velho Jack agora?

— Nunca *deixei* de gostar de você. Mesmo quando você me espantou com o poder do catolicismo.

— Não posso fazer nada quanto a criação que tive. Qualquer coisa sobrenatural ou é um milagre ou satânico.

Eu revirei os olhos.

— E ainda está tentando descobrir qual dos dois eu sou?

— *Non*. Estou tentando descobrir se ainda sou católico. — Ele deu aquele sorriso de fazer o coração parar. Lindos lábios. Quero eles nos meus.

Bem antes de me beijar, ele disse.

— Pode ser diferente do que eu pensava, mas vou protegê-la mesmo assim. Vou tentar aceitar tudo isso. Mas você tem que me aceitar.

— Aceitar você? Do que está falando?

— Eu sou um garoto de dezenove anos do *bayou*. Tenho uma apreciação por bebidas. Vou dizer coisas idiotas. Não fique magoada por pouca coisa.

Coloquei a palma da mão em seu rosto.

— Você vai ferir mais do que os seus sentimentos se ficar conosco. E será culpa minha porque não quero me separar de você. Você queria que eu o libertasse.

— Isso foi antes de eu perceber algo esta semana. Minha vida não seria longa nem antes do Apocalipse. Antes que houvesse Saqueadores, canibais e pragas. Agora descobri que quero passar o tempo que me resta aqui fazendo o que tenho vontade.

— E o que você quer?

Seu sorriso aumentou.

— É você o que eu quero, e gostaria de ficar com você. — Ele se inclinou, pressionando os lábios nos meus.

Com o contato, a chuva finalmente começou a cair, batendo no teto de lata da cabana. Eu não ouvia aquele som desde a noite em que fui à casa de Jack no bayou.

Ele se afastou.

— Cristo, seus lábios são doces. *Douces comme du miel*. — Doces como mel. Ele tirou a camisa, revelando o peito molhado, o rosário em volta do pescoço. Sentia falta de vê-lo daquele jeito.

Meus dedos passaram pela cicatriz elevada em seu braço. Como eu amava aquela marca. Se ele não tivesse tratando daquele ferimento na noite do Flash, teria morrido como quase todos.

As mãos dele pousaram no meu traseiro, dando um aperto bem possessivo.

— *T'es pour moi, Evie*. Você é minha. Cada pedacinho seu. — Ele se abaixou, tomou os meus lábios mais uma vez. Entre beijos, ele disse. — Eu te disse uma vez e digo de novo: não há nada que possa te acontecer que não possamos superar. Só me dê a chance de chegar até você. Prometa.

— Jack...

— Prometa. Não vai me deixar novamente.

— Eu prometo. — Fitando seus lábios, eu disse. — Sempre virá atrás de mim?

Ele murmurou meio embriagado.

— Vou atrás de você que nem um cachorro de ferro-velho.

Eu ri. Como podia sentir tanta felicidade assim na situação em que estávamos?

— Estou feliz de não precisar mais esconder isso. Sem mais segredos então, Isso vale para nós dois. — Espere. Ele desviou os olhos?

— Tem algo que quer me dizer?

— *Non, rien*. — Não, nada.

— Está... está mentindo para mim? Jack, nada é mais importante que confiança no momento. Considerando esse jogo, todo esse mundo, temos que conseguir depender um do outro.

— Não estou mentindo. Pode confiar só em mim, Evie. — ele disse com mais firmeza. — Não tenho segredos, *peekôn*. Com exceção do quanto eu a quero.

Aliviada, eu assenti com hesitação.

— Acredito em você.

— Ótimo. — Ele me colocou nos braços, aninhando meu corpo contra o peito e se dirigiu à cama. — Naquela noite na piscina, você teria me deixado te possuir se eu tivesse ido mais devagar. Farei isso agora. Devagar e gostoso.

— Não podemos ficar juntos desse jeito. E se eu te machucar com os meus poderes?



— Que jeito bom de morrer, *ma belle*.
— Estou falando sério.
— Eu também. — Ele caminhou até a cama, descendo a boca na minha para depositar beijos breves e perversos, deixando a minha mente em branco.
— Você me ama demais para me machucar.
Não me importei em negar isso.
— Agora, silêncio. A gente fica melhor quando não existe conversa.
Com as sobrancelhas erguidas, inclinei a cabeça. Porque ele tinha certa razão. Eu me inclinei para mais dos seus lábios.
Nosso beijo ficou mais intenso, as línguas se enroscando. Eu já ouvi a frase “bêbada dos beijos dele”. Literalmente fiquei por causa do toque da bebida que havia ali.
Havia o beijo francês, e havia o beijo francês Cajun. Mais temperado, mais forte, mais selvagem.
Assim era com Jackson. Um fogo fora de controle. Provavelmente tão destrutivo quanto um inferno.
E eu não me importava.
Ele se afastou um pouco e me atirou em cima da cama.
O cobertor despencou; eu estava caindo em um poço, os braços desesperados. No último segundo, segurei a beirada com as pontas dos dedos.
Jack se jogou para me pegar. Ele capturou os meus pulsos bem antes de eu escorregar a pegada.
— Jesus! Peguei você!
Mal conseguia ouvi-lo. Uma buzina de estourar os tímpanos soou do teto da cabana. Um sinal daquela... armadilha?
Quando Jack me puxou de volta para o quarto, olhei para baixo. Uma malha de construção enferrujada descia pelo menos uns três metros abaixo do solo. Ele me puxou contra si, segurando a minha nuca de maneira protetora.
Não havia colchão; alguém tinha colocado uma fina camada de espuma em cima da armação da cama, e depois camuflado com um cobertor e travesseiros limpos.
— Santo Deus. — murmurei quando a buzina parou. Em meu pânico e confusão, achei que tinha ouvido lobos uivando à distância.
Ele me abraçou mais forte até eu conseguir sentir a sua respiração entrecortada.
— Eu... eu podia ter te matado.
Mais uma vez passível de discussão. Mas com certeza teria doído.
— Q-quem faria isso? — perguntei, embora soubesse. O sinal estrondoso foi como o alarme do fim do expediente em uma fábrica — ou em uma mina.
— Canibais. — Jack pegou as minhas roupas, empurrou-as para os meus braços. — Se essa armadilha é deles, virão correndo. Temos que ir, *bébé*. Rápido.

Capítulo 11

**DIA 257 D.F.
NA TERRA DOS CANIBAIS, APARENTEMENTE**

— Por que eles chamam isto de chuva torrencial — Finn meditou enquanto escalávamos no escuro como breu — ao invés de céu derramando?

A chuva desceu tão forte que golpeava nossas cabeças desde que fugimos da cabana três noites atrás.

Eu cresci na Louisiana; conhecia temporais. Nunca senti nenhuma chuva como esta. Por que desejei que ela desabasse do céu?

Finn passou uma mão enlameada pelo rosto.

— Para seu registro, lidar com malucos canibais está no topo dessa porra louca Arcana. — Ele levantou seu punho dramaticamente para o céu. — Sossegue agora!

Matthew deu um grito estridente.

— Arcana canibal!

— É, sim, obrigado por me lembrar que alguns podem ser as duas coisas.

Apesar de meia-noite ter vindo e ido, nós continuamos a fugir, arrastando-nos caminho acima, cavando na lama e na cinza que eu odiava. A água jorrava em fluxos ao redor de nossos tornozelos, ameaçando nos fazer tropeçar a cada passo. Troncos de árvore tombados à esquerda e à direita, empurrados pra baixo pelo escoamento dos rios.

Mas agora Jack estava lá pra me ajudar a atravessar.

A ameaça dos canibais nos impulsionava na noite. Até mesmo o espectro dos Saqueadores não nos motivava a correr assim. Sim, Matthew me disse que eu nunca “conheceria terror” como eu veria quando as chuvas viessem.

Nós estávamos sendo caçados por pessoas que queriam nos *comer* — nada conseguiria ser mais apavorante que isto.

Sem estrelas para nos guiar e sem sol durante o dia, nós não podíamos definir nossa posição, simplesmente continuamos indo para o Sul. Era o que esperávamos.

Depois daquela sirene que soou no nevoeiro, todos nós nos embaralhamos juntos pra fora do celeiro; inclusive no meio de nosso pânico, os outros três Arcanos notaram que Jack manteve minha mão apertada na sua. Com seu peito curvado orgulhosamente, ele anunciou:

— Evie agora está comigo.

Matthew inclinou a cabeça.

— Não-Arcano.

Finn tinha sorrido e Selenia pareceu destruída. Mas ela não disse uma palavra desde aquele momento, pareceu aceitar isto estoicamente.

Agora quando nos deparamos com uma torrente impetuosa, Jack disse.

— Ei, vamos lá. — Ele me pegou em seus braços, abraçando-me contra seu tórax enquanto marchava pela água na altura dos joelhos.

Eu estava tremendo, miserável, teria dado qualquer coisa para estar aquecida e seca.

— Nós vamos passar por isso, Evie. E só pense que neste ritmo estaremos na casa da sua avó em pouco tempo.

Agora que estávamos oficialmente juntos, a atitude de Jack mudou. Ele era muito mais feroz, até mais determinado, como se tivesse algo por que lutar. Durante três dias tivemos beijos roubados e conversas sussurradas.

Em uma ele disse solenemente a mim.

— Depois deste jogo terminar, vou reconstruir Haven pra você, *ma belle*. Você vai ver se eu não vou. — Em outra, ele admitiu. — Na piscina não foi nosso primeiro beijo. Quando voltei pra você depois do Flash e estava nocauteada na sua cama, nunca tinha visto nada como você, toda suave no sono. Eu roubei um *bec doux*. — Um beijo doce. — Eu estava indo para você, mesmo assim.

Ontem à noite acampamos por algumas horas na cabine de um velho caminhão de carga. Com Selenia de olho, Jack finalmente adormeceu comigo em seus braços. Cochilando, ele pressionou os lábios no meu cabelo, inalando. Em francês, murmurou.

— Madressilva. Inclusive agora, eu morreria um homem feliz.

Sempre que eu ficava mais assustada do que o normal, ele me provocava. Ontem ele parou atrás de mim por longos momentos.

— Eu estava falando sério sobre você não ser humana.

Só quando eu estava prestes a pegar fogo, ele disse.

— Evie, esse seu traseiro é... O traseiro! *C'est surhumain*. — É super-humano.

No outro lado do riacho, ele me deixou de pé, mas permaneceu com seus braços ao meu redor, descansando o queixo na minha cabeça.

— Vamos encontrar um lugar para nos esconder lá em cima, então continuar de onde paramos. — Sua voz era rouca, enviando calafrios por toda parte em mim.

Mesmo entre tanto sofrimento e medo, eu me vi imaginando o que teria acontecido se a cabana não fosse uma armadilha.

Alguma coisa me disse que eu não seria virgem por muito mais tempo.

— Jack, não sei q-quantos quilômetros mais aguento fazer.

— Só mais alguns subindo. Então vamos parar por uma hora ou duas.

— O-ok. — Nós nos forçamos...

A chamada dos Arcanos estava sempre em polvorosa, mas um par ficou mais alto, mesmo com a presença do Jack.

— *Vermelho de dente e garra!*

— *Vamos agora para nosso negócio sanguíneo.*

Estávamos acostumados com a voz da Força, mas não sabia a quem pertencia a segunda. Nem Selenia. Nós só sabíamos que era masculina. Em algum lugar nestas montanhas esquecidas por Deus estava um menino que poderia desejar nossas mortes. Poderia ser o Hierofante?

Eu perguntei a Matthew. Sua resposta:

— A água!

Eu tenho ouvido Morte também, sentindo sua presença quando falava diretamente comigo. Uma vez ele sussurrou sobre Jack:

— *O garoto mortal nunca te entenderá. Mas isso pode ser porque você logo vai morrer.*

Cale a boca! Estou farta de você!

Ele só ria.

Se Matthew me mandou aqueles sonhos da Morte para me ensinar mais sobre ele e o jogo, então eu sabia que precisava estudar cada detalhe. Naquela disputa há muito tempo, outros jogadores estiveram perto do canyon. Lembrei então que Força controlava os leões, mas não estava claro ainda se ela tem sido minha aliada ou inimiga. Julgamento esteve regozijando sobre minha morte iminente, circulando como um urubu? Ou esteve se preparando para atacar Morte de cima...

Um ataque de tosse me tomou. Minha respiração estava arfando tanto, eu inalei chuva.

Acima do martelar da chuva, Jack disse aos outros.

— Nós precisamos fazer uma pausa!

Apesar de meu medo de canibais, a esta altura pensei que quase preferia tomar posição de continuar correndo. Eu não podia lançar esporos venenosos neste tipo de tempo, mas um tornado de espinhos podia fazer algum dano. Se eu pudesse conseguir um.

— Nós não podemos correr mais.

— Imaginei que você diria isso já que não está nem aí pra isso! — Selenia estalou.

De repente, Finn, Selenia, Matt e eu caímos em silêncio, congelando no lugar. Uma chamada Arcana começou a ferver em nossas cabeças. Bati com minhas mãos por cima das orelhas, como se isso fosse ajudar. Então um explosivo:

— VERMELHO DE DENTE E GARRA!

Jack levantou seu arco e me puxou em um arranco para trás dele.

— Quem está aqui? — Seu olhar dardejou. Agarrei Matthew, arrastando-o pra perto.

— Força. Ela está vindo. — eu respondi. Será que ela lutaria com a gente? Ela tinha que estar sozinha — então por que ela se aproximaria de uma aliança de quatro Arcanos?

Justamente quando Selenia me flanqueou levantando seu próprio arco, uma bela menina surgiu, parecendo se materializar da chuva.

Ela parecia eurásiana, uma mistura de europeia com asiática, com olhos castanhos de corça puxados nos cantos. Uma boina folgada de motorista cobria seu cabelo preto e usava um casaco camuflado. Sardas pontilhavam sua pele pálida. Ela não poderia ter mais do que quatorze ou quinze anos.

Embora não ostentasse nenhuma arma visível, um falcão enorme estava empoleirado em um ombro — e três enormes lobos pretos a cercavam protetoramente, mostrando suas presas.

Lobos de estimação no cinema eram sempre majestosos; estes eram os mais feios que eu já tinha imaginado, com várias partes de pele faltando pedaços e cicatrizes por toda parte. Linhas com relevo riscavam seus focinhos. Um estava faltando um olho. Outro mancava.

— Declare a que veio. — Jack ordenou, apontando sua besta.

Seu *tableau* faiscou acima dela, uma menina controlando a boca escancarada de um leão. Então a imagem se foi.

Finn olhou fixamente para ela, boquiaberto. Todas as suas ilusões recentes começaram a oscilar em cima dele num fluxo, como uma resposta



involuntária para a menina. Ele ficou invisível — duas vezes — enquanto murmurava para ela.

— Nós d-dois temos símbolos do infinito em nossas cartas.

Ela franziu o cenho para ele, então disse para o grupo.

— Sou Lark. E estamos com problemas.

Capítulo 12

— Por que eu não deveria matá-la agora? — Selenia exigiu com seu arco apontado para o rosto da menina. — Por que deveríamos confiar em qualquer coisa que você tenha a dizer?

— Porque vim aqui como aliada. — ela disse. — Se me testar, estou prestes a salvar seus traseiros.

Selenia deu uma risada e esticou ainda mais a corda do arco.

Finn e eu ficamos de queixo caído com a Arqueira.

— Deixe-a falar! — Ele disse.

— Ela vem nos seguindo há dias! E agora de repente está aqui para nos ajudar?

Lark assentiu.

— É. Tinha que ter certeza que você não era psicótica como os outros Arcanos que eu vi. Além disso, você não precisou de minha ajuda antes.

— Mas vamos precisar agora? — Selenia ridicularizou.

— Vocês tem uma horda de Saqueadores para o norte e avançando rápido.

— Nós sabemos disso.

— Sabia que os batedores canibais ao leste viram vocês e estão chamando reforços agora? Unidades de quatro rodas e quadriciclos estarão vindo cheio deles. Para estas tantas pessoas saudáveis, os Dentes trarão um exército.

— Os Dentes? — Perguntei.

Finn disse.

— Você vai entender quando os vir.

Lark lançou-lhe um olhar surpreso.

— Você os conhece?

Ele acenou com a cabeça.

— Cruzei estas montanhas antes. Invisível. Eu vi... tudo.

Selenia relaxou a tensão em seu arco uma fração.

— Saqueadores ao norte, canibais a leste? E quanto ao sul e oeste?

— Um é um beco sem saída em direção à pedra pura. — Lark explicou.

— O outro se afunila em uma passagem estreita que está repleta de armadilhas. Repleto de armadilhas e ciladas.

Eu estava familiarizada com a última.

— E é rochoso. — Lark virou para mim. — Não tem muitas árvores mortas para você reavivar, Imperatriz.

Esquisito que uma estranha estava me chamando atenção para isto.

Para Selena, ela disse.

— E estará bem próximo sem um bom ponto de vista. Não é favorável para um arqueiro.

Então ela reconheceu nosso *tableaux* e sabia quem éramos, o que significava que ela conhecia o baralho, conhecia o jogo.

— Por que vocês vem deste caminho? — Lark perguntou. A chuva correu da borda do chapéu dela numa torrente. — Tem o Louco com vocês e ele os trouxe aqui? Taticamente, isto é quase tão ruim quanto parece.

— Uma pergunta melhor? — Selena disse. — Por que você *ficaria* aqui?

— Este é o meu bosque. Conheço estes brutos, conheço as montanhas e as minas. — Seu sotaque soou do sul. — Além disso, os Dentes mantêm o pior dos Arcanos longe. Mas agora eles expandiram seu território.

— Por que? Quando? — A voz de Finn subiu uma oitava mais alto. Seja o que for que ele viu causou uma impressão permanente nele.

— Recentemente. Eles estão morrendo de fome lá embaixo nas minas. Por carne fresca e três criadores, os Dentes nos caçarão até o fim da Terra.

— Criadores? — Perguntei.

Em um tom inexpressivo, ela disse.

— Canibais também precisam de amor.

Olhei para Finn. Ele parecia fascinado por Lark.

Selena olhou de relance para ele. Ela era do tipo de garota que não gostaria que seu antigo admirador desde sempre seguisse em frente?

Lark disse.

— O bom é que eles tentarão nos capturar vivos. Com ferimentos e cabeças batidas.

Finn murmurou.

— Por falta de refrigeração. — Ele se moveu para mais perto de Lark?

— Então nós fugimos. — Selena finalmente abaixou seu arco. — Vamos nos arriscar naquela passagem, se é que é tão cheia de armadilhas como você diz.

Lark coçou atrás da orelha com cicatrizes de um lobo.

— Tente correr naquele desfiladeiro na escuridão e você vai morrer.

— Por que você não está fugindo? — Selena exigiu. — Você podia ter escapado de tudo isso.

— Eu disse a você... quero uma aliança com vocês.

— Obviamente você sabe tudo sobre este jogo. — eu disse. — Mas nosso grupo está um pouco diferente. Nós não estamos planejando jogar. Não queremos matar ninguém. — Com exceção da Morte.

Os lábios de Lark se separaram, como se esta notícia fosse boa demais pra ser verdade. Sua fachada de menina dura rachou um pouco, e pensei que seus olhos castanhos ficaram marejados.

— Não matar? — Deus, ela parecia tão jovem. — Tenho estado sozinha aqui fora e quando vi Gabriel e sua equipe se aproximando da área, eu me apavorei, pensei que estava acabada com certeza.

Os ombros da Selena ficaram tensos.

— Eles estavam aqui?

Droga, eu teria esperado que eles fossem na direção oposta!

— Tão perto que Gabriel quase trombou com o meu falcão. Eles voltaram, mas percebi que minha cobertura canibal não me manteria segura



muito mais tempo. Mais cedo ou mais tarde os Arcanos vão vir atrás do Hierofante.

— Nós ouvimos seu chamado então. — eu disse. *Vamos agora aos nossos negócios sanguíneos.* — Ele está perto.

Lark assentiu.

— Descobri, já que ele está no comando dos canibais. Seu nome é Guthrie. Ele cospe todas essas coisas, distorcendo a religião. Ele escravizou a todos. É um culto, um culto de mineiros canibais. Eles guardam seus dentes para se parecerem com ele.

Não tinha pensado que conseguiriam ser mais assustadores na minha cabeça. Acabaram de conseguir.

A expressão de Selenia era desconfiada.

— Por que o Hierofante nunca teve você como alvo?

— Eu tenho bastante certeza que Guthrie não conhece o jogo. Ele ouviu meu chamado e pensa que um anjo está conversando com ele ou algo parecido.

— Qual força nos alcançará primeiro? — Jack perguntou. — Quanto tempo temos?

— Conseguirei uma estimativa em tempo real. — Ela murmurou algo para o pássaro em seu ombro. Ele abriu suas asas atrás da cabeça de Lark, saltando sobre suas pernas grossas. Tinha até um pequeno capacete de couro.

Qualquer garota que carregasse por aí uma ave de rapina com um pequeno capacete era legal no meu livro. Oh, cara, eu realmente esperava que ela não tivesse a intenção de matar a todos nós.

— Você pode ver através dos olhos do falcão?

— Ela é um falcão-gerifalte. E sim. — Num flash de penas, o falcão decolou do ombro esbelto da Lark, subindo rapidamente para o céu chuvoso. O tamanho do pássaro fundiu minha mente, sua envergadura era de pelo menos de 1,20m.

O olhar de Lark ficou branco, seus olhos começaram um clarão vermelho — a cor do olhar de um animal pego pelos faróis. Quando sua cabeça e corpo penderam para o lado como uma criança brincando de avião, percebi seus sentidos e o falcão com quem ela formou um par. Eles mudaram a direção em voo.

Novamente: *legal!*

Momentos mais tarde, Lark piscou, seus olhos clareando.

— Os saqueadores estarão aqui por volta da meia-noite. Prevejo que os Dentes se mostrarão quase ao mesmo tempo.

— Eles dois? — Em quatro horas.

Finn atravessou para os lobos. Eles rosnaram, mas ele ignorou a advertência.

— Não faça isso! — Lark gritou. — Eles vão te matar. São lobos de guerra...

Depois de hesitar, eles começaram a lambem sua mão estendida. Lark ficou de queixo caído. Um ponto para Finn.

— Estes caras viram um pouco de ação, hein? — Girando para Lark, Finn disse. — Então nossas escolhas são: ou lutar com uma horda de zumbis e um culto de canibais ou arriscar correndo em uma montanha sabotada passando dentro da escuridão?

Sua fachada de menina dura voltou ao lugar e Lark sorriu, mostrando os caninos afiados.

— Bingo. Haverá pelo menos cinco dúzias de canibais se movendo. O dobro de Saqueadores.

— Então nos posicionaremos aqui. — eu disse. Estava pronta antes. Agora não via nenhuma escolha.

Jack murmurou para mim.

— Uma palavra. — Ele me escoltava de alguma distância. — Suponho que você não vai correr comigo e dar àquela enorme pedra uma tentativa? — Quando meu olhar caiu sobre Matthew, Jack deixou escapar um palavrão. — Sempre o coo-yôn. Ele podia ter nos avisado sobre isto, podia ter nos guiado pra fora deste vale.

— Ele me disse que nos avisaria quando saíssemos do caminho correto.

— Este parece correto para você?

— Pedi a ele para usar seus poderes o mínimo possível. Esperava que isso o deixasse mais claro.

Jack acenou para Selenia se juntar a nós. Ela o fez, ainda balançando a cabeça. Matthew a seguiu. Finn se desculpou com Lark, em seguida se apressou para onde estávamos nos amontoando.

— Bem, Matthew? — Eu perguntei. — Nos dê informações privilegiadas dela.

Ele sussurrou.

— Porão.

Hein?

— Ela quer nos fazer mal?

— Bom. Ruim. Bom. Ruim. Bom. Bom. Ruim. Ruim. Bom. Ruim. Bom...

— Captei. — eu disse, interrompendo. Com um suspiro, escovei seu cabelo molhado para fora de sua sobrancelha. — Obrigado, querido. Nós vamos descobrir isso.

Jack perguntou pra gente.

— Você acha que esta *filie* está dizendo a verdade?

Olhou de Finn para Lark e de volta.

— Totalmente.

— Acho que ela é um pouco mentirosa. — Selenia poderia ter abaixado seu arco, mas manteve uma seta armada. — Não acredito em uma palavra disso.

— Sim, mas você não confia em ninguém. — eu assinalei.

— Confio em você. — ela disse me surpreendendo. — Acredito que você fará o que diz e que não mente para mim.

Franzi o cenho ao perceber. Eu tipo confiava nela também.

Selenia balançou sua cabeça pra mim.

— Você *acha* que ela está falando a verdade?

Eu não podia estar certa. Mas sabia que eu teria que arriscar — porque nós precisávamos de números. Podíamos virar este jogo, mas só se atraíssemos mais jogadores para nosso movimento.

— Acho que temos que dar um salto e confiar nela, por nenhuma outra razão que aumentar nossa aliança.

Selenia revirou os olhos.



— Tenho que olhar para o panorama geral. — expliquei. — Além do mais, o que ela diz faz sentido. Nós sabemos que os Saqueadores estão se aproximando e nós tropeçamos no alarme dos canibais. — Todo mundo estava me escutando de novo, como se eu fosse a líder. Dane-se; eu estava no controle. — Se acreditamos nestas coisas, então devemos assumir que há um desfiladeiro cheio de armadilhas. Então o próximo passo é decidir qual das opções que ela apresentou é a menos provável que nos mate.

Finn disse.

— Acho que nós devíamos ficar e usar nossos poderes. — Dando uma olhada pra mim, ele acrescentou do modo mais agradável possível. — Você poderia uh, ter dificuldade em descer um desfiladeiro rochoso?

Outro olhar de Jackson *“que porra é essa?”*.

— Preocupe-se consigo mesmo — eu a carregarei se tiver que fazer.

Deitei minha mão no tórax do Jack.

— Ele está certo. Devíamos usar nossos poderes. — E meu Modus operandi era deitar e esperar.

Ou talvez eu não quisesse arriscar uma armadilha de urso quebrando alguns de nossos ossos da perna pela metade.

— Então vamos precisar dos lobos da Lark também. — disse Finn. — Eu digo que nós devemos chamá-la.

Todos nós olhamos para ela. O falcão acabou de voltar a cair sobre seu ombro, sacudindo suas penas. Ela esfregou o nariz no seu bico.

— Você está brincando, certo? — Selena pareceu espantada. Assim como eu não confiava nela, Selena não confiava em Lark.

Mas Finn já acenava pra menina vir.

— O que você decidiu? — Lark me perguntou.

— Nós vamos lutar.

Jack exalou, soprando água da chuva.

— Então vamos ser inteligentes a respeito disso. Temos dois inimigos. Quando você consegue um par, a melhor coisa a fazer é fazê-los se enfrentarem. — Eu franzi a testa. — Foi o que nós fizemos para tirar você da prisão da milícia — nós incitamos os Saqueadores neles. Todos nós sabemos o quanto os Saqueadores são duros de derrubar. Se há o dobro de Saqueadores, os Dentes não terão nenhuma chance. Selena, deixe-me ver aquele mapa.

Ela o puxou pra fora da sua mochila, entregando-o.

Jack atirou sua besta por cima das costas.

— Lembra do último vale que nós passamos com um trecho de terreno plano? É uma zona da morte, um pesadelo tático. Difícil de sair. Se os canibais estão em caminhões, terão que dirigir por lá para chegarem o mais perto de nós possível. Então atraímos os Saqueadores para eles. Selena e eu podemos chamar sua atenção, fazê-los nos perseguir.

Jack como isca? Tinha que haver uma maneira melhor.

Selena estudou a área.

— É perfeito, mas estaríamos criando mais zumbis. — Uma mordida era contagiosa, assumindo que a vítima vivesse do ataque.

Jack deu de ombros.

— Dos males o menor. Pelo menos os Saqueadores não podem pensar.



— Eu tenho uma ideia. — eu disse. — Podemos levar os Saqueadores lá pra baixo. Eu podia fazer uma rampa de espinhos, encurralando-os.

Finn bateu um lugar no mapa.

— Eu podia fazer parecer que a montanha começa aqui, criando um funil de espinhos da Evie.

— Meus lobos podiam morder seus calcanhares, dirigindo-os pra baixo.

Jack disse.

— Selenia e eu poderíamos disparar neles ao mesmo tempo, assustando-os a seguir adiante.

Uma armadilha de espinhos, mordida de lobos, ilusões e flechas.

— Se isto funcionar, esses canibais estariam mortos e os Saqueadores beberiam deles por dias. Teríamos bastante tempo para escapar.

Jack assentiu.

— Quanto tempo levaria para ficarmos prontos?

Quanto tempo para eu sangrar o suficiente para criar um recurso de planta assim?

— Duas horas?

Em francês, Jack me falou.

— Bom. Então temos algum tempo para conversar com a garota e descobrir se alguma coisa disso que está se aproximando é verdade.

Capítulo 13

Croc.

Eu fazia careta a cada vez que os lobos gigantes da Lark mordiam um osso.

Depois de completar nossos preparativos, achamos uma caverna nas proximidades, incapaz de fazer nada além de relaxar e esperar pela batalha por vir. O falcão da Lark nos manteria atualizados sobre qualquer chegada. Uma vez que nos estabelecemos, seus lobos — Scarface, Ciclope e Devorador de homens — desapareceu durante algum tempo, voltando com ossos velhos. Uns humanos.

Enquanto Lark explicava:

— Lobos precisam comer. Cadáveres após o flash estão em abundância.

Pra me distrair, continuei olhando pra fora da minha rampa de espinhos como um pai orgulhoso.

Era uma beleza, pra ser bem sincera. Eu tinha semeado plantas suficientes para fazer duas paredes altas de três metros e meio de altura densamente emaranhada. Impenetrável. Tão brilhante e verde contra a terra escura acinzentada. Espinhos se projetavam protetoramente a cada poucas polegadas de distância.

Eu queria viver entre os caules, mas duvidava que Jack iria querer viver lá comigo.

Estava sentada com minhas costas contra seu tórax. A perda de sangue me deixou sentindo frio, mas eu estava gradualmente me aquecendo com o

calor dele e do fogo que nós construímos. Matthew estava por perto, sonolento e olhando fixamente para as chamas enquanto Selena ajustava mais de suas setas improvisadas.

Lark se sentou ombro a ombro com Finn, com os lobos espalhados atrás dela. Nós aprendemos que estes lobos de guerra tinham inteligência, ferocidade — e aparentemente apetites aumentados.

Croc. Croc.

Jack parecia estar lidando com toda essa loucura muito bem. Mais cedo, quando eu tinha enrolado a manga do meu casaco para fazer o primeiro corte na minha pele, ele ficou desconfortável.

— Você tem certeza que quer ver isto? — Eu perguntei, hesitando com minhas garras acima de um pulso.

Com os lábios apertados, ele disse.

— *Ouais*²⁰.

Eu cortei. Ele estremeceu.

— Vai se curar, Jack.

— Mas mesmo assim ainda dói, não?

Sangria sempre doía pra caraca. Eu cerrei meus dentes, a ansiedade atravessando a dor conforme eu cortava meus braços de cima abaixo. Enquanto minha pele curava, ele assistia fascinado. Eu estava tonta e gelada no momento em que acabou.

Ele esfregou meus ombros para me aquecer.

— Então era *dessa forma* que você estava fazendo comida para sua *mère*²¹.

Enquanto trabalhávamos na rampa, Selena este aferindo a área por quaisquer buracos a serem tampados. Matthew descansava debaixo de uma saliência próxima, quase escondido por um véu espesso de água. Não muito longe dali, Finn estava praticando suas ilusões com uma Lark de olhos arregalados ao seu lado.

Ouvi um pouco de sua conversa e fiquei encantada de ver que ele recuperou sua bela lábia.

— Eu não sou perfeito, Lark. — ele disse a ela gravemente. — Devido a alguns problemas de autoestima, sempre coloco pra fora no primeiro encontro. Porém, estou trabalhando nisso. Você me ajuda?

Ela riu, claramente gostando dele também. Talvez eles tiveram algum tipo conexão símbolo-do-infinito. Deu-me um tentáculo de esperança. Se eles se apaixonassem, nós teríamos outro par de Arcanos que nunca machucaria o outro. Mais um cartucho de dinamite na máquina.

Normalmente eu não estaria pensando em conexões em um momento como este. Mas estas minialianças eram fundamentais.

Agora Selena perguntou a ela.

— O que você sabe sobre o jogo, Lark?

— Você quer falar sobre particularidades na frente de um Trouxa²²? — Ela apontou seu polegar para Jack.

— Ele sabe tudo. — eu assegurei a ela. — O que você pode nos dizer?

²⁰ Ouais é sim, uma afirmação tipo “É”.

²¹ Mère é mãe.

²² Trouxa faz referência a quem não era Bruxo nos livros do Harry Potter.



— Minha família é narradora, escreve as crônicas. — ela disse, polindo suas garras. Elas não eram como as minhas espinhosas. As suas eram mais estreitas e curvas, mais alongadas como garras. Além do mais, as dela nunca desapareciam completamente.

Selena deu uma risada.

— Oh, realmente? Olha, ouvi que você conseguiu ser coroada pela primeira vez no jogo anterior. Número um. Quando você teve tempo para estabelecer uma trilha de diários antigos de séculos para descendentes da sua família?

Finn franziu o cenho.

— Menos, Selena.

— Não, está tudo bem. — a menina disse. — É verdade que sei mais sobre o jogo atual, como o que os cachorros grandes estão fazendo.

— Cachorros grandes? — Eu perguntei.

— Os jogadores com mais mordida, como você e Selena. Como Morte e Tess.

— Nós a encontramos. O que você sabe sobre ela?

Matthew murmurou.

— Cartas ruins.

— Ela é a Carta Mundo. — disse Lark. — O quinto elemento. Ela estava com Joules e Gabriel uma semana atrás. Eles devem tê-la tomado como aliada. Uma jogada inteligente da parte deles, já que ela pode muito bem controlar espaço e tempo. Um problema: o cronista da linhagem dela deixou a bola cair, então ela não entende por que levita toda vez que espirra. Se ela ficar ativada, o tempo e outras coisas correm.

Finn pareceu cativado com Lark, descansando o queixo em sua mão conforme olhava para ela.

— Como é que isto funciona?

— Não me pergunte. Não sou um doutor ou um físico quântico.

Ele e Lark riram, em seguida o sorriso dela sumiu.

— Eu não devia zombar. Ela pareceu uma menina doce. Chorou muito e roeu suas unhas até sangrarem. Não entender seus poderes deve ser uma merda.

E era. Lembrei quando estive no mesmo barco me perguntando por que as plantas respondiam a mim. Senti pena de Tess, querendo ajudá-la.

— Mas tenho certeza que Joules e Gabriel conseguirão fazê-la acelerar o jogo, se já não tiverem feito. — Lark apontou para Matthew. — O Louco tem um grande alvo nas suas costas também. Ele conhece as fraquezas e os poderes de cada um.

Matthew piscou para ela.

— Arsenais.

— E Evie? — Jack perguntou.

Lark girou para mim.

— Aqueles que entendem o jogo querem mantê-la viva para que você possa tirar Morte. Mas existem alguns quem não sabem o que é melhor. E agora que você vale um par de ícones... — Ela parou de falar, olhando para minha mão. — Bem, isso é tentador.

Dois ícones, o meu e o do Alquimista.

Jack cobriu minha mão com a dele.



— Pode ser tentador... mas não está acontecendo.

Ela deu a ele um olhar de *dãã*.

— Oi, nós somos aliados agora. — Enfiando a mão no bolso do seu casaco, ela retirou um rolo de papel laminado, entregando-o a mim.

Eu o desenrolei, encontrando escrita arcaica em um pergaminho amarelado com notas de lápis de cera.

— É uma lista de jogadores com seus títulos formais. — ela disse. — Escrevi os nomes atuais que eu conheço e atualizei os perdedores.

— *Os Jogadores* —

O Louco, o Encarregado do Antigo (Matthew)

O Mago, Mestre das Ilusões (Finneas)

A Alta Sacerdotisa, Regente do Abismo

A Imperatriz, Nossa Dama dos Espinhos (Evie)

O Imperador, Stone Overload

O Hierofante, O dos Ritos das Trevas (Guthrie)

Os Amantes, Duque & Duqueza Mais Perversos

O Carro, Campeão Malvado

Força, Senhora da Fauna (LARK!)

O Eremita, Mestre da Alquimia

Roda da Fortuna, Senhora do Destino

Justiça, A que ara (Despeito)

O Enforcado, Nosso Senhor Misterioso

Morte, O Cavaleiro Eterno

Temperança, Coletora de Pecados (Calanthe)

O Diabo, Profanador Sujo (Ogen)

A Torre, Senhor dos Raios (Joules)

A Estrela, Arcano Navegador

A Lua, Portadora da Dúvida (Selenia)

O Sol, Salve o Glorioso iluminador

Julgamento, O Arcanjo (Gabriel)

O Mundo, a que é Sobrenatural

— Onde você conseguiu isto? — Eu perguntei.

— Do lado de fora da porta da minha geladeira. Tô brincando. Como eu disse, minha família escreve crônicas. Aposto que mais jogadores morreram, mas só me atrevo a confirmar pelas chamadas. Ouvi outros clamando quando Despeito foi retirada. Foi logo no início. Entretanto, não sei quem fez isto.

— O Alquimista — pigarreei — era chamado de Arthur.

Ela inclinou a cabeça pra mim.

— Ok. Vou atualizar. — Seus olhos começaram a arder vermelhos. — Espere, nós faremos uma pausa para este anúncio de serviço público... temos cerca de duas horas até a hora do show.

Hora do show. Caiu em si que todos poderíamos morrer hoje à noite. Inferno, Morte me deu uma semana e eu já estava no fim dela. Se eu tivesse apenas mais algumas horas, queria passar algum tempo sozinha com Jack — e queria isto o bastante para deixar nosso fogo cozinhando e voltar a entrar de cabeça na tempestade.

Eu mentalmente perguntei a Matthew:

Você ficaria bem com Finn só um pouco?

— *A Imperatriz é minha amiga. Finn é meu amigo.*

Sim, nós somos. Eu voltarei logo. Vou conversar com Jackson.

— *Ele não vai gostar disso.*

Implorei para ele ver a questão com outros olhos. Eu me levantei, oferecendo minha mão à Jack enquanto murmurava.

— Você e eu deveríamos voltar a checar os perímetros. Só para ter certeza que não existe quaisquer pássaros.

Ele saltou de pé no mesmo instante agarrando minha mão e seu equipamento, e anunciando.

— Perímetros são importantes.

Tentei não notar quando Selena desviou o olhar, sua expressão aflita.

— Finn, você ficará com Matthew?

— Matto e eu somos inseparáveis. Você não ouviu?

Matthew disse.

— Ervilhas. Vagem.

Nisto, Jack apressadamente me escoltou pra fora, como se ele pensasse que eu mudaria de ideia.

Eu podia ouvir Finn rindo.

— Verificando perímetros? É assim que as crianças da Louisiana estão chamando isto nestes dias? Ei, Lark, posso verificar seu perímetro?

Jack já estava me arrastando pra dentro da noite. Eu estava tonta, fria e fraca há poucos instantes, mas quando olhei pra ele, a excitação me encheu.

Eu me senti viva...



Capítulo 14

Ele me levou passando pelas paredes de espinhos suspensas onde Matthew se abrigou antes e saltamos através daquele véu de água. Por dentro, era como estar encapsulado do mundo.

Ele sacudiu seu cabelo daquele modo que eu amava.

— Não está contente por ter ficado conosco? — Perguntei a ele num tom sarcástico.

— Nunca é chato. — Ele me puxou pra perto, fucinhando minha orelha. — Senti saudade de você, *peekôn*. Estive com você o dia inteiro, então o que vamos fazer?

Deus, senti saudade dele demais.

— Entretanto não conheço a nova menina. Tudo que estive ouvindo é como estes jogadores deveriam matar você. Mas aposto que ainda está pensando na sua nova amiga, a nova aliada, não?

— Eu? Não estou pensando na nova amiga. — Ok, eu *poderia* ter pensado na nova amiga. Ela era engraçada. Gostei de sua atitude.

— Inferno, Selenia estava pronta para te tirar do jogo sem piscar um olho. Você continuou me dizendo que não confiava nela. Agora eu sei por que.

Franzi a testa.

— Mas ela mudou. Ela mudou de ideia sobre me manter viva.

— Olha, tudo que sabemos com certeza a respeito de Lark é que consegue que esses monstros desses lobos façam o que ela quiser. Eu não confio nela. Só mantenha isso em vista, Evie. Não precisamos contar nada a ela sobre nós. Você é a melhor guardiã de segredos que eu conheço.

— Certo, tentarei aprender mais dela do que revelo.

Ele acenou com a cabeça.

— Se esta coisa descambar hoje à noite, quero que você fuja.

Acaricieei sua mandíbula com as costas dos meus dedos.

— Eu nunca deixaria você em perigo.

— Você está falando sério, não é?

— Sim. Mas se alguma coisa acontecer comigo, preciso que você cuide de Matthew.

— Não se atreva a falar assim, *bébé*. — Ele agarrou minha nuca, um movimento que era ao mesmo tempo protetor e possessivo. — Eu não vou deixar nada acontecer contigo, não.

— Bem, não vá saltando na frente das balas ou coisa parecida. Lembre-se, eu regenero.

— E se você levar um tiro na cabeça, como os Saqueadores?

— Eu me perguntei a mesma coisa. Mas acho que é com o Toque da Morte que preciso tomar cuidado.

— De qualquer forma, ele não vai te machucar. Não enquanto eu tiver fôlego no meu corpo.

Quando tremi, Jack disse.

— Vou fazer um fogo. — Ele juntou alguns galhos secos e inflamáveis, arrumando-os próximo a uma plataforma atrás no chão. Com movimentos eficientes, esfregou sua faca de caça contra uma pederneira, trazendo fogo à

vida. Enquanto crescia, tirou seu saco de dormir da mochila, deitando-o sobre aquela plataforma.

Sombras dançaram, o ar logo aquecendo. Nós nos sentamos lado a lado, esquentando nossas mãos.

O cenário, o fogo, o correr da água do lado de fora, o perigo se aproximando... Tudo era intenso, *primitivo*. E naquele momento, senti como se eu tivesse sido destinada a acabar neste lugar com este garoto.

Nós nos sentimos predestinados.

Ele abaixou o olhar para mim.

— Você sabe o que costumávamos dizer sobre meninas como você?

Balancei a cabeça.

— Você se apaixona por ela primeiro.

— Ah. — Eu choquei meu ombro no dele. — Agora vejo por que você forçou tanto para me marcar naquela noite na piscina. Tudo fica claro.

Sua expressão era séria.

— Eu queria você. Cristo, eu queria você. Mas por muito mais tempo que uma noite. Na minha cabeça, se dormíssemos juntos nós ficaríamos juntos. Eu precisava disso. Preciso disso agora.

Algumas vezes era tão aparente que ele foi criado em uma cultura diferente, uma em que um menino carregava as coisas da menina para sinalizar posse para outro *beaux*²³.

— O que dá a você essa ideia sobre mim?

— Negue isto, então.

Eu nunca tive um primeiro, muito menos fiquei com ele. Mas se Jack fosse meu, pensei que sua teoria provaria ser correta.

Ele enfiou os dedos através do seu cabelo.

— Fiquei louco quando ouvi sua mensagem para Brandon. Que você o deixaria ter você.

Soube há pouco que Jackson roubou o celular de Brandon e escutou minha mensagem.

— Essa foi uma das razões por que eu estava com tanta raiva quando você veio à minha casa aquela noite. — Jack explicou. — Sabia que você já estava perdida para mim, mas depois do que você viu lá, eu soube que você estava fora do meu alcance. Eu não agi direito.

— Isto é passado. Estou aqui com você agora. — Coloquei minha mão no seu joelho. — Como você disse, podemos retomar de onde paramos.

Seu corpo se esticou com tensão.

Mordi meu lábio.

— Só pro caso de nós de alguma maneira passarmos por esta noite, você, uh, tem proteção?

— *Ouais*, e é deste século. — ele brincou, fazendo referência a nossa malfadada primeira sessão de pegação. — Você tem certeza sobre isso? Da última vez...

Eu segurei seu rosto entre as minhas mãos.

— Nós podemos morrer hoje à noite.

Jack sorriu para mim.

— Agora espere, Evie. Você não tem que jogar essa de a última noite na Terra comigo. Estou totalmente certo.

²³ Beaux é um outro cara que esteja dando em cima. Paquerinha.

Eu sorri de volta.

— Eu também.

Adorei a piscada de descrença em seu rosto, e o modo como seu pomo de Adão foi pra cima e pra baixo quando ele registrou o que aconteceria.

Cada motivo que me impediu de fazer sexo antes foi eliminado. Eu estava em uma relação com Jack e confiava nele, então sabia que não seria descartada logo após o sexo. Antes de Jack não senti nenhuma curiosidade sobre isso ou paixão. Agora mal podia esperar para dar este passo. Um bônus: Eu amava o garoto. O que ele já sabia.

Então pinchei a língua no meu lábio inferior, e ele entendeu o recado.

Leves passadas de sua boca sobre a minha tornaram-se beijos profundos. Sem interromper o contato com os lábios, arrancamos nossos casacos, nós nos atrapalhamos pra sair de nossas botas, tiramos nossas calças jeans molhadas. Ele recuou só para agarrar a bainha da minha camisa e puxar por cima da minha cabeça.

Assim que ele removeu a dele, olhei para o seu rosário. Era como o próprio emblema de Jack, seu próprio símbolo. Então franzi o cenho para os minúsculos detalhes em torno da cruz, espiando uma rosa gravada no centro.

Rosário. Que pertence à rosa. Jack carregava uma rosa também. Novamente, aquele sentimento de predestinação me varreu.

Quando ele me deitou de costas, minhas mãos voaram para seu tórax. Com encanto absoluto comecei a conhecer aquela pele úmida, aqueles músculos ondulando, amando o modo que eles saltaram ao meu toque.

À medida que eu o explorava, ele me olhava fixamente na minha calcinha, extasiado. Meu glifos estavam brilhando por toda minha pele.

— Tenha piedade de mim, Evie. — Se inclinou para beijar o caminho sinuoso pelo meu peito, seguindo-o com os lábios. — Eles me assustaram antes. — respondeu com voz áspera contra minha pele. — Mas agora acho que são sensuais. Tudo em você é sensual. — Ele deu uma lambida em um que fez os dedões do meu pé enrolarem.

— Ei, e-eu tenho certeza que você está apenas hipnotizado. — Queria tirar o resto das minhas roupas, sentindo-me confinada pela renda úmida.

— Importa se estou? Não, não se eu gostar disso. — ele disse, arrancando sua cueca boxer.

Dei uma espiada nele e ofeguei, minha respiração ficou superficial.

Ele ainda estava sorrindo quando me beijou novamente. Logo eu estava tão irracional que mal notei quando arrancou meu sutiã — até que seu peito quente e rígido encostou no meu nu. Ele estremeceu com o contato, gemendo em nosso beijo. O peso de seu corpo sobre o meu era divino, bem-vindo. Nossos quadris começaram a balançar, moendo, buscando.

Então seus dedos indicadores engancharam na lateral da minha calcinha.

— Levante, *bébé*.

Quando ergui meus quadris, ele arrastou pra fora a última barreira entre nós. Bem, quase a última. Do bolso da calça jeans ele tirou um preservativo, rasgando o canto com os dentes. Quando começou a desenrolá-lo, eu fiquei estática. Luxúria absoluta.

Parecendo não ter consciência do meu olhar de estupefação, ele se moveu entre minhas pernas. A parte externa de suas coxas roçaram na parte

interna das minhas e então o senti duro contra mim. Minhas bochechas aqueceram, meu corpo suavizando para ele.

Mas tão logo ele se esticou em cima de mim, aquela pressão em minha cabeça aumentou.

— *O mortal não é pra você!*

Empurrei os braços de Jack.

— O que? Rápido demais? — Ele levantou em cima de mim. — Pode me dizer pra parar se você quiser, Evie. Na hora que você quiser.

— *Você não pode conhecê-lo desse modo.*

— Não, eu não quero parar. É uma das vozes. Da Morte. É como se ele estivesse na minha cabeça!

— *Ele não é pra você, criatura!* — Morte repetiu.

Por que você está fazendo isso comigo? É tão fodão que não vai permitir que a menina que você planeja assassinar tenha algum prazer em seus últimos dias?

— *Você não merece nada além de miséria!*

Jack cerrou os punhos, os músculos em seus braços ressaltados com a tensão.

— Vou matar aquele filho de uma puta só por isso.

Entre na fila. *Como diabos isto é da sua conta?*

— *Sua morte é minha, o que significa que sua vida é minha.*

Você é maluco! Nunca ouvi a Morte desse jeito. Antes ele sempre foi suavemente zombeteiro, insultando-me com minha futura morte.

Agora suas palavras estavam fervendo.

— *Estou avisando, Imperatriz! Faça isso e você pagará.*

— Evie?

— Eu quero isto, Jack! Beije-me.

Ele fez, silenciando brevemente o Ceifeiro, reacendendo minha excitação.

Mas Morte estava gritando.

— *NUNCA, CRIATURA!*

Este lugar era perfeito, um momento no tempo; devia ser só eu e Jack. Agora Morte estava arruinando isto.

— Não adianta. Ele não quer que a gente faça isto. E não entendo por que.

— Olhe pra mim, Evie. Fique comigo.

Levantei o olhar para Jack, perscrutando dentro de seus olhos. Eles estavam de um cinza tempestuoso, cheios de desejo, um desejo ardente. Inclusive vulnerabilidade.

— Ele não tem porra nenhuma a dizer agora, não é?

Quando Jack segurou meu olhar, Morte ficou quieto, o peso de sua presença escoando.

— *Sievã²⁴? Não faça isso...*

Si o que? Então ele desvaneceu.

Desvaneceu até sumir.

— Sua voz está quieta. Funcionou!

— Então vou estar olhando em seus olhos quando eu te tomar. Está me ouvindo?

²⁴ Sievã é esposa.

Acenei com a cabeça, querendo isso mais do que jamais imaginei que pudesse.

Ele colocou sua mão entre nós, foi indo pra baixo, mais baixo, imergindo seus dedos.

— Tão quente. — gemeu. — Tão perfeita. Você quer isto também. — Não era uma pergunta.

Ele começou a me tocar como eu precisava, acariciando-me. Seja o que for que ele estava fazendo me enlouqueceu ainda mais. Balancei meus quadris para seus dedos que me acariciavam, as pálpebras ficaram pesadas, mas mantive meu olhar preso ao dele.

Seus quadris balançaram também, esfregando sua dureza em mim. Meus olhos arregalaram quando ele começou a pressionar para dentro. Meus glifos ficavam sumindo e aparecendo em cima de mim cada vez mais rápido.

— Não tenha medo, *bébé*. — ele disse com uma voz rouca dando um breve beijo em meus lábios. — Vou cuidar de você. — Olhando fixamente em meus olhos, começou a cavar mais fundo. — Eu te quis por tanto tempo. — E mais fundo. — Meu Deus, mulher! — Quando ele estava todo lá dentro, um gemido estrangulado explodiu de seu peito.

Dor. Eu mal consegui abafar um estremecimento, longe de estar encantada com isto.

Com a voz rouca, ele disse.

— Você é minha agora, Evangeline. De mais ninguém.

Ele devia estar certo — porque a presença da Morte desapareceu completamente.

Jack se manteve quieto, murmurando.

— Não doa, não doa.

— Está melhorando.

— Pronta pra mais?

Eu assenti. Então me arrependi. *Dor.*

Entre dentes apertados, ele disse.

— Evie, tenho que te tocar, tenho que te beijar. Ou você não vai gostar disso. — Uma gota de suor caiu de sua testa no meu pescoço, fazendo cócegas caminho abaixo até minha clavícula.

—O-ok.

Ainda dentro de mim, ele se levantou de joelhos, seu tórax úmido flexionando. Suas mãos me cobriram, cavaram, amassaram, seus polegares esfregando. Quando comecei a arquear minhas costas pedindo mais, seu corpo se moveu. E foi...

Arrebatador.

— Jack! Sim!

Em um tom tenso, ele disse.

— Deus Todo-poderoso... estou em casa, Evangeline. — Outra punhalada me fez voar disparada. — *Finalmente* achei o lugar... que eu tinha que estar.

Ele se debruçou, depositando beijos ardentes do meu pescoço até meus seios, trazendo-me cada vez mais perto do cume que estava quase ao meu alcance.

Cada vez que ele balançava em cima de mim, sentia uma agressividade mal contida nele. Entre respirações arquejantes, eu disse.

— Não se contenha! Você não tem que fazer isso comigo. — Raspei ligeiramente minhas unhas sobre suas costas, incitando-o até que ele estava me tomando com todas as suas forças — grunhindo com necessidade enquanto eu gemia.

Prazer foi crescendo e crescendo... até que se soltou... uma felicidade malvada se apoderou de mim, e dele.

Enquanto eu gritava incontrolavelmente, ele berrou.

— *À moi*, Evangeline! — Minha.

— Sim, Jack, sim...

Então depois vieram os tremores. Um gemido final. Um último gemido.

Quando seu peso caiu pesadamente sobre mim, corri minhas mãos de cima abaixo em suas costas, querendo que ele soubesse o quanto amei isto.

Quanto eu o amava.

Ele se ergueu pelos antebraços com as bochechas coradas e as pálpebras pesadas de satisfação.

— Eu sabia que seria assim. — Sua voz estava até mais rouca. — Eu soube desde o primeiro momento que vi você. — Acariciando meu cabelo, ele começou a beijar meu rosto, pressionando os lábios no meu maxilar, minha testa, a ponta do meu nariz. — Estou em casa, Evie Greene. — ele repetiu entre beijos.

Queria que ele não parasse nunca. Ele foi um amante maravilhoso, mas o seu pós-sexo? Ele estava me adorando como se eu fosse uma deusa.

— O primeiro padre que eu achar, vou me casar com você. Está combinado, *peekôn*. — Seus beijos se tornaram cada vez mais quentes. Contra meus lábios, ele disse com voz rouca. — Como é que eu nunca posso ter o suficiente de você?

Justamente quando aquela onda retornou e eu sabia que estávamos prestes a ter uma nova rodada disso, ouvi um ofego — e compreendi que não era o meu. Eu me afastei.

— Jack?

Nós dois viramos para encontrar um lobo farejando pela cachoeira, sua cabeça a meio caminho dentro. Piscou para nós, então uivou.

Nem um segundo mais tarde, Lark chamou.

— Ei, pessoal! Vocês estão aí? Eu disse aos outros que acharia vocês. Nós estamos saindo. Não vai demorar muito agora.

Jack descansou sua testa na minha.

— Vamos continuar isso mais tarde.

— Um incentivo a mais para sobreviver a esta noite? — Para Lark, eu disse. — Fique aí mesmo.

Com um último beijo prolongado, Jack me ajudou a levantar, recolhendo nossas roupas. Enquanto nos vestíamos eu o peguei sorrindo para mim, sabia que eu estava lhe dando sorrisos idiotas. Joguei meu cartão V²⁵, e não tinha arrependimento nenhum.

De mãos dadas, caminhei com Jack até nosso ponto de vista privilegiado pré-planejado. A presença da Morte era uma lembrança. *Já vai tarde...*

Jack apertou minha mão e baixou o olhar pra mim.

— *À moi*, Evangeline.

²⁵ Cartão V se refere a Virgindade.



Eu prometi a ele:
— Sempre.

Capítulo 15

— Então três Saqueadores e um traficante de escravos entram em um bar... — Finn começou quando os lamentos ficaram mais próximos.

Estávamos à espreita em um penhasco alto acima da rampa. E estávamos invisíveis.

Selena virou sua cabeça com os cabelos chicoteando ao redor, silvando.

— Você está falando sério, Mago? Eles estão quase aqui.

A horda era como uma besta gigante lamentando e escavando montanha acima. Embora a noite fosse escura, podíamos ver seus olhos cremosos e claros como se eles brilhassem.

Selena e Jack apontaram seus arcos. Matthew e Jack estavam cada um deitado de um lado meu, Finn ao lado de Lark. Ela estava um pouco mais distante, monitorando a abordagem dos canibais pelo seu falcão.

Seus lobos se agacharam atrás da ilusão de Finn, prontos pra atacar a horda por trás.

— O que? — Finn sussurrou. — Só porque estamos prestes a ser cercados por zumbis sedentos de sangue não significa que não podemos dar risada.

Matthew fez um gesto de mão de *eureka!*

— Zomedy²⁶!

— Totalmente certo, Matto. — Finn sempre parecia um pouco surpreso pelo quanto gostava do menino.

Eu queria perguntar a Matthew sobre minha mais recente interação com Morte, mas ele pareceu preocupado antes. Agora era tarde demais.

Quando a horda começou a afunilar para a rampa como uma onda rolante, a dúvida a sobre meu plano me torturou. E se isso não desse certo? Nossa única escapatória era aquele desfiladeiro cheio de armadilhas. Se os canibais prevalecessem e perseguissem, nós teríamos que correr mais rápido que jamais imaginamos, na noite e na chuva torrencial...

A parte ruim sobre ter ideias que as pessoas escutam? A responsabilidade.

Os Saqueadores cambalearam mais perto, seu caminho decidido por eles. Prendi a respiração enquanto se aproximaram do nosso penhasco. *Continuem se movendo. Não tem nada pra ver aqui.*

No entanto, quando eles estavam diretamente abaixo de nós, pararam, farejando o ar...

Eles nos descobriram aqui no alto! Mesmo acima de seu próprio mau cheiro?

²⁶ Zomedy é Comédia Zumbi.



Mais lamentos soaram; começaram a atacar a barreira para nos alcançar. Com uma força feroz, rasgaram as sarças, mordendo-as, indiferentes quando as rebarbas rasgaram sua pele viscosa. Senti cada golpe, cada mordida.

Jack gritou.

— Fogo, Selenia!

Eles começaram a atirar, Saqueadores caindo, mas ainda mais os substituíam.

Cerrei os dentes suando, sendo detonada por preocupação. Meu cabelo ficou vermelho, meus glifos queimando brilhantes.

Jack recarregou.

— Evie, espere!

— Tá legal. — Mas o poder estava drenando de mim nesta maldita chuva. A dor reverberou por todo meu corpo como o badalar de um sino. Nós tínhamos que fazê-los querer correr. Levantei o olhar pra Lark. — Depressa com os lobos!

— Ainda não! — Seus olhos vermelhos se estreitaram, suas garras escavando na pedra, seus caninos alongando. — Os Dentes estão chegando no vale justamente agora. Ganhe cinco minutos pra nós!

Eu disse em uma voz rouca e áspera para Finn.

— Faça sua jogada da montanha!

— Vou tentar!

Só estive em combate com um adversário antes. Agora os inimigos fervilhavam. Justamente quando Jack e Selenia ficaram ambos sem flechas, nós ouvimos um som bem-vindo.

Uivos.

A maré de Saqueadores varreu adiante, impulsionados pelo abocanhar das bestas. Gritos de dor soaram. Alguns zumbis tropeçaram uma retirada, agora perdendo mãos e pés.

Vermelho de dentes e garras, os lobos da Lark arrancaram gargantas às dúzias. Quando os Saqueadores começaram a descer o vale, as presas das bestas gotejavam, seus casacos de zibelina encharcados com lodo rançoso. Isso escorria deles na chuva como uma pintura grossa.

Uma tontura como nunca conheci se apoderou de mim. Suguei respirações irregulares.

— Evie! — Jack pulou na minha direção, puxando-me contra ele.

Finn desmoronou de costas, murmurando.

— Não posso acreditar que costumava pensar que criar ilusões era melhor que sexo.

Os canibais chegaram no vale só para serem saudados pelo inferno.

Jack me ajudou a levantar. De onde estávamos inspecionamos a cena enquanto os Saqueadores carregavam os Dentes. Ouvimos homens gritando ordens. Tiros disparados. Caos. Flashes de focinhos iluminaram a noite, mas existiam muitos Saqueadores.

Era só questão de tempo.

Selenia disse.

— Puta merda, eles correram direto para os Dentes!

Apesar do meu esgotamento, não podia parar de sorrir.

— Funcionou! — Girei para abraçar Matthew. — Nós conseguimos!



Ele piscou.

— Conseguimos?

Com o rosto radiante Finn se virou para Lark, as palavras deixando sua boca num fluxo só:

— Estou viciado em você.

Ela deu a ele um meio sorriso assustado.

Quando Finn olhou fixamente para seu sorriso, ela ficou agitada, fechando a boca para cobrir seus caninos alongados. Embaraçada na frente do menino bonito.

Ela lhe lançou um olhar desolado, mas ele sorriu.

— Deixe sua bandeira arrepiante voar, gostosa.

Como se não pudesse se conter, ela sorriu de volta, mostrando as presas.

Enquanto olhava nossa aliança, o orgulho me atravessou. Nós combinamos nossos poderes e criamos uma tempestade perfeita de atos intimidantes e fodásticos. Senti em meus ossos que podíamos derrotar Morte.

Porque nós éramos impossíveis de parar. Com admiração pensei, *Nós podemos fazer qualquer coisa!*

Percebi que falei em voz alta quando todo mundo se virou para mim.

Jack, o garoto que eu amava, puxou-me mais perto, descansando o queixo em minha cabeça. Lark sorriu, dando-me um sinal de gangue de respeito. Finn pôs seu braço ao redor dela. Os ombros de Selenia se projetaram para trás.

Foi quando ouvimos o primeiro canhão.

Capítulo 16

— Que diabos? — Selenia gritou quando mais estrondos sacudiram a noite.

Então o que pareceram metralhadoras com esteroides começaram a atirar.

— Conheço esse som. — A expressão de Jackson era sombria. — É artilharia. Igual a que o Exército do Sudeste tinha. — Não havia mais homens gritando — eles gritavam de prazer, ceifando os zumbis.

Das carrocerias das caminhonetes recém-chegadas eles apontavam suas armas, suas balas perfurando os Saqueadores, gadanhas cortando feno.

Selenia estreitou os olhos para Lark.

— Não conseguiu ver que eles tinham esse tipo de armamento? — Ela prendeu o arco no peito, preparando-se para correr.

— Disse que eles tinham caminhonetes. Não sabia o que tinha nelas!

— “Essa é a minha área”. — disse Selenia, imitando a voz de Lark. — “Conheço os Dentes de cima abaixo”. Como deixou passar que eles estavam tão armados quanto a guarda nacional?



— Eles virão atrás de nós. — Jack agarrou o meu braço e começou a descer a elevação.

Minhas pernas já pareciam geleia. Estendi a mão para que Matthew a segurasse. Os outros seguiram.

Enquanto corríamos, Lark disse.

— Eles devem ter encontrado um depósito de armas semana passada ou algo do gênero. — Quando alcançamos a base, os lobos a tinham alcançado, flanqueando-a enquanto passávamos por troncos queimados.

Selena disparou.

— Ou talvez não tenha deixado passar esse detalhe — como sabemos que não está trabalhando com o Hierofante?

— Não sei se notou, Arqueira, mas meu traseiro contente está correndo junto com o seu, direto para aquele desfiladeiro. E tenho doze patas com a qual me preocupar ali.

Os troncos de árvore foram ficando escassos, o solo com mais cascalhos. À distância, disparos cresciam esporadicamente.

Motores de veículos roncaram quando os Dentes começaram a passar.

Finn olhou em volta.

— Eles estão vindo! — Nunca o vi com uma aparência tão assustada.

— Por ali. — gritou Lark, apontando para o amplo canyon.

As paredes de rocha tinham a altura de um prédio de quatro andares, a largura entre elas não era maior do que uma pista de duas faixas.

Jack parou na entrada, tocando o meu rosto.

— Cole em mim como uma sombra. — Quantas vezes ele tinha me dito isso?

— Eu regenero. Preciso entrar primeiro!

“Mas que porra?”

— Você vai ficar atrás de mim e pisar onde eu piso. O mesmo para você, *coo-yôn*. Isso não está aberto a discussão!

— Os lobos podem entrar primeiro. — disse Lark, preocupação em seus olhos.

— Eles deviam ir na frente.

Jack ergueu as sobrancelhas.

— *Mas sim!* — Claro. — Mande eles entrarem!

O trio se adiantou rapidamente. Eles eram difíceis de ver, misturados ao escuro. Jack se apressou para acompanhá-los, me arrastando atrás de si, enquanto eu puxava Matthew.

Dentro das paredes, era ainda mais escuro. O som amplificado, o barulho da chuva caindo ensurdecedor. Mal conseguia ouvir os outros atrás de nós.

Dez minutos se passaram, vinte. Até onde mais aquilo iria? *Terror na chuva, Matto?* Quando isso acabaria?

— Ahhh, minha perna!

Nós nos viramos, vimos Finn caído de costas, uma armadilha de urso presa à sua panturrilha direita. O sangue escorria.

— Finn!

Enquanto ele gritava, suas ilusões começavam a aparecer freneticamente à nossa volta — dia a noite, a encosta de montanha que ele criou.

Jack voltou correndo, ficando de joelhos, brigando com os dentes de metal. Os músculos do seu pescoço se contraíam quando ele abriu um pouco mais o bocal enferrujado, mas voltou a se fechar.

Finn gritou de novo, revirando os olhos ao desmaiar.

— Consigo cortar isso! — eu disse.

— Você e *coo-yôn* não se mexam nem a droga de um centímetro! Olhe aquela pedra, Evie! — Ele apontou com o queixo para uma pedra próxima.

Podia ver onde a armadilha estava ligada por uma corrente a um dardo ancorado. Também pude ver vários outros dardos e correntes disfarçadas que levavam a armadilhas ainda ocultas.

Estávamos cercados por elas. Selena, Lark e Matthew congelaram. Comecei a suar na chuva.

Jack usou o seu arco para abrir os dentes, finalmente libertando Finn. Então ele rodou a corrente da armadilha, jogando-a como um laço de caubói no chão entre nós dois. Uma armadilha se ativou, saltando do chão. Mais uma.

Ele se virou, fazendo o mesmo para Lark e Selena.

— Ainda pode haver mais. — ele disse ao colocar Finn no ombro. — E cuidado com os Dentes!

Tínhamos acabado de começar a andar quando começou a chover balas.

Lark gritou.

— Eles estão acima de nós, nas paredes do cânion!

— Ande logo, Evie! — Jack gritou enquanto vinha na minha direção, Finn seguro na posição de resgate dos bombeiros. Os lobos esperaram até começarmos a andar novamente.

Balas perfuraram o chão ao nosso redor, mas os homens tinham cuidado de não nos atingir.

Um dos lobos tropeçou. Imediatamente, ouvi um zumbido forte. Um tronco de árvore balançava, um aríete caindo de certa altura na direção dos lobos. Jack jogou Finn em cima de mim, derrubando eu e Matthew como dominós — bem quando o tronco atingiu um lobo.

Impacto. A criatura saiu voando em cima de nós, seu corpo enorme colidindo com Jack. Os dois foram arremessados no ar, caindo onde estávamos no chão. Eu gritei quando eles caíram, me virando para poder vê-lo.

O lobo se levantou, ileso, revelando o corpo mole de Jack, sua cabeça batida contra uma pedra. Ele estava inconsciente, sangue escorria.

Enquanto as balas continuavam a cair, eu me desembaracei de Finn e Matthew e engatinhei até Jack.

— Por favor, acorde. Oh, Deus, por favor, Jack!

Atrás de mim, Matthew estava sentado se balançando, murmurando de maneira incoerente.

— Os três, os três...

Selena correu até mim, Lark atrás dela.

— Os Dentes estão descendo o cânion atrás de nós!

Com as presas expostas, os lobos de Lark correram para atacarem. A metralhadora soou novamente. Gemidos, uivos.

Depois os lobos se calaram.

O último voltou mancando até a sua dona, caindo morto aos pés de Lark se debatendo. Ela o fitou de boca aberta. Em choque.



Selena agarrou o meu braço.

— Precisamos correr, Evie!

Correr? Jack e Finn estavam inconscientes.

— Nunca! Não vou deixá-los.

— Vai fazer com que eles morram! Nós corremos e os atraímos. — Embora os bastardos não mirassem em nós, balas ricocheteavam acima das nossas cabeças. Podemos resgatar os garotos depois, igual ao que J.D. e eu fizemos com a milícia.

O que ela dizia fazia sentido, mas eu não conseguia me convencer a deixar Jack.

— Acorde, Jack! Por favor, acorde!

Luzes brilharam nos cegando. Quando os meus olhos se ajustaram, nós estávamos cercados, canibais armados saindo de uma porta escondida no chão.

Como formigas.

Capítulo 17

O inferno era uma mina de canibais, e a sua entrada era justo como o esperado — iluminada por tochas, enevoadada, cheia de ossos.

Dez guardas nos cercavam, nos forçando a ficar juntos. Eles tinham dentes pontiagudos e pele de aparência doente. Seus corpos eram esqueléticos, de quem passava fome.

Todos tinham olhos brancos como o leite e apáticos, um sinal do feitiço do Hierofante.

Sete dos homens apontavam os rifles para Selena, Lark, Matthew e eu, mesmo que estivéssemos amarrados, sem ferramentas ou armas.

Nem Jack nem Finn tinham acordado, enchendo-me de mais pânico. Um guarda arrastava Finn pelo tornozelo. Mais dois puxavam Jack pelos braços. Matthew parecia não registrar nada disso, só continuava murmurando.

— Os três. Água. Os três.

Com pavor, percebi que o chamado do Hierofante ficava mais alto.

— Ele está aqui. — sussurrei para Selena.

Ela assentiu, os olhos um pouco arregalados.

— Só fique calma. Suas gravações estão turvas. A cada segundo que pudermos sobreviver, você se recarrega do ataque dos Saqueadores.

— Recarregar? Em uma mina? — Meu estômago revirou, meus passos falharam. Olhei por cima do ombro e vi os olhos de Lark cheios de lágrimas. Ela era nova demais para aquilo. Todos éramos novos demais. Ela tinha perdido os seus adorados lobos, e mesmo assim ainda fomos capturados.

Na entrada, o guarda que ia à frente recolheu uma tocha. Seus dentes afiados estavam pretos. Como os outros, seus olhos eram apáticos. Feridas se formavam ao redor dos seus lábios, o pus brilhando na luz do fogo. Sua boca parecia com a que se via nas fotos das fichas policiais de viciados em metanfetamina. Boca de metanfetamina.

Na longa e desagradável viagem até ali, ele havia lamentado que ele e seus homens não podiam comer um dos “garotos” na estrada; eles estavam morrendo de fome. Mas eles obedeciam ao seu chefe completamente.

Quando entramos no covil subterrâneo deles, o pânico criou raiz. Só a minha preocupação com os outros me impedia de resistir. Minhas garras vazias morriam por afundar em carne.

Nossos sequestradores nos forçaram a descer mais. Ossos e crânios humanos estavam espalhados por toda a mina. A água da chuva caía pelas paredes rochosas se juntando em torrentes nas laterais da passagem; ela espumava em cima daqueles ossos, esbarrando neles e os levando.

Oh, Deus, o mau cheiro era inimaginável — podridão, mofo, decomposição. Não conseguia respirar, como se meus pulmões estivessem se contraindo.

Selena disse.

— Calma, garota, vamos sair dessa. — Mas a cada passo além, ela começava a parecer tão apavorada quanto eu.

Mais à frente, homens cavavam canais para desviar a água. Do quê?

Boca de metanfetamina nos informou.

— Sua chegada veio no momento perfeito. Nosso estoque está bem em baixa. — *Baixa de corpos*. — Só mordiscamos uma coisinha vez ou outra.

Mordiscando? Eu estremei.

— Já estamos cansados de passar fome, sabe? Economizamos — mas não mais! Hoje vamos celebrar nossa captura com um banquete da dispensa.

Dispensa?

— Por que não comem os seus amigos que morrem? — Selena disse sem tremer uma fração de segundo.

— Nunca comeríamos um dos nossos. — ele disse, acrescentando de mau grado. — Não há carne mais dura que a de um canibal.

Todos eles riram como se essa fosse uma daquelas verdades cotidianas e lamentáveis, como se ele tivesse acabado de dizer, “A torrada sempre cai com a parte da manteiga virada para baixo”.

Quando me viu fitando os seus dentes afiados, ele bateu neles.

— É melhor para te comer, minha linda.

Os risos deles ecoaram pelas paredes.

Senti gosto de sangue, percebi que estava mordendo a parte interna da bochecha. Fiquei quase feliz por Jack estar desacordado para que não tivesse que testemunhar aquilo.

Nós entramos no que parecia o local de reunião deles, uma caverna que se dividia em mais entradas, como as divisórias de apoio de um volante. Pouquíssimas tochas na parede lutavam contra a escuridão. Rostos imundos espiavam das sombras. Alguns sorriam de excitação, exibindo aqueles dentes medonhos.

A área tinha o formato de um anfiteatro. O nível mais alto era um palco, com uma cadeira tipo trono e uma mesa de jantar manchada de sangue. No segundo nível havia mesas e bancos, o chão repleto de mais ossos. No centro da caverna havia uma depressão que parecia ter sido enchida com óleo. Mas quando vi ganchos para pendurar carne balançando do teto, percebi que o óleo na verdade era... sangue.

Olhei para as pessoas impacientemente esperando que um corpo fosse pendurado ali. Eles nem grelhavam.

Minha pele se arrepiou até a nuca.

Passamos por um lugar escavado cheio de pilhas de roupas e bolsas. Não, pilhas não, montes.

Os Dentes devem ter capturado o equivalente à população de uma cidade inteira. Dois dos guardas jogaram as nossas coisas — mochilas, armas, casacos — ali.

Selena olhava com ânsia o seu adorado arco quando eu murmurei.

— Fique de olho no Hierofante. E cuidado para não olhá-lo nos olhos ou vai acabar que nem essa gente.

Ela assentiu.

Os guardas nos dirigiram até uma daquelas entradas ramificadas, um corredor ainda mais escuro. O teto era mais baixo, o ar mais frio e mais sinistro.

O fim da entrada foi remodelado em uma cadeia com barras de ferro — e várias algemas, igual à masmorra de Arthur. Uma única tocha ardia do lado de fora, refletindo sombras oscilantes nos ocupantes das celas.

— Bem-vindos à dispensa. — Boca de metanfetamina disse enquanto ele e os seus homens nos forçavam a entrar.

Seis prisioneiros já estavam acorrentados, todos em vários estágios de inanição — e mutilação.

Eles eram “o estoque” que os Dentes vinham economizando, os que tinham mordiscado.

Os guardas começaram a nos acorrentar na cela, em qualquer lugar que houvesse um par livre de algemas.

Eu quis lutar. *Precisava*. Há um furor na batalha. A Imperatriz não era acorrentada!

Como se Selena pudesse ouvir o que eu pensava, murmurou.

— Essa não é a hora, Evie.

Ela tinha razão. Havia muita gente naquela pequena área. Ainda que conseguisse dispersar os esporos, poderia matar todos. Se rasgasse os guardas com as minhas garras vazias, os outros homens viriam antes que pudesse impedi-los. Jack e Finn continuavam inconscientes, incapazes de correr...

Finn não poderia, mesmo se acordasse.

Por essas razões eu esperaria, mas também porque a minha estratégia dominante havia acabado de mudar. Nesse jogo eu planejava matar Morte — e o Hierofante. Minhas garras coçavam com o pensamento, meu veneno começando a se renovar. Só precisava encontrá-lo.

Tinha um pressentimento de que ele logo apareceria para ver as suas presas, mas não enquanto estivéssemos presos.

Boca de metanfetamina acorrentou Selena ele mesmo, dizendo.

— As melhores cabeças que já vi. — Saliva formava bolhas em seus lábios feridos. — Não se preocupe — não estará nos ganchos por muito, muito tempo.

Matthew fitava o nada quando foi acorrentado. Ele havia desligado, e considerando as nossas circunstâncias, eu não o culpava.

Jack acordou assim que as algemas em seus pulsos se fecharam. Com sangue escorrendo pelo rosto, ele tentou pular no guarda, que riu.

Quando Jack e eu trocamos um olhar, tentei não revelar o quanto estava nervosa.

Os homens devem ter considerado Lark e eu ameaças menores; fomos as únicas com algemas em um só tornozelo.

Eles achavam que éramos garotas indefesas. Eu podia ter rido. *Pior erro de suas vidas.*

Quando os guardas saíram, Boca de metanfetamina apontou para o prisioneiro mais perto de mim.

— Você vai para os ganchos assim que reunirmos a manada.

O prisioneiro gemeu com a novidade. Vestido em farrapos, ele não tinha membros, apenas partes cauterizadas que gotejavam onde suas pernas e braços deveriam estar.

— Vejo você em dez minutos. — Enquanto eles voltavam ao salão, as risadas dos guardas ecoavam pela mina.

Quase vomitei, mas me segurei.

O homem condenado estava em choque, com febre, seus olhos vidrados. Entre lábios rachados, murmurou.

— De-dez minutos, então.

Os outros prisioneiros murmuraram frases de simpatia para ele — porque estava prestes a ser devorado. Eles o chamaram de Tad.

Jack disse com os dentes cerrados.

— Evie, eles machucaram você?

Sacudi a cabeça.

— Finn é quem está pior. — Os buracos enormes e ensanguentados na perna das calça dele revelavam a pele perfurada. Mas não achava que o osso tivesse quebrado. Com certeza logo acordaria.

— Vamos sair daqui. Não se preocupe.

Tad voltou aqueles olhos desesperados — para mim.

— Por favor, me ajude. Consegue me alcançar? Eles não vão gastar uma bala antes.

Finn tinha dito que os canibais se alimentavam dos vivos. Não achava que realmente acreditei naquilo até aquela noite. Uma vez vi um cervo sendo limpo, estripado. Ted passar por aquilo consciente...

Mas como poderia ajudá-lo?

— Nós vamos fugir. Só aguente firme. — Aguentar firme? Mordi o lábio. Estúpido, Evie, ele não tem nem braços!

Selena revirou os olhos para mim, e eu merecia coisa pior.

— Finn, acorde! — Com as suas ilusões, nós poderíamos escapar. Ele nos tornaria invisíveis. Os guardas abririam a porta da cela, não veriam ninguém dentro, e correriam para nos recapturar. Eu usaria as minhas garras para cortar as correntes. Nós sairíamos dali.

Finn nem se mexeu.

— Não há como fugir. — um dos outros prisioneiros disse, a única mulher, uma senhora de meia-idade com olhos fundos, vestida em um vestido reto surrado. Um pedaço quadrado de pele faltava nas suas duas coxas.

Tad me implorou.

— Me mate. Me asfixie.

— Evie, fique onde está! — Jack ordenou. — Não pode ajudá-lo.

la ficar sentada e deixar que um homem fosse devorado vivo? No porão de Arthur, percebi que tinha o poder para lutar contra o mal, que poderia ajudar os outros. Tudo que tinha que fazer era me adaptar.

Imaginei quantos estavam acorrentados mundo afora.

Com essa ideia em mente, toquei a minha algema e usei uma garra para abri-la, ganhando um severo:

— Droga, *fille*.

A fechadura abriu com um clique, assustando os outros prisioneiros.

— Pare com isso, garota!

— Eles virão mais rápido, e não há como lutar com eles.

— Tad já morreu mesmo.

— Eles vão nos açoitar por isso!

Selena disparou.

— Eles vão matar cada um de nós — ou coisa pior — e estão preocupados com um açoite? Devem estar resignados com o destino que terão aqui, mas eu não!

Para mim, ela disse.

— Vá com tudo, Evie. Seus glifos estão ficando mais fortes. Solte todos nós que iremos lutar.

Jack sacudiu a cabeça.

— Não dê ouvidos a ela. Fique sentada aí e finja que está acorrentada. Não vamos a lugar algum sem Finn, e ele deve acordar em breve. Se aqueles guardas voltarem e a virem solta, podem levar você ao invés dele!

Eu vacilei.

— *Bébé*, não podemos ajudar todo mundo. Seja esperta. — Em francês, ele acrescentou. — Esse homem nunca irá sobreviver, mesmo se o libertarmos.

Em uma voz desolada, Tad disse.

— Os outros tem ra-razão. Não há como lutar com os Dentes. Não que eu fosse de grande ajuda nisso. Eles trazem ainda mais guardas quando saem em colheita. Mais de uma dúzia deles.

Deus, eu queria lutar.

Tad agora chorava.

— Mas você podia... colocaria a mão... na minha boca e nariz? Por favor. Não posso te machucar nem te impedir. Estaria à sua mercê.

Olhei para Jack. Ele sacudiu a cabeça com firmeza.

— Precisa parecer que está acorrentada.

O que quer que tenha visto em minha expressão fez com que ele cuspisse um xingamento, depois murmurasse.

— Depressa.

Lark disse.

— Posso dizer quando estiverem vindo.

— Como?

Os olhos dela começaram a ficar vermelhos.

— Eles tem alguns ratos que sobreviveram aqui embaixo. Acabei de mandá-los para a área central.

Fui até Tad, levantando a cabeça dele no colo, chocada que ele pesasse tão pouco.

— Vou fazer com que melhore. — Eu soava tão certa, enquanto por dentro estava horrorizada, não tinha ideia de como iria fazer aquilo.

Lágrimas se juntaram quando as minhas inscrições começaram a brilhar e a se mover, minhas emoções abastecendo o meu arsenal. Outros na cela ofegaram em choque, mas Tad me olhou impressionado, como se eu fosse um salvador.

Justo antes de me abaixar, murmurei.

— Um beijo de despedida, então?

— Abençoada seja. — o homem sussurrou, fechando os olhos. — Anjo.

Minhas lágrimas caíram no rosto dele quando os nossos lábios se encontraram. Meu veneno se derramou nele.

Sem nem um espasmo, ele parou de respirar para sempre. Inundada de pesar, eu me levantei, uma ideia nebulosa se formando.

Jack franziu a testa.

— Saia daí, agora!

Eu assenti, ainda assim aquela ideia continuava insistindo que eu lhe desse crédito. Que plano maligno, pensei, envergonhada de sequer considerá-lo.

Mas como lidar de forma melhor com gente ruim?

— Tenho uma ideia. — Meu cabelo tinha mudado de cor, minhas garras afiadas. Os prisioneiros ficaram em um silêncio petrificado.

Matthew finalmente falou.

— Arsenal. — Ele estava me dizendo que o usasse.

Jack pareceu alarmado.

— O que está pensando? Fale comigo!

Levantei as minhas garras gotejantes.

A expressão de Lark clareou quando ela compreendeu.

— Veneno.

Selena assentiu lentamente, admiração em seus olhos.

— Nota dez, porra. Faça!

Jack repetiu.

— Rápido!

— Sinto muito. — eu disse ao afundar minhas garras na lateral do corpo de Tad. Como uma cobra, injetei o meu veneno nos músculos do seu peitoral, pescoço, o que sobrou dos seus ombros. Para disfarçar as marcas, eu as juntei até que ficassem parecidas com cortes.

Silêncio caiu sobre a cela. Ninguém ousava falar. Os prisioneiros estavam apavorados comigo. Nenhuma novidade.

Lark disse.

— E agora?

Eu havia injetado tanto que me enfraqueci a ponto da exaustão. Meus dedos pareciam estar dormentes há anos. Com a visão turva, sussurrei.

— Agora esperamos. — Eu acabei de profanar um corpo e não conseguia dizer se estava envergonhada. Ou orgulhosa.

Ficar de pé estava além do meu limite, então comecei a engatinhar de volta à minha corrente.

— Estão vindo, Evie! — Lark chiou. — E estão trazendo *e/e*...

Capítulo 18

“TRATEMOS DE NOSSO ASSUNTO SANGRENTO”.

Eu havia acabado de voltar a prender a algema do meu tornozelo, pressionando-a no chão, quando a jaula grunhiu ao abrir.

Eles realmente traziam uma dúzia de guardas — bem como o Hierofante.

Ele estava de pé, a silhueta marcada pela luz da tocha. Tinha anéis dourados e grossos em cada um dos dedos, mas nenhum ícone nas mãos. Usava um poncho preto. Com o capuz baixo, parecia um roupão. Parecendo não ter mais que dezoito, dezenove anos, ele tinha o cabelo escuro com o rosto empanturrado, olhos como contas e bochechas vermelhas e febris.

Seu *tableu* apareceu em cima dele, uma imagem de um homem com uma túnica erguendo a mão direita bem alto com dois dedos levantados, abençoando os seus seguidores.

O Hierofante deu um sorriso característico de avô para os prisioneiros mais antigos — com dentes irregulares e odiosos — depois se concentrou em mim.

No meu *tableau*. Seus olhos encontraram os meus.

— Mas que belezinha. — Sua voz era bem entoada, agradável.

Diferente dos seus homens, ele não tinha sotaque discernível.

— Posso ver que os espíritos também a cercam.

Não olhe para ele, não olhe para ele.

— Você é doentio. Tudo isso é doentio.

Não olhe.

— Eu sou bem sadio, obrigado. — ele disse, compelindo meu olhar em sua direção, não importava o quanto eu resistia. Levantei os olhos e vi que ele havia começado a suar. Estava tentando me enfeitiçar, e como com a maioria dos Arcanos, usar os seus poderes era desgastante.

— Meu nome é Guthrie, e esse é o meu povo. Você e eu estamos destinados a nos encontrar, pois ouvi sua voz em minhas visões.

Meu chamado Arcano.

— Gostaria de repartir o pão conosco, criança? Comungar conosco?

Tive que pensar em sua pergunta antes de conseguir responder com nervosismo.

— Nun-nunca!

Se eu enfeitiçasse alguém, isso poderia me comprar um segundo para usar algum elemento do meu arsenal. Ainda assim o olhar encantador daquele homem dominaria como uma doença, sem soltar até que morresse.

A menos que me fizesse comer.

Se eu “partilhasse o pão” com ele, se cometesse aquele ato monstruoso, então estaria condenada para sempre. Seu controle perduraria mesmo depois que ele morresse...

— Qual é o seu nome?

Não diga nada!

— Evie. — respondi, franzindo o cenho para mim mesma. Ele era tão mais forte do que eu! Mesmo quando me ordenei a não olhar, mesmo quando ouvi Selenia e Jack me incitando a não fazê-lo, voltei a levantar os olhos.

Os olhos de contas de Guthrie tinham ficado completamente brancos. Porque ele estava usando o seu poder?

Que olhos intrigantes. Não conseguia desviar os olhos.

— Sinto força em você. — ele me disse. — E singularidade. Mas não há necessidade de individualidade aqui. Na nossa comunidade somos todos iguais.

— Individualidade não é ruim. — eu disse, mas soou como uma pergunta.

Ele sorriu.

— É desnecessária. Mas cuidaremos disso para você, pequena. Quando ficar com fome, quero que chame os meus guardas. — Talvez devesse chamá-los quando sentisse fome. — Eles a levarão até a minha mesa, para sentar à minha direita. — À direita de Guthrie. — Temos codorna, porco e bife — mais comida do que já viu em dias, pela sua aparência. O cardápio é ótimo, como o de um banquete antigo, cheio da boa e velha animação. Tudo o que tem a fazer é tomar a decisão de vir até mim. E depois escolher comer.

— Escolher comer. — repeti.

— Evangeline! — Jack falou entre os dentes. — Saia desse transe!

— Do que? — Tudo que eu ia fazer era chamar os guardas quando sentisse fome. Não estava com fome agora, contudo. Meu estômago estava cheio de nós.

— Por que os olhos dela estão ficando nebulosos? — Jack exigiu saber, suas palavras cheias de pânico.

O Hierofante sorriu para mim.

— Evie, você vai gostar daqui. — Eu sabia que iria.

— Eventualmente seus amigos também gostarão. Depois que eu jantar e descansar, voltaremos para convertê-los. Estamos todos cercados pelos espíritos.

Ele tinha tanta certeza disso que devia ser verdade.

— Fique calma, relaxe. E saiba que tudo de bom irá te acontecer. — Com uma piscada, o Hierofante se foi.

Eu afundei de volta à parede, confusa por ter estado tão disposta a fugir dali.

Boca de metanfetamina olhou com raiva na direção de Tad.

— Ele morreu? Filho da puta! Sabia que não tinha muito tempo.

Ele estalou os dedos, e um dos guardas colocou Tad debaixo do braço, carregando-o como se ele fosse uma mala.

— Rápido antes que a carne esfrie. Vamos, depressa com isso.

Ao sair, o último guarda bateu em Jack com a coronha do rifle.

— É falta de educação interromper o chefe.

Jack caiu para trás, a cabeça rolando como se visse o teto girar. Mas, para ser justa, ele não deveria ter interrompido o Hierofante.

Matthew começou a se contorcer, tentando bater os punhos na cabeça.

Eu me virei para ele.

— Relaxe, querido. Tudo de bom irá te acontecer.

— Água! — ele gritou. — Água, água, ÁGUA!



— Ok, querido. Eu trago um pouco assim que sair daqui. Só preciso ficar com fome primeiro.

Com esforço, Jack esticou a perna e chutou a de Matthew.

— Calma, coo-yôn. — ele disse de modo fraco.

— Precisamos de você concentrado.

Para a minha surpresa, Matthew se acalmou.

Seu ataque tinha despertado Finn. Devagar, o garoto abriu os olhos e sentou, fazendo careta ao ver o dano à sua perna.

— Assumo que eles nos pegaram?

— Já estava na hora de acordar. — O rosto de Lark estava marcado de alívio.

Finn olhou em volta da cela.

— Jesus. Há quanto tempo estou apagado? — ele perguntou, soando como um condenado.

Eu não entendia o seu alarde. Todos íamos gostar dali.

— Algumas horas. — disse Lark. — Estamos bolando uma fuga. Só um probleminha: a única pessoa que poderia nos libertar destas algemas parece uma florzinha feliz logo ali. A piada foi intencional.

Eu acenei para eles. Quando sentiria fome?

— Os olhos dela estão enevoados? — perguntou Finn.

Selena assentiu.

— Se ele fizer com que coma, ela ficará assim para sempre. Mesmo se o matarmos, não haverá como salvá-la disso.

Como se isso fosse algo ruim?

Finn disse.

— Fugas são a minha especialidade. Só me dê uma chance de aliviar um pouco essa dor para que eu possa me concentrar. Droga, é só comigo ou esta cela está girando?

Jack murmurou.

— Não é só com você...

O tempo passou. Todos estavam muito assustados para conversar, não relaxavam como deveriam. Finalmente senti a primeira pontada de fome.

— Guardas. — chamei com empolgação. — Estou com fome. — Comecei a trançar o meu cabelo molhado, querendo ficar um pouco apresentável para uma grande ceia. — Guardas! — Jack estava praguejando, dizendo pra mim em francês para calar o bico.

Apertei os lábios.

— Você devia relaxar, Jack.

Boca de metanfetamina voltou à dispensa, seu queixo por alguma razão ensanguentado. Ele palitava os dentes afiados com uma unha de dedo mindinho.

Jack ficou tenso contra as algemas, os músculos contraídos debaixo da camiseta.

— Se a machucar, eu mato você! — Sangue escorria dos seus punhos. — Eu juro por Deus que arranco as suas tripas!

Boca de metanfetamina o ignorou e se abaixou para soltar a minha algema.

Eu admiti.

— Usei as minhas garras para abri-la. Desculpe.

Ele simplesmente revirou os olhos: tá, certo. Com uma pegada brusca no meu braço direito, me levou para fora da cela.

Enquanto trancava o portão atrás de nós, Jack continuava a berrar, debatendo-se contra aquelas correntes.

Assim que alcançamos a caverna, pisquei pela diferença que estava agora. A área parecia exatamente como Guthrie a descrevera: um salão de banquete antigo. Homens e mulheres exaltados bebiam de enormes canecas e comiam com entusiasmo a carne de porco, codorna e bife. Guthrie comia sozinho em uma plataforma, acima dos demais.

E ele queria que eu me juntasse a ele naquele lugar de honra.

Boca de metanfetamina me levou pelos degraus, ossos se esmagando sob os meus pés — provavelmente sobras atiradas aos cães, como era o hábito dos Vikings.

Guthrie me recepcionou, oferecendo-me a cadeira ao seu lado. Quando sentei, ele piscou para mim.

— Você tem cheiro de flores.

— Me dizem muito isso. É porque sou a Imperatriz.

Ele parecia encantado.

— Oh? De quê?

— Das cartas do Tarô.

Sua expressão amável vacilou.

— Você parece exausta. Deveria comer. O que gostaria primeiro?

— Codorna. — Aquilo era sangue na mesa? Não, não. Salões de banquete não tinham mesas ensanguentadas.

Enquanto eu esperava ser servida, Guthrie beijou a minha mão com suavidade; Jack gritou à distância.

— Porra, garota, não coma NADA! — Ele devia estar com inveja por eu estar prestes a ganhar uma refeição completa.

Mas quando Boca de Metanfetamina voltou com um prato de metal de acampamento cheio de sangue, eu franzi a testa. Ele sorriu para mim, estourando as feridas do seu lábio. Pus escorreu pelo seu queixo ensanguentado, gotejando no prato.

Não senti mais fome.

— A coxa de codorna não está do seu agrado? — Guthrie me olhava com intensidade. — Está com tanta fome.

Estava morrendo de fome! Como se eu fosse recusar assim comida grátis.

Não encontrando talheres, peguei a codorna com a mão. Não estava muito quente e parecia mais esponjosa do que o normal. Ainda assim, inclinei para dar uma mordida...

De repente, ouvi a voz persuasiva da Morte: *Pergunte a ela sobre o jogo, Guthrie.*

Quando Guthrie me viu enrijecer, ele disse.

— Também ouviu isso? A voz dele frequentemente preenche minha mente — já faz meses! Ele é o demônio?

Eu bufei com irritação, soltando minha codorna e fazendo o prato balançar.



— Não, essa é outra carta completamente diferente. Está ouvindo Morte. Porque ele sempre se intromete quando estou me divertindo. Hoje mais cedo, eu estava com Jack em uma caverna e...

— Quem é Morte? — interrompeu Guthrie. — Por que posso ouvi-lo? Que jogo é esse de que ele fala? Responda!

Olhei com pesar para a minha codorna, mas obedeci a ordem de Guthrie.

— Morte é um dos Arcanos, um grupo de vinte e dois garotos e garotas que foram escolhidos para jogarem um jogo de vida ou morte, todos com poderes especiais. Nós somos imortalizados em cartas de Tarô e etc. e tal. Você é um de nós — o Hierofante. Pode fazer lavagens cerebrais nas pessoas. — Eu baixei a voz em um tom confidencial. — Sei que acha que vê espíritos, mas na realidade é a imagem das nossas cartas que aparecem sobre nós. Você ouve os nossos chamados quando estamos por perto.

— Por que eu deveria acreditar nisso?

— Ouviu um garoto murmurando “Louco como uma raposa”, não ouviu? E uma garota dizendo “Contemplem a Portadora da Dúvida”.

Ele abriu os lábios. Os seus eram rachados e quase tão feios quantos os de Boca de metanfetamina.

— Como pode saber dessas coisas?

— Você pode querer cultivar algumas das nossas crenças comuns. Um ajustezinho aqui e acolá? — Fiz uma careta quando perguntei. — Acabei de ultrapassar os limites, não foi? — *Mas que modo de insultar o nosso líder, Eves.*

— E-eu não entendo. — Pela primeira vez, ouvi incerteza na voz melódica de Guthrie. — Quem começou o jogo? Por que eu fui escolhido?

Eu pus o cotovelo na mesa molhada — alguém tinha derramado ketchup ou algo do tipo? — e me ajeitei para soltar tudo.

— Oh, Guthrie. Por onde começo?

— Pelo começo. Mas primeiro, quero que dê uma mordida. — Ele mostrou o seu sorriso pontiagudo.

Morte sussurrou em nossas mentes: *Não vai querer saber quem ela assassinou semana passada? Essa criatura cortou um homem em dois.*

Guthrie fechou a cara, mas não conseguiu resistir a dizer.

— Do que ele está falando? Uma pessoa como você jamais poderia ferir outra de tal maneira.

Quando voltei a abaixar o meu jantar, mentalmente gritei para Morte: *Deixe-nos em paz!*

Lutando para me recompor, disse.

— É uma história terrível, mas se quer mesmo saber... — Então comecei a contar sobre Arthur. Durante o relato, a pele de Guthrie foi ficando mais pálida e seu rosto começou a pingar de suor.

Eu não tinha ideia de que era uma contadora de histórias tão boa!

Uma vaga recordação reclamou minha atenção de algo de ruim que eu poderia ter feito a ele, mas estava presa demais respondendo às suas perguntas para saber do que se tratava.

De repente ele segurou a mesa com força, as unhas se enterrando na madeira, dando um grunhido de dor. Ouvi mais grunhidos nas mesas mais abaixo, depois gritos desesperados. Por toda a caverna, pessoas começaram a



cair no chão tendo convulsões, rasgando as gargantas com as unhas como se não conseguissem respirar.

Guthrie pulou em pé, balançando por inteiro quando voltou seu olhar para mim.

— O que você... forjou?

Meus olhos se arregalaram.

— Oh, Deus, meu veneno! Não conhecia você quando fiz isso! Não tinha ideia do que você viria a ser para mim!

Com um ofego estrangulado, ele caiu de costas, como se tivessem chutado suas pernas. Corri para ficar ao seu lado, cheia de culpa. Lá embaixo cadeiras batiam, mesas viravam. Homens adultos gritavam.

Acima do pandemônio, consegui ouvir Jack berrar o meu nome e o som de correntes se batendo.

— Existem... mais de nós. — Guthrie disse entre os dentes. — Clãs inteiros. Exploradores, seguidores... por toda a área. Eles sentirão a minha morte... seguirão a minha última ordem.

— Você não pode morrer!

O caos já começava a passar, os corpos agonizando abaixo ficando cada vez mais silenciosos.

Com os olhos enevoados como os dos seus seguidores, Guthrie gritou.

— Me vinguem! Matem esta garota! Ela é tudo de mais asqueroso, de mais impuro! — Suas palavras retumbaram pela caverna.

Eu era asquerosa? Se Guthrie dizia, então devia ser verdade. Não sabia que era um monstro? Jack não foi capaz de me aceitar até ter ouvido tudo sobre os meus medos e provações, até achar que poderia me ajudar com o meu problema.

Quando a vida deixou o corpo de Guthrie, os gritos passaram. Suas últimas palavras para mim:

— Você... apodrecerá... no inferno... por isso.

— Espere, me desculpe... — Caí de bunda no chão, cheia de pânico.

Por que exatamente estava me desculpando com um canibal assassino? Eu me pus de pé, o olhar preso em meu prato, na "codorna" no centro. Carne humana foi cortada em cubos como um pedaço de lasanha, só que as camadas eram de pele, gordura e músculo.

Estive a centímetros de colocar aquilo na boca! Porque sofri... uma lavagem cerebral?

Outra vez, tinha outra pessoa controlando os meus pensamentos! Quase comi um pedaço de Tad. Quase me tornei uma escrava do Hierofante.

Fúria ferveu dentro de mim.

— O que forjei, Guthrie? — Analisei o anfiteatro cheio de corpos. — Forjei a sua ruína.

As costas da minha mão formigaram quando apareceu uma marca. Ao lado do ícone do Alquimista havia uma minúscula representação de dois dedos levantados. O símbolo do Hierofante.

Eu o destruí e estava contente. *Mate todos eles. O calor da batalha.* Enquanto sorria olhando para o meu par de ícones, senti vontade de possuir mais. Havia mais quatro Arcanos naquela mina, acorrentados e indefesos.

Não! Controle isso, Evie! Não era assim que aquela noite terminaria. Meu próximo passo seria libertar todos. Com pés vacilantes, me apressei até a dispensa, descendo correndo os degraus, desviando de corpos retorcidos...

Uma mão agarrou meu tornozelo. Boca de metanfetamina. Ele ainda segurava um pedaço de carne na outra mão.

— Você é impura. Precisa morrer! — ele disparou ante do seu corpo relaxar, sua bexiga esvaziar.

Tirei os seus dedos de mim, depois correi a toda na direção da cela. No portão, encontrei Jack ainda lutando contra as correntes. Quando ele me viu, disse quase sem voz.

— Evangeline, você... voltou?

— Voltei. — Usei minhas garras para abrir a trava da porta, depois soltei Jack. Ele me puxou para os braços me apertando até doer.

— Você apagou o Hierofante! — Selena parecia jubilosa. — Tirou ele do jogo, Imperatriz.

Possivelmente a primeira vez que ela se referiu a mim desse modo.

— Agora vamos dar o fora daqui.

— Está bem, Jack? — Estendi a mão para tocar a cabeça dele com cuidado. — Um galo enorme, hein? Isso não devia ser um bom sinal?

— Está preocupada com a minha cabeça? Eu nem sabia o que diabos faziam com você lá fora!

Jack estava ficando cada vez mais alerta.

— Liberte os outros, *filie*. Os guardas podem voltar logo. Só porque Guthrie está morto não quer dizer que os outros vão sair correndo. Eles ficam presos a ele mesmo depois da morte, certo?

— Sim. — Os olhos de Boca de metanfetamina estavam enovoados, a última ordem de Guthrie no topo de seus pensamentos...

Assim que abri as algemas de todos, ajudei os outros prisioneiros a se levantar, enquanto Selena e Lark levantavam Finn. Com os olhos arregalados, Matthew se arrastou para perto de mim, mas ele estava aguentando firme.

Nós saímos como um grupo grande, Jack na frente.

— Precisamos pegar as nossas coisas, nossos arcos. Sabe onde eles colocaram?

Assenti.

— Bem à frente tem um ponto de junção. Vai ver pilhas de suprimentos.

Quando chegamos à caverna central, todos congelaram diante da carnificina: Os restos pavorosos de Tad e o trabalho do meu veneno. Corpos com olhos que não viam, rostos congelados em agonia. Boca de metanfetamina com carne ensanguentada presa à mão.

Jack recuou me puxando para o peito.

— Não olhe, *bébé*. Vou pegar as nossas coisas. Pegar seu casaco. Tudo vai ficar bem, só vire de costas. — Ele me pegou pelos ombros e me virou como seu eu fosse uma garotinha.

Entendi a sua preocupação. Agora que o furor havia passado, eu não queria ver. Mas compreendia que havia matado dezenas. Disse a mim mesma que eles eram assassinos que jamais retornariam ao normal.

Talvez ajudasse.

— Selena, uma mãozinha. — disse Jack, correndo para recuperar as nossas coisas. Ela e Lark encostaram Finn contra uma parede; depois Selena correu atrás de Jack.

— Procure a menor jaqueta de camuflagem — gritou Lark —, é minha!

Os outros prisioneiros murmuravam, parecendo igualmente desconfortáveis com a perspectiva de perderem a nossa proteção — e de ficarem perto de mim.

Jack e Selena voltaram logo depois de distribuírem uma pilha de coisas. Eles também pegaram duas lanternas, flechas, uma tocha, e um tecido com uma aparência limpa para fazer uma atadura.

Enquanto Lark envolvia a panturrilha de Finn, Jack me ajudou a vestir o casaco, a colocar a mochila nos ombros, aquecendo os meus braços. Mas ele garantiu que eu não visse a caverna principal.

— Agora, para que lado vamos? Não tenho ideia de onde estamos.

Lark atou a atadura de Finn com força, fazendo uma careta quando ele fez.

— Vamos pela montanha. — Ela colocou o seu casaco de camuflagem, checando os bolsos.

— Não é o caminho. — a prisioneira mulher disse, mancando. — Conhecemos essas minas, vivemos aqui a vida inteira.

— Se forem pela entrada principal, arriscarão dar de cara com mais Dentes. — disse Lark. Para nós, ela explicou. — O meu caminho nos leva ao outro lado da montanha em poucas horas. Estavam indo para o sul? Isso poupará dias de escaladas.

Escaladas?

— Finn jamais conseguiria nesta condição. — ela acrescentou, basicamente cimentando a minha decisão. Os seus dois ratos correram até ela então, assustando os prisioneiros.

Até eu me sentia esquisita quando os roedores subiam nela como se fosse um playground, prendendo-se às costas do seu casaco com suas patinhas minúsculas, estilo bebês gambás.

Finn deu um sorriso, como se achasse aquilo adorável.

Com isso, os locais começaram a sair, mas a mulher se demorou para dizer.

— Vamos nos reabastecer, depois sairemos pela frente. Se entrarem mais na mina, irão para o lado errado. — Ela seguiu os outros.

Eu me virei para Matthew, estendendo a mão para tirar o cabelo de sua testa.

— O que acha, coração?

As sobrancelhas dele se juntaram, os olhos brilharam. Suas pupilas pareciam dilatadas de choque.

— Há um, há dois, há três.

— Eu não entendo. Quer dizer, três direções? — Perguntei, mas ele só fez piscar os olhos.

Quando Selena passou um dos braços de Finn por cima dos ombros, ele disse.

— Vamos logo. — Lark ia na frente.

Selena o olhou com raiva.

— Por que não seguir os locais?



— Conheço este lugar. — insistiu Lark. — Vou nos economizar dias.

Eu me virei para Jack. Se confiássemos nela agora e ela nos traísse, estaríamos fechando a nossa aliança. Sem uma aliança forte, estaríamos mortos de qualquer forma.

Em francês, ele disse de malgrado.

— Nos separar dessa gente é provavelmente o melhor que fazemos.

Pelo bem ou pelo mal, seguimos Lark.

Capítulo 19

No início do outro turno, Jack tentou passar a tocha para Lark, mas ela tinha dito.

— Visão noturna, cara. — Então ela adentrou mais a montanha, com aqueles dois ratos presos às suas costas.

Se ela estava angustiada com a morte dos seus lobos ou pelo sumiço do seu falcão, tinha um baita rosto de quem joga pôquer. Estávamos vendo a determinação obsessiva da Carta Força?

Jack, Matthew e eu estávamos bem atrás dela, Selena ajudando Finn atrás de nós.

Lark parecia saber por aonde ia. Em curta tempo, fez vários desvios, confundindo-me. Mas ela parecia confiante.

Mesmo tão debaixo da terra, a água caía do teto, fazendo a tocha de Jack chiar. Como de costume, estávamos ensopados, congelando. Eu continuava exausta por ter gasto tanto veneno, escorando em Jack por apoio.

Eu me preocupava com a sua cabeça, com a perna de Finn e com o olhar assombrado de Matthew. O garoto estava apertando a minha mão com tanta força que achei que os ossos poderiam quebrar. Mesmo assim não disse uma palavra para que parasse.

Faria tudo o que fosse preciso para que ele conseguisse suportar aquela noite.

— Pegue sua lanterna. — Jack disse a Selena. A sua tocha estava se apagando. Não demoraria muito para que apagasse completamente.

E Finn estava fraco demais para conjurar uma lanterna.

Lark podia ser capaz ver no escuro, mas nenhum do resto de nós conseguia. E ali embaixo, a escuridão seria extrema.

— Finn, está bem? — Perguntei por cima do ombro.

— Minhas pernas doem pra caramba, mas vou viver. A propósito, odeio aquele filho da puta! Guthrie faz o resto do culto parecer criancinhas, hã?

Selena disse.

— Use o verbo no passado.

— É, acordar na cela dele foi como levar um copo de mijo frio na cara. Obrigado por acabar com ele, Eves.

— Ah, claro.

Tínhamos acabado de fazer outra curva quando achei que senti o chão se movendo debaixo dos meus pés.

— Sentiu isso?

Jack sacudiu a cabeça. Mas para Lark, ele perguntou.

— Quanto falta?

Eu sabia que isso devia estar apavorando ele tanto quanto me apavorava. Nós dois nascemos e crescemos na Louisiana — não havia exatamente muitas minas na terra da cana-de-açúcar. Nós bem que poderíamos estar no topo dos Alpes. Ou na lua.

— Não muito. — ela respondeu.

Um dos ratos nas costas dela estava me olhando? Sinistro.

— Vamos chegar num lugar baixo, então vamos começar a subir. Veremos luz logo depois.



Quando outro tremor ocorreu, murmurei.

— Jack...

Ele exalou o ar com brusquidão.

— Eu senti.

Justo então, toda a passagem tremeu.

Tivemos que nos equilibrar. Seixos, areia e água caíram sobre nós.

Assim que a tocha de Jack chiou morrendo, ele e Selenia se apressaram em ligar as lanternas, as luzes refletindo em uma piscina d'água mais à frente. Tínhamos chegado no ponto baixo.

Um problema: estava coberto de água.

E a água subia rápido, correndo como um rio.

— Isso é novidade. — disse Lark em um tom casual. — Vamos ter que atravessar. Que profundidade acham que tem?

Jack me passou a sua lanterna, apertou o meu ombro, e então caminhou até a beira. Sem hesitação, ele entrou na água na altura do joelho, depois da cintura; ele afundou abruptamente. Bem quando estava prestes a ir atrás dele, apareceu e nadou de volta para onde estávamos.

Nas luzes fracas das lanternas o seu rosto normalmente bronzeado parecia pálido, seus membros enrijecidos enquanto saía da água. O quanto aquela água era fria?

— Há uma depressão. E é bem funda. Vamos ter que nadar.

Com suas palavras, Matthew arregalou os olhos, esmagando a minha mão.

— ÁGUA!

Claro que ele sentia pavor depois de quase se afogar no seu porão.

Era por isso que Matthew andava tão pensativo — ele sabia que isso estaria em nosso futuro. Então, por que não nos avisou logo?

— Nadar, Jack? E quanto a Matthew e Finn? Talvez possamos voltar por onde viemos?

— Se fizermos isso, ficaremos sem luz. — ele disse. As lanternas já estavam com a luz fraca. — E estamos perto. Sente essa brisa? — Ele apontou para a expansão negra à nossa frente. — Temos que estar perto da saída.

Finn disse.

— Não parem por minha causa. Prefiro bem mais nadar do que escalar. Outro tremor sacudiu toda a passagem.

O que pareciam pedras enormes caíram a certa distância, explodindo no chão.

— Posso ajudar Finn a atravessar — disse Selenia —, mas precisamos nos apressar. Mais tremores desses e vamos ficar presos aqui embaixo. Olhem as pilastras do teto. — Ela apontou com a lanterna.

Pedaços maciços de madeira se dobravam com o peso das rochas, curvados como o esqueleto de um barco.

Sons sinistros de madeira estalando ecoaram.

Rapidamente, a água começou a subir de forma mais acelerada. Navegar no escuro?

— ÁGUA. ÁGUA! — Matthew estava histérico. Eu mesma já estava quase assim, meu coração martelando.

Jack passou as articulações dos dedos na minha bochecha. Sua pele estava surpreendentemente fria.



— Me escute, *bébé*, é igual a uma piscina. Você era um terror na piscina, *non*? Assim que atravessar, *coo-yôn* vai gritar para lhe seguir.

Matthew sofreu um trauma há poucas semanas atrás. Agora esperávamos que ele nadasse em uma mina escura que se enchia de água?

Lark disse.

— Olhem, eu vou primeiro.

Ela entrou na água, mergulhando em um arco como um golfinho. Seus ratos se desalojaram, nadando atrás dela. Quando ela apareceu a certa distância, eu a vi cortando a água — até desaparecer na escuridão.

Momentos depois, ela gritou.

— Estou aqui. Do outro lado. Bocejando.

Até a sua voz que ecoava conduzia sua impaciência. Ela fazia parecer tão fácil.

Virei para Matthew, tirando a mão da dele.

— Vou atrás de Lark. Depois você e Jack nadarão atrás de mim.

— NÃÃÃO! — ele berrou, o som ferindo os meus ouvidos.

— *Coo-yôn*, me escute. Não é longe. Que tal eu nadar com Evie e depois vir te buscar? — Ficarei do seu lado o tempo inteiro.

Matthew agarrou os meus ombros.

— Morrer! Morrer! Morte!

Com um murmúrio.

— Foda-se isso. — Selena colocou Finn numa posição sentada e correu para inspecionar o caminho que percorremos.

Jack tentou tirar Matthew de cima de mim.

— Estamos ficando sem tempo, garoto!

— Não, Imperatriz! — Matthew se debateu, acidentalmente me socando no rosto.

Minha mandíbula girou. Eu cambaleei, tontura e outro tremor de terra quase me derrubando no chão.

— Tudo bem, querido, fique calmo.

Selena voltou.

— Estamos bloqueados. As pilastras caíram, estão parecendo palitos de dente. Só há um modo de sair daqui agora.

— Fique calmo, *coo-yôn*!

Os braços compridos de Matthew batiam em Jack, surrando-o. Ele parecia um homem se afogando em terra firme.

— Desculpe por isso, garoto. — Jack puxou o braço e socou Matthew no rosto.

Matthew foi jogado para trás, exibiu uma expressão magoada e desmaiou.

— Jack!

Ele pegou Matthew antes que este caísse, e o deitou no chão.

— Não temos tempo! Vou com você primeiro.

— Não, você precisa ficar com Matthew! Garanta que ele chegue ao outro lado. Eu ficarei bem. Como você disse, eu sou um te-terror na piscina.

— De jeito nenhum, Evie. — Ele enroscou o dedo debaixo do meu queixo, levantando o meu rosto.

— Fique com ele, Jack. Por favor!



— Vamos nadar juntos, Matthew também. — Ele depositou um beijo breve em meus lábios, depois estendeu a mão para pegar a minha mochila. Eu desviei. — Posso levar. Já tem muito o que carregar.

Depois de uma pausa, ele assentiu.

— Então, entre logo, *bébé*. Você consegue.

Ele se voltou para Selena.

— Está com Finn?

Ela o ajudou a levantar.

— Estamos bem atrás de vocês, J.D.

Eu me apressei, o choque da água gelada me atingindo como uma nevasca repentina. Quando o chão sumiu, eu nadei, assustada com o peso das minhas roupas e da minha mochila.

Mirei a lanterna na margem, vi Jack arrastando Matthew para a água. Depois de colocar o garoto nas costas, Jack prendeu um braço em volta do peito de Matthew e começou a nadar atrás de mim.

— Não olhe para trás e não espere por mim! Só vá logo para o outro lado.

Com os dentes batendo, comecei a atravessar, segurando a lanterna com uma mão.

Mais à frente, a água era mais forte, ondas batiam em mim. A temperatura baixa entorpeceu os meus membros, mas fui capaz de avançar.

Jack me seguia com determinação.

Os tremores continuaram, pedras caindo. Uma do tamanho de uma bola de softbol caiu bem na minha cabeça. Dor explodiu e quase perdi a consciência. *Vou me curar, continue nadando!* Engoli água e tossi.

A minha sacudia com mais força do que nunca. Rochas começaram a chover do teto, pilstras de madeira perfurando a água.

— Jack! — gritei.

— Continue, Evie.

Uma extremidade inteira da montanha caiu atrás de mim com tanta força que a repercussão foi como um soco no meu estômago. Uma onda surgiu, me levando para o outro lado. Me senti como se não pesasse nada por um momento...

— Ahhh! — Caí em uma área mais rasa, a força me lançando mais à frente. O chão era uma tábua de lavar roupa de brita e pedras esfolando o meu rosto.

Acima da minha respiração entrecortada e tosses, ouvi Jack gritar do que parecia milhas de distância. A onda deve ter jogado ele e Matthew em outra direção. Os tremores continuavam a roncar. Tão tonta.

Espere, onde estava Lark?

FAREI UM BANQUETE COM OS SEUS OSSOS!

O chamado de Ogen. Perto. Em pânico, tentei levantar; meu braço estava dobrado em um ângulo esquisito. Quebrado? Caí de cara no chão.

Selena gritou.

— Evie, eles estão aqui! Cuidado! — Para Finn, ela disparou. — Ilumine tudo agora, Mago, ou ela vai morrer!

Com um grito, Finn atirou um raio de luz da costa oposta, iluminando a passagem na minha frente...

Morte.

Ele estava bem ali, apavorante com sua armadura negra completa. Eu me retraí, sabendo que aqueles eram os meus últimos momentos de vida. O seu *tableau* — o Anjo da Morte a cavalo empunhando uma foice — parecia bem menos aterrorizante do que sua verdadeira aparência.

Selena atirou uma leva de flechas, uma após a outra, o que deve ter custado toda a sua aljava.

Ele se desviou delas como se fossem mosquitos.

— Venha comigo, Imperatriz, se quiser que eles vivam. — ele disse, seus olhos estrelados brilhantes por trás do seu visor.

— Ogen está sacudindo a montanha, entende? — O Demônio estava provocando os tremores? — Se eu não impedi-lo, esta mina irá desmoronar.

Olhei por cima do ombro. Jack havia acabado de avistar Morte por dentre os detritos e jorros de água.

— Nããão! — ele berrou, tentando desesperadamente me alcançar enquanto mantinha a cabeça de Matthew acima da água.

Em um tom entediado, Morte disse.

— Mais cedo ou mais tarde, o mortal deixará que o Louco se afogue. Qualquer coisa para salvá-la.

Eu soluzei.

— O q-que quer? — Atrás de Morte, podia ver a luz enevoadada do amanhecer entrando na passagem. Estávamos tão perto. Ele já havia assassinado Lark?

— Venha comigo. — Ele ofereceu a sua mão enluvada. — E os meus aliados e eu deixaremos que os seus... amigos cumpram os seus destinos. Aceite minha mão e juro que eles não serão mortos.

Jack estava se aproximando.

— Evie, droga, não ouse!

Olhei nos olhos atormentados de Jack. Pedras caíam como mísseis por todo lugar à sua volta. Ele ainda estava nadando, mas tinha que perceber que jamais chegaria até onde eu estava a tempo. Quando uma rocha quase levou ele e Matthew para o fundo, sabia que precisava terminar com aquilo.

Mesmo se isso significasse o fim para mim.

— Faça a escolha. — disse Morte. — Curve-se à minha vontade. O que não sacrificaria para que eles vivessem?

Meu braço direito estava quebrado. Eu não tinha veneno, nenhum arsenal. Não importava. Com o meu outro braço, estendi a mão para Morte.

Mesmo com o rugido dos tremores, achei que ouvi Jack murmurar.

— *Bébé?* — Depois, mais alto: — Não faça isso!

Eu ofeguei.

— Cui-cuide dele, Jack.

Morte me puxou para si, colocando-me em seus braços. Lutei com toda força que ainda tinha, hiperventilando, tentando cravar as garras em sua armadura, nem mesmo chegando a arranhá-la.

Morte apenas riu. Quando ele se virou para caminhar na direção da luz, Jack deu um grito agonizante.

A última flecha de Selena acertou Morte bem nas costas de sua armadura, reduzindo a flecha a farpas.

— Evie! EVIE! — Os berros de Jack ficaram mais fracos conforme a luz aumentava. — Vou atrás de você! Sabe que irei!



Nós saímos da montanha para sermos recepcionados por uma chuva torrencial. Até mesmo o dia tempestuoso me cegou por um momento.

A náusea ardeu quando Morte me carregou até o seu corcel branco e de olhos vermelhos. Estava tremendo incontrolavelmente mesmo antes de ver a apavorante gadanha do Anjo da Morte em um suporte lateral da cela.

Comigo presa com firmeza nos braços, ele montou. Por que não me matar, simplesmente?

— O-o que fez com Lark... ? — Parei de falar, piscando com incredulidade.

Lark, aquela vadia, estava em um cavalo ao lado do da Morte. E ela era toda sorrisos.

Gritei.

— Co-como pôde?

— Você confia demais, Evie. — A garota ajustou o seu chapéu de condutor. — E agora me olha como se fosse culpa minha tirar vantagem da sua fraqueza? — O seu falcão havia retornado para ela; estava empoleirado em seu ombro, comendo um dos ratos.

Os mesmos três lobos a rodeavam. Voltaram dos mortos? *Familiars*.

Mais ao lado estava o monstruoso Ogen, seu corpo gigante com mais de quatro metros. Seu torso mosqueado estava nu. Calças enormes e surradas estavam presas com um cinto em sua cintura.

Como Morte, o seu *tableau* — um homem-bode ogro levando escravos acorrentados — era menos assustador do que sua real aparência.

Seus chifres de tamanhos diferentes eram retorcidos e saíam de sua cabeça disforme. O que deveria ser o branco dos seus olhos era vermelho e cheio de vasos grossos e amarelo-esverdeados, suas pupilas negras eram verticais. Com um sorriso grotesco, ele bateu os punhos corpulentos com ainda mais força na montanha, sacudindo-a.

— Não! — Gritei, batendo na armadura de Morte. Ogen derrubaria a mina inteira! — Jurou que os deixaria em paz! Jurou.

Morte virou a sua montaria.

— Manterei as promessas que faço a você tão bem quanto as que fez a mim.

— O-o que isso quer dizer? — Minha voz soava tão distante.

A exaustão me dominava, mas lutei para continuar consciente.

— Isso não parece familiar, criatura? Você ferida em meus braços enquanto eu cavalgo. Nossa história se repete.

Quando ele retirou a sua luva cheia de espinhos, lágrimas se acumularam e depois escorreram dos meus olhos.

Eu tentei me libertar, o esforço quase me fazendo desmaiar mais rápido.

— Não me toque!

Os seus dedos roçaram a minha bochecha, sua pele ardendo quente contra a minha. Ele estremeceu do leve toque; me preparei para a dor que viria. Acabou, então.

Meus olhos reviraram.



*A mão de Morte se aproximou mais do meu rosto. Mais...
Contato. Este é meu fim. Sua pele é surpreendentemente quente.
Minhas pálpebras se fecham. Vagamente consciente, espero sentir mais dor.
O coração bate, bate, bate.
Abro os olhos.
Não sinto nada a não ser a agonia contínua de sua espada. Com o
cenho franzido, ele tira a sua outra luva, depositando as duas mãos em meu
rosto, depois correndo as palmas pelos meus braços. Seus olhos estrelados
brilham ainda mais; como se em resposta, minhas inscrições estremecem,
despertando.
Com a voz rouca, ele diz.
— Nenhum dos outros sobreviveu ao meu toque. Nenhum. — Ele
acaricia minhas bochechas, meu pescoço, meus lábios.
Quando foi a última vez que ele tocou uma pessoa durante todo aquele
tempo?
Pressinto algo perverso começar a ferver dentro dele.
Com um olhar cheio de desejo, ele se inclina para colocar os lábios nos
meus, ensanguentados. Estou chocada demais para reagir. Seu beijo é
ardente, mas incerto, como se nunca tivesse beijado antes.
Assim que ele recua, lambe o sangue dos lábios e grunhe.
— Tão doce.
— E-eu não entendo. — Sou imune a ele?
— Eu sou Morte e você é Vida. Você foi feita somente para mim. — Ele
agarra o punho da espada, arrancando-a do meu corpo. Enquanto grito de dor,
ele me segura com o outro braço. — Irá se curar. — Em voz baixa, diz. —
Precisa se curar.
Aninhando-me no peito, ele monta o seu corcel.
— Eu a protegerei e você me perdoará por isso. Tratarei bem de você.
— Me-me liberte.
— Nunca, criatura. — Ele me olha. O homem mais belo que já vi. —
Nunca a libertarei.
— Para onde está me levando?
Ele franze a testa, como se a resposta devesse ser óbvia.
— Para a minha cama, Imperatriz.*

Capítulo 20

DIA 258 D.F. EM ALGUM LUGAR DO SUDESTE

Quando acordei ainda estava em um cavalo, ainda nos braços da Morte.
Como em meu sonho/lembança.
Mas desta vez, estava montada na sela com as costas na sua frente,
minha bochecha descansando em sua armadura. Ao invés de areias desérticas
ardentes, andávamos sob uma chuva torrencial.

Por quanto tempo fiquei inconsciente? Meu braço quebrado estava curado?

Aquele sonho com Morte emergiu na minha presente realidade. Ele podia tocar na minha pele! Eu era a única que ele podia tocar sem matar.

E se sentiu atraído por mim.

Não desta vez. Meus pulsos estavam tão atados que nem mesmo eu poderia libertá-los com as garras.

A certo ponto ele deve ter retirado a minha capa e mochila, me deixando com a calça e uma camisa de mangas curtas. Para me manter fraco e com frio?

— Ela desperta. — a Morte entoou atrás de mim.

Enrijei me endireitando na sela. Sua voz fez com que outras lembranças retornassem à minha consciência. Oh, Deus. Ogen tinha esmurrado a lateral da montanha ainda com mais força depois que saímos dela. Estávamos a segundos de morrer ali embaixo antes de... como Jack e Matthew poderiam ter sobrevivido a outra onda de tremores? Se a mina tivesse desabado...

Matthew, por favor, me responda!

Nada. Talvez eles estivessem presos. Ou apenas adormecidos.

Coração, preciso saber se está bem! POR FAVOR, FALE COMIGO!

Silêncio me respondeu. E um vazio, como se a presença reconfortante que sentia desde antes do Flash tivesse sido desraigada de mim. Até a presença da Morte em minha mente estava completamente ausente.

Porque não existia mais um ramal de comando? Se Matthew tivesse... morrido, então Jack também teria.

Selena e Finn também?

— Vo-você os matou.

— Como sempre faço. — Morte disse em um tom divertido. — Ogen esmagou aquela montanha como um castelo de areia.

Com pesar me inundando, fitei as luvas cheias de estacas da Morte. Em uma voz que mal reconheci, disse.

— Está com os seus ícones?

— Aparentemente era o mais próximo deles. Ganhar ícones dessa forma não é tão gratificante quanto uma morte direta, mas fazemos o que podemos.

Fúria começou a superar o meu pesar. Com cada palavra provocadora que ele dizia, eu ardia mais, temperamento em brasa. Minhas garras começaram a afiar. Eu rasgaria a pele marcada da Morte e a arrancaria de suas mãos — ou o mataria e as pegaria para mim.

Morte murmurou.

— Tente recorrer a seus poderes — um aço frio entrou em contato com o meu pescoço — e cravarei esta lâmina em sua têmpora. Mantereí você assim, morta-viva, incapaz de se mover. Ou de morrer.

— Afunde a lâmina! — Ogen chiou da nossa esquerda. Embora em uma forma mais humana, ele ainda ostentava aquelas feições monstruosas. Seus cascos labutavam pela lama; um dos seus chifres negros era maior que o outro. Quando ele desviou um tanque de retenção de água da chuva com uma expressão cautelosa, pareceu mais jovem. Talvez uns quinze anos.

Do nosso lado direito, Lark esporeava o seu cavalo para acompanhar nosso passo.

— Deveria fazer com que fosse bem demorado, chefe. — ela disse a Morte. — Atormente-a um pouco. Vai ter que esperar séculos pela próxima oportunidade de arrancar o couro dela.

Mesmo naquele clima, Lark parecia arrumada e confortável em seu casaco camuflado.

— Fazer com que sofra será muito melhor — confie em mim.

Olhei para a vadiazinha com raiva, prometendo vingança. Eu a culpava tanto quanto aqueles outros dois. Até mais.

Com a voz rouca, perguntei à Morte.

— Por que não me mata agora?

Ele sussurrou em meu ouvido.

— Porque uma parte de você quer que eu faça isso.

Arrepios irromperam pela minha pele ensopada. Eu quis negar suas palavras, mas não sabia se podia. Nos últimos nove meses, perdi todo mundo. Meu namorado de escola, minha melhor amiga Mel. Minha mãe.

Agora, mais quatro pessoas tinham entrado em minha vida por um período de tempo tão curto e haviam falecido tão cedo. O garoto que amava... morto.

— Mate-a AGORA! — As presas de Ogen gotejavam saliva, seus olhos cheios de veias enlameadas. — Um banquete dos seus ossos! Agora, agora!

Morte disparou algo para o Demônio em alguma língua estrangeira, e Ogen se calou como um cachorro obediente.

Os ventos fortes nos esmurravam, fazendo a chuva cair de lado, mas estava atordoada demais para perceber.

Hipotermia? Meus pensamentos estavam tão entorpecidos quanto o meu corpo.

Meus amigos estavam mortos. Jack estava morto. O que eu tinha pelo qual viver?

Vingança.

Quando chegamos a um monte que estava coberto com bancos de lama escorregadia, Morte embainhou a espada, passou um braço em volta de mim e esporeou sua montaria. O garanhão parecia galopar sem sair do lugar até ganhar impulso, finalmente saltando a extremidade e aterrissando em uma rua pavimentada. Ogen e Lark seguiram.

Assim que estávamos em solo plano, disse a Morte.

— Me tire deste cavalo. — Meus dentes batiam.

— Silêncio.

— Me coloque no chão! Me coloque no chão! — Me debati contra ele, assustando seu corcel. — NO CHÃO! — Berrei.

— Posso ser prestativo. — Morte me pegou e descartou pela lateral do seu garanhão. Minhas pernas devem ter ficado dormentes na sela; elas não conseguiam suportar o meu peso. Eu cambaleei alguns metros antes de cair na sarjeta. Incapaz de me segurar rápido o bastante com as mãos atadas, esmaguei a testa no meio-fio.

Dor queimou minha pele cortada. Sangue correu pelo meu rosto, pingando do meu queixo e mandíbula. Do mesmo modo que fez no celeiro, quando descobri que podia dar vida às plantas.

Ogen riu da minha queda. Lark murmurou.

— Idiota.

Ping, ping, ping.

Fraca demais para me mover, fiquei naquela posição, de joelhos na sarjeta, com o rosto plantado onde estava, como se o meio-fio fosse meu travesseiro. Com as costas para os três, observei a água correr ao meu redor, escorrendo para uma abertura próxima.

— Levante-se. — disse Lark. — Pare de enrolar.

Nós não tínhamos passado por um tanque de contenção fazia poucos minutos? Um com árvores tostadas e juncos mortos em volta? Meu sangue provavelmente corria na direção daquele tanque no momento.

— Mais canibais estão vindo, Evie. — Lark bufou com impaciência. — Eles estão bem atrás de nós porque você é “impura” ou coisa assim. Certamente somos melhores do que eles.

Não. Não, você não é. Os canibais pelo menos são leais aos seus. Lark era uma traidora de duas caras.

Por sua causa, meu Jack e meu Matthew tinham morrido de maneira horrível.

Aquela brasa de fúria ardia em um fogo incontrolável, tão quente que quase não percebi um formigamento elétrico e revelador em minha pele. Algo próximo ganhava vida, tentando me alcançar. Levantando-se dos mortos.

Segundos depois, detectei troncos de árvores criando corpo com vida, novos galhos se formando.

Sangrando, ajoelhada como uma vítima, eu sorri. Porque estava prestes a matar aquele trio. Meu exército silenciosamente alcançava o céu, percorrendo o redor daquela costa enlameada, rastejando para surpreender aqueles Arcanos pelas costas. Eu mostraria a eles o que era impureza.

Não havia razão para subjugar o calor da batalha agora. Eu me entregaria a ele.

Para lutar, precisava me libertar. As algemas em volta dos meus pulsos estavam soldadas, impedindo-me de abrir o metal com uma garra. Se eu conseguisse passar uma mão por aquele círculo apertado...

Lutei para tentar libertar a minha mão menor, a esquerda, mas meu polegar atrapalhava. O calor da batalha era como uma coisa crescente dentro de mim. Sabia o que a bruxa ruiva faria naquela situação.

Com o ódio me escaldando por dentro, olhei para o meu polegar.

Sem pena.

Não podia alcançar o metal, mas podia alcançar a minha carne. Não sabia quanto tempo demoraria para que regenerasse, nem me importava.

Com um tom leve de inquietação na voz, Morte ordenou.

— Imperatriz, erga-se.

Oh, estou prestes a me erguer. A Imperatriz não era engaiolada nem encoleirada — ou capturada.

Mordendo o interior da bochecha, usei a garra do meu indicador direito para cortar a metade do meu polegar esquerdo. Um nervo gritou, a dor vertiginosa, mas a raiva embotou o choque do que eu estava fazendo.

Sangue jorrou na água corrente. Mais combustível para o meu fogo crescente.

O corcel da Morte bateu os cascos na rua, pressentindo a ameaça. Os lobos de Lark uivaram e levantaram os focinhos para cheirarem o ar. Eles não sentiam o cheiro de nada fora do comum.



Morte comandou.

— Erga-se, Imperatriz, ou Fauna enviará seus *familiars* para uma ou duas mordidas. — Eu o ouvi desmontar, suas esporas girando.

Com outra passada e um grito contido, amputei meu polegar. Pelo canto do olho vi a água levá-lo embora. Minha mutilada mão esquerda saiu da algema com facilidade. A algema direita não era páreo para as minhas garras.

Livre.

Eu era uma marionete, e o ódio era quem mexia os pauzinhos. Finalmente, estava pronta para me levantar.

Capítulo 21

Eu me virei para eles, meu rosto uma máscara de sangue, meu cabelo avermelhado chicoteando ao vento.

Os olhos de Morte brilhavam intensamente por trás da grade de seu elmo pouco antes dele dar meia volta, puxando suas espadas.

Uma parede verde assassina levantou-se acima dele como um tsunami. Ele esticou sua cabeça cada vez mais pra cima.

Eu comandeí a onda se avolumando para quebrar acima desta represa para inundar todos eles. Com um grito, Morte arrancou suas espadas num piscar de olhos. Mas ele ainda não era meu foco — eu tinha um plano para ele. Tentei ignorar a dor quando ele saiu cortando por meu batalhão.

Lark incitou seus lobos pra mim. Se me pegassem me rasgariam em pedaços, como fizeram com aqueles Saqueadores. *Minhas* pernas se quebrariam sob suas presas. Antes de poderem me alcançar, as videiras arrebataram suas patas, prendendo as bestas de cabeça pra baixo. Choramingos, uivos. Eles não podiam ser mortos até que eu abatesse Lark.

Tudo a seu tempo.

Ogen berrou saltando para mim; um cipreste desabou sobre ele. Preso, esmurrou o tronco com punhos como bigornas. A agonia atormentou meu corpo. Então eu o castiguei derrubando uma árvore ainda maior. Seu grito foi interrompido. Outra árvore, e outra. Para combater sua força, enviei caules com espinhos envenenados para travá-lo e matá-lo. Só para ter certeza, mandei as raízes sugá-lo pra dentro da terra, dando-lhe uma chave inglesa.

Outras plantas estavam trabalhando em uma tarefa mais insidiosa...

Com os olhos arregalados de horror, Lark abandonou seus lobos, batendo em retirada. Minhas videiras a agarraram, suspendendo-a de cabeça para baixo também, como o Enforcado. Enquanto ela oscilava e gritava, fiz um gesto para ser trazida para mais perto, até que nossos rostos estavam a centímetros de distância.

— Você é pior do que eles. — murmurei, inclinando minha cabeça para ela. — Nós confiamos em você.

— Espere, Evie! Por favor! — Seus olhos estavam apavorados. Como Joules ficou.

Eu apreciei tanto isto.

— Você vai morrer de uma maneira pra lá de ruim.

Senti que havia pouco daquela lagoa de retenção à esquerda, a superfície substituída por uma cama de plantas se retorcendo. Videiras e vertentes de água cheia de lodo. Acenei com minha mão e Lark foi enviada pelo ar, gritando enquanto navegava diretamente para aquele pântano verde se contorcendo.

Preso lá. Um ninho de serpentes. Um pesadelo.

Uma videira veio por trás dela como uma víbora, mergulhando para espetá-la. Ela torceu e rolou, esquivando-se. Mais uma vez a videira a atingiu. Ela escapou, mas estava ficando mais lenta.

— Não há nenhuma vergonha em se render. — eu disse a ela, como a última Imperatriz uma vez assegurou às suas vítimas.

Morte cortou através do batalhão que eu tinha enviado para o seu caminho e agora estava vindo atrás de mim. Tudo conforme o planejado.

Observei-o se aproximando, preparando-se para cortar minha cabeça. Ódio, ódio fervendo. No meio deste frenesi, outra lembrança de voz da minha avó flutuou na minha cabeça: *Você se assemelha a Deméter, uma deusa com quem não se devia cruzar. Quando alguém roubou sua filha, ela estava tão enfurecida que se recusou a deixar as colheitas crescerem, fazendo o mundo inteiro passar fome. Evie, há uma crueldade em você que eu devo nutrir...*

Flanqueada por espinhos protetores, gritei com uma ira divina e o mundo inteiro pareceu tremer.

Gritei por Jack e Matthew. Por Finn, e até por Selena. Gritei por minha família e amigos que perdi. Por este planeta inteiro em ruínas.

Gritei porque estava prestes a abraçar a bruxa vermelha mais uma vez.

Eu sou a *bruxa vermelha*! Uma Imperatriz futura veria uma imagem desta cena terrível e recuaria? *Não. Porque vou ganhar o jogo inteiro!*

Matar a todos eles? Com prazer.

Enquanto meu grito ia diminuindo, gesticulei para Morte se aproximar com ambas as mãos, nove dedos ziguezagueando. Ele não podia saber que meus soldados tinham furado o lado desta colina e a base do asfalto que se estendia entre ele e eu. Alguns passos mais perto e ele despencaria, arremessado pela rampa onde Lark estava presa embaixo.

— Com medo de atacar? Venha para mim, Morte. *Toque-me novamente.*

Ele se aproximou como se estivesse em transe.

— Acalme sua ira, e eu não matarei você hoje.

Eu ri, um som gutural.

Ele alcançou minha armadilha. A estrada desmoronou; antes que pudesse escapar, ele caiu. No último segundo, cravou uma espada no asfalto. Agarrou-se à sua âncora enquanto as videiras serpenteavam em cima de seu corpo, enrolando-se ao redor de seus ombros e pescoço para arrastá-lo pra baixo. Uma delas atingiu seu elmo soltando-o, revelando seu rosto perfeito e suas feições severamente determinadas. Não mostrou nenhum pânico, nem mesmo quando as videiras enrolaram sobre sua cabeça, pela sua boca.

Olhei fixamente dentro de seu olhos brilhando ardentemente. Num flash de vertigem, lembrei de um momento quando eles estavam brilhantes na noite, parecendo para mim como estrelas. Logo antes de seus lábios encontrarem os meus...

Pow! Ogen me abordou com a força de um trem de carga. Como?!

Nós colidimos no chão, eu me quebrando com sua queda. Costelas estalaram. Minha cabeça foi arremessada para trás, rachando meu crânio. Minha visão oscilou, meu exército ficou atordoado.

Como ele escapou do meu veneno e da pressão daquelas árvores?

Com minhas últimas forças, afundei minhas garras na pele dura de seu pescoço, injetando toxina nele até que meus dedos ficaram dormentes.

Ele embrulhou uma mão ao redor da minha garganta, apertando cada vez mais forte. A força do Diabo não era para enfraquecer?

Conforme eu apunhalava Ogen freneticamente, vi de vislumbre Morte com uma faca entre os dentes subindo da minha armadilha.

Vitorioso.

Agora era a vez de Morte rir.

— Ogen é um dos dois jogadores imune aos seus venenos. Venha, Imperatriz, pergunte a si mesma: Por que mais alguém gostaria de mim como aliado com alguém como ele?

Debaixo do aperto do Ogen, algo profundo em meu pescoço estalou. Meus braços caíram moles ao meu lado. Eu não podia senti-los. Enquanto minhas pálpebras deslizaram se fechando e a consciência desapareceu mais uma vez, ouvi Morte dizer palavras ásperas para Ogen naquele idioma estrangeiro.

O que o Ceifeiro estava dizendo...?

— *Para combinar com seus olhos.*

Olho para o presente que Morte apresenta: um colar de ouro cravejado de esmeraldas. Meu inimigo jurado está tentando me conquistar, já declarou sua intenção de me levar para sua cama.

Estive com ele por quatro dias me recuperando de seu golpe de espada.

Ele se senta ao meu lado no meu palete na tenda que compartilhamos.

— *Gostou?* — *Ele pergunta, avançando para acariciar meu cabelo tirando-o da minha testa. No contato, suas íris âmbar clarearam, começando a arder.*

Morte me tocava em qualquer oportunidade, estremecendo só por querer escovar seu polegar por cima do meu lábio inferior. Parecia apreciar desnudar suas mãos ao meu redor, tirando suas odiadas luvas no segundo que entrava em nossos aposentos.

— *É lindo.* — *respondo com honestidade. Ele deve ter comprado a peça no bazar por onde passamos mais cedo. Gostaria de poder tocar o ouro, mas meus braços estão presos atrás de mim. Morte me quer, mas ainda não confia em mim.*

Embora esteja quase curada, não determinei minha estratégia com ele. Eu sei que devo fugir dele, mas ele se encontrou com seu aliado, o Diabo. Aquele bruto que guardava a tenda sempre que Morte saía.

— *O presente é muito amável.*

— *Generosidade não tem nada a ver com isto.* — *Suas pálpebras ficaram pesadas à medida que ele roçava as costas dos dedos na minha mandíbula, depois na minha clavícula.* — *Você é minha, Imperatriz. Merece coisas boas.*



Sua. Da morte. Ele pretende me levar para sua casa lá longe no norte congelado, longe da minha casa dos gramados de inverno e campos infinitos. Tão estranho quanto este deserto.

— Permita-me. — Ele se moveu para pôr o colar ao redor do meu pescoço, levantando o comprimento do meu cabelo. Assim que prendeu o fecho, ele pressionou um beijo prolongado na minha nuca.

Quando sinto um arrepio, ele geme contra minha pele.

— Você gosta do meu toque.

Deus me ajude, eu gosto. As mãos que entregam a morte com tal facilidade são além de ternas comigo.

Ele se move mais perto, encarando-me.

— Ah, criatura, por esta reação devo comprar joias pra você todos os dias.

O quanto isso deve ser diferente para um garoto que matava tudo o que tocava. Quantas novas experiências ele podia apreciar comigo sozinho. Eu me peguei imaginando como seria ser possuída por ele.

Ainda assim, quando estiver completamente curada vou atacar.

Só um pode ganhar.

Despertei ao som de metal sendo batido e cheiro de cachorro molhado. Era noite e eu estava presa mais uma vez deitada em um saco de dormir seco.

Direto de outro sonho perturbador.

Um dos lobos da Lark estava deitado diante de mim, seu focinho a centímetros do meu rosto, os olhos olhando dentro dos meus com aquela inteligência antinatural. Ou melhor, seu olho singular. Oi, Ciclope. Provavelmente os mais sarnento dos três.

A outra Arcana fez acampamento embaixo de uma ponte e acendeu um fogo, como se provocasse alguém a atacá-la.

Além de postar o lobo de guarda, eles prenderam meus cotovelos firmemente atrás das costas, tornando impossível minhas garras alcançarem a contenção. Eu ainda tinha dificuldade em me mover de um modo geral, mas pelo menos os sentidos retornaram aos meus membros. Infelizmente, isso significava que eu experimentei cada segundo de regeneração enquanto os ossos reajustavam e tornavam a crescer, enquanto a pele se formava novamente. Meu polegar era uma protuberância carnuda.

Tentei chamar meus poderes — como a Imperatriz no meu sonho, eu estava pronta para atacar — mas eles estavam esgotados. Droga dessa chuva! Mesmo se eu pudesse arranjar esporos, eles provavelmente não seriam fortes o suficiente para matar este trio.

Olhei além de Ciclope para encontrar Ogen e Morte ao lado do fogo ardente. Os dois cavalos descansavam nas proximidades. Nenhum sinal de Lark ou dos outros lobos.

Ogen se agachou próximo às chamas. No luz do fogo, seus olhos eram ainda mais revoltantes. Em volta de suas pupilas em forma de diamante, aquelas veias inchadas de um amarelo esverdeado. Eram a cor da doença, da infecção. Antes desiguais, seus chifres agora eram do mesmo comprimento.



Estreitei os olhos para ver melhor. Havia duas cicatrizes sobressaindo cruzando suas costas. Como se algo o tivesse cortado.

Sem hesitar, ele colocou seus braços diretamente no fogo para mexer os troncos. Imune ao fogo e veneno? Teria sido bom saber.

Falhei em derrotá-los hoje com meu arsenal completo e um plano diabólico. Contra mim, eles eram invencíveis juntos, como Morte devia saber.

A menos que eu consiga tirá-lo de sua armadura.

Hoje à noite ele tirou seu capacete e peitoral. Enquanto eu assistia, ele usou a lâmina de sua espada para esculpir uma linha de metal na lateral do peitoral. Ele deu aquela tira de metal para Ogen, que mergulhou-a nas chamas com suas mãos nuas. O Diabo soprou o fogo até que ficou mais alto.

Por que Morte não deixou Ogen me matar? Quais eram os seus planos para mim? Obviamente não o mesmo que ele teve na vida passada.

Lark reapareceu, afastando brevemente a cortina de água correndo dos lados da ponte. Seus braços estavam cheios de lenha molhada e seus dois outros lobos cada um carregava um tronco em suas mandíbulas, soltando-os aos pés do Ogen. Ela disse a Morte.

— O falcão pode escoltar por mais algumas horas, mas então ela terá que dormir.

Uma fraqueza. Seus animais só poderiam ir por um tempo. Contudo, outra Arcana que precisava se preservar.

— Muito bem. — Morte não poderia ter soado menos interessado.

Lark arrastou o capuz do seu poncho pra baixo quando seus lobos sacudiram seu pelo encharcado.

— Está quase pronto? — ela perguntou a ele.

Ignorando-a, começou a remendar a armadura que protegia seu peito, apertando os parafusos na lateral dela. Será que eu perfurei a armadura? Talvez eles estivessem consertando-a.

Quando aquela tira de metal ardeu vermelho, Ogen removeu-a do fogo. Colocando-a em um pedregulho próximo, ele martelou o pedaço com seu punho, achatando-o.

Deixando Ogen trabalhar, Morte colocou seu peitoral de volta, então se encostou na represa. Seu elmo estava à mão. Observei quando ele afiou uma de suas espadas, correndo uma pedra acima da extremidade novamente. Ele parecia se acalmar com esta repetição.

Lark se sentou perto. Quando a peguei olhando, ela me lançou um olhar ferido — como se eu a traísse — então se afastou com raiva.

Trabalhei comigo mesma para me colocar em uma posição sentada, inclinando minha cabeça para estudar Morte. Como ele era diferente agora do garoto com que sonhei. Ele parecia cerca de seis ou sete anos mais velho e muito mais duro, ainda mais impiedoso.

Morte ergueu sua espada e olhou para a ponta na luz do fogo.

— O que você está olhando, criatura?

— Um assassino a sangue frio.

— Não devia ser uma visão tão nova. — Ele ergueu sua outra espada para afiar. — Tenho certeza que você passa por um espelho de vez em quando.

— Para onde você está me levando?

— Para minha fortaleza. Se você sobreviver à próxima semana.

— Onde fica?

Ele não se dignou a responder.

Ok, então seu covil ficava a uma semana de viagem de distância do covil do Hierofante, isso podia significar Virgínia, West Virginia, Kentucky, qualquer uma das Carolinas.

— O que está planejando fazer comigo? — O que eu estava planejando fazer comigo? Se pudesse escapar, suponho que começaria a ir para Outer Banks mais uma vez. Dar a mim mesma o tempo que eu precisava para lamentar tudo que perdi, e cumprir minha promessa para minha mãe. Jurei que chegaria à minha avó e descobriria por que a Terra falhou, descobriria se poderia ajudá-la.

Pelo que eu sabia, Morte poderia estar me levando na direção certa.

Continuar minha missão sem Jack e Matthew? A ideia fez com que a angústia me rasgasse pior do que qualquer dor física que eu já conheci.

O Ceifeiro finalmente me encarou, descansando a arma no seu colo.

— Planejo fazer você sofrer até o momento que eu decidir cortar sua cabeça.

Sua confiança era perturbadora. Decidi então que eu faria qualquer coisa para privá-lo daquele prazer — e de meus ícones. Prefiro que Joules os tenha.

— E quando será essa decisão?

— Toda manhã quando eu acordar, vou me perguntar: “É este o dia que vou decapitar a criatura?” Se você manter sua vida inútil por essa noite, então saberá minha resposta. E assim será a cada dia.

Estreitei meus olhos irritados.

— Por que me odeia tanto? — Notei que Lark estava escutando atentamente, agindo como se estivesse absorvida reorganizando sua mochila.

— Porque eu sei o que você é. — Ele apertou o punho de sua espada como se mal pudesse se refrear de me atacar. — Você tem enganado os outros, mas te conheço melhor do que conhece a si mesma.

— Então me diga como eu realmente sou.

— Você é egoísta, fraca, covarde e desleal. Culpa Fauna pela duplicidade dela quando você não é nem um pouco melhor, uma sedutora que atrai homens para destruí-los.

Puxei minhas amarras, desejando que tivesse restado algum poder.

— Eu fui fraca quando minhas videiras estavam te arrastando para um fim infernal? Fui covarde e desleal quando lutei para vingar meus amigos?

— Seus amigos — ou o mortal que você diz amar?

— Ambos.

Os lábios de Morte se curvaram.

— Deveaux não iria te querer se soubesse do que você realmente gosta. Ele não teria se deitado com você, e certamente não teria dado sua vida por você. Mais outro que você condenou.

Passarei meu tempo limitado fazendo o que eu quero... a voz de Jack, seu sorriso quando ele disse isso...

Limitado. Ele morreu três noites depois.

Tudo culpa minha. Eu devia ter mandado ele embora. Porque não mandei, um homem forte e orgulhoso se foi.

Morte estava certo. Eu fui fraca e egoísta.



Eu virei deitada de costas para ele, lançando minha mente de volta para os últimos momentos que vi Jack. Como se eu estivesse naquela mina, podia sentir as pedras batendo na água, socos no meu estômago. Os pedregulhos despencaram — bem antes de Ogen intensificar seu ataque.

Achatado como um castelo de areia.

Jack conseguiu chegar na enseada com Matthew? Meu lábio inferior tremeu. *Talvez Matthew nem sequer tenha acordado antes de se afogar.*

Através dos olhos marejados, fiquei olhando para fora para o véu de água, como aquele na entrada da caverna onde Jack e eu ficamos juntos.

Aquele momento perfeito no tempo.

As lágrimas começaram a derramar e eu não podia detê-las. Quase soluçando, tentei abafar o som. Tanto quanto eu odiava Morte, odiava a mim mesma por chorar.

— Ah, esse som. — Quando Morte riu, olhei por cima do meu ombro.

— Você estava certa, Fauna. — Com um sorriso, ele se reclinou com as mãos dobradas atrás da cabeça, os olhos brilhando intensamente na noite. — Isto é *muito* melhor.

Capítulo 22

DIA 264 D.F.

BUMFUK, EGITO, PARA TODOS QUE EU CONHEÇO

— Posso sentir seus olhos na minha bunda, seu pervertido. — eu disse por cima do ombro. Nos últimos seis dias, sempre que o elmo de Morte estava fora, eu vislumbrava uma fome inquietante em sua expressão. Como ele podia estar tão indignado comigo — e lutar contra a atração?

Dei meia volta para encontrá-lo confortavelmente montado em seu cavalo, um garanhão mal-humorado chamado Thanatos. Ele estava ladeado por Ogen a pé e Lark a cavalo.

Com toda certeza, o olhar derretido de Morte estava trancado na minha bunda conforme eu marchava descalça e sem parka sobre uma superfície plana pedregosa. Meus pés descalços estavam cortados. Ainda que meu sangue reavivasse plantas, elas amarelovam e murchavam porque eu ainda estava enfraquecida.

Todo este abuso com que ele me tratou pelo caminho assegurava que meu corpo estava constantemente brincando de capturar até regenerar. Já tinha caído duas vezes esta manhã. Mais uma vez, Morte amarrou meus cotovelos juntos para que eu não pudesse aliviar minhas quedas. Meus ombros estavam dormentes e me sentia como se não tivesse conseguido pegar fôlego durante a maior parte da semana passada.

Morte levantou suas sobranceiras, sem vergonha de ser pego admirando.



— Só porque você é uma rameira covarde não quer dizer que eu não vá achar seus... atributos atraentes. Posso ser imortal, mas ainda sou um macho de sangue quente.

Atributos? Foi por isso que me manteve viva? A cada manhã, eu perguntava a ele.

— Você decidiu se vai me matar hoje?

Ele sempre respondia.

— Ainda não, criatura. — A cada noite no fogo, Morte usava a ponta de uma espada para esculpir rebarbas naquela tira de metal achatada de sua armadura. Embora eu não tivesse nenhuma ideia do por que, ele parecia muito contente consigo mesmo, olhava para mim conforme trabalhava. Sua atração estava se intensificando...?

— Rameira? Quem fala assim? É do tempo do meu pai, conhece os Flintstones.

— Você é corajosa, considerando que está redondamente derrotada e todo seu pessoal perdido.

Carrei meus dentes para conter um grito. A ideia de que ele carregava ícones dos meus amigos queimava dentro de mim como o ácido do Alquimista. Morte sempre usava aquelas luvas, então não vi as marcas. Mas sabia que ele tinha que tê-las nas mãos porque as de Lark e Ogen estavam limpas.

— Eu sofri a perda. — eu disse a ele. — Mas pelo menos sei o que é ter tido aqueles relacionamentos. Tive confiança e carinho. — Amor e paixão com Jackson. Gostaria de manter aquelas memórias dele perto pelo resto da minha vida, curta pelo que parecia. — E você... você tem Ogen.

Ouvindo seu nome, Diabo se arrastou pesadamente mais perto de mim. Se Morte me olhava como se quisesse dormir comigo, Ogen parecia que não podia se decidir se queria dormir comigo — ou sugar o tutano dos meus ossos. Sua aparência suja era igualada apenas ao seu mau cheiro.

— Você acredita que tinha confiança? — Morte ridicularizou. — Regra Arcana número um: não confie em ninguém.

Parei para encará-lo com um olhar de compreensão.

— Não é à toa que você é tão bom neste jogo. É tudo o que realmente sempre terá.

— Você não sabe nada a meu respeito. Tome cuidado para não provocar minha ira. — Com um último sorriso de escárnio, ele incitou a montaria adiante.

Morte logo lamentaria sua decisão de me poupar até agora. Nos últimos meses, eu quis matá-lo porque ele estava tão disposto a me matar. Agora eu desejava uma vingança sangrenta que deixaria a bruxa vermelha orgulhosa.

Se não pudesse acabar com este trio sozinha, percebi que tinha duas opções.

Pegar Morte sem sua armadura, o que não era provável.

Ou conseguir ajuda. Nesse caso, meu primeiro passo era a fuga. Poderia ter me preocupado que Morte simplesmente lesse meus pensamentos e frustrasse qualquer tentativa. Mas acreditava que a ligação entre nós foi quebrada. Separada com a morte de Matthew. *Não chore. Não dê a ele a satisfação...*

Até agora não houve nenhuma oportunidade de cair fora. Não era como eu tivesse privacidade. Lark me acompanhava todas as manhãs para tomar

banho, seus lobos se arrastando atrás de nós como guardas de prisioneiros acorrentados. Quando eu estava sozinha em sua companhia, ela sempre parecia como se quisesse me dizer alguma coisa. Informações? Mas eu ainda não fui capaz de engolir a bílis e me insinuar com ela.

— Ei, chefe. — disse Lark, seus olhos ficando vermelhos. Câmara-falcão. — Temos um belo grande rio adiante.

A névoa começou a espessar. Logo eu podia ouvir o som de água corrente. A cada passo mais perto deste rio invisível, Ogen ficava mais nervoso. Aprendi que o Diabo tinha mais medo de rios que Matthew. Duvidava que a besta soubesse nadar.

Quinze minutos depois, alcançamos a beira da corredeira; nós quatro chegamos a um impasse, olhando fixamente para a cena surrealista. A correnteza violenta carregava pedaços de casas, uma antena parabólica enorme, e um... carro. Um Volkswagen vermelho passou disparado por nós, o volante girando à medida que os destroços batiam nos pneus.

A tomar pelo grau de estresse de Ogen, eu disse.

— Perfeito. Voto por nadarmos nele.

Ele choramingou.

— Nadar não — NADAR NÃO!

Morte deu-lhe uma ordem naquela língua estrangeira e ele calou a boca.

— Bem, você não é talhado como um bom cachorrinho, Ogen? — Eu disse. — Sabe como sentar, ficar de pé e em silêncio muito melhor que os lobos da Lark.

Ele a encarou fixamente, descrente que eu tinha acabado de insultá-lo assim.

— Eu sou o PROFANADOR! Eu me sento no joelho de Lúcifer!

— Isso faz todo sentido, Scooby.

Com uma expressão intrigada, Morte disse.

— Zombar dele a coloca em perigo.

— O que ele vai fazer? Me matar? — por cima do meu ombro eu disse a Ogen. — Entre na fila, babaca.

Ignorando a ambos, Morte disse.

— Vamos atravessar ali.

Eu segui seu olhar para uma ponte suspensa, tão alta que estava quase envolvida pelas nuvens. Conectando duas paredes do desfiladeiro, parecia carbonizada e frágil, como se aqueles cabos de suporte pudessem partir a qualquer momento.

Lark acenou com a cabeça ansiosamente.

— Boa ideia, chefe.

— Puxa saco. — eu disse ganhando um lampejo de suas presas.

Lá em cima na trilha cheia de lama, ela e Morte montaram em seus cavalos. Eu tive que escalar, meus pés sendo sugados pra baixo até a altura dos tornozelos.

Talvez quando chegássemos lá em cima da ponte eu saltasse, *o Último do Moicanos* sua bunda!

Pensei em tom de brincadeira, mas a ideia não sumia. Eu não sabia se teria coragem de saltar daquela altura, mas estrategicamente fazia sentido. A água me levaria embora mais rápido que seus cavalos podiam seguir neste

terreno. Os três relaxariam sua guarda lá em cima, porque ninguém em seu juízo perfeito se atreveria a esse salto.

Ogen seria medroso demais para me seguir, Lark muito covarde em geral. Morte não poderia sem remover sua armadura primeiro.

Meus lábios se curvaram. Se ele tirasse sua armadura e me seguisse? Ganhar-ganhar. Ou eu escaparia ou o enfrentaria com suas defesas baixas.

O que Jack faria nesta situação? Ele era sempre prático. Exceto no final de sua vida, quando deveria ter sido mais esperto e não ter ficado comigo, mas ficou de qualquer maneira. *Não pense nisso!* Não agora, não ainda...

Eu sobreviveria à queda? A água seria funda o suficiente? Conhecendo minha sorte, eu provavelmente bateria minha cabeça em outro carro.

Conforme escalava, recordei uma conversa muito tempo atrás com minha avó. Ela estava explicando minhas fraquezas; mas eu só queria brincar com minhas bonecas. Perdendo o interesse, distraidamente perguntei.

— Eu p-posso o que?

Sabia que vovó revelou pelo menos uma outra maneira que eu podia morrer, mas não podia me lembrar. Hoje eu estaria apostando minha vida no que ela *não* disse:

— Você pode se afogar.

Assim que nós alcançamos o início da ponte, ofeguei.

— Preciso descansar.

Lark desacelerou seu cavalo.

— Não pode descansar, Imperatriz. Tenho o falcão reconhecendo o perímetro inteiro, e temos Dentes ao nosso redor.

Ainda melhor. Eu flutuaria passando direto por eles!

— Não posso dar mais um passo. Meus pés estão prestes a cair.

Morte disse.

— Continue ou posso arrastá-la atrás do meu cavalo.

— Muito cansada. — eu ofeguei.

Estudando meu rosto, Morte estreitou seu olhar.

— Você tem um plano, criatura?

— Não pode mais ler meus pensamentos?

— Talvez não. Mas posso dizer que você está fingindo.

— Fingindo? Não falo língua demoníaca. — A névoa era tão espessa que eu não podia ver o meio da ponte. Será que eu saberia onde saltar? Eu poderia saltar direto na margem exposta do leito do rio. Depois da minha experiência nas minas, o último lugar que eu queria estar era na água. Poderia fazer isso comigo mesma?

— Você age como se estivesse exausta. — Morte disse. — Mas ainda tem luta em você. — Ele parecia aprovar.

— Eu tenho. E vou lutar do meu jeito. No meu tempo.

Seus olhos arregalaram ao compreender.

— Acabe com essa idiotice...

Eu já estava correndo numa explosão de velocidade ao longo da ponte enquanto antes me atrevia a virar em direção à grade. Morte esporeou sua montaria, Ogen em seus calcanhares. Pouco antes de me alcançarem, trepei na grade de concreto.

— Não chegue mais perto! — Incapaz de usar meus braços para me equilibrar, eu cambaleei. A grade era da largura de uma barra de ginástica. Eu

tinha treinado em uma barra — podia dar uma cambalhota em cima dele se precisasse, assegurei a mim mesma.

Arrisquei uma olhada pra baixo e engoli em seco. Nem mesmo um vislumbre da água. O que significava que não podia me desviar saltando ao redor de um carro passando ou destroços de casa. Eu teria que cair cegamente naquela névoa espessa.

Atrás de mim, Morte desmontou com um palavrão de frustração.

— Não faça isto. — Por cima do ombro, observei-o se aproximando exatamente como fez em uma de minhas visões. Uma sensação de *déjà vu* me atormentou enquanto me lembrava dele na beira do canal, estendendo seu braço em direção a mim. Balancei minha cabeça com força, quase me lançando pra fora da barra.

— Se saltar você vai morrer, Imperatriz. — Discutível. — Como estou mais próximo de você, recolherei seus ícones. Você os entregaria a mim tão facilmente? — Morte estalou a língua fazendo *tsc*. — Nosso jogo não é divertido se você for fraca.

— Eu tenho sua fraqueza. — respirei fundo e fechei meus olhos.

Dei um passo pra fora.

Ele berrou palavrões enquanto eu despencava. Um fluxo de ar chicoteou meu cabelo acima da minha cabeça como o rabo de um cometa. Meu estômago afundou. Eu caí, e caí, e caí...

Água! Congelando!

O impacto arrancou o ar de meus pulmões, o frio atordoando meus músculos. A correnteza me jogava de um lado pro outro enquanto eu lutava pra ficar acima da superfície usando somente minhas pernas. Eu ofegava, sufocando por ar enquanto os escombros me machucavam. Tábuas com pregos, um pedaço de lata ondulada. Escavou. Fatiou. Senti a pressão dos ferimentos — e o calor estranho do meu sangue na água ao meu redor — mas não dor. Entorpecida.

A orla nebulosa deslizava por mim muito depressa. Avançava em alta velocidade. Como a estrada fazia quando estive no banco do carona da moto do Jack.

Acima de todos os sons, um rugido ficou mais alto. Eu estava me movendo mais rápido? Uma queda adiante? Não podia enxugar meus olhos para ver...

— *Ahhh!* — Eu mergulhei dezenas de metros. A pressão da queda me empurrou pro fundo, mas subi como uma rolha de cortiça. Com a mesma rapidez fui sugada pra baixo novamente. Um vórtice?

Só que desta vez, em vez de vir à tona, senti meus braços serem puxados com um arranco atrás de mim. A corda estava presa em alguma coisa! Eu me esforcei pra enxergar na água agitada.

Formas assustadoras e sons abafados ao meu redor. Um túmulo na água. *Não — ainda não!*

Atrás de mim tinham enormes blocos de cimento cravados com vergalhões retorcidos. Devo ter ficado presa em um. Se eu pudesse descer, poderia desenganchar meus braços. Mas a água continuava sibilando mais alto que um gêiser.

Lutei para nadar descendo contra aquela corrente vertical. Enfraquecendo.



Fui pega rápido, não consegui encontrar a extremidade do concreto. Usei minhas garras para cortar atrás de mim em qualquer coisa que eu entrasse em contato. Cimento, metal... Ficando sem ar... *Lute, Evie!*

Meus pulmões gritaram, meus olhos esbugalharam. Presa. Minha mente ainda estava trabalhando, minha vontade de viver clamando — mas meu corpo... parou.

Os braços ficaram flácidos, as pernas oscilando.

Talvez estaria vendo minha família logo, meus amigos. Jack. Talvez os Arcanos não chegassem a sonhar com o céu...

Embora lutasse duramente quanto eu podia, inalei água. O fim, então. Minhas pálpebras fecharam.

Um túmulo de água.

Capítulo 23

Eu me sentei em um tronco de árvore na beirada do rio, assistindo sem emoção enquanto Morte carregava meu cadáver para a margem.

Experiência fora do corpo? Não sabia. Eu me senti alheia como se pudesse estar comendo pipoca enquanto assistia a cena rolar. Talvez seja isso o que senti: paz. Eu me perguntei se minha mãe encontrou isto quando ela fez sua passagem.

Por que não existia nenhuma luz brilhante me chamando pra casa? Oh, sim: nenhum céu para um Arcano.

Conforme Morte deitava meu corpo na areia, vi que eu estava numa forma bastante ruim. Meus lábios azulados estavam separados, mesmo assim nenhuma respiração passava por eles. Minha pele estava branca como barriga de peixe, meu cabelo emaranhado por cima do meu rosto. Meus braços ainda estavam amarrados atrás das minhas costas.

Com um revirar dos meus olhos, percebi meu lance de desafiar Morte pela liberdade durou um nanossegundo; não consegui mais do que uma centena de metros rio abaixo. A ponte assomou, parecendo zombar de mim.

Morte ficou de pé e andou de um lado para o outro, vestido só de calça. Sem armadura, suas defesas baixas. Que oportunidade perdida.

Espere, ele tinha marcas na sua pele? Cruzando seu tórax tinham tatuagens de runas pretas parecendo misteriosas, desenhos serrilhados de bordas irregulares que pareciam gritar lâmina. Com relutância, admiti que eles não diminuam sua perfeição. Seu corpo ainda era magnífico de se olhar.

Ele correu uma mão por seu rosto molhado, baixando o olhar de relance para mim, seus olhos ardendo de emoção. Morte estava revoltado comigo? Chocante. Mas então pensei que fiz algo mais. Alguma coisa... inexplicável.

O som de cascos batendo se aproximava. Lark saltou de seu cavalo galopando, apressando-se para Morte.



— Ressuscite-a!

Ele ignorou a menina, continuando a andar de um lado pro outro.

— Se você deixá-la morrer, então ela te roubou — a morte é dela para entregar, não tomar sempre que ela pirar assim!

Ogen saltou à vista, uivando para o céu chuvoso.

— Vou me banquetear, vou me banquetear!

Lark continuou atormentando Morte.

— Chefe, você disse que gostava dela sofrendo, que era muito melhor. Vai deixá-la acabar com sua diversão dessa forma tão curta?

Mas que puta, pensei sem raiva real. Isto era como assistir um filme comendo pipoca, afinal.

— Eu quero BANQUETE! Deixe-me profaná-la...

— Silêncio, você dois! — Morte gritou, trovão retumbando atrás dele. Ele murmurou algo naquele idioma estrangeiro, então caiu de joelhos ao lado do meu corpo, bloqueando minha visão. Tudo que eu podia ver eram suas costas largas levantando em uma respiração enquanto ele se debruçava até entregá-la para mim...

Seus lábios. De alguma forma eu os sentia nos meus. Ar morno de seus pulmões fluía nos meus famintos. Ele repetiu isso. E de novo.

De repente eu estava ampliando em direção ao meu corpo, *em* meu corpo — o qual estava sendo torturado com a necessidade de respirar. O pânico tomou conta dos meus músculos enfraquecidos.

Quando Morte se afastou para tomar outro fôlego, meus olhos abriram de estalo, pegando os dele...

Rolei de lado e vomitei água.

Uma vez que tossi botando tudo pra fora, eu desajeitadamente me coloquei em uma posição sentada. Ele ficou de cócoras, tensão emanando dele.

— Chefe você a salvou. — Lark disse num tom aterrorizado. — Você... você respirou vida dentro dela.

Antes de voltar aos meus sentidos, tive o impulso insano de agradecê-lo. Ele deve ter pensado que eu estava prestes a fazer isso porque inclinou a cabeça, suas sobrançelas loiras bem apertadas.

Dei uma olhada pra baixo. Vi sua mão. Sua mão nua. Ele tinha apenas dois ícones: da Calanthe e um outro que eu não reconhecia.

Nenhuma marca dos meus amigos. O que significava que todos eles sobreviveram. O que significava que Jack provavelmente tinha sobrevivido também. *Jack, você enganou a Morte.*

Eu dei ao Ceifeiro um olhar triunfante.

— Sempre pensando neles. Eu devia ter deixado você se afogar.

Numa voz áspera, eu disse.

— Sem dúvida.

Sua mão saiu disparada para o meu pescoço, começando a apertar.

— Você acha que não vou corrigir meu erro?

— *Olhos para os céus, rapazes!*

— *Observo você como um falcão.*

— *Presa na palma da minha mão.*

— Arcana! — Ogen saltou por cima das espadas e armadura da Morte.
— Poder!



A aliança de Joules estava se aproximando?

— Sem tempo para vestir sua armadura, Morte? — Sem aquela proteção, ele não era mais invencível.

Ele levantou-se, lançando-me um olhar mordaz.

— E agora alguém deve morrer por causa da sua insensatez.

Será que Torre honraria sua promessa para mim...?

Um dardo prateado caiu ao meu lado, explodindo em um raio.

Capítulo 24

Filho da puta! O Senhor dos Raios estava em cima na ponte suspensa, sua vantagem estava nos tornando alvos fáceis.

O corpo do Ogen começou a inchar em sua forma horrenda de ogro. Ele balançou sua cabeça com chifres pra cima de Joules, em seguida saiu em disparada em direção à ponte tão rapidamente que espalhou uma chuva de pedras em seu rastro.

Subi o mais rápido que pude me esquivando de outro dardo, quase esbarrando em Lark conforme ela escapulia. Eu me dirigi para um trecho no bosque totalmente queimado, correndo paralelo a ela.

Dardos aterrissaram em meus calcanhares repetidamente, impulsionando-me a ir mais rápido. Arrisquei um olhar por cima do meu ombro...

Eu me choquei com um pedregulho. Tropeçando, corri às cegas de volta.

Ignorei minha nova mescla de ferimentos e me curvei atrás da pedra. Os dardos... pararam? Ofegando, dei uma espiada em torno da pedra piscando por causa da chuva.

Joules gritou.

— Oi! Continue protegida, sua idiota maluca!

A Torre tinha me ajudado? Empurrando-me para correr? Sim, ele podia ter me atingido a qualquer momento — exatamente como ele pode na minha visão dele em Haven, quando saí correndo pela margem do rio.

Eu tinha que ficar livre para ajudá-lo a tirar vantagem da fraqueza da Morte. Eu precisava das minhas mãos! Não podia alcançar a corda que prendia meus cotovelos, mas podia trabalhá-la com algo afiado. Deixei minhas garras de fora, arrancando uma lasca do pedregulho. Arquejando, comecei a serrar a corda pela beirada.

Joules girou seu foco para seu inimigo de verdade: Morte.

Próximo ao rio, o Ceifeiro esperava sem sua armadura, como se desafiando Joules a atacar. Seus músculos estavam tensos de prontidão. Chovia relâmpagos. As espadas da Morte faiscaram, um borrão de movimento enquanto ele se desviava de cada raio.

Debaixo de um penhasco nas proximidades, Lark gritou para Joules.

— Os Dentes estão a caminho daqui, idiota!

Joules respondeu.



— Estou bem ciente, sua puta safada. Eu disse a eles que seguissem as explosões. Eles devem estar naquele desfiladeiro em alguns minutos.

Sem tirar os olhos de Joules, Morte ordenou a Lark.

— Chame cada criatura ainda viva. Atrase esses mortais ou ceife a todos eles.

— Entendi, chefe! — Ela correu com seus lobos.

Joules esteve usando os Dentes? Menino inteligente. Mas agora eu que tinha que ser. Conforme serrava mais rápido na beirada da pedra, esquadrinhei procurando por Tess. Nenhum sinal. Eu podia ouvir Gabriel se aproximando como um foguete, mas não podia vê-lo por causa da névoa.

Da última vez que Gabriel atacou Morte assim, o Ceifeiro pegou as asas dele arremessando-o pra longe. Certamente eles não tentariam o mesmo plano duas vezes. À medida que o ataque do Joules intensificava, o lamento agudo ficou mais ensurdecedor. Mais perto, mais perto.

Eu testemunhei uma batalha Arcana através da visão de Matthew. Mas isto era o caos visceral — os uivos, a terra parecendo tremer, os raios ofuscantes.

Um barulho soou acima de nós. Aquele *lamento*... Quando Morte levantou suas espadas para o céu para atingir Gabriel, uma rede de metal desceu sobre ele.

Eles *mudaram* os planos!

A rede devia ser pesada; pois até fez Morte desabar de joelhos. Com um berro furioso ele cortou com suas espadas, mas não podia cortar o metal. Quanto mais lutava, mais ele se enredava.

Tudo que Joules tinha que fazer era apontar um dardo. Mas Ogen estava quase em cima dele, saltando pela ponte e forçando Joules a recuar. O Diabo perseguiu a Torre, assim como fez em sua última batalha. Joules podia escapar dele novamente?

E onde estava Tess, a terceira peça desse quebra-cabeça?

Através de falhas na névoa, vi a pele faiscante de Joules.

— Foda-se, besta! Isso é tudo que você tem? — Conforme Ogen batia os cascos, aquilo soou como um chicote gigante estalado. Então novamente.

Os cabos de suspensão estavam estalando!

Nem Joules nem Ogen pareceram notar que a ponte estava se mexendo como uma onda. Joules continuou lançando dardos para explodir nos pés do Diabo, tirando pedaços de concreto. Mas os raios não perturbaram Ogen — só o enfureceram.

Ele batia os punhos no peito, em seguida arrancou em direção a Joules. Mais concreto soltou.

Então qual era o plano deles *agora*?

— Tess, pegue Morte! — Joules gritou por cima do seu ombro. — Ogen está na minha cola!

Meu olho captou um movimento. Tess.

Ela permaneceu de pé alguns metros de distância entre os troncos queimados, sacudindo um punhal na sua mão. Seu plano de apoio era apunhalar Morte? Eu quase podia ouvir seu raciocínio: se a Carta Mundo não conseguia controlar seus poderes, ela devia pelo menos poder mergulhar uma faca.

Mas esta menina estava apavorada, os olhos lacrimejantes arregalados em seu rosto. A faca tremia. Apesar dela não parecer ciente disto, seus pés... não estavam tocando o chão.

Com a respiração ofegante, Morte rolou de costas para chutar as bordas da rede. Ele estaria livre quando Tess o alcançasse. Na hora certa para ele apunhalá-la.

— Ataque, Tess! — Joules soou ainda mais distante.

Quando ela olhou para mim com seus olhos castanhos apavorados, eu balancei minha cabeça em advertência.

— Não há tempo suficiente. Solte-me e ajudarei você! — Pisquei. Suas roupas estavam ficando mais folgadas em seu corpo bem na minha frente?

— E-eu sinto muito. — ela gritou e fugiu em direção a Joules.

A Torre deve ter percebido que ela não estava seguindo ordens. Ele gritou.

— Gabe, tire o Ceifeiro de cena!

De algum lugar acima da névoa, Gabriel respondeu.

— Feito. — Um apito estridente soou quando ele começou a mergulhar.

Morte encontrou meu olhar com seus olhos prometendo vingança.

Eu estreitei os meus.

— Eu disse a você que vigiasse suas costas, Ceifeiro.

Um pouco antes de Gabriel atacar, ouvi outra explosão.

Então:

— NADAAAAAAR NÃÃÃÃÃ!

Ogen estava despencando — junto com a ponte inteira. Joules foi adernando até uma extremidade, cavando por uma saliência para se segurar. No último segundo, ele agarrou um dos cabos de suspensão.

Quanto tempo ele aguentaria segurar o metal liso? Ele não poderia se regenerar, não sobreviveria àquela queda.

Quando um Ogen focado passou correndo evitando a água, eu levantei meu rosto.

— Gabriel, salve Joules!

Ao mesmo tempo, aquele lamento mudou sua trajetória.

Tarde demais. A Torre caiu.

— Oh, Deus...

Um pouco antes de Joules bater nas pedras pontudas lá em baixo, Gabriel o puxou pra cima, rolando de volta pra dentro das nuvens.

À distância, Joules berrou.

— Não era de se supor que isso fosse ir por ralo abaixo, Imperatriz! Os Dentes estão vindo, deixando você um pouco fodida.

Naquele exato momento, o primeiro veículo dos Dentes apareceu no topo na colina, outro barulhão e aí começou — pelo menos dez carros armados entraram. Um homem de olhos nebulosos berrou ordens da cabine armada de um Humvee, e outros homens davam gritos de batalhas, começando a atirar na gente.

Todos querendo vingar um homem que tinha escravizado suas mentes.

— Mate a impura!

Ser chamada daquilo realmente já deu o que tinha que dar. Foi engraçado nas primeiras duas vezes...

Essa batalha gritava fracasso quando Ciclope se projetou de um dos jipes. À medida que o sangue se espalhava como o vento, o carro não parou em momento algum. Na extremidade do desfiladeiro, Ciclope saltou para a segurança, mas o jipe foi rolando adiante para o precipício, carregando seus ocupantes gritando para a morte.

Os outros dois lobos aproveitaram a briga, rasgando gargantas enquanto se espalhavam neles — e na margem oposta. *Bang. Bang. Bang.* Cascalho se levantou ao longo da linha da rede da Morte. Ele grunhiu com fúria quando uma das balas acertou nele. Então outra.

De algum modo, Morte se levantou, finalmente se libertando e indo em busca de cobertura. Apesar dele estar com sangue derramando de seu ombro esquerdo e flanco direito, ele não andou num ritmo mais rápido enquanto se fincavam no chão a centímetros dos seus pés.

Ele alcançou outro pedregulho a não mais de seis metros de mim e deixou-se cair atrás dele, estendendo suas longas pernas diante dele. Sua cabeça caiu pra trás e apertou os olhos para o céu.

A visão me deixou à deriva, minha mente relembrando outro tempo quando ele estava deitado assim, seu rosto erguido para o sol. Ele esteve penteando meu cabelo enquanto eu descansava minha cabeça no seu colo...

Agora ele tinha tomado um tiro. Estava apanhado em uma armadilha. Quando senti uma pontada do que poderia ser pena, dei a mim mesma uma sacudida interna. Esta situação era a que eu tinha sonhado: Morte sem sua armadura, vários Arcanos procurando atirar na cabeça dele.

Minha pena era infundada. Com um rugido, Morte disparou de sua cobertura e se lançou para uma de suas espadas sobressalentes. A lâmina foi arremessada como uma adaga — atravessou cruzando por cima do rio — para fatar a garganta do líder dos Dentes.

Ainda assim eles marcavam mais, empunhando suas armas maiores. Outro homem se encarregou:

— Mate-a!

Com um olhar sombrio, Morte retornou para seu esconderijo, agarrando sua espada remanescente.

Ele e eu estávamos ambos assustados. Se eu corresse, eles me derrubariam, assumindo que Morte não me alcançasse primeiro. Se eu permanecesse, os Dentes poderiam me capturar e fazer... pior.

Fluxos ofuscantes prateados começaram a descer do comboio. O primeiro espreitou o bosque no veículo maior; relâmpagos entraram em erupção, explodindo o caminhão e lançando-o no ar. Ele caiu, girando como um cata-vento, ejetando corpos carbonizados cada vez que girava.

Corpos caindo. Justamente como a carta da Torre de Joules.

Mais relâmpagos choveram, obliterando os carros um a um. Destruídos. Os lobos devoravam qualquer sobrevivente que gritasse.

Um gotejante e enraivecido Ogen apareceu na margem oposta. Com um berro de arrepiar os cabelos, ele estampou na direção de Joules mais uma vez.

Joules gritou:

— Tchau, Imperatriz! Nós não vamos matar o Ceifeiro — isto é com você! — enquanto ele, Gabriel e Tess fugiam do local, as chamadas ficaram mais fracas, substituídos pelos berros de frustração de Ogen...

Quando Ogen finalmente se encaminhou de volta para Morte, seus ombros caídos em sinal de derrota, eu não pude me impedir de sorrir. *Eles estão se afastando de você, não é?* Tal como meus aliados escaparam do alcance da Morte. Lembrando de sua falta de ícones, meu sorriso aumentou ainda mais.

— Ah, criatura, você agora parece um farol de esperança. — Morte colocou-se de pé, incapaz de esconder uma careta de dor. — Bem, você ouviu Torre — agora é com você. Venha acabar com isso.

— Isso seria realmente muito justo, *chefe*. Com as duas mãos amarradas nas costas? Solte-me e deixe as cartas caírem onde elas quiserem...

— Falando nisso... — ele assobiou para o cavalo e a montaria de olhos vermelhos trotou para ele. Do seu alforje, Morte tirou aquela tira de metal forjada de sua armadura negra.

Só agora aquilo pareceu uma braçadeira cheia de farpas.

— Minha estratégia para o jogo mudou. — enquanto avançava para mim com uma expressão ameaçadora, disse: — Será melhor se você não lutar.

Capítulo 25

A maldita Morte me castrou.

Conforme andava, ele passou seu braço ao redor do meu pescoço, descansando sobre minha clavícula, sua mão segurando meu ombro.

E eu estava impotente para fazer qualquer coisa a respeito disso.

O dispositivo de metal que ele tinha forjado tinha um nome: um cilício, uma braçadeira de metal com farpas que cravavam na minha pele. E como esse cilício foi feito do mesmo material da sua armadura, ele neutralizava meus poderes. Morte enfraquecendo vida, ou alguma coisa parecida.

Como o Ceifeiro tinha colocado mais cedo hoje:

— Fora algum brilho superficial e sua cura rápida habitual, você é apenas uma garota normal agora. A única maneira de você removê-lo seria extirpar o músculo do seu bíceps, como fez com o polegar. Mas não ficará sozinha por tempo suficiente para realizar este procedimento.

Aquele cretino tinha esculpido meticulosamente cada rebarba, sabendo o que faria comigo, sabendo que empurraria aquilo no meu braço e faria Ogen prender bem apertado.

Eu gritei de dor. Desde então, minha pele regenerou em torno das rebarbas, mas ainda era uma agonia. Não havia necessidade de me prender mais agora que eu estava indefesa.

Contagem de hoje: Poderes desativados? Todos. Tentativas de matar Morte? Várias. Tentativas bem sucedidas? Zero-ponto-zero. Os Arcanos estavam exultantes:

— *Tentativa falha com a Morte!*

— *A Imperatriz ainda é sua prisioneira.*

— *Até que ele corte sua garganta.*



Desespero caiu sobre mim, tão amargo quanto o frio. Nós falhamos. E nunca teríamos uma chance assim novamente. Até minha alegria mais cedo ao encontrar a mão da Morte sem aqueles ícones tinha desaparecido. Se meus amigos viviam, então por que Matthew não entrou em contato comigo?

E se eles ainda estavam presos na mina?

Tentei me consolar com o conhecimento que tinha ganhado novos jogadores para nossa aliança, mas a preocupação era afiada. Até que eu conseguisse escapar, não podia fazer nada para ajudá-los. A menos que eu consiga tirar esse troço de mim.

Eu disse a Morte:

— Ficarei livre desta coisa.

— Embora provavelmente você seja cruel suficiente para mastigar seu próprio braço fora — eu não coloquei nada atrás de você — suas chances de tirar o cilício são longas.

Comecei a bater os dentes. Como sempre, ele me negou meu casaco e minhas botas. Mas insistiu em me fazer montar com ele para ganhar tempo. Devemos estar nos aproximando de sua casa.

— Se você acredita nesta coisa de cilício, então por que está me mantendo com frio? Por que não me devolve meu casaco?

— Você pensou que era para debilitá-la?

— Não era?

— Não, isso foi para nossa diversão.

Babaca!

— Você devia ser grata pelo cilício. — ele disse. — Com isto, não há necessidade de prender seus braços.

— Então por que isso agora? Por que não pôs isto em mim desde o início?

— Minha armadura me serviu bem — eu a preferia inalterada. Além disso, nunca esperei que você vivesse tanto tempo.

— Você *devia* fazer um montão de estoque daquela armadura. Em sua primeira luta sem ela você foi obstruído — duas vezes — por canibais. Aposto que ainda está sangrando debaixo de todo esse metal. O qual é definido como um humor brilhante.

— Vou me curar destes como fiz com todos os meus outros ferimentos.

Eu franzi o cenho.

— Você se regenera como eu?

Eu o ouvi exalar fortemente.

— Você realmente não lembra nada sobre mim? — Ele soou quase... preocupado por isto.

Matthew me disse que ele me deu memórias de jogos passados, junto com algum tipo de válvula de escape para me impedir de acessar todas de uma vez. Senão eu poderia enlouquecer como ele. Então eu declarei:

— Pensei que não deveríamos nos lembrar, que só o Louco e o vencedor atual sabem sobre os últimos jogos.

— E eu pensei que nossas lutas se provariam inesquecíveis.

— A mínima coisa que recordo é porque Matthew mostrou trechos para mim. Além do mais, por que eu deveria te dizer o quanto lembro?

— Por que eu devia revelar o quanto me curo depressa?

Touché.



— Certo. Você primeiro.

— Eu curo depressa, mas não como você. E retenho minhas cicatrizes para me lembrar de minhas vitórias.

Então ele tinha força, velocidade, habilidade e cura realçada?

— Eu me lembro de você me apunhalando em um deserto. — admiti.

— Lembro do quanto eu queria viver, mas você não se importou. Não até que percebeu que podia tocar em minha pele. Você disse que ia me ver bem.

— O Louco não te mostrou mais nada?

— Antes de você tentar matá-lo? Não.

— Se eu o quisesse morto, ele já estaria.

— Claro que sim, *chefe*.

— Você acha que eu não conseguiria ter deixado cair o corpo mortal inconsciente do Louco nas profundezas? O menino já estava frenético para salvar mulher com quem ele... se deitou. Tudo que teria precisado era alguns cortes nessa sua bela carne ou talvez uma cotovelada no seu braço quebrado. Ele teria soltado o Louco para se precipitar para você. Então eu teria arrancado suas vísceras sem nem mesmo te soltar. — Em um tom ausente, ele disse. — Eu não me arrependo de estripá-lo.

— Jack é mais esperto do que você pensa.

— Acho que ele é astuto como um animal, mas você o enfeitiçou. Ele, pelo menos, acredita que pelo que você deu a ele naquela noite valeu a pena morrer.

— Você é nojento.

— Simplesmente declarando um fato.

— O que Jack e eu compartilhamos é mais do que uma única noite. Isso foi apenas a cereja em cima do bolo.

As garras de Morte me apertaram como se estivesse com ciúmes. O que não fazia nenhum sentido. Eu podia aceitar sua atração — já que eu era a única menina que ele podia tocar — mas não podia aceitar seu ciúme. Não quando eu sabia o quanto me odiava.

— Todo mundo pensa em você como uma espécie de mãe terra. — ele disse. — Eles não têm nenhuma ideia que você é uma mulher fatal, mais Afrodite que Demeter.

Vovó mencionou Demeter também.

— Você usou o mortal para mantê-la segura até que seus poderes viessem. Agora ele é obsoleto.

— Não usei Jack. E nós estaremos reunidos. Somos predestinados...

O braço da Morte apertou muito mais forte.

— Não me fale de destino.

— Não tenho que falar com você sobre nada. — eu disse a ele, resolvida a não dizer nada mais.

O entardecer veio e se foi, a chuva caindo com abandono. Bem tarde na noite, nós cavalgamos.

Não estive em um cavalo por um longo período desde que montei na minha velha égua aborrecida Allegra. Jack e eu a libertamos antes de queimarmos Haven, antes da chegada do Exército do Sudeste. Eles a teriam capturado? Comido?

Eventualmente comecei a cabecear, pegando-me cochilando encostada no tórax blindado da Morte. Toda hora eu beliscava meus braços e mordia o

interior da minha bochecha para sacudir minha sonolência. Não adiantou. Finalmente caí em sono profundo, não sei por quanto tempo.

Eu me sacudi pra acordar quando minhas orelhas começaram a estalar. Com certeza, eu estava relaxada contra ele. Eu me sentei, dando um jeito de ir pra frente na sela.

Como se em reflexo, o braço da Morte apertou ao meu redor, as hastes longas de quatro polegadas de sua luva pairando próximo ao meu pescoço.

— Cuidado com as luvas, Ceifeiro.

— Elas são chamadas de *manoplas*. — Quando me soltou, ele acidentalmente(?) roçou minha nova braçadeira, enviando dor pelo meu braço.

Eu silvei em uma respiração, os olhos se enchendo de lágrimas. Mas sabendo o quanto ele apreciava meu sofrimento, recusei a deixá-lo ver mais disto.

Tentei me orientar enquanto íamos por uma trilha rochosa estreita, mas a chuva e a névoa eram espessas. Tudo que eu podia determinar era que já estávamos acima da linha das árvores — ou o que costumava ser a linha das árvores — e ainda subindo. Aqui em cima era estéril. Apostava como nenhuma planta crescia neste terreno lúgubre, mesmo antes do Flash.

Quanto mais alto subíamos, mais Morte parecia relaxar, enquanto eu ficava cada vez com mais frio. Justamente quando decidi que esta era a montanha mais alta em que já estive, o caminho alargou para um atalho de cascalho de frente para um portão enorme. Um muro de pedra se erguia sobre nós.

— E agora nós chegamos.

Seu covil era no topo de uma montanha? Ogen encabeçou pesadamente adiante para abrir o portão, e o atravessamos montados. Os cascos dos cavalos — e do Ogen — estalavam em um pátio de tijolo. A mansão de te deixar de queixo caído, quase um castelo, surgiu. Através da névoa, espiei várias histórias e duas asas se espreguiçando.

Morte me ergueu da sela e me jogou estatelada no chão, então desmontou. Lark o fez também, e Ogen levou os cavalos pra longe.

— Venha. — Morte mandou e eu não tive nenhuma escolha além de seguir.

A princípio estava impressionada com esta fortaleza. No entanto, à medida que nos aproximávamos e os detalhes entraram em foco, eu pensei, *Não, Finn, este é oficialmente o lugar mais apavorante.*

Se alguém me pedisse para esboçar minha ideia da mansão mais estranha do mundo, eu não podia ter imaginado a cena diante de mim. A casa da Morte era tão... Morte.

Tornando Haven House nanica, esta era construída de pedra cinza. Cortesia do Flash, as paredes eram cortadas com preto carbonizado. O telhado de ardósia tinha dúzias de diferentes lanças e torreões, com uma assomando acima deles.

Chaminés subiam no céu noturno. Cata-ventos enferrujados rangiam. Uma veneziana não vista bateu com estrondo, como um espírito que bate uma tampa de caixão. A névoa parecia estar presa ao lugar, sufocando o pátio, agarrando-se nas paredes.

À medida que nos aproximamos, detectei chamadas de animais ficando cada vez mais alto. Inclusive alguns exóticos. Dei um pulo quando ouvi o rugido

de um leão. Em algum lugar nesta montanha, criaturas fervilhavam. Com tantos para controlar, Lark poderia se provar incontrolável.

O quanto esta coleção de animais estava perto? *A névoa mente.*

Levantei o olhar e peguei Morte estudando minha reação. Será que ele realmente se importava com o que eu pensava sobre sua casa?

Lark viu meu olhar de horror.

— Hotel Califórnia, Evie. Você pode entrar, mas jamais partir.

— Ela está certa. — Morte disse. — Você nunca deixará o topo desta montanha viva.

Fiz um gesto com a mão ao longe.

— Pensei que seu covil fosse de um preto reluzente com ruínas de todas as idades diferentes.

— Ruínas?

— Parece como se você, eu não sei, tivesse colecionado-os. — eu disse enquanto subimos alguns degraus em direção às enormes portas da frente revestidas de cobre.

— Então você viu dentro da minha mente. Eu me pergunto por que o Louco te deu acesso a mim.

Horrorizada, eu disse.

— Sua cabeça é assim?

— Explique-me por que devia ser diferente. — Ele zombou. — Você realmente pensa que Morte devia sonhar colorido?

— Eu duvido que você tenha sonhos.

— Ficaria chocada em saber que uma vez tive? — Ele perguntou num tom estranho — como se estivesse me acusando.

Antes que eu pudesse perguntar sobre isso, nós passamos pelas portas da frente e entramos em um hall de entrada opulento com um lustre oscilando no teto. Ele apertou um interruptor na parede e o hall se acendeu, cristais projetando prismas, iluminando uma grande escadaria. Se o exterior fora ameaçador, o interior era completamente oposto.

Cresci em uma imponente mansão sulista. Enquanto caminhávamos cada vez mais profundamente neste edifício palaciano, percebi que Haven pareceria singular em comparação.

Quando o corredor cruzou com um que levava a outra ala, Lark mudou de direção.

— Vejo você de manhã, chefe. Boa noite, Evie.

Dei uma olhada pra ela.

— Espero que você morra antes de acordar, Lark.

Ela me lançou um estremecimento falso.

— Ooh, queime. — Ela trotou pra fora, deixando-me sozinha com Morte.

— Siga-me. — O corredor era aparentemente interminável. Por fim, ele parou para destrancar uma porta de carvalho. Atrás dele havia uma escadaria curva.

Subimos tantos degraus que eu sabia que ele tinha que estar me levando pra aquela torre lá no alto. As paredes da escadaria estavam frias, chorando umidade. Eu só podia imaginar como seria minha cela.

— Tente continuar subindo, criatura.

— Eu tenho um nome.

— Como você sempre tem.

— E qual é o seu? — Eu perguntei. — Ogen e Lark deram nomes, você não?

— Chame-me Morte. Isto é tudo que sempre serei pra você.

O duplo significado não me escapou.

No topo dos degraus tinha um patamar de pedra com uma única porta. Ele destrancou e abriu, conduzindo-me para o lado de dentro.

O quarto era... adorável.

O teto alto e as vigas expostas eram pintados totalmente de branco, estendendo-se para um ponto acima formando um telhado bicudo. A cama de tamanho *Queen* tinha uma cabeceira vermelha cara. As cortinas ricas no mesmo material bordeavam as janelas panorâmicas. Nesta altura, o vento soprava atirando pingos de chuva no vidro, mas o quarto luxuoso era confortável e seco. Um tapete felpudo cobria o chão de pedra, e a grande lareira já tinha troncos instalados para um fogo.

Novamente Morte estudou minha reação. Dei uma olhada no guarda-roupa de cedro. Dezenas de roupas enchiam o armário? A maioria parecia que caberia em mim.

Em um moderno banheiro adjacente achei toalhas e produtos de higiene pessoal. Incapaz de conter minha curiosidade, liguei a torneira quente do chuveiro. Quase imediatamente a água começou a fumegar.

Um banho quente? Não tomei um desde que deixamos casa da Selenia. Quando eu experimentei um pouco de excitação, fui inundada pela culpa. Meus amigos podem ter sido presos em uma mina geada, mas eu estava esperando ansiosamente um banho?

E ainda por cima, eu não confiava nos motivos da Morte para fornecer tudo isso.

— Por que estas gentilezas?

— Para mantê-la no limite. Você vai ansiar ainda mais por estas indulgências quando eu privá-la delas.

— Você acha que eu não posso escapar? Eu podia saltar.

— Se de alguma maneira conseguir passar pelas paredes externas do complexo e não ser absorvida na encosta da montanha, você enfrentaria o mundo sem habilidades, à mercê de qualquer outra pessoa com quem se deparasse. Além disso, o vidro aqui é fortalecido, inquebrável para alguém com uma força tão minúscula. Até Julgamento encontraria dificuldade em quebrar para você de fora.

— Você está esperando que Gabriel tente?

— *Espero* que ele faça.

Meu coração estava afundando antes mesmo dele dizer.

— Em todo caso, você terá um guarda. — Ele apertou seus lábios numa linha fina e deu um assobio agudo. Patas gigantes acolchoadas subiam os degraus.

Você novamente, Ciclope? Notei mais cedo que ele deve ter conseguido ziguezaguear por um dos dardos do Joules; o pelo do lobo agora estava permanente frisado como a de um poodle.

— Tente escapar do terreno, e a besta fará uma refeição com você. — Os olhos da Morte reluziram como se ele ficasse muito feliz se eu tentasse.

Chega.



— Por que você tem um ódio tão grande queimando por mim? Naquela noite que você assassinou Calanthe...

— Assassinei? Isto é ótimo. Eles nos emboscaram em um campo aberto, sem cobertura de dardos — ou de um soldado alado como Julgamento.

— De qualquer forma — continuei como se ele não tivesse falado —, quando decapitou Calanthe você pareceu cansado, como se fosse uma tarefa inevitável.

— Talvez fosse.

— Mas não comigo.

— Não. — ele disse gravemente. — Não com você.

Como se tivéssemos passado de *Para a minha cama, Imperatriz* para isso?

— Algum dia vai me dizer por que?

Ele se virou para partir.

— Você estará morta antes do impulso de me atacar. — A porta foi trancada atrás dele, o som me apavorando.

Não havia escapatória. Uma gaiola dourada. Como um hospício mal assombrado.

Estive trancada lá por meses no CLC. Agora minha liberdade foi tirada de mim uma vez mais. Pelo menos no centro, e tive uma companheira de quarto e visitas da minha mãe. Aqui?

Um lobo que estava olhando para minhas pernas como quisesse roê-las.

Capítulo 26

DIA 256 D.F.

REFÚGIO DA MORTE

“Louco que nem uma raposa!”

Levantei a cabeça de súbito do travesseiro, despertando da minha primeira noite na casa da Morte. Meus olhos estavam secos de conter as lágrimas, meus músculos doloridos de tensão. Olhei com raiva quando encontrei Ciclope ao meu lado em cima da cama, seu peso deformando a armação de madeira. Ele piscou o olho, dando-me um olhar do tipo “e você vai fazer o quê?”

Eu ouvi a voz de Matthew, ou só sonhei com ela? Mal me atrevendo a criar esperanças, chamei de maneira tentativa, *Matthew?*

— *Você parece assustada, Imperatriz.*

Pulei em pé. *Matthew, é você?*

— *Por que gritar? Voz interna...*

Lágrimas vazaram dos cantos dos meus olhos. *Por que não me respondeu?*

— *Minha cabeça doía. Só queria dormir e dormir e dormir.*

Oh, Deus, você vai ficar bem?

— Jack disse que eu tenho uma teté dure. Cabeça dura. Disse que a pedra se machucou mais do que eu.

Minha boca secou. *Ele está bem?*

— Todos estão felizes por eu ter acordado. E frenéticos o tempo todo. Jack acha que eu o levarei até você.

Me diga o que aconteceu.

Do seu modo confuso e pomposo, Matthew relatou o desmoronamento da mina. Ele descreveu ter que nadar sob raios de luz enquanto desviava das pedras. Ter que cavar para conseguir luz, antes da água subir e tirar o ar deles. Cavando rochas até conseguirem ver os ossos das pontas dos dedos.

Fiquei horrorizada pelo o que eles passaram, mas tão orgulhosa por terem sobrevivido. *Como eles estão?*

— Finn. Perna curando. Coração partido. Lark trapaceou o trapaceiro. O Hierofante morreu. *Você está onde deveria estar.*

Passar por uma provação para conseguir o objetivo final? Essa provação é uma das bem grandes. E por que é aqui que eu deveria estar? A Morte continua ameaçando me matar. Ei, ele não pode mais ouvir os meus pensamentos, pode?

— *Eu saí de linha! Desertor! Olhos vazios dele.*

E quanto ao trato que fizeram no passado? A sua dívida?

— Jack está berrando para que eu diga onde você está. *Ele blasfema o nome de Cristo bastante. Eu olho para a minha mão.*

Disse a ele que eu estou bem?

— *Disse a Jack que você está viva. Bem no refúgio da Morte?*

Verdade. Mas, coração, talvez possa mentir e dizer a ele que estou completamente a salvo?

— *Ele quer ir atrás de você.*

Para que a Morte pudesse “estripar” Jack? *Tem que mantê-lo longe do alcance do Anjo da Morte! Nunca pode mostrar a Jack como chegar a este lugar. Leve-o em missões sem sentido, qualquer coisa que o afaste desse homem.*

Matar a Morte é minha tarefa.

— *Sempre foi.*

Então me diga como. Com veneno?

Paixão.

Isso é nojento! Usando as palavras de Finn, está vibrando as minhas bolas?

— *Não pode lutar contra a Morte com força.*

Um, isso é meio que a definição de lutar. Mas, Matthew, ele colocou um cilício em mim. Não posso usar nenhuma das minhas habilidades.

— *Se ele restringe os seus poderes, seus poderes já estão funcionando. Eu não entendo.*

— *Ele te deu esse cilício porque parte dele pensa em mantê-la por perto. Você é a carta que a Morte cobiça.*

O quarto pareceu girar. Então era isso o que aqueles novos sonhos da Imperatriz deveriam me ensinar! Os sonhos anteriores tinham me instruído a como usar o meu arsenal; esse era para me ensinar como usar a única fraqueza da Morte contra ele.

Sua atração por mim.



Matthew dissera que eu lutaria com a Morte com os meus poderes. Achei que ele falava de certo tipo de ataque.

Mas a Imperatriz também tinha o poder de atrair e encantar. *Você e todos os outros Arcanos esperam que eu o seduza. Dei uma risada amarga. Que ganhe sua confiança. Foi assim que as Imperatrizes do passado conseguiram tirá-lo de sua armadura?*

— *Lute com ele com os seus poderes.*

E agora Matthew acreditava que a Morte já havia mudado seu curso comigo, planejando algum tipo de futuro sequestrador/refém doentio. Um plano que eu teria que pôr em prática?

Dois problemas. Morte ainda me odiava. E mesmo que pudesse fazer a minha aversão por ele desaparecer, estava apaixonada por outra pessoa. Como poderia flertar de maneira crível com alguém que eu planejava matar?

Se eu ganhasse do primeiro pedaço de armadura, o que eu faria assim que me livrasse daquela braçadeira em torno do meu braço. Continuava a doer, como eu tinha certeza que era a intenção dele. *Matthew, a Morte me desprezava. O que aconteceu nas nossas vidas passadas?*

— *Vocês dois tem cascatas em suas cartas.*

O que isso quer dizer?! Você não viu como ele é comigo. Ele é cruel e impiedoso.

— *O Anjo da Morte pensa em tocá-la. O tempo inteiro.*

QUE NOJO! Não vou falar disso com você.

— *Não deixará a casa da Morte até que ele confie em você. Proximidade. Sedução. Liberdade. Está na sua natureza.*

Matthew sumiu de minha mente, deixando-me mais confusa do que nunca.

Na minha natureza? Não era de admirar Morte ter me chamado de *mulher fatal*. Porque eu fui uma! Eu o persuadi a tirar a sua armadura, depois tentei afundar as garras nele? Isso certamente lhe daria motivo para me odiar acima de todos os outros Arcanos.

Não conseguia decidir o que era mais perturbador: como fui diabólica em vidas passadas ou que estivesse sequer considerando repetir a história. Olhei para a janela da torre o céu escuro e reconheci a verdade. Eu faria qualquer coisa para retornar para os meus amigos. Para voltar para perto de Jack.

Até seduzir um cavaleiro de nome Morte.

Agora tinha uma missão, e o fracasso não era uma opção.

Capítulo 27

— Então, esta vai ser a minha última refeição? — perguntei a Lark enquanto descíamos os degraus da torre. Ela tinha acabado de libertar Ciclope e eu da minha cela para o café da manhã.

Quando ela jogou o seu cabelo negro e sedoso por cima do ombro, uma lagartixa apareceu dentro de sua gola rolê.

— Se é, não estou sabendo do plano. — Lark me olhou. — Não parece muito arrasada com tudo isso.

Agora que sabia que os meus amigos estavam vivos, eu me permiti aproveitar o banho e as roupas.

Blusas, calças, sapatos, roupa íntima, e camisolas — todos do meu tamanho. Eu vesti um suéter branco de caxemira, uma calça quente, e botas de couro macio. Mesmo com apenas umas duas horas de sono intermitente, eu me sentia quase humana outra vez.

— Teve notícias de Matthew, não teve?

Em um tom confuso, eu disse.

— E por que eu te diria, Judas?

Ela sacudiu a cabeça como se eu estivesse sendo absurda.

— Ninguém ganhou os ícones deles. O que quer dizer que ainda estão vivos.

— Como sabe que ainda não estão presos lá? — Perguntei, esperando que ela se enervasse de culpa. — Ou que não morreram de maneira terrível em algum momento da última semana?

Ela ficou pálida?

Assim que chegamos ao piso principal, com Ciclope nos seguindo, minha atenção estava menos nela e mais nos meus suntuosos arredores. Tentei não ficar de boca aberta quando passamos por uma biblioteca cheia de livros, uma sala de cinema com milhares de DVDs, uma sala de bilhar, e uma academia bem equipada.

Mas quando o cheiro de comida nos alcançou, minha boca se encheu d'água.

— Bacon?

— Se der uma chance a este lugar, vai gostar mesmo daqui. — disse Lark, me levando para uma sala de jantar.

Lá dentro, Morte sentava à cabeceira de uma mesa enorme, bebendo café, lendo um jornal desbotado.

Nenhum elmo cobria o seu cabelo loiro; era razoavelmente longo, roçando a linha de sua mandíbula, criando uma moldura perfeita para as suas feições bem definidas.

Naturalmente, ele conseguia ficar bem com calça de couro e cabelo comprido. Ele parecia um jovem belíssimo e normal, que se sentia em casa no meio de toda aquela riqueza. Como o herdeiro de uma fortuna. Um nobre.

E ainda assim, meu primeiro impulso era esfaqueá-lo com uma das facas na mesa. Mas sabia que ele era rápido demais para mim para que sequer conseguisse chegar perto dele.

Sem levantar os olhos, ele disse.

— Fico sem armadura em minha casa, criatura. Especialmente quando não há ameaças com as quais lidar. — Arrogância emanava em ondas dele, me irritando. Ele era o tomador de reféns. O carcereiro. O vitorioso imperante de um inimigo derrotado.

No mínimo, eu precisava esbofeteá-lo, minha missão parecia cada vez mais remota.

Ignorando-me, virou a página. Por que estaria interessado em notícias velhas?

— Lendo um jornal desatualizado, Morte? Como era de se esperar de você, que coisa retrô de se fazer.

Lark disse.

— Ele lê tudo e qualquer coisa. Já decorou todos os livros daqui...
— Ela deixou de falar quando ele a fulminou com o olhar.

Notei aquela interação fria. Havia informação para se colher ali. Era hora de aguentar o gosto de bÍlis e se aproximar de Lark.

Quando ela andou até uma mesa de canto repleta de panelas de prata aquecidas, eu segui para encontrar ovos mexidos, rabanadas, e, sim, bacon. Peguei a jarra ao lado da garrafa de café. Creme fresco. Eles tinham uma vaca?

— Isso é um banquete.

— Não vivemos sem recursos por aqui. — Morte disse detrás do seu jornal. — Temos luxos — e os meios de protegê-los.

— É Ogen quem cozinha? — Peguei um prato. Porcelana fina. Só o melhor.

Lark pegou a rabanada com um garfo de servir.

— Não exatamente. Temos um criado humano. Nunca o verá se não quiser encontrá-lo.

Eu me virei para a Morte.

— Então, onde está O Diabo? Se ele senta no joelho de Lúcifer, ele não deveria estar à direita da Morte?

— Ele vive na casa de guarda. — murmurou Lark. — Não é permitido na mansão.

Eu olhei de forma simpática para a Morte.

— Ogros dentro de casa é uma coisa terrível, estou certa?

Finalmente ele levantou os olhos, me prendendo com o seu misterioso olhar ambarino.

— Pelo seu comportamento, poso assumir que foi contatada pelo Louco. Talvez todos em sua aliança tenham sobrevivido?

— Cada um deles.

O prato de Lark caiu, quebrando. Ciclope correu para aproveitar a comida — e os pedaços de porcelana. *Crunch, crunch, crunch.*

— Desculpe, chefe. — disse Lark. — Ainda cansada da viagem.

Aquilo era interessante.

— Finn está vivo. — eu disse, analisando a sua expressão. — Sua perna está se curando.

Ela deu de ombros, mas pude ver o seu alívio. Então os sentimentos eram mútuos. Por que então Lark trairia o garoto que gostava? Talvez a Morte a coagisse.

Eu me voltei para a comida. Na última bandeja havia fruta: melão, abacaxi, morangos. Quando senti a energia e o potencial naquelas minúsculas sementes, rodei a cabeça para olhar a Morte.

— Estão frescos.

— Como eu disse, temos luxos. Meu lar envergonha qualquer outro.

Deus, que convencido!

— Gerador de gás para as luzes? Água encanada? Grande coisa. A casa de Selenia tinha mais eletricidade do que Joules, e uma piscina. Não suponho que tenha uma?

Ele acenou de modo negligente com a mão.

— Fauna te mostrará depois.

Eles tinham a droga de uma piscina.



— Como cultivam as plantas? Onde fica o jardim? Não pode ser lá fora.
— Estreitei os olhos. — Estão usando lâmpadas ultravioletas? — Aposto que uma delas poderia me fornecer a força que precisava para “mastigar o meu próprio braço”. O que seria melhor do que seduzir aquele homem soberbo.

— É suficiente dizer que não usamos sangue de Imperatriz.

— Mostre-me o jardim.

Ele me olhou de maneira incrédula.

— Jamais. Tudo que precisa saber é que estamos equipados para atravessar um confortável apocalipse.

— Até você nos matar.

Ele inclinou a cabeça.

— Como sempre faço.

Olhei para Lark. Para ela tudo bem com isso? Sem uma palavra, ela foi para a ponta oposta da mesa. Fitava o próprio prato.

Testando a teoria de Matthew — proximidade, sedução, liberdade — eu me sentei bem ao lado do Anjo da Morte. Ele baixou o jornal para me olhar com o cenho franzido.

Quando estávamos na estrada, ele tinha cheiro de chuva e aço. Agora percebi o seu aroma inato: masculino, ressaltado com pitadas de sândalo e pinho.

O que era o paraíso para uma garota como eu.

— O que quer?

Com sua pergunta, eu pisquei para recuperar a atenção, lembrando do por que estava ali, lembrando que odiava aquele homem.

— De quem é esse ícone? — Eu apontei para as pequenas marcas em sua mão direita. A imagem ao lado da de Calanthe parecia uma balança em miniatura. — Quem mais matou? Estou supondo que deve ter sido Spite.

— Não reconhece? Lembra ainda menos do que eu pensava.

— Você não saberia exatamente do que me lembro já que foi capaz de ler a minha mente por semanas?

— Poderia. Contudo, isso não significa que eu quisesse ficar em seus pensamentos todos os segundos do dia. Eu tinha um jogo para jogar, e só podia suportar certa quantidade das suas reflexões banais e tediosas.

Não sabia por que, mas aquele insulto me alfinetou mais do que qualquer um dos outros. Trocar farpas sobre matar um ao outro era uma coisa, mas isso...

Um imortal obviamente inteligente esteve em minha mente e me achou insatisfatória.

Então eu me lembrei que não dava a mínima para o que um assassino em série pensava de mim.

— Então, como essa segurança máxima funciona? Meu encarceramento?

— Durante o dia, poderá andar livremente pelo complexo — com o seu guarda, claro. Certas áreas da mansão são proibidas para você. Fauna apontará quais. Respeitará a minha privacidade.

— Privacidade? Ou cautela? Seu pedido não tem nada a ver com o fato de eu quase ter varrido sua aliança inteira para fora da estrada? — Quando

mordi um pedaço perfeitamente crocante de bacon e não consegui conter um gemido, ele me olhou com uma expressão peculiar.

Uma garfada de ovos confirmou que eles também eram novos. Então além de uma vaca e de porcos, eles também tinham galinhas?

— Essa braçadeira fez de você uma ameaça inexistente, a mais fraca dos Arcanos. — ele assinalou. — Além do mais, eu não peço. Dou ordens. Se segui-las, pode ficar com a cabeça no lugar por mais tempo.

— Não vai me assassinar hoje?

Ele dobrou o jornal, me observando.

— Ainda não, criatura.

— Não que esteja reclamando, mas por que está demorando?

— No presente momento, não tenho informação suficiente para tomar essa decisão.

Minha mãe costumava dizer isso, recusando-se a ser pressionada a tomar uma decisão da qual não estava preparada. *Ninguém pode fazer com que escolha algo antes que esteja pronta. Ninguém, Evie.*

Suponho que a decisão da Morte seria se “ficaria comigo” ou não.

— E, claro — continuou — gosto de atormentá-la com sua vindoura execução.

Ou não.

— E quanto a parar de matar? Se me libertar agora, posso considerar deixar que ingresse na trégua.

— O que envolve confiança. Entenda, Imperatriz, eu ouço o seu chamado. Sei que não diz aquelas palavras da boca pra fora.

— Problema seu. — Eu abocanhei outra fatia de bacon.

— Realmente acredita que seu plano funcionará? Estranho, você não era tão deliberadamente ingênua em suas outras vidas.

— Minha trégua já se provou possível. Joules e seu pessoal poderiam ter me matado, mas ao invés disso tentaram me proteger.

Ele deu uma risada irônica.

— Você e aquele garoto, aliados? Sabia que uma das primeiras cartas Torre tinha a imagem de um raio atingindo uma árvore? Não a torre de um castelo. Hum, por que acha que era assim?

Eu não sabia daquilo.

— Fascinante. Mas se Joules e eu nos desentendemos no passado, está acabado. Você disse que a história se repete. Eu não acredito que ela precise se repetir.

Outro olhar curioso.

— Não precisa?

— Não. O que quer dizer que eu tenho uma aliança sólida com sete Arcanos, todos dispostos a eliminar você.

Ele exalou.

— A sua “sólida aliança” se dissolverá assim que a necessidade de uma aliança passar. É o que sempre acontece.

— Eu te disse, não haverá essa necessidade. Porque vou parar o jogo. Nunca concordei com ele. Não quero parte nessa matança.

A Morte me olhou com uma intensidade enervante.



— Você decidiu isso antes ou depois do Alquimista? Talvez depois de ter envenenado o cativo sem membros dos canibais? Diga-me, você já sabia que envenenaria o seu cadáver quando se ofereceu para assassiná-lo?

Eu deposei o garfo no prato, atirando o guardanapo por cima.

— O nome dele era Tad. E não, jamais pensei em usá-lo depois de sua morte. Eu só queria pôr um fim ao seu sofrimento.

— Não me diga que desta vez você possui empatia. — Ele parecia divertir-se. — Acha que as outras cartas pensam do mesmo modo? Acredita, por exemplo, que os Amantes honrarão a sua trégua?

Os poderes deles eram tentação e controle da mente, entre outros. O que vovó disse? O Duque e a Duquesa podem controlar qualquer um que ame, deformando-os, pervertendo-os. A dor se torna prazer...

Ok, talvez também precisássemos matar os Amantes.

— Eles tem um exército. — continuou a Morte — Maior do que qualquer outro na história do jogo. Exponencialmente maior do que os mineiros do Hierofante. No momento eles seguem ao Norte, rumo a nós.

— Ótimo. Então todos os sinais apontam para você finalmente perdendo. Nem você pode derrotar um exército, hein? — Então eu franzi a testa. — Que exército?

— Um que te é familiar. O Exército do Sudeste.

Minha boca secou. Vincent e Violet, os gêmeos filhos do General Milovnici, eram os Duque e Duquesa Mais Perversos?

— Os gêmeos não serão derrubados tão facilmente quanto crê. — disse a Morte. — Eles marcharam com milhares de homens até a sua casa apenas para capturá-la.

O Exército se aproxima, um moinho gira — palavras de Matthew, e agora eu as entendia.

Haven, o destino daquele exército, era equipado com moinhos de vento. Do seu próprio modo, Matthew me alertou sobre os Amantes.

A Morte juntou os dedos das mãos, criando uma pirâmide. Um gesto extremamente condescendente, de rei de um castelo.

— Antes de arrancar a sua cabeça, eles planejavam atormentá-la com os seus... instrumentos. — Em um tom seco, acrescentou. — Já ouvi falar que ser capturado pelos Amantes é um destino pior que a Morte.

Foram eles que torturaram Clotile, a amiga de Jack. Engoli em seco. Ela experimentou os seus instrumentos? Oh, Deus, pobre garota. Jack nunca deve saber disso!

— Aqueles dois sentem fome de dor. — A Morte se levantou, me fitando de cima. — Realmente acha que eles abandonarão um jogo tão provido disso? — Com isso, foi embora, suas botas ecoando pelo corredor.

Capítulo 28

— O diabolos foi isso? — Exigi saber. Um rugido de arrepiar tinha acabado de ressoar por toda a residência.

Depois de explorar a cozinha, a sala de cinema, e, sim, a piscina depois do café da manhã, Lark e eu tínhamos começado a passear pelo monstruoso celeiro, cheio até as bordas do seu jardim zoológico de animais soltos.

Com o rugido, Lark se escondeu atrás de uma leoa absolutamente imóvel. Até Ciclope se agachou, seu pelo frisado vibrando. Parecendo distraído, um dragão de Komodo passou por nós, com a língua se movendo.

— Me diga o que está acontecendo!

Bem baixo, Lark disse.

— Ogen. Ele está furioso com alguma coisa.

— Mas ele parece mil vezes pior do que antes, até pior que em batalha. Ela deu de ombros.

— Olhe, podemos fazer o tour outra hora. Ele está tendo um ataque.

— Ele os tem com frequência?

— Há milhares de datas que são sagradas para ele, Sabbats²⁷ anuais. E também não são aqueles Sabbats Wicas legais. Esses são sombrios. Eu tento marcá-los, mas não estou com ele por mais de um ano para conseguir registrar todos. Resumindo: às vezes ele cobiça algo para a ocasião... sacrifício.

— Ele vai me machucar? — perguntei.

— Morte ordenou que ele não machucasse ninguém.

— Ogen obedece ordens?

Em uma voz baixa, Lark disse.

— Há uma razão para os chifres do Diabo mudarem de tamanho constantemente. Sempre que Ogen o desobedece, Morte corta dois centímetros. Quando não houver mais o que cortar, Ogen é decapitado. Esse é o trato dos dois.

Que doentio.

— Por que Ogen concordaria com um trato desses?

— Morte o tem na ponta da espada. Disse a Ogen que pouparia a sua vida por um tempo — com algumas condições, claro.

Eu ouvi as portas enormes do portão grunhirem ao se abrirem, e depois baterem com força.

Com uma exalação de alívio, Lark endireitou o chapéu e se levantou.

— Ele saiu.

— Por que ficaria em um lugar assim, com ele? Espere um segundo, sei o que está havendo aqui. Morte está fazendo esses animais de refém, coagindo você a trabalhar para ele.

— Ele não é assim, ao menos não comigo. Nos juntamos porque meu pai cuidava desses animais para ele. Pelo menos até ele ir fazer uma nova aquisição surpresa e ser levado pelo Flash.

— Então se Morte não está mexendo os pauzinhos, ferrar com a gente foi culpa inteiramente sua?

— Nunca disse que ele não mexia os pauzinhos. Ele faz isso, muitas vezes. — Quando um pavão se aproximou dela, Lark passou os dedos pela ponta de seu leque. — Só para constar, depois de conhecer vocês, eu disse a ele que não poderia continuar com o plano se acabassem todos mortos.

Isso era surpreendente, suavizando um pouco o meu ódio por ela.

— Deixe-me adivinhar, ele garantiu que ficaríamos bem?

Ela levantou o queixo.

²⁷ Datas de celebrações pagãs.



— Se pensar direito, fui eu que fiz a Morte poupar você no começo. E depois a salvei de um afogamento.

— Eu não teria precisado de ajuda se não tivesse nos traído em primeiro lugar! Não consigo acreditar que te defendi para Selenia. Diferente de mim e de Finn, ela viu quem você era desde o início! — Minha voz subiu um tom. — Finn estava se apaixonando por você, mas agora ele sabe o que fez. — A segunda garota a esconder a sua real natureza dele. — Você o destruiu, Lark. Não há muita luz que tenha restado neste mundo, mas ele era um ponto forte. Ele pode ter sobrevivido, mas você o apagou.

Uma pitada de alguma emoção passou pelo seu rosto, depois se foi.

— Um preço pequeno a pagar pela vida que tenho aqui. Toda noite assisto a um filme novo, enquanto os meus lobos cochilam em frente a uma boa fogueira. Qualquer hora que quiser, posso ir até a cozinha, grelhar um queijo e comê-lo com leite fresco. Não há canibais ou Saqueadores para me jantar, nenhuma milícia para me estuprar, nenhum escravo, nenhuma praga. — Ela apontou a casa de guarda de Ogen com o queixo. — O pior dos Diabos é o que você já conhece.

— Não acabou de dizer isso, sim? Odeio você. — Apertei a ponte do nariz. — Você menciona um monte de prós de se viver aqui. E quanto aos contras? Você não tem liberdade nem futuro. A Morte eventualmente te matará.

— Bem, então não vou gastar mais nenhum minuto discutindo com você. Estou cansada de você fazendo eu me sentir mal. — Expondo suas pequenas presas, ela andou até quase encostarmos os dedos dos pés. — Pelo bem ou pelo mal, agora dividimos um lar. Então você vai ter que deixar toda essa baboseira para trás.

— Ou o quê? — Eu fechei a distância que faltava entre nós para olhá-la por cima do nariz — algo desafiador, já que éramos quase da mesma altura. — O que pode me fazer? Isso mesmo, porcária nen... ai! — Dor invadiu a minha perna.

Quando olhei para baixo, vi duas marcas na minha calça e uma cobra se afastando.

— Eca! Que nojo! — Eu me afastei com um arrepio. — Fez ela me morder? Odeio te dizer isso, mas sou imune a veneno, e provavelmente a animais peçonhentos também. Ai! — Outra mordeu minha outra perna. — Droga, Lark!

Ela riu.

— Calminha, impura. Essas mordidas são secas. Não venenosas.

Estreitei os olhos.

— Vou tirar essa braçadeira um dia. Continue com isso e vai acabar mumificada em videiras.

— Anotado. Agora, vamos, há muito mais para se ver. — Ela abriu a porta do celeiro. — Admita, este lugar é incrível. Algum barão do ferro o construiu para a sua esposa na década de vinte, mas ela morreu de modo misterioso. Pode até ser assombrado! Eles fizeram renovações na Guerra Fria, então o porão é como um refúgio antiaéreo, maior que o Warehouse 13²⁸.

— A Morte morou aqui antes do Flash, preparando tudo? — Deve ter sido legal ter tempo para se preparar. — Ele sabia que aconteceria?

²⁸ Referência ao depósito da série de TV.

— Não o Flash necessariamente. Ele só sabia que algum tipo de catástrofe sempre acompanha o começo de um jogo. — Com orgulho, ela disse. — O chefe era mega-rico e costumava abastecer em preparação para o juízo final, de tudo, desde congelamento global ao grande dilúvio. Meu pai e eu achávamos que ele era apenas um milionário excêntrico.

— Então é no Warehouse 13 que vocês mantêm o jardim?

Lark disse às pressas.

— Não!

Eu dei um sorriso agradável.

— Só uma questão de tempo. Então, se está com o Anjo da Morte esse tempo todo, como não estava naquela primeira batalha contra Joules, Gabriel e Calanthe?

— Morte e Ogen só tinham planejado sair em uma viagem para abastecer, e eu tinha uma égua dando cria para dar assistência. Reprodução é a minha prioridade. Olhe, a Morte não me chantageia com os animais, mas eu não sou idiota. Onde mais vou encontrar centenas de toneladas de feno?

Na porta do celeiro, olhei para trás. Pelo que eu sabia, aquela poderia ser a maior coleção de animais que restava na terra. Ela os pasturava, aumentando os seus números. E apesar de tudo, meu ódio esfriou mais um grau.

Depois que trancamos o celeiro ao sair, vagamos por um caminho de ladrilhos que passava por uma estação de treinos. A Morte estava lá, sem camisa na chuva, praticando com as suas espadas. Não achava que chegaria a me acostumar a ver aquele tipo de força e velocidade. Sua pele estava molhada, aquelas tatuagens ondulavam quando os músculos do seu peito flexionavam.

O que aqueles símbolos queriam dizer? Por que ele se marcaria com eles?

Apesar de ter sido baleado ontem, ele não parava, trabalhando como se aqueles ferimentos fechados com pontos nem existissem, sua capacidade de cura rápida obviamente funcionando.

— Você tratou dos ferimentos de bala dele? — Perguntei a Lark.

Ela negou com a cabeça.

— O empregado humano que lhe falei era um socorrista antes do Flash.

Quando a Morte deferiu um golpe particularmente feroz em um dos postes de treinamento, ela exalou.

— Não acha que ele é incrível de se ver?

Não queria achar. Em um tom amargo, disse.

— Incrível? Talvez como um furacão. — E aquele era o homem que eu devia seduzir?

Quando o assunto era garotos, sempre recorri à minha melhor amiga, Mel. Podia imaginar o que ela faria naquela situação: dar uma olhada geral nele, e depois satirizar.

— O trabalho é difícil, vadia, mas alguém precisa fazer.

Lark disse.

— Ele tem aquela vibração “eu-domino-tudo-ao-meu-redor”. Admita, é sexy.



— Não quando sou uma das coisas que ele domina. E diferente de você, eu não gosto de vê-lo aqui melhorando as habilidades que já possui. Como consegue esquecer o fato de que ele vai te matar?

Ela reajustou o chapéu.

— O chefe disse que me deixará viver metade de uma década em segurança, ok? Nos anos D.F., isso é uma vida inteira.

— Isso nunca vai acontecer. Ele pretende ganhar esse jogo e jogar outra vez no futuro, certo? — Quando ela me olhou confusa, eu disse. — Nós envelhecemos enquanto o jogo se desenrola. Ele envelhece. Sua meia década o colocará próximo aos trinta na próxima rodada. E este é um jogo de um homem jovem. — A confiança absoluta em minhas palavras deve ter sido perturbadora para ela. — Acredite em mim, ele vai acabar conosco assim que possível.

— A não ser que você faça alguma coisa, hein?

— Bingo. Quer que eu perdoe você? Então mereça. Você vai me passar a agenda da Morte, um mapa da residência, e um mapa desta montanha. Bem depois de me mostrar o jardim.

— Oh, eu vou é? — Ela sorriu, como se estivéssemos embarcando em um novo e divertido passatempo.

— Guarde as minhas palavras, Lark. Você vai fazer isso ainda hoje...

Capítulo 29

DIA 272 D.F.

Uma semana tinha passado e Lark não me cedeu precisamente nada. Sempre que eu exigia respostas, ela só dava risada, dizendo.

— Pare e sinta o cheiro das rosas. — Pelo menos ela deixava a minha cela aberta, não que eu pudesse me livrar da minha inabalável guarda.

Naquela manhã eu estava andando de um lado para o outro na minha torre, Ciclope roncando na frente da porta. Sete dias desperdiçados e eu não estava perto de escapar, nem perto de eliminar Morte.

Matthew foi de pouquíssima ajuda. Em cada uma das suas checagens diárias, ele me dizia o quanto Jack estava desesperado para me encontrar, quanta angústia o garoto sentia por não ter conseguido me salvar da Morte.

Aquelas checagens me deixavam louca para ir até Jack. Estava morta de preocupação com todos lá fora.

Se a minha única opção contra o Anjo da Morte era seduzi-lo e fazer com que confiasse em mim, então estava mais do que pronta para bancar a sedutora, até certo ponto.

Infelizmente, raramente estava perto dele. Na maioria das vezes ou ele estava treinando no pátio ou confinado em seus aposentos “não autorizados”. A única refeição em que Morte sempre aparecia era o café da manhã, mas geralmente ficava concentrado em seu jornal.

Eu lhe fazia perguntas sobre o clima, a casa, o jogo, implicâncias, comida favorita, tudo. E ele me ignorava como se eu fosse uma mosca incômoda.

Na minha frente, ele não mostrava interesse algum. Porém, eu sentia os seus olhos em mim constantemente. Quando dava as minhas caminhadas diárias lá fora para decorar a área, às vezes eu olhava e o via me fitando das suas janelas arqueadas. E naquela manhã, enquanto estava na bancada, senti o seu olhar penetrante em mim. Roubando um olhar por cima do ombro, eu o peguei levantando o jornal — com os punhos cerrados com força...

Parei de andar de lá para cá e sentei no banco da janela da torre. Dali, eu tinha uma visão de todo o complexo, incluindo da área de treino onde Morte praticava todos os dias. Ele nunca vestia a armadura para isso, geralmente nem se importava com uma camisa. O que fazia sentido — roupa ia se tornar algo cada vez mais difícil de conseguir.

Ele estava bem ali no momento, treinando com o seu cavalo, Thanatos, perseguindo um alvo em movimento: um escudo pendurado que se movia com o vento. Mesmo com aquela velocidade, Morte o atingia sempre.

Embora rajadas de vento açoitassem seu cabelo loiro, ele parecia esquecido do frio e da chuva. Lama manchava o seu peito nu, em cima daquelas runas, como se fossem resultado da luta. Mesmo com suas novas cicatrizes, Morte era de tirar o fôlego.

Enquanto ele praticava, eu me vi tranquilizada pelos seus movimentos precisos e agressão controlada, minhas pálpebras ficaram pesadas, como se de... satisfação. Como se eu estivesse exatamente onde deveria estar. O que me apavorava. Satisfação no refúgio de um assassino? Um que planejava me matar?

A menos que eu o matasse primeiro.

— *Imperatriz? Está acordada?*

Estou. Matthew, me dê uma boa notícia.

— *A neve ainda não veio.*

Ótimo. Jack está melhor?

— *Não.*

Fechei os olhos com força. Por mais que odiasse a ideia de Jack sofrendo, sabia que não poderíamos ficar juntos, não até que eu tivesse êxito por aqui. *Continuou levando ele para longe daqui?*

— *Você está nos meus olhos.* Matthew me mostrou uma visão em tempo real. Pelo seu olhar, eu pude ver o interior de uma casa decrepita, pude ver Jack nela. Deus, como sentia falta dele!

Com uma expressão selvagem, ele esmagou o punho em uma parede de gesso, depois se voltou para virar uma mesa repleta de mapas. Mesmo pela visão, consegui sentir a sua frustração, e daria qualquer coisa para aliviá-la.

Ele andou até Matthew.

— *Você sabe onde ela está, coo-yôn!* — ele berrou para o garoto. — Não me diga o contrário. Vai encontrá-la, do mesmo jeito que fez em Réquiem.

Matthew virou a cabeça para me mostrar Selen e Finn sentados em silêncio, como se esperando que tudo desaparecesse.

Como se acostumados com aquilo.

Notei que Jack não estava bebendo, e aquela mudança de comportamento usual me preocupava tanto quanto tudo mais que eu via.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Por que você não me ajuda, garoto? Eu disse a minha *filles* que iria atrás dela. — Minha garota. Quando os olhos cinzentos dele se encheram d'água, meu coração sacudiu. — O que diabos ele está fazendo com ela?

Matthew, você não falou para ele que eu estava bem! Fale agora!

— Não vou mentir.

Outra preocupação para lançar na pilha das que eles já tinham. Mas por enquanto, tudo em que eu conseguia pensar era em Jack.

Com a voz rouca, ele perguntou a Matthew.

— Aquele bastardo... ele está machucando ela?

Diga que eu estou bem, só esperando até que a tempestade termine! Diga a ele que me encontrarei com vocês em algumas semanas. Por favor, por favor, não faça com que ele sofra assim.

Jack parecia que ia enlouquecer se aquilo durasse por mais tempo. O que encurtava ainda mais o prazo da minha missão para derrotar a Morte.

Matthew, por favor, estou implorando que ajude Jack.

— Ele está tentando arrancar a sua localização de mim com os punhos. Mas você pediu a ele que cuidasse de mim.

Achei que você não conseguisse ler o Dee-vee-oh muito bem.

— Não é preciso ser o Louco para prever isso! Jack Deveaux fala com os punhos.

Você parece quase admirado.

— Jack é... inesperado.

Inesperado? Essa era uma palavra de um psíquico, mesmo. Nem mesmo eu saberia o que Jack faria se estivesse com as costas contra a parede.

E elas estavam. O que queria dizer que as minhas também estavam.

— *Trabalhe no Anjo da Morte, Imperatriz.*

O homem me odeia. Eu mal consigo chegar aos seus arredores.

Alguns dias atrás, eu cheguei ao meu limite com tudo — ser uma prisioneira, sentir saudade de Jack e Matthew, até de Finn e Selena. E estava farta daquele lugar. Podia ter todos os tipos de luxos, mas ninguém sorria ali, ninguém conversava ou brincava. Era como uma tumba gigante. Bem apropriado.

Então ignorei as ameaças da Morte — e os terríveis avisos sobre a sua privacidade — e desci para provocá-lo. Ou para seduzi-lo. O que fosse.

Antes que pudesse ao menos alcançar os seus aposentos proibidos, Ciclope tinha mordido os meus calcanhares e me derrubado várias vezes, até que eu desistisse.

Depois eu disse a Lark.

— Precisa educar o seu lobo.

— Para que você possa roubar uma faca de mesa e se cortar para remover a sua braçadeira? Deixe que eu decido disso. Além do mais, o lobo não funciona só como um carcereiro.

— Por que eu preciso ser protegida de Ogen? — Ele teve outro surto no meio da semana.

— Acha que não precisa...?

— *A Morte quer a Vida.* — Disse Matthew. *Proximidade, sedução, liberdade.*



Naquele momento, vi o Anjo da Morte guiando o seu cavalo para o celeiro. Ele estaria na mansão dentro de minutos.

Faça como eu pedi, Matthew! Desci correndo os degraus e o corredor, chegando no salão principal, Ciclope correndo atrás de mim.

Ainda estava sem fôlego quando a Morte entrou, alto, cheio de energia, maravilhoso. Ele enxugava a água da chuva com uma toalha, os músculos do seu torso se contraindo em uma exibição estonteante.

Ele fechou a cara ao me ver, depois se virou na direção dos seus aposentos.

Sem perder o ânimo, tentei acompanhar o seu passo.

— Hoje é o dia que vai me matar?

— Ainda não, criatura.

— Só para que saiba, o tédio já está me perseguindo com uma gadanha.

Um canto dos lábios dele tinha se levantado um pouco? O mais perto que a Morte já deu de um sorriso de verdade?

— Ainda recolho informação para tomar a minha decisão.

— O que espera que eu faça o dia inteiro?

— Sirva-se da biblioteca. — Arqueando uma sobrancelha, ele disse. — Aprimore sua mente. Aprenda a falar linguagem de sinais.

A sua réplica inteligente foi surpreendente. Achei que ele poderia estar... brincando comigo. A Morte.

Depois lembrei dos seus comentários sobre os meus pensamentos “banais e entediantes”. Ele realmente não achava que minha mente fosse grande coisa.

— Só para constar, eu fui uma aluna nota dez a vida inteira. — Ao menos até as visões de Matthew me incapacitarem.

Morte deu uma risada ofensiva.

— Sua vida inteira? E quantos anos você tem, garotinha? Quinze?

Disparei.

— Dezesseis. — Deus, ele tinha um jeito de me irritar! — Por que está sempre treinando? Não é como se precisasse melhorar suas habilidades de matar.

Ele parou na minha frente.

— Talvez isso evite que minha mente pense em outras coisas. — O seu olhar me varreu.

Flertando?! Não acostumada com esse lado dele, perguntei.

— E por que não pode pensar nessas outras coisas?

— Ah. Agora a sedução começa. Bem a tempo. Não consegue nem evitar ser o que é.

— O que isso quer dizer?

Ele continuou a andar.

— Ficarei de guarda, o que quer dizer que haverá retaliação se vier a se aproximar de mim novamente.

— Por que se isola de mim? Matthew me disse que estava pensando em me deixar... ficar. Talvez sempre tenha planejado isso. Quando reformou esta propriedade, preparou aquele quarto na torre comigo em mente, não foi?

— Você não é uma aquisição de longo tempo, posso garantir.



Arrepiante. Aquele homem poderia entrar no meu quarto a qualquer hora que tivesse vontade e cortar a minha cabeça. Antes estava mais preocupada com Jack e Matthew. Agora temia também pela minha própria vida.

— Então por que me deixar viver tanto tempo assim? Por que se incomodar comigo?

— Entenda, criatura, nunca cesso de jogar o jogo. Mantê-la aqui é uma estratégia. Você é uma carta e tanto, por assim dizer. Enquanto a Imperatriz estiver viva, os outros Arcanos acreditarão que têm uma chance de me derrotar. Ficarão mais ousados comigo. — Ele exibiu aquela expressão perturbadora característica. — Gosto deles ousados.

— O que importa isso? — Perguntei enquanto passávamos pela academia. Lark nos espiou, inclinando a cabeça com curiosidade.

— Com a sua morte, muitos se dispersariam. Eles acreditariam — e com razão — que não tem chance contra mim. O que torna o meu trabalho muito mais difícil. Eu aprecio os confortos do meu lar; não desejo me afastar dele. Nem desejo que este jogo se demore além do necessário. Se a sorte estiver comigo, alguns Arcanos podem até vir até aqui para resgatá-la, minha princesa veneno no alto da torre. Minha suposta única fraqueza.

Cuidado com as iscas. Agora eu era uma.

— Suposta?

— Eu não possuo fraqueza. Saiba que quando servir ao seu propósito você será despachada igual a todos os demais.

Sim, arrepiante.

— Então, de acordo com essa linha de raciocínio, vai me manter viva até ainda existirem cartas por aí?

— A não ser que não se acomode aqui. Como disse, aprecio os confortos do meu lar. Este é o meu santuário. Faça qualquer coisa que afete isso negativamente e estará morta antes que volte a respirar novamente. Essa é a informação que eu quero: suportará o seu tempo aqui com discrição?

Ergui as sobrancelhas.

— Com discrição?

Em um tom incisivo, ele disse.

— Respeitando a minha privacidade.

Nós tínhamos parado do lado de fora da porta do seu escritório. Eu o segui até a sua suíte?

E agora ele se isolaria ali até amanhã, outro dia perdido.

Lembrando da angústia nos olhos de Jack, tentei tocar o braço da Morte, dizendo.

— Se eu não sou a sua fraqueza, então por que sempre está me evitando?

Com ameaça em cada linha do seu corpo, o Anjo da Morte segurou o meu pulso para me impedir. Mesmo assim ele baixou os olhos para onde as nossas peles entravam em contato, sua expressão igual a de um viciado tomando uma dose rápida. O âmbar dos seus olhos brilhou em um dourado estrelar. Em uma voz rouca, ele disse.

— Eu a avisei, Imperatriz. — Parecendo recuperar o controle, ele me soltou.

— Todos morrem de medo do Toque da Morte. — murmurei. — Ainda assim você parece temer o meu.



Ele me olhou de forma contundente.
— Eu não lido com víboras sem necessidade.
Odeio ele!
— Só as admira à distância? Arranca as suas presas? — Indiquei a minha braçadeira.
Ele não negou.
— É o único modo de deixar que andem soltas pela sua casa...

Capítulo 30

DIA 247 D.F.

Ogen estava dentro da mansão.
À meia-noite, a fome me tirou — com a minha sombra, Ciclope — da cama. Não tinha notícias de Matthew há dois dias, e a preocupação tinha acabado com o meu apetite. Mas depois me lembrei que precisava ficar forte. Já que meus poderes não estavam.
Tinha colocado um robe por cima da minha camisola, depois desci a escada até o corredor pouco iluminado. Minha respiração ficou presa quando vi uma porta que dava para o exterior na ala leste aberta, pegadas enlameadas pelo chão.
Pegadas enormes.
Ogen poderia estar em qualquer lugar, poderia estar esperando atrás de qualquer porta. Olhando para todo lugar, voltei a amaldiçoar a minha braçadeira. Devia correr de volta ao meu quarto, confiando que um lobo gigante me mantivesse a salvo de um ogro?
Tinha uma ideia melhor.
Olhei para o meu guarda.
— Encontre Ogen, lobo. — indiquei que se movesse logo — Vamos.
Ciclope estreitou o seu olho amarelo, exibindo aquela percepção animal que não era natural.
— Não estou de brincadeira. Encontre Ogen! — Ele me deu um olhar irritado, mas de fato começou a farejar a trilha.
Deixei que ele se afastasse um pouco, depois saí correndo na direção oposta, até a suíte não autorizada da Morte. Pouco antes de Ciclope me alcançar, esmurrei a porta.
A porta da Morte. Teria me acovardado se não estivesse tão apavorada.
Quando o Anjo da Morte abriu, Ciclope abocanhrou o meu robe e o puxava, enquanto eu me prendia que nem uma idiota na parte mais alta da porta. Em outras palavras, nós parecíamos uma dupla de comediantes do cinema mudo.
Mas o quanto eu parecia ridícula foi imediatamente esquecido — em face do quanto Morte estava lindo.

Cabelo loiro desalinhado de forma atraente, ele usava uma calça jeans desbotada e uma camisa de botões negra aberta. Meu olhar se pregou ao seu peito tatuado.

Outra vez o seu cheiro me atingiu. Sândalo e pinho. Divino.

Ele não saiu da entrada.

— Já te disse que esta área é proibida.

Tremor interno. *Forme palavras.*

— Preciso de ajuda. — disse, jogando a perna para trás. Quando bati no focinho do lobo, Ciclope finalmente me soltou. — Ogen está na mansão.

— Ele está? — Perguntou a Morte, fitando o meu corpo com tanta avidez quanto eu o seu. Seus olhos começaram a emitir aquela luz encantadora.

Minha camisola e robe de seda cobriam tudo — mas ele tinha um modo de me olhar que me fazia sentir nua.

Estalei os dedos.

— Consegue se concentrar? Ele está aqui dentro.

Morte se demorou ao levantar os olhos para os meus.

— Acho divertido que tema Ogen e corra até o único Arcano que te representa muito mais ameaça.

— Por favor? — disse, olhando por cima dele para espiar o espaço pessoal daquele homem. O aposento atrás dele era um escritório com prateleiras de livros com aparência antiga e objetos do mesmo estilo.

Ele estendeu a mão para o lado, retirando uma espada. De onde, de um suporte para guarda-chuvas? Ou ele a mantinha sempre por perto — para usar contra mim?

— Sempre tem uma dessas por perto?

Ele saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si.

— Sem falha. — Depois de murmurar algumas palavras em uma língua estranha para o lobo, ele se afastou. Por cima do ombro me ordenou. — Fique aqui.

Finalmente, eu não aceitava ordens tão bem quanto Ogen. Precisava investigar o escritório da Morte, para adquirir alguma informação acerca do misterioso cavaleiro. Quando tentei tocar a maçaneta, Ciclope grunhiu.

Continuei girando a maçaneta, até ele abocanhar toda a minha panturrilha, a ameaça clara.

— Tudo bem, tudo bem! Você é uma pedra no meu sapato, cãozinho. — Assim que soltei a maçaneta, ele me libertou.

Resignada a esperar, cruzei os braços me escorando na porta.

Por todo o corredor havia obras de arte que pareciam não terem preço, definitivamente com séculos de existência. Conhecia um pouco de arte e achava que deviam ser italianas.

A maioria era de cenas de batalhas, com os rostos dos soldados obscurecidos. Embora os artistas tivessem retratado estacas sendo lançadas e cavalos em meio salto, ainda achava o efeito estático. Congelado.

Exatamente como aquele lugar.

O lobo provavelmente me salvou de uma péssima, porque Morte retornou em poucos minutos.

— Ogen evidentemente queria presunto. — ele disse com frieza. — E queria a ponto de me desobedecer. Ele já foi agora — pode voltar ao seu quarto.

— Encurtou os chifres dele?

Na porta, ele disse.

— Fauna andou falando, então? Sim, eu o puni. Estou sendo mais gentil neste jogo e ele reagiu, testando os limites. Retornará ao lugar que pertence agora.

— Isso é você sendo gentil? — Meus pensamentos voltaram para a Morte de pé na saída daquela mina, mais apavorante do que o seu *tableau* de Anjo da Morte. — O que teria acontecido se tivesse cruzado com ele?

Ao invés de responder a minha pergunta, Morte disse.

— Ogen não entrará novamente na mansão.

Quando abriu a sua porta, olhei como aquele pessoal fascinado por desgraças olha para um acidente, mas ele não me convidou para entrar.

— Você tem muitos livros. — *Brilhante, Eves*. — Posso entrar um segundo?

Com um ar ressentido, ele se virou e entrou. Aceitando aquilo como um “claro”, eu segui, fechando a porta na cara de Ciclope.

Morte sentou atrás da sua mesa enorme, que estava coberta por pergaminhos castigados pelo tempo. Pela aparência das coisas, antes de interrompe-lo, ele estava no meio de um estudo profundo acerca de... algo. Ao lado dos pergaminhos havia uma garrafa e um copo.

Como Jack, a Morte tinha uma tendência a beber. Diferentemente de Jack, ele bebia vodka.

Sem uma palavra a mim, Morte enrolou os pergaminhos. Quando ele não ofereceu para que me sentasse, aproveitei para explorar. Ele tinha duas paredes repletas de prateleiras que iam do chão ao teto. Corri um dedo pelas lombadas, notando a idade dos livros. Todas edições de colecionador, sem dúvida. A maioria dos títulos estava em línguas estrangeiras, que pareciam com Grego e Latim, alguns em Francês.

Dúzias de espadas estavam penduradas nas paredes. Atrás de sua mesa, várias janelas em estilo Gótico arqueavam bem alto — pelas quais eu o via me olhando.

No lado oposto às janelas havia armários repletos de objetos incomuns.

Quatro cetros reais enfeitavam uma prateleira. O mesmo número de coroas era realçado em outra.

Tudo no lugar gritava riqueza e bom gosto. Mesmo assim todas as suas posses estavam presas ao passado, sem sinal de vida. As coroas uma vez foram usadas. As espadas empunhadas. Aqueles livros empoeirados em certo momento nem tinham sido lidos, inexplorados, repletos de mistérios.

Era essa a existência que a Morte queria? O santuário que desejava? Eu o visualizei sentado ali, completamente sozinho, analisando as suas coleções sem vida. Como na margem do rio, senti uma pitada confusa de pena.

— Então, você coleciona espadas, livros e... coroas?

— Entre outras coisas. — ele disse desinteressadamente.

— Sem luz elétrica? — O lugar era iluminado com velas. — Como consegue ler assim?

Como se a resposta tivesse sido arrancada à força, ele disse.

— Por eras, eu li à luz de velas. Se quer saber, ela deixa as palavras mais... vivas.

— A Morte quer que as palavras sejam vivas? Cachorros e gatos vivendo juntos, hein? — Ainda assim o seu comentário me fez olhar com outros olhos para o lugar. Talvez ele não preferisse aquela existência fria e solitária. Talvez estivesse preso a ela.

Talvez a Morte desejasse sonhar em cores.

Os seus olhos se estreitaram.

— O que quer?

— Conversar. — Antes que pudesse me expulsar, sentei em uma das cadeiras acolchoadas em frente à sua mesa. Estava brincando com fogo, irritando aquele homem. Quando ele baixou o olhar, apertei o robe na altura do pescoço. Mas que *femme fatale*.

Até ele franziu o cenho ante as minhas ações.

— Como te disse, não a tocarei desse modo. Não tem o que temer de mim nesse sentido.

— Mas em outro sentido, não tenho tanta sorte? Acho que deveria me livrar logo disso: é hoje a noite que vai me matar?

Ele suspirou.

— Ainda não, criatura.

Sentindo-me mais ousada, eu disse.

— Então, sobre o que são esses pergaminhos?

— Crônicas de um jogo passado. — ele disse. — Detalhes sobre... certos jogadores.

— Algo que queira compartilhar? — Quando sua expressão se irritou, eu disse, — Você tem todas as vantagens que nós não temos, não é? Uma fortaleza, suprimentos, conhecimento do jogo, e aliados escolhidos a dedo que nem parecem se importar que vá matá-los.

— Correta em todas as alegações. — Ele bebeu o conteúdo do copo, e voltou a enchê-lo.

Ainda não havia me expulsado. Lá no fundo, aquele homem desejava mesmo era conversar com outra pessoa?

— Então, que gosto tem a vodka? Nunca experimentei. — Quando me olhou com descrença, o lembrei. — Eu tenho dezesseis. Vim da terra do conhaque e da cerveja.

Como se não pudesse evitar, ele se levantou para pegar outro copo de uma mesa de canto, depois derramou vodka pura nele.

Fitei o líquido transparente quando ele o depositou na minha frente. Minha missão era sedução; álcool diminuía as inibições, certo? Quando levantei o copo para provar, ele sacudiu a cabeça lentamente, demonstrando com a sua própria dose como a bebida deveria ser apreciada. De vez, com logo outra em seguida.

Dando um sorriso doloroso, virei o copo, tossindo com a queimação.

— Bem? — Ele reabasteceu.

Com a garganta em chamas, disse.

— Não sei como vivi sem. Aposto que você tem garrafas e garrafas disso, no seu refúgio antiaéreo debaixo da mansão.

Olhar de pedra.

Sem recuar, eu perguntei.



— Como sabia quando seria o Flash?

Ele afundou mais uma vez em sua cadeira de couro.

— Os ícones na minha mão começaram a sumir, e comecei a ouvir os chamados Arcanos. Esses eventos geralmente ocorrem anteriormente a uma catástrofe.

— Há realmente uma a cada jogo?

— Todas têm temas das cartas. A Peste Negra foi uma referencia a mim. Uma erupção vulcânica sem precedentes foi sobre o Imperador.

— Verdade. — eu disse, lembrando dos poderes daquela carta. O Imperador podia criar montanhas, vulcões, e terremotos, seu personagem era tão implacável e duro quanto o da Imperatriz deveria ser suave e exuberante.

— Uma vergonha que não possa lembrar a sua homenagem com a fome.

Em uma das minhas primeiras visões, aldeões tinham culpado a bruxa ruiva pela fome que passavam. Eles tinham razão? Em um tom tão inocente quanto conseguia expressar, perguntei. — Houve alguma catástrofe em honra daquela carta, a outra que é imune ao meu veneno? — Tentei tanto me lembrar de qual era. Talvez a Morte revelasse sem querer...

Ele me deu um leve sorriso.

— Isso é algo que só diz respeito a mim saber.

— Me deixe adivinhar. Agora foi a vez do Sol?

Ele assentiu.

— Esses eventos tem um modo de juntar os Arcanos e nos manter de fora da percepção dos humanos. Ninguém olha para o céu para ver um garoto que voa quando há corpos se retorcendo à sua volta.

— O campo de batalha. — Exatamente como Matthew havia me dito. — Mas aquelas outras tragédias não foram apocalípticas. Por essa foi?

Com as sobrelhas erguidas, ele olhou para o meu copo intocado. Justo é justo. Eu engoli, ofeguei e fiz careta quando ele voltou a encher.

— Eu creio que é algo sobre este mundo danificado — o planeta, não a carta — não conseguir suportar a luz do sol. Os deuses podem ter salvado as coisas, mas eles se foram.

— Então, somos os campeões de vários deuses, certo? Tipo, você foi criado por alguma divindade da morte? — Um curto aceno.

A ideia me fez estremecer.

— E quanto a mim? Você disse que eu era mais Afrodite do que Démeter. Estava sendo literal?

— Os deuses atendem incontáveis denominações. Do que são chamados não tem importância. Tudo que importa é que poderes eles te concederam.

— O seu dom do “Toque-da-Morte” não parece muito justo. Está só nas suas mãos, ou toda a sua pele é mortal?

Perfurando-me com o olhar, ele enunciou as palavras:

— Cada pedacinho de mim.

Não conseguia dizer se as suas palavras tinham duplo sentido — ou eram uma ameaça. Mudando de assunto.

— Qual é o seu chamado? Como eu nunca o ouvi?

— Talvez eu não precise de um. — ele disse, evadindo a pergunta.



— Ouviu o chamado de todos os Arcanos? — Como o rei das transmissões sonoras. — Até dos mais distantes? — Aqueles que eu podia ouvir só queriam sussurrar sobre a morte terrível e iminente da Imperatriz.

— Ouvi. Com exceção de uma que espera para ser ativada.

Voltei ao passado. Não havia uma carta que permanecia dormente até que ele ou ela matasse um Arcano?

— Você é bem inquisitiva desta vez. Me fez mais perguntas em dias do que em todas as suas outras vidas.

Além de todos os meus outros defeitos, eu também era uma tagarela?

— Você me intriga. — a Morte admitiu. — Parece mudada com relação a como era no passado. Ao menos na superfície. Quero saber por que.

— Não sei dizer por que sou diferente. Não lembro de muita coisa sobre as vidas passadas.

— Baseado na sua história, devo assumir que tudo isso é fingimento.

— Não é. Olhe, eu tive a impressão de que não fui exatamente a Miss Simpatia nos jogos anteriores. Mas neste, eu sou bastante transparente.

— Então responderá todas as minhas perguntas com sinceridade.

Eu tinha o pressentimento de que ele estava prestes a me testar, como se só fosse perguntar coisas das quais já sabia a resposta.

— Dispare.

— Você e o Louco estão juntos em uma trama contra mim?

Droga.

— Frequentemente.

— Me mataria agora se tivesse a oportunidade?

Como responder aquilo?

— Não se você se juntasse à minha trégua.

— Infelizmente, conheço a futilidade. Acha que os Arcanos nunca tentaram no passado? Deixar algumas cartas vivas, com um pacto de paz entre elas. Funciona por um tempo. Porém, depois a tentação de uma vida imortal aumenta. A matança começa novamente. O Destino descobrirá um modo de fazer com que lutem.

Eu não tinha acreditado que era o primeiro Arcano a ter essas ideias. Mas saber que uma trégua foi tentada — e que falhou — era algo desmoralizador. Se a Morte estivesse falando a verdade.

— Os Arcanos mais fortes não conseguiram fazer o pacto funcionar. — continuou. — De um modo bem interessante, você já aderiu a um pacto anteriormente. E foi a primeira a quebrá-lo.

— Como? O que fez?

Outra olhada para o meu copo.

Quando bebi a dose, ele esvaziou a sua, voltando a encher os copos. Outra vez? Eu estava começando a ficar tonta.

— Se quer saber criatura, então se lembre.

— E se eu não conseguir?

— Então jamais saberá. Não ouviu falar? Eu guardo segredos como um túmulo.

Outra vez, estava ele brincando comigo?

— De qualquer modo, isso foi antes; estamos no agora. Eu não sou a mesma pessoa desta vez. Não consigo nem compreender como era tão má. — A detentora do recorde.

— Sua linha familiar sempre levou o jogo muito a sério, te treinando para ser uma assassina impiedosa.

Meus lábios se abriram quando relembrei das palavras da minha avó: *Evie, há uma maldade em você que eu preciso cultivar.* Lembrei que os olhos dela brilharam com afeição enquanto me dizia, *Você vai matar todos eles.*

Eu tinha oito anos na época.

Se a minha mãe não a tivesse mandado embora, como eu seria hoje? O que vovó teria me ensinado, depois de mais oito anos? Engoli em seco. O que ela me ensinaria agora?

Provavelmente não como pôr um fim ao jogo. E tréguas de todo modo não tinham funcionado no passado.

Eu me segurei como uma teimosa na crença de que minha avó poderia me ajudar. Considerando tudo o que fiquei sabendo — e que lembrei — aquela ideia parecia quase risória. Talvez tivesse me prendido tanto a essa ideia devido ao fato da alternativa ser assassinar pessoas que gostava...

Pela primeira vez, minha vontade de chegar até ela ficou menos urgente.

— No que está pensando com tanta gravidade? — Morte perguntou.

— Que não é de se admirar que eu seja diferente. — Corri o dedo pela borda do copo. — Perdi as minhas aulas. Ao invés de aprender como matar, fui só uma garota normal. — Eu levantei os olhos, vi que o olhar dele seguia o movimento do meu dedo.

Ele acenou para os meus ícones.

— Virou-se muito bem sozinha.

Baixei a mão.

— Depois que a minha avó foi embora — ser internada em um sanatório — não me ensinaram mais nada. Ia à escola em uma cidade pequena, saía com os meus amigos. Era tediosa, com pensamentos banais e entediantes.

— O que eu disse a irritou de verdade, não foi?

Dei de ombros.

— Por que quis ver os meus pensamentos afinal?

— É sábio conhecer o inimigo.

— Queria que pudesse ler os meus pensamentos agora. Saberia que eu não quero ser a sua inimiga.

Ele juntou os dedos, tão arrogante quanto sempre. Seu toque podia ser fatal, mas suas mãos eram refinadas.

Como eu imaginava que seriam as de um cirurgião.

— Que coincidência. Quando posso ler a sua mente, você jurava me matar, e ativamente formava alianças para conseguir isso. Agora que não posso, diz que deseja paz entre nós?

— Se eu conseguisse que Matthew restabelecesse a nossa conexão, você tiraria esta algema?

— Não até removê-la do jogo. — Seu tom era direto, todo vencedor imperante.

O que me lembrou que eu não estava ali para fazer amigos.

— Qual foi o trato que fez com Matthew? O que o forçou a lhe dar acesso à minha cabeça?

— Tudo que precisa saber é que ele o rompeu. Ao fazer isso, ele perdeu a sua honra. Isso o prejudicará em jogos futuros.

Igual a como as minhas promessas passadas rompidas tinham me prejudicado naquele.

— Mas você rompeu um trato comigo. Fui com você lá na mina, mas você deixou que Ogen continuasse surrando a montanha.

— Meu trato era que os seus amigos não seriam mortos. Eles ainda vivem. Imperatriz, eu não minto para você.

— O que isso quer dizer? Quem mentiu para mim?

Outro olhar glacial.

Decidindo que ele só estava me irritando, mudei de assunto.

— Como é a vida de um imortal?

— Longa.

— Ok. — Silêncio constrangedor. Procurando algo que falar, perguntei.

— As pinturas no corredor são da Renascença Italiana?

Ele pareceu surpreso.

— São. Conhece arte?

— Eu costumava pintar antes do Flash. — Antes de tais passatempos se tornarem impossíveis. Coisas das quais gostava como dança, arte, e leitura se tornaram lembranças distantes quando eu procurava desesperadamente comida e abrigo a cada dia. — Era fascinada pelos pintores italianos.

Quando fiz as aulas opcionais de arte na escola, eu li e reli o capítulo que tratava deles no livro, imaginando a excitação da era, a folia e a paixão. Minha pintura favorita era o Trinfo de Vênus, de Del Cossa, mas duvidava que a Morte a apreciaria.

— Foi uma época de grande avanço. — ele disse, como se com orgulho. Ofeguei.

— Estava lá, não estava? — Quando inclinou a cabeça, perguntei. — Estava em Florença? Ou talvez Veneza? — Suspirei ao lembrar como aquelas cidades pareciam lindas.

Ele desviou os olhos.

— Preferia localidades mais rurais.

Compreensão. Ele teria evitado áreas populosas, temendo que pudesse tocar outras pessoas. Ele nunca apreciou as celebrações ou a paixão, porque não teve amigos ou amantes. Sempre precisava estar atento.

— Às vezes eu esqueço que você não pode tocar nas pessoas. Bem, em todos menos eu.

O braço dele ficou tenso, como se estivesse com o punho cerrado debaixo da mesa.

— Eu nunca esqueço.

Sempre que Jack ficava com raiva ou frustrado, um músculo estalava em sua mandíbula. A deixa da Morte era cerrar os punhos?

— Então vivia no interior, longe de toda a excitação?

— Eu tinha tudo o que precisava.

O imaginei isolado em alguma vila, completamente sozinho, lendo os seus livros.

— Algum amigo?

— Mortais morrem muito rapidamente. Me esforço para não me apegar a nenhum. Do mesmo modo que não crio animais de estimação.

— Com exceção do seu cavalo. Como encontrou um com os olhos vermelhos? Ele também é imortal?

A Morte negou com a cabeça.

— Todo corcel que reclamo como meu fica com os olhos avermelhados.

— E você o chama de Thanatos²⁹? É bem fácil de decorar. De verdade.

— É o nome de uma divindade da morte. Sirva-se da biblioteca. Aperfeiçoe a sua mente.

Apertei os dentes. Embora quisesse salientar o quanto seria inútil estudar se ele planejava me matar muito em breve.

— Ótima ideia. — Eu levantei, indo até as suas estantes. — Começarei com o seu livro favorito.

Então terei que devolvê-lo e voltarei aqui.

— Eu falei da outra biblioteca.

Por cima do ombro, disse.

— Quero ler o que você gosta.

— Você tem uma coleção inteira à sua disposição, mas deseja um título da minha coleção pessoal? Compreende o quanto esses livros são valiosos? Quanto cuidado eu depusitei por séculos para mantê-los imaculados?

Eu o encarei.

— Porque são primeiras edições.

— Porque são meus. Gastei fortunas para mantê-los a salvo em todos os meus lares diferentes, durante todas as minhas jornadas. Durante guerras e catástrofes, eu os protegi.

Franzi o cenho.

— Eles parecem seus filhos.

Ele levantou o copo.

— O mais perto que chegarei de tê-los. — Disse em um tom sem emoção, mas o comentário me atingiu como triste.

Depois de todo aquele tempo, ele não tinha — nunca poderia — começar uma família. Ele não tinha ninguém. Lembrei o quanto me senti sozinha naqueles dois dias que levei no meu caminho até Requiem. Dois dias.

Morte devia se sentir assim por setecentos mil dias.

A ideia de que alguém como ele podia ser solitário me fez pensar nele, eu nem sei, mais humano. Como se ele fosse um garoto normal no começo dos vinte anos, talvez um estudante universitário que só tentava seguir o seu caminho na vida.

Quando ele não era absolutamente nada disso. Ele era o Cavaleiro Eterno, um assassino imortal. Provavelmente preferia ficar sozinho, e não tinha a mesma necessidade de companhia que eu.

— Não emprestará um único livro? — disse. — Está com medo que eu venha a saber de aspectos da sua personalidade ao ler as mesmas coisas que lê?

Com um comportamento irritado, ele se levantou, juntando-se a mim, mas não muito perto. Levantando a mão bem alto, ele retirou um livro delgado e me entregou.

O Príncipe?

— Está em inglês. Quase tão antigo quanto o original italiano. — Com um toque de mais entusiasmo, ele disse. — Não se perde tanto na tradução quanto se pensava.

²⁹ A personificação grega da morte.

— É sobre o que? É uma aventura? Talvez uma história de amor?

— É um ensaio político ou possivelmente uma sátira... — Ele parou de falar, parecendo se lembrar de com quem estava falando. Sua expressão se fechou novamente, e ele voltou à sua cadeira. Eu tive a impressão de que ele se sentia mais confortável com a mesa entre nós.

Por causa do que eu poderia fazer a ele — ou por causa do que ele poderia fazer comigo?

— Fala e lê em italiano?

— Eu falo e leio muitas línguas. Um benefício de ser imortal. Tenho muito tempo para estudar. — Ele acenou uma mão, indicando aqueles pergaminhos. — E desejo continuar com a minha pesquisa. Agora.

Me restando voltar à minha solitária torre. Só a ideia disso fez as minhas três doses de vodka queimar o meu estômago. Ao menos estar perto da Morte era interessante.

— Podia começar a ler aqui, enquanto você estuda. Poderíamos ler juntos.

Ele estava indeciso?

— Ficarei quietinha como um rato.

Ele estreitou os olhos.

— Acha que não posso ver o que está fazendo? Qual é o seu plano? Deixe-me, criatura. Não volte aqui.

Com um toque de ousadia, eu disse.

— Mas tenho que devolver este livro assim que terminar. — Eu o balancei na sua frente. — É o que exige a etiqueta.

Em um tom que ressoava finalidade, ele disse.

— Considere este um presente antecipado de despedida.

Capítulo 31

DIA 279 D.F.

— *Caçadas e campanhas.*

Acordei esfregando meus olhos. Matthew, é você? Fiz uma careta ao encontrar Ciclope ao meu lado novamente. Ele lambeu seus beiços enormes, então cochilou mais uma vez. *Que horas são?*

— *Não sei. Sempre escuro.*

Ontem o sol tinha subido por apenas uma hora ou menos. Noite sem fim no covil do Cavaleiro Eterno. Tentei bloquear isso da minha mente. Eu queria frustrar o jogo, não importava se o planeta inteiro falhasse. *Onde esteve? Você não atualizou por cinco dias.*

— *Ocupado.*

Diga-me que Jack está melhor. Nós agora estamos separados há três semanas, e estou cada vez mais assustada por ele. Não consigo me concentrar, não consigo pensar além de fugir para alcançá-lo.

Ou terminar meu trabalho aqui.

Eu gostaria de ter algum tipo de atualização do Matthew, mas minha vida parecia estar presa em uma pausa, Dia da Marmota³⁰ se repetindo. Não consegui chegar mais perto do arrogante Ceifeiro. Minha única evolução foi que consegui me acostumar ao cilício. Isto não era uma coisa boa; tinha planejado me livrar dele antes que me acostumasse com isto.

— *Melhor? Jack está diferente. Saímos em caçadas e campanhas!* — Matthew soou como alguém de dezesseis anos que acabou de comprar seu primeiro carro.

O que isso quer dizer?

Ele me mostrou uma visão de Jack. Em vez do frenesi que ele tinha demonstrado antes, Jack estava friamente limpando um rifle, focado com uma intenção mortal. Ainda sem beber.

O que aconteceu?

— *Outros conhecem sua localização. Cuidado com as iscas.*

Como Morte tinha falado. *Sim, e?*

— *Não direi a Jack como chegar até você. Então ele planeja descobrir sua localização de outros.*

Enquanto eu explodia sons ininteligíveis mentalmente, Matthew continuou.

— *Vamos a caçada por Arcanos. Planejando uma nova campanha*

O que você está pensando?? Isso foi o mais furiosa que já estive com Matthew. *Jack não tem PODERES.*

— *Selena e Finn ajudam também.* — Seu tom foi grosseiro agora.

Por favor, leve todos eles para longe do perigo! Prometa-me, Matthew.

— *Proximidade. Sedução. Liberdade. Caçadas! E campanhas!*

Então ele se foi, como se tivesse batido o telefone na minha cara. Deixando-me ainda mais frenética para retornar a todos eles.

Como? Como? Como?

Proximidade? Morte tinha uma aversão marcada por mim. Eu o embosquei duas vezes, mas só me senti mais distante do meu objetivo. Meu próximo passo seria ficar de pé na chuva enquanto ele treinava, parecendo com uma idiota ainda maior.

O que eu sabia sobre sedução? Estava com dezesseis anos indo para dezessete. Tinha feito sexo uma vez. Sempre recebi conselho da mundana da Mel.

Ela saberia o que fazer com isso. Lembrei de uma vez quando tivemos que lavar carro para arrecadação de fundos para nossa torcida. Ela apareceu com uma camiseta branca de tecido bem fino e um sutiã preto.

Sua fila de carros tinha dado a volta em torno da escola.

Mas não existia nenhum carro por aqui para lavar. Em que situação eu podia esperar para vestir uma camiseta molhada?

Tive uma ideia. Virei-me para Ciclope.

— Menino, você está *fedendo*.

³⁰ Dia da Marmota, no original Groundhog Days, é um filme em que um repórter encontra-se repetindo o mesmo dia várias vezes. Este dia é comemorado dia 2 de fevereiro.



Chuva fina? Confere. Lobo? Confere. Camisa branca de tecido fino e sutiã preto? Confere, confere.

Eu tinha acabado de instalar baldes de água aquecida e meu próprio lobo no pátio — em plena vista da Morte.

Embora ele nem sequer tenha olhado para nós, minha mente brevemente tinha dado um branco ao vê-lo. Hoje ele usava uma camisa de cota de malha — como uma camiseta de mangas compridas feitas de metal retorcido — que deixava pouco para a imaginação. A malha pendia amorosamente dos sulcos e planos de seus músculos bem definidos, brincando pelas runas em sua pele.

Concentre-se! Agarrei o detergente líquido que tinha surrupiado da cozinha. Supondo que o covil da Morte tinha todo o sabão no mundo, esguichei uma boa porção sobre Ciclope.

Mais cedo, encontrei Lark no ginásio, dizendo a ela.

— Vou dar um banho no Ciclope.

Sua resposta:

— Seu enterro.

Estranhamente, o lobo cooperou, mesmo quando comecei a trabalhar o líquido em seu pelo frisado. Mas me lançou um olhar daquele seu único olho com tal confusão que eu soube que Lark nunca o lavou antes. Então dei a ele aquele olhar “*o que fazer?*”, virei e esfreguei.

Como se lavando uma cicatriz, Wookiee³¹ sarnento.

Água com sabão começou a escorrer pelo pátio para onde Morte praticava. Sempre que passava por ela, bolhas espirravam em torno de suas botas. Ele deve ter notado. Por um momento parou, então continuou com um olhar determinado em seu rosto.

Ok, agora ele estava justamente me ignorando. Não é aceitável.

Esvaziei o frasco inteiro em Ciclope, ensaboando seu pelo até que ele estava coberto com bolhas, um cobertor de espuma.

— Meu lobo em pele de cordeiro, hein, menino?

Um rio espesso de espuma flutuou até Morte. *Ignore-nos agora, Ceifa.*

Até quando as bolhas se agarraram às pernas de sua calça, o homem nem mesmo olhou, simplesmente agrediu seu alvo com golpes punitivos.

Droga, este parecia um bom plano. Perscrutei abaixo para o lobo.

— Poderia muito bem lavar você de verdade. — Imaginando o quanto minha torre cheiraria melhor, mergulhei na minha tarefa.

Era meio calmante cuidar dele, e quando percebi que ele estava gostando disto também, eu sorri.

Sem aviso, ele deu uma grande sacudida enviando espuma pra cima de mim. Eu gritei e saltei para trás, mas ele se moveu para o meu lado mais uma vez, querendo mais atenção.

— Você é como um grande felino!

Eu me agachei para trabalhar em alguns pelos embolados em seu pescoço. Ele bufou e as bolhas formadas em cima das suas narinas flutuaram

³¹ Wookiee é o personagem peludo do filme Guerra nas Estrelas.



no ar. Não pude deixar de rir. Isso pareceu ótimo para rir. Não tive vontade desde aquela noite na cabana com Jack...

Avistei Morte andando vigorosamente a passos largos, parecendo como se estivesse para aniquilar alguma coisa.

— Você interrompeu meu treinamento?

— Hmm? — *Isso aqui não vai dar em nada.* Fiquei de pé.

Sua cabeça imediatamente mergulhou, seus olhos focados nos meus peitos. Segui seu olhar. Meus faróis estavam acesos, altamente destacados. Ops.

— Só queria lavar meu companheiro de quarto. O quintal está fora dos limites pra mim?

As sobrançelas loiras da Morte se juntaram e ele esfregou sua mão enluvada pela boca.

— Você não tem outro motivo para encarar esta chuva? — Ele disse distraidamente, ainda olhando fixamente. — Esta chuva *fria*. — Seu sotaque engrossou? Uma mudança de sotaque era sempre um indicador das emoções exacerbadas do Jack.

Dei a volta ao redor do Ciclope para ficar de frente para Morte.

— O lobo deu para dormir na minha cama. Prefiro que ele cheire a limão refrescante que a cachorro molhado.

A mão da Morte se moveu apenas uma fração, como se para me alcançar. Então seu braço caiu de volta, seu punho se fechando.

Isso dizia tudo. Nascido de existências de ansiar contato? Só para lembrar que ele matou com isto?

Era tão estranho pensar que este imortal só podia fazer sexo com uma mulher no mundo inteiro. E que ele pensava em me tocar o tempo todo. Será que ele fantasiaria sobre isto hoje à noite?

Ao pensar naquilo estremeci; ele deixou escapar um palavrão estranho.

Lembre-se da missão.

— Humm, obrigado por me emprestar O Príncipe. — Era um livro misterioso, tudo sobre atos inescrupulosos na guerra e governo. Tramas, intrigas e desumanidade era para ser aplaudido. — Vou terminá-lo esta tarde. Estava pensando se podia visitar seu estúdio hoje à noite e devolvê-lo.

Ainda olhando fixamente para meu peito, ele pigarreou antes de poder falar.

— Você gostaria de vir ao meu quarto esta noite? — Então ele levantou seu olhar, parecendo determinado a não olhar pra baixo.

— Sim. Você me emprestou um livro. Isso significa que deveríamos discuti-lo juntos. Compartilhar torna o livro novo para você novamente. — Quando eu sorria seus olhos se fechavam nos meus lábios, suas íris iam de âmbar até brilhar como se tivessem estrelas.

Ele estava imaginando me beijar agora? Eu o detestava tanto que descobri que a mera ideia me deixava doente — mas não senti nenhuma aversão quando imaginei os lábios da Morte nos meus.

O que me deixava com sentimento de culpa. Eu estava apaixonada por Jack; como podia estar pensando no beijo deste homem?

Minhas bochechas aqueceram e achei que Morte notou.



Lembrei a mim mesma que o Ceifeiro podia ser atraente, tipo, a um grau glorioso — mas era arrogante, cruel e impiedoso. Ele queria me assassinar. Com isso em mente, fiz meu tom de paquera.

— Você escolheu O Príncipe para me mostrar como você joga o jogo, garotão?

Como se tivesse desligado um interruptor, a luz em seus olhos esmaeceu.

— Eu te dei aquele livro para ilustrar como você joga.

Oh. O feitiço foi quebrado.

— Criatura, sei o que você planeja. Você pretende ganhar minha confiança assim eu removerei o cilício. Uma vez que eu desencadear seus poderes, você vai esperar seu tempo até que eu baixe minha guarda, então atacará.

— Morte, espera. — Dei um passo à frente.

Ele deu um pra trás.

— E o tempo todo, você está planejando voltar para *ele*. Eu me pergunto o que seu precioso mortal pensaria sobre suas ações hoje. — Seus punhos fecharam.

Com ciúme.

Não havia mais como negar. Isto era mais do que os opostos se atraem da parte dele, mais do que sua necessidade de tocar. Recordei como ele reagiu na noite em que estive com Jack, a ira no tom da Morte. Algo mais profundo estava trabalhando aqui.

Até que ponto as coisas foram entre nós nas minhas vidas passadas? Precisando saber a verdade, eu disse.

— Eu sonhei que você queria me levar pra cama. Muito tempo atrás. Você conseguiu?

— Se quiser saber, então *lembre*. — Com um olhar ameaçador, ele disse. — Você não vai me seduzir, Imperatriz. Pare de tentar. — Ele se afastou a passos largos.

Não importava. Eu ainda iria para seu estúdio hoje à noite.

Capítulo 32

Não houve nenhuma resposta quando bati na sua porta. Morte foi embora.

Procurei Lark, encontrando-a na guarida assistindo um filme.

— Onde está ele?

Ela apertou a pausa no controle remoto.

— Viajando a negócios. Disse que estaria de volta antes do jantar daqui a duas noites.

— Ele partiu pra fazer uma matança?

— Talvez não. Ele viaja muito em busca de coisas para nós. — Ela lançou um punhado de pipoca em sua boca, mastigando ruidosamente. —

Inferno, ele pode ter tentado escapar — de você. Pelo amor de Deus, Evie, você molhou sua camiseta pra ele. Nunca o vi tão abalado.

Senti uma pequena emoção com a ideia que dei um jeito de sacudir um antigo imortal, mas foi imediatamente apagada. Morte estaria longe por dois dias. O que significava mais noites separada de Jack e dos meus amigos.

Jack, que poderia estar lá fora nesse instante, arriscando sua vida para caçar Arcanos.

Quanto mais tempo eu podia permanecer aqui? Apesar de ter mais tempo em minhas mãos do que já tive na vida, os dias pareciam voar, como se acelerados.

Como se eu estivesse presa no Castelo do Tempo Perdido.

Sentindo a pressão, eu disse.

— Onde fica o jardim, Lark? — Eu sabia que ela era leal à Morte, mas até que ponto? Eu tinha que arriscar. — Ajude-me a conseguir meus poderes de volta e poderíamos tomar esta maldita mansão da Morte e Ogen. Seus animais estariam seguros. Você teria todos os confortos aqui, e chegaria a viver após sua adolescência.

Se ela ficou tentada, não demonstrou.

— Eu podia mandar buscar meus amigos para nos ajudar. Você podia ver Finn. Seríamos uma aliança novamente.

— Não, estou bem aqui.

Apertando minhas têmporas, afundei no sofá oposto ao dela.

— Por que esta lealdade com Morte?

Ela deixou sua tigela de pipoca ao lado.

— Ele não é como você pensa que é.

— Então você está dizendo que ele não é um assassino frio?

Com relutância, ela admitiu.

— Não, ele é. Mas não como os Amantes ou o Hierofante.

— Nós os usamos como comparação agora?

Ela deu de ombros.

— Tente se colocar no lugar dele. A única menina no mundo que ele pode tocar jurou matá-lo.

Eu quase gritei, *Ele que começou isso!* Inclusive antes do Flash, ele me ameaçou.

— Eu só queria viver na minha fazenda e cuidar da minha vida. Foi ele quem me aterrorizou me dizendo que beberia meu sangue de sua espada e tal. Como supõe que eu deveria reagir?

— Você já se perguntou por que ele faria isto?

— Oh, sim. E perguntei a Matthew. E até mesmo pra própria Morte! Você sabe?

— Se soubesse, não contaria a você.

— Falando de Força... você está sendo teimosa. Você obstinadamente está se agarrando a um caminho que leva a um resultado, e é o pior possível.

— Eu diria que isto é discutível. Você se esquece, vi o interior de uma despensa canibal.

— Você e Morte elaboraram um sistema para sua execução? Será que ele disse quantos anos te restam? Uma semana? É doentio o que ele está fazendo com você. Por que tolera isto?

Ela deu de ombros novamente, mexendo com o controle remoto.



— Eu me pergunto o que acontecerá com seus animais de estimação assim que você for enterrada. Ou você acha que Morte deixará Ogen se banquetear em seus ossos? — Sem paciência, fiquei de pé. — Quando a espada do Ceifeiro estiver em seu pescoço, quero que se lembre desta noite. Lembre-se que você poderia ter mudado seu futuro... — parei de falar quando a montanha tremeu. Um terremoto? Nós tivemos em Haven, um privilégio adicional depois do Flash.

Lá fora, na noite molhada, Ogen respondeu com um rugido horripilante. Lark encontrou meu olhar, de repente parecendo muito jovem.

— O Diabo você conhece.

Concluí meu assunto com ela, fiz meu caminho de volta para meu quarto, perdendo as forças a cada passo. Dias de Marmota eram exaustivos.

Quando alcancei minha cama, caí de costas, desmaiando.

Mais tarde naquela noite, acordei dando um pulo com um grito estrangulado.

Sonhei com a Morte novamente, mas desta vez não era nenhuma memória de uma vida passada. Desta vez foi minha mente me traindo porque sonhei que ele me tomou nos seus braços, beijando-me lá fora na chuva — e eu *adorei*.

Na fria chuva torrencial, seus lábios foram quentes nos meus, tão quentes quanto estiveram quando ele respirou ar nos meus pulmões, trazendo-me de volta dos mortos.

Como ele reclamou minha boca repetidas vezes, seu aperto foi esmagador, mas quase gritei de prazer.

Na mesma noite que ele cavalgou lá fora, provavelmente para recolher alguma criança inocente, experimentei o sonho mais erótico da minha vida — com a *Morte*?

Meu Deus, o que estava acontecendo comigo?

Capítulo 33

DIA 281 D.F.

Morte era esperado de volta hoje à noite, e tive minha desculpa para ir ao seu estúdio: devolver o livro. Simplesmente escolhi ignorar seu nicho de “presente de despedida”.

Com a memória daquele sonho de beijá-lo firmemente enterrada, preparei-me para vê-lo. Tomei cuidado com minhas roupas, vestindo uma saia castanho amarelado e uma blusa estilo marinheiro com gola de canoa. O decote era mais baixo do que qualquer um que eu tenha usado desde o apocalipse. Deixei meu cabelo solto.

Eu tinha uma agenda para esta noite, um feito ainda mais importante à luz do que Matthew me disse ontem à noite:



— Nós saímos. Todos vivos. — Era como se ele fosse substituído por outras chamadas, os Arcanos alvoroçados por alguma razão. Algo sobre o Arcano Navegante?

Meus amigos estavam lá fora em um mundo perigoso, fazendo só Deus sabia o que. E eu não podia ajudá-los daqui.

Saí do banheiro cruzando o quarto em direção à cama, onde Ciclope estava esparramado.

— Como pareço... — Não consegui dizer mais nada, atordoada demais até para gritar.

Parte do livro da Morte ainda estava alojado entre as poderosas mandíbulas do lobo; o resto era uma desordem de pedaços cheios de baba espalhados por cima da minha cama, como uma cena de crime. Ciclope deu um arrotto molhado em torno do seu novo brinquedo de mastigar de 400 anos.

— Oh meu Deus. — Eu tinha que dizer a Morte que um de seus preciosos livros — seu favorito — não existia mais. Sob meus cuidados, seu “filho” foi comido.

Quando os cascos do Thanatos foram ouvidos na propriedade, anunciando a chegada da Morte, marchei degraus abaixo com pés pesados como chumbo.

Morte atravessou a porta da frente a passos largos não muito depois, removendo seu elmo. Parecia exausto, os olhos sombrios, a sombra da barba loira realçando a linha definida do seu maxilar. Sua armadura estava salpicada com lama.

Assim que me viu, podia jurar que seus olhos se iluminaram uma fração, como se tivesse ficado feliz por eu estar aqui. Ele pareceu aprovar minha aparência.

Então seus olhos ficaram sombrios mais uma vez.

— Ah, minha dama aguardando o retorno do seu cavaleiro. — ele disse em um tom irônico. — Estou cansado demais para suas intrigas hoje à noite, Imperatriz.

Ele parecia tão abatido que realmente senti pena dele. Como eu podia estar suavizando em relação a alguém que me tinha na mira?

Este provavelmente não era o melhor momento para contar a ele sobre o livro, mas eu ainda podia arriscar na proximidade.

— Onde você foi? Lark disse que você poderia estar abastecendo. — Nada. Eu brinquei com minha blusa. — Você não vai falar comigo?

— Deixe-me, criatura. Não estou com humor pra isso.

— Não tem que ser assim entre nós.

— Diz a menina que quer me matar.

Suspirei pesadamente com decepção.

— Eu só queria você morto porque continuava me aterrorizando, e eu sabia que forçaria a questão até que apenas um de nós sobrevivesse.

Ele deu uma risada dura enquanto removia suas manoplas pontiagudas.

— Você acredita que isto mudou?

— Eu acredito que podia. Você não gostaria de me ter como amiga em vez de inimiga? Talvez tenha esquecido como é ter amigos. Quem sabe nunca conheceu.

Sua expressão disse que eu acertei em cheio.

Que terrível.



— Mas você pode tê-los agora. — eu disse calmamente.

— Eu seguro sua vida em minhas mãos, e você se atreve a sentir pena de mim? Seus olhos estão cheios disso. Você acha que *quero* amigos? Talvez alguns como os seus? — ridicularizou. — Então não precisaria de inimigos.

— O que isso quer dizer? — Minha pergunta foi esquecida quando avistei um novo ícone em sua mão direita, uma estrela branca simples. — Você matou.

Morte me deu aquele sorriso de escárnio inquietante.

— Estrela era *muito* corajoso.

Então era disso que se tratava o zumbido. A Estrela, O Arcano Navegador, não existia mais.

Sentindo-me nauseada, dei as costas. E se Morte realmente ansiava matar como Ogen, que estava faminto por sacrifícios?

Em jogos passados, o Arcana disse que Morte preferia matar com seu toque. Talvez, como Finn, ele era *compelido* a usar seu poder?

Morte agarrou meu braço, dando-me um puxão.

— Você, de todas as pessoas, está me dando um olhar de repulsa? Você tem quase tantas marcas quanto eu! — Ele me soltou, espalhando os dedos como se tivesse acabado de lidar com uma granada.

— Eu tomei as minhas em autodefesa.

— E você supõe que eu não? Estrela chegou muito perto do meu santuário. Ele me procurou. — Morte correu a palma da sua mão sobre o maxilar. — Protegerei minha casa e quem estiver nela. Até você.

Com uma voz fraca, eu disse.

— Como você fez isto?

— Sem minha facilidade de costume. As longas noites fortaleceram Estrela, tornando as condições ideais para ele usar seus poderes.

— Como o que? — Eu não conseguia me lembrar.

— Ecolocalização, sentidos aguçados, a capacidade de criar uma explosão de luz de sua pele, como um supernova. Em uma noite escura, ele detonou a si mesmo, paralisando meus sentidos, meu corpo. — Foi esse o tremor que nós sentimos? O que fez Ogen rugir? — Então ele usou sua visão noturna para atacar.

— Mas você obteve vantagem? Como acabou com ele?

Morte se aproximou de mim, blindado, apavorante, me olhando fixamente até que comecei a tremer. Erguei uma luva para meu rosto.

— Estas pontas — roçou levemente minha bochecha abaixo com ela — pela têmpora dele.

Morte havia golpeado algum adolescente com seu punho coberto por essa manopla.

Quando percebi que este homem estava tentando ativar meu ódio por ele, puxei minha cabeça para trás com um arranco.

— É assim que você vai fazer comigo? Antes de tomar minha cabeça, claro. É isso que você fará com Lark?

Ele disse apenas.

— Nosso jogo segue com dificuldade. É matar ou morrer.

Este jogo fará de todos nós assassinos. Não, eu me recusava a aceitar isto.

— Não tem que ser desse modo! E se eu jurar pela alma da minha mãe que nunca vou te machucar?

— Como facilmente esses belos lábios derramam mentiras. Imperatriz, você nunca mantém seus votos.

É o que eu continuava ouvindo.

— Nunca quebraria esse.

Ele suspirou fortemente, parecendo se arrepender de revelar muito de si mesmo.

— Está tarde e estou cansado. Me dá licença. — Ele virou em direção a seus aposentos.

Outro dia desperdiçado no Castelo do Tempo Perdido? Eu precisava de proximidade! Endireitei meus ombros e o segui até seu estúdio.

— Descubri por que você me evita. Se chegar a me conhecer melhor, será muito mais duro me matar.

— Você entrou aqui? — Ele deitou seu elmo e luvas em sua escrivaninha. — Eu te avisei. E você ainda me testa. — Com uma voz vibrando com ira, ele disse. — Mas você arriscaria qualquer coisa, *faria* qualquer coisa para voltar para o seu mortal. Qualquer coisa para estar em seus braços mais uma vez. Até mesmo se esforçar para ficar mais próxima do homem que você odeia acima de todos os outros.

— Espere um pouco...

— Negue que você quer estar com ele agora.

Eu não podia me fazer negar isto. Morte estava certo. Eu faria qualquer coisa para retornar para Jack.

Quando não respondi, Morte parecia com se algo tivesse estalado por dentro, seu controle férreo quebrando.

— Como você pode até mesmo querer a *ele*? O mortal pensa em seus poderes como uma maldição, um problema. Você é uma deusa entre os humanos, mas ele é muito cego para ver isto!

— *Eu* olho para isto como uma maldição, como um problema. Se eu não fosse a Imperatriz, então você e eu não teríamos que ser inimigos. Eu nunca teria que me preocupar com sua espada na minha garganta.

— Você se acredita *apaixonada* por Deveaux? — Ele estalou as palavras.

Por mais que minha missão de sedução estivesse distante, provavelmente não era a melhor ideia ser honesta a respeito disso.

Por entre dentes apertados, ele disse.

— Está estampado em seu belo rosto. Mas você não o amaria se o conhecesse realmente. Seus sentimentos murchariam e morreriam.

— Do que você está falando?

Ele se dirigiu para a garrafa de vodca, despejando uma dose somente para si mesmo.

— Ele mentiu para você repetidamente. — Ele virou o copo goela abaixo, correndo as costas de sua mão marcada pelos seus lábios, então tornou a encher.

Cruzei meus braços por cima do peito.

— Uh-huh. Eu tenho simplesmente que aceitar sua palavra sobre isso?



— Não, recebi minhas informações do Louco. Ele estava bastante preocupado sobre a segurança da sua Imperatriz quando você estava sob a guarda de Deveaux.

Isto estava vindo de Matthew? Não, não, Morte estava apenas tentando me manter no limite, para me chacoalhar como fiz com ele.

— Você sabe que eu vou checar esse fato.

— Espero que faça.

Eu engoli em seco.

— E por que vocês dois estariam discutindo minha segurança?

— Nós tínhamos um interesse comum.

— Está certo! — Estalei meus dedos. — Você queria me manter viva para que eu pudesse ser sua carta coringa. Pelo menos antes de você me afastar. Agora faz sentido por que você interveio com o Hierofante. E com os outros Arcanos, avisando para que se afastassem.

— Nunca escondi minhas intenções com você, ao contrário de Deveaux. Nunca se perguntou sobre a paixão instantânea dele por você?

— Talvez ele tenha uma coisa por líderes de torcida. — Jack me disse que ele me quis desde a primeira vez que me viu. Nunca esquecerei aquela manhã. Eu estava andando no Porsche do Brand, inclinando-me para beijá-lo quando vi um motociclista passar ao nosso lado. Jack.

Morte balançou sua cabeça.

— Não, ele tinha você como alvo antes mesmo de te ver.

— Isso não faz sentido.

— Você era de alguém que ele odiava. — Ele bebeu outra dose.

— Jack desprezava Brand. Isso não era segredo.

— Você nunca se perguntou por que?

— Porque Brand era rico e parecia ter tudo muito fácil.

— Tenho certeza que tinha algo a ver com isto. No entanto, a principal razão dele odiar Brandon Radcliffe — os olhos da Morte nunca pareceram tão planos e escuros — era que eles compartilhavam um pai. Um pai que adorava um filho e rejeitava o outro.

A tontura tomou conta de mim.

— Você está dizendo que Brand e Jackson eram... meios-irmãos?

Isto fez um certo sentido doente. O que foi que Jack me contou a respeito do seu pai biológico? *Ele estava muito ocupado mimando seu filho legítimo para passar um tempo comigo — ou enviar um único centavo para a mãe.*

O Sr. Radcliffe fora um advogado; Jack disse que seu pai não quis admitir a *culpa*. Algo que um advogado de defesa poderia dizer. Imaginei os dois garotos, ambos tão altos e bem constituídos, descobrindo uma semelhança que não tinha notado antes. Lembrei como Brand, um cara muito querido, ficou perplexo sobre por que o Cajun agia tão agressivo em relação a ele.

Só um filho sabia da conexão deles.

Era por isso que os olhos do Jack dispararam pra longe quando perguntei se ele tinha algum segredo? Cruzei minhas mãos atrás de mim, porque elas tremiam.

Morte estava apreciando isto.



— Deveaux cobiçava tudo que seu irmão tinha: a família perfeita, a casa, o carro. *A garota*. Ele nunca poderia ter qualquer um dos outros — mas podia ter você. E ele teve.

— Você está mentindo. — *Você pode confiar apenas em mim, Evie*. — Matthew teria me contado sobre isso.

Morte fez um som de tsc estalando a língua.

— Como você confia no Louco. Como acha que eu aprendi o que minha armadura faria para seus poderes?

Eu cambaleei.

— E-ele não faria isso!

— Não é nada pessoal com ele, somente estratégia e intrigas.

Eu pensei em Matthew, um menino de olhos arregalados, como um inocente.

— O Louco sabia que eu mataria você se eu não tivesse meios de controlá-la. Em essência, ele salvou sua vida. Até agora, pelo menos.

Nem todo mal é ruim, Matthew dissera. *Fim do jogo, fim do jogo*.

Enquanto eu digeriria esta informação angustiante, Morte continuou.

— Deveaux nem mesmo gostava de você, mas ele te perseguiu.

— Você não sabe de nada! — Chorei, mas podia ouvir as palavras de Jack: *Mesmo quando te odiava, eu quis você*.

— Um benefício da minha vida infinita? Tenho uma boa compreensão do comportamento humano. Como o mortal deve ter se sentido triunfante ao reivindicar você, roubá-la do seu irmão morto.

Embora tudo que Morte disse me machucasse, me recusei a deixá-lo minar o que encontrei com Jack.

— Talvez ele tenha me escolhido como alvo. Mas seus sentimentos cresceram a partir dali. Você terá que fazer melhor do que isto.

— Fazer melhor? Como quiser, criatura. — Com um sorriso maligno, ele disse. — Deveaux matou sua mãe.

Capítulo 34

MATTHEW! Responda-me neste instante!

Eu tinha acabado de chegar na minha torre, estava quase hiperventilando por causa da revelação da Morte.

Em seu tom zombeteiro, o Ceifeiro explicou que Jack não somente tinha acabado com a vida da minha mãe para que eu fosse embora com ele, mas que Matthew — meu suposto melhor amigo e aliado — sabia de tudo desde o princípio e decidiu não me contar.

Saí tempestuosamente, chamando Morte de mentiroso e muito pior. Mas lá no fundo, temi que o cretino tivesse falado a verdade.

— *Imperatriz?*

Morte me contou coisas sobre minha mãe. Sobre Jack. O Ceifeiro mentiu para mim?

— Não.

Fechei meus olhos bem apertados. *Matthew, por que você não me disse? Por que me deixou ficar com Jack?* Eu repassei de novo o comportamento dele na manhã que mamãe faleceu. Ele estava abalado, quase chocado. Apesar do Exército do Sudeste se aproximar de nós, ele tentou muito mesmo dar a mamãe um enterro decente — o que eu pensei como sendo generosidade para ela ou até para mim. Agora percebi como poderia ter sido culpa o que o empurrava.

Eu dormi com aquele garoto, dei a ele meu coração. E o tempo todo ele sabia o que tinha feito. Ele me censurou por não contar tudo? Então ele me olhou dentro dos olhos e disse.

Eu não tenho segredos, peekôn.

Além de escotar minha mãe para o outro lado? Ele era pior que a Morte!

Quando expliquei para Jack que nada era mais importante que a confiança, ele me assegurou que eu podia confiar apenas nele. Não era à toa que Matthew o tinha chamado de Dee-vee-oh. Desviado! Desonesto!!

Talvez você pudesse ter me alertado, dizendo para eu não me apaixonar por ele?

— *Sempre que ele ajuda, ele se machuca.*

Quantas vezes Matthew me disse isto?

— *Sua mãe queria que você fosse embora antes do exército chegar. O fim estava próximo.*

A menos que eu pudesse ter conseguido ajuda para ela! Sim, ela estava em sérios apuros, mas com certeza deveria ter sido um de um jeito melhor. *Então Jack assistiu seu suicídio enquanto eu estava dormindo na minha cama? E ele fez isso para que eu partisse com ele?*

Silêncio.

Porque ele foi tão duro comigo desde que soube que eu era a garota do seu irmão? Então, como ele fez? Sufocou mamãe com um travesseiro? Abafei um soluço. Ele a ajudou com uma overdose?

— *Eu olhei para longe.*

Fúria ardia dentro de mim. Mesmo com a braçadeira, meu cabelo começou a ficar vermelho, minhas garras lutando pra brotar. Olhou para longe enquanto ela morria? Era como se ele tivesse... se ele a tivesse abandonado. Seu cretino! Por que não previu o que aconteceria com ela antes mesmo que se machucasse? Talvez tivesse me avisado para não deixá-la sair?

— *Matthew sabe o que é melhor.*

Seu tom era estranho, suas palavras um eco perturbador das palavras da mãe dele “Mamãe sabe o que é melhor” quando ela estava prestes a afogá-lo. Isto é imperdoável. *O que mais você escondeu de mim? Eu confiei em você!*

— *A Imperatriz é minha amiga.*

Não mais! Nunca mais entre em contato comigo!

— *Eu não vou falar tão alto.* — Então sua presença em minha cabeça desapareceu.

Nunca me senti tão traída e sozinha.

Desde o falecimento de minha mãe, Jack e Matthew foram as únicas constantes em todo esse terror e miséria; agora essas âncoras se foram.

Estava completamente à deriva, presa no Castelo do Tempo Perdido.

Lágrimas arderam em meus olhos, e eu as deixei cair.

Capítulo 35

DIA 307 D.F.

Quase um mês se passou desde aquela noite de revelações, e eu fiquei um caco.

Com o cabelo embaraçado e o rosto inchado, sentei na minha cama de camisola, olhando fixamente pra fora da janela da torre dentro da escuridão. Distraidamente acariciei Ciclope, que estava deitado todo largado ao meu lado e refletindo os dias que passamos juntos.

A primeira semana depois, tentei bloquear tudo. Na semana seguinte, revi o comportamento de Jack incontáveis vezes. Desde então, estive espiralando ainda mais abaixo, imaginando como pôde ter feito isso...

Caminhando como se estivesse numa névoa, vaguei pelos corredores da mansão. Eu nem sentia a chuva se derramando enquanto me arrastava por aí, sendo sombreada a cada segundo por Ciclope. Nunca mais chorei, mas só porque senti que Morte estava sempre me observando ou Lark, através do lobo.

As poucas vezes que vi Morte do lado de fora, ele esteve afiando suas espadas com aqueles movimentos rítmicos, aqueles que pareciam acalmá-lo.

Por que diabos ele precisaria se acalmar? Eu é quem estava numa espiral — por causa dele.

Eu não tinha pertencido a um hospício antes. Agora? Poderia. Meu pesar pela morte da minha mãe tinha sido reaberto. Depois do seu falecimento, estive correndo pela minha vida, o caos em cada esquina; tive pouco tempo para pensar sobre o quanto sentia falta dela.

Atualmente eu tinha todo o tempo do mundo, e isso estava me matando.

À noite sonhei com minha vida com a mamãe em Haven. Tive devaneios de colheitas de cana e passeios à cavalo. De descascar nozes para tortas e pegar amoras ao longo do rio. Mamãe e eu fomos muito felizes antes das visões perturbadoras de Matthew começarem.

Me lembrei de como ela pareceu naquela última manhã, pálida, seu tórax sem se mexer. Ela estava segurando uma foto minha, dela e da vovó tirada num tempo quando a vida fora tão boa...

Esta semana, escalei minha torre e não desci nenhuma vez. Lark continuava deixando comida na porta, mas eu raramente tocava nela, dando os despojos para o lobo.

Sempre que Matthew me chamava, eu calava sua boca.

— *O Exército caminha adiante, um moinho de vento gira.*

Diga isso a um de seus aliados. Não estou entre eles. Apesar de tentada a exigir dele como Jack machucou mamãe, decidi que este conhecimento poderia me enviar por cima da borda.

Pensei que sentiria mais falta de me comunicar com Matthew, mas achei a ausência do canal do decodificador de conversa um profundo alívio...

Minha porta se abriu de repente.

Morte. Estava vestido de calça jeans preta e um suéter preto de gola em V que moldava seus músculos peitorais, parecendo tão impecável como sempre. Mas seus olhos estavam sombrios.

— Você já ouviu falar de bater?

Ele apoiou seu ombro no batente da porta, arqueando uma sobrancelha ao encontrar Ciclope na cama.

Aquele lobo era a única coisa viva que eu não queria estrangular. Me acostumei a tê-lo por perto. Acariciar seu pelo frizado era tranquilizador.

Morte estudou meu rosto.

— Veio se vangloriar? — perguntei. — Não é isto o que você queria? Me lembro de você dizendo a Lark que gostaria de me ver sofrer.

— Se vai definhando aqui em cima, então eu poderia muito bem acabar com você.

— Como esperava que eu reagisse?

— Como teria no passado — com uma vingança que teria feito a Terra tremer. Você teria afiado suas garras e uivado pelo sangue do mortal.

— Uivado por sangue? O que será preciso para te convencer que eu não sou essa pessoa? — Perguntei, mesmo quando minha consciência sussurrou, *Você queria o sangue deste homem quando você o atacou, e Lark, e Ogen.*

— Nada. — disse com firmeza. — Não há nada que você possa fazer para me convencer.

— Por que você está aqui?

— Determinando se você tem algum plano de morrer de fome. Nosso jogo não é divertido se você estiver fraco.

— Plano? — Como se eu tivesse um.

— Antes de ser exilado de seus pensamentos, entendi suas missões: me matar e encontrar sua avó.

Qual era o ponto de qualquer um? Queria ver meu último parente vivo e prometi a minha mãe que a encontraria. Mas quanto mais me lembrava de vovó, mais eu compreendia que ela esperaria que não apenas jogasse — mas ganhasse.

Será que estando com ela me colocaria no limite? E se eu fosse completamente a Imperatriz e nunca voltasse a ser Evie?

— Mesmo se escapasse deste lugar, o que é impossível — disse Morte —, você nunca a alcançaria. Com seus poderes curativos, você poderia ter passagem segura nas colônias de praga, mas ainda existem canibais lá fora, inclusive outros não relacionados com o Hierofante. Milícias, Saqueadores e traficantes de escravos fervilham nas estradas e nos campos. Sei disso; monto por essas estradas frequentemente. Ela não ficaria zangada se você se arriscasse desse jeito?

Olhai para Morte.

— Então meu plano deve ser esperar aqui, dócil, até que você me assassine? Junto com o resto de seus lacaios?

Dizer estas palavras em voz alta era como dobrar uma esquina, cruzar uma linha. Uma resposta soou para mim.

Nunca.

Depois de minha mãe se sacrificar por mim, eu seria condenada se recapitulasse agora. Devia isso a ela: lutar.



Eu tinha uma nova missão: autopreservação. Tinha que conseguir tirar essa braçadeira para que pudesse me proteger da Morte. Mais cedo ou mais tarde, a novidade de me ter aqui, sua princesa na torre, dissiparia.

Eu precisava estar preparada.

— Ah, aí está o brilho conspirador que estou acostumado a ver nos olhos da minha Imperatriz. — Ele pareceu aliviado, como se tivesse acabado de encontrar uma posição mais confortável. — Você destruiu exércitos; deve precisar mais do que um mortal para provocar sua queda.

— Por que não me contou sobre Jack antes? E Matthew? Por que simplesmente não me torpedeou desde o início? — Jack e pesar se entrelaçaram cada vez mais na minha mente. Eu não podia separá-los, mal podia pensar nele sem afundar na dura realidade.

— Minhas razões são minhas. Mas te avisei para não entregar sua inocência para Deveaux.

Revirei meus olhos ante sua terminologia.

— Sério, Pai do Tempo? E que negócio é o seu afinal?

Ele não se dignou a responder.

— Pelo menos me diga por que me odeia tão profundamente. O que aconteceu entre o tempo que estava ansioso para me levar para sua cama e quando começou a ficar ansioso para tomar minha cabeça? — Morte e eu dormimos juntos? Eu tinha que saber! — O que fiz pra você?

— Pra saber, você deve se lembrar. — Pensei que partiria depois disso, mas permaneceu. Ele abriu a boca, depois fechou. Estava procurando com afinho algo a dizer? Talvez uma razão para ficar?

Depois de me encontrar completamente sozinha no mundo neste último mês, sem amigos ou família, armazenei alguns vislumbres sobre a Morte.

Sabia que ele vivia uma existência solitária. Sabia que não confiava em ninguém. Mas questionei se ele preferia sua vida assim.

Minha miséria me fez hipersensível ao sofrimento dele, e agora tive minha resposta.

Não. Não, ele não preferia isto.

Conforme eu vagava por aqueles corredores abaixo com sua arte inanimada, percebi que Lark estava certa — a casa era assombrada. Por ele. Por sua solidão.

Ele adquiriu estas grandes coleções porque não existia mais nada para ele. Eu lhe disse que o jogo era tudo ele sempre realmente teria; vi a evidência disso em cada quarto.

Inclinei minha cabeça pra ele.

— Você prefere estar aqui em cima trocando insultos comigo do que sentado em seu estúdio sozinho, não é?

Ele enrijeceu. Bingo.

Quando eu era pequena, vovó muitas vezes me pegava olhando fixamente para a carta de Tarô da Morte. Ela me perguntou se aquela carta me assustava ou me deixava realmente zangada. Sacudi minha cabeça firmemente e disse a ela que me deixava triste.

Em outras palavras, sentia pena dele.

Vovó disse exasperada.

— Por que você se sentiria desse modo, Evie? Ele é um vilão!

Minha resposta: *Seu cavalo parece doente e ele não tem amigos.* Talvez tivesse sido minha maneira de dizer aos oito anos de idade que sua vida parecia como se fosse um inferno.

Ele camuflou sua solidão profundamente em seus ossos com arrogância. Mas não havia como esconder isso de mim agora. Eu disse a ele.

— Provavelmente você gostaria que eu ainda estivesse tentando embarcar em seu lado bom, porque pelo menos então eu perguntaria como foi seu café da manhã. Aposto que passou uma década inteira sem alguém perguntar uma única vez.

Seu rosto empalideceu?

— Você pensa que me conhece, mas está tão equivocada como sempre. — ele disse suavemente, mas os músculos do seu ombro se agruparam com tensão. Sem outra palavra, girou para ir embora.

Lark apareceu na porta, quase se chocando com ele.

— Cuidado, Fauna. — ele disse áspero, esfregando seus polegares por cima das pontas dos seus dedos. — Não existe dor maior ou destruição que tocar minha pele.

Para todo mundo, exceto eu.

Com os olhos arregalados, Lark se afastou dele.

— Desculpa, chefe. E-eu me esqueci.

— Talvez sua visita para a Imperatriz valerá a pena a subida. A minha foi cansativa. — Então ele se foi.

— Vejo que você e meu lobo estão se acertando. — Lark fungou. — Ele sempre foi o meu menos favorito. Nenhuma percepção de profundidade nesse aí.

Enterrei meus dedos no pescoço do Ciclope. *Ela não quis dizer isto, garoto.*

— Suponho que Morte te contou tudo?

— Tudo que ele disse é que você descobriu que alguns aliados eram inimigos. A julgar por sua reação de coração partido, eu sabia que tinha que ser o Cajun.

E Matthew.

Por trás de suas costas, Lark produziu uma caixa, lançando-a na minha cama.

— O que é isto?

— Não é um Jack-na-caixa³², se é isso o que você está pensando.

— Eu realmente odeio você.

Ela sorriu.

— Abra, babaca.

Com um olhar penetrante, eu fiz.

— Roupas de treinamento? — Sutiãs esportivos, shorts de ginástica, leggings. Até mesmo uma pequena saia de tenista.

— Vou para a academia todas as tardes. — disse Lark. — Junte-se a mim mais tarde. Você era uma líder de torcida, certo? Uma dançarina?

Assenti. Tenho sido uma ginasta melhor, mas gostava mais de balé, tive aulas desde meu segundo ano.

— Você podia me mostrar algumas rotinas.

³² Jack in the Box é um daqueles brinquedos que quando você abre a caixa um boneco salta de dentro dela.

Coloquei as roupas na frente do meu corpo.

— Você está fazendo isso por bondade?

— Estou fazendo isto porque não consegui tirar sarro das líderes de torcida o suficiente antes do Flash. Você é minha única esperança de alcançar essa meta.

— E? — Eu podia ver praticamente tudo, menos as cordas presas.

— Espere. — Seus olhos faiscaram vermelhos. Checando via algum animal se a área estava limpa?

Em uma voz mais baixa, ela disse.

— Porque se você dançar, ele não será capaz de ficar longe.

— Por que você acha que me importo com isso?

— Mais uma vez, não tem nenhum estúpido aqui. Este é seu único jogo, o único modo que você pode sobreviver. Olhe, ambas estamos nos aproximando de nossas datas de validade, e ambas chegamos ao fim do jogo. Talvez nossos caminhos possam se cruzar de vez em quando.

Sim, a carta da Lark uma vez foi associada com um único objetivo em mente. Ela esteve trabalhando em direção a seu fim do jogo o tempo todo?

Minha própria agenda era a autopreservação, mas como eu podia confiar nela? Como ainda não estava convencida, ela disse.

— Não sou de todo ruim.

O que me lembrou da primeira vez que conhecemos Lark, quando perguntei a Matthew sobre ela. *Boa. Ruim. Boa...* o canal decodificador de conversa. Ela foi brevemente minha aliada, depois minha inimiga. Seria minha aliada mais uma vez?

Ela se dirigiu para a porta.

— Vejo você mais tarde.

Sozinha, recordei um tempo antes do Flash quando o convite da minha mãe para uma reunião de trabalho com os mais velhos se “perdeu no correio”. Como a única fazendeira do sexo feminino em nosso condado, ela tinha cuspidor marimbondo. Tentei dizer a ela que eram eles que perdiam, que eles não importavam. Ela levantou sua mão e disse.

— Às vezes você só precisa estar brava ou triste, Evie. Às vezes você só precisa deixar isso acontecer. Mas ponha uma pedra sobre isto, então volte a ser feliz.

Eu podia tentar minha saída desta depressão, voltando a ser feliz? Ou pelo menos no campo do...?

O primeiro passo era bloquear pensamentos dolorosos. Do mesmo modo que fiz na escola, me recusaria a pensar sobre coisas dolorosas. Basicamente, tudo a ver com Jack. Ele estava no meu passado e precisava ficar lá. Matthew também.

Os dois se equiparavam a dor.

Aquela tarde, puxei um sutiã esportivo vermelho e a saia de tenista, penteando meu cabelo em um rabo-de-cavalo. Agarrei uma toalha, escancarei a porta para Cíclope então saí.

Encontrei Lark na academia espaçosa com seus outros lobos, música tocando. Ela treinava na frente dos espelhos, esmurrando bonecos.

— Ei, olhe quem está se juntando aos vivos. — ela disse.

— Diz a menina que vive na casa da Morte.



Ciclope trotou passando por mim, cheirando o rabo dos seus companheiros em saudação.

— Quer começar? — Em um tom borbulhante absolutamente falso, ela disse. — Preparar, apontar, vá, time!

— Sim. — lancei minha toalha abaixo. — Era exatamente assim.

— Mostre-me alguns movimentos.

O chão tinha uma fina camada de revestimento, então fiz um roundoff³³ fácil. Outro. Trabalhei uma cambalhota para trás. Lark riu quando fiz uma série de piruetas exageradas. Deus, senti falta disso. Mal podia acreditar que eu estava usando meus músculos para algo diferente de fugir ou lutar.

A farpa da braçadeira não era nada divertida quando como meu bíceps se movia, mas fiquei tão acostumada com aquela dor que não a deixaria entrar no caminho do meu prazer.

Enquanto dançava, percebi que podia tentar um modo de sair deste desespero. Tudo que tinha que fazer era manter minha mente longe do aliado que me traiu, e o menino que partiu meu coração.

Comecei a suar, contente por que não perdi muita flexibilidade. Para me testar, ergui minha perna atrás de mim, agarrando meu tornozelo para uma posição dividida.

Morte escolheu aquele momento para passar por ali, ficando de queixo caído antes de seguir em frente. Ainda assim ele se afastou para encostar no batente da porta — com seus olhos cheios de... luxúria indisfarçada.

Em meu sutiã e saia, eu tinha tudo coberto; mas como sempre, me senti nua quando ele olhou para mim. Eu nem mesmo me senti assim nua com Jack, que realmente me viu sem roupas. *Não pense nele!*

Continuei alongando, recusando-me a deixar Morte arruinar isto.

— Nunca viu uma menina se aquecendo antes?

— Não uma que eu não mataria com meu toque. — ele disse naquela voz rouca.

— Oh. Falando nisso, hoje é o dia que você vai me matar?

— Ainda não, criatura. — Quando seus olhos estrelados brilhavam, eu mal continha um ofego pela minha reação. Só pelo seu olhar, meus glifos começaram a se ativar.

O que o fez esfregar uma palma tremendo por cima da sua boca.

— OMG — Lark se abanou —, muita tensão sexual? Arrumem um quarto, crianças.

Morte lançou a Lark um olhar de desprezo, então se afastou.

Em um tom mais baixo, ela disse.

— O que eu disse a você, Evie? Você é uma trava para a próxima Sra. Morte. Você planejou destruir o jogo inteiro? Aposto que faria isto.

Eu queria revirar meus olhos, mas não conseguia tirá-los daquela porta.

— Não se preocupe. Ele vai voltar. E quando voltar — Lark continuou toda excitada —, vou desaparecer e deixar a natureza assumir...

³³ Roundoff é um movimento que parece o girar da roda da carroça.



Bem no meio da noite, acordei ofegando, meus glifos iluminando o quarto. Tive outro sonho sensual com Morte, eu me sentia como se estivesse doendo por ele.

Quase podia sentir seus lábios nos meus, quase podia sentir *meus* lábios — em seu corpo.

Não entendia isto. Ele ainda me queria morta, ainda me odiava.

Como podia sonhar em beijá-lo quando ele sonhava em me matar?

Capítulo 36

DIA 314 D.F.

— Posso ser imortal, mas ainda sou um homem com sangue nas veias. — a Morte tinha me dito na estrada. Todos os dias da última semana ele provou essa afirmação.

Nos primeiros dois dias, garantiu passar pela academia sempre que eu estava lá, virando a cabeça para dar uma olhada. No terceiro dia, entrou, sentou-se em um banco e depois fingiu ler um jornal desbotado. Agora vinha todos os dias — enquanto Lark continuava tão ausente quanto prometera.

Ele sempre agia com tanta relutância, com tanto mau grado, como se tivesse sido levado pelas suas esporas até o mesmo espaço que eu. Mas seus olhares cheios de desejo seguiam cada movimento meu, tensão emanava dele.

Lark tinha razão. A atração entre nós faiscava como eletricidade.

Enquanto as minhas emoções se nivelavam, as dele pareciam perto de alcançar um tipo de problemático ponto de ebulição. No pátio de treinamento, os seus treinos tinham se intensificado a um nível brutal. Eu não via mais movimentos precisos nem agressão controlada. Não me provocavam mais aquele sentimento estranho de satisfação.

Observá-lo agora era como observar um *berserker*³⁴.

Eu brincava com fogo. Estava tentando a Morte, possivelmente me aproximando de uma remoção da braçadeira, mas a que custo?

Hoje quando ele entrou pela porta, eu sabia que algo estava diferente. Enquanto me aquecia ele abandonou qualquer fingimento de leitura, afundando-se em um sofá que eu não lembrava de haver ali no dia anterior.

Sua expressão parecia dizer, “Que diabos, cansei de lutar.”

— Sem jornal hoje, Morte?

— Estou aqui apenas como um espectador. — Um dos ávidos. Quando eu me alonguei, ele se inclinou para frente, cotovelos nos joelhos.

— Também sou sua espectadora. — eu disse. — Os seus treinos ficaram bem... enérgicos?

— Eu comumente treino com mais intensidade quando os meus pensamentos estão...

— Em confusão? — Sugeriu, alongando os tendões da perna.

³⁴ Antigo guerreiro nórdico famoso por sua selvageria em batalha.



— Em transição. — ele disse, inclinando a cabeça para manter o olhar no meu traseiro.

Sempre que os seus olhos me percorriam daquela forma, eu tinha que admitir que sentia uma leva de excitação. Ainda assim, pigarreei; ele me deu um olhar que não pedia desculpas.

— Então, Morte, é hoje o dia que vai me matar?

Pela primeira vez, a sua resposta foi diferente:

— Há todo o tempo do mundo para isso, não há? Por enquanto, assistirei sua dança.

Considerando este um bom momento para atacar, fui até ele.

— Pode tirar essa braçadeira, sabe. — De pé na frente dele, olhei para o seu rosto perfeito. — Nunca machucarei você.

— Jamais poderia te dar a liberdade para ir e vir em minha casa sem isso.

Perto daquele jeito, o seu aroma de sândalo me invadiu.

— Eu não sou como era. Tem que sentir isso.

Coloquei as pernas entre os seus joelhos.

Imediatamente, os seus olhos brilharam mais.

— Não confio completamente em ninguém neste jogo. Mantenha distância.

Havia firmeza suficiente em seu tom para me fazer recuar.

Simplesmente não o conhecia bem o bastante para não considerá-lo intimidador às vezes. Consegui encolher os ombros de modo indiferente, depois comecei a dançar, logo me perdendo em meus pensamentos.

Que se voltaram na direção do sonho de ontem, o que o homem à minha frente estrelava. Ele era o meu inimigo Arcano. Então porque ainda conseguia sentir o seu gosto na língua?

Conforme me curvava e balançava ficando suada, voltava a reproduzir cada segundo daquele sonho. Eu tinha passado os lábios por todas as runas que havia em seu peito, traçando-as com a língua antes de descer mais...

Naquele momento, o peguei olhando para os meus seios, os olhos focados nos montes debaixo do sutiã molhado de suor. As minhas gravações se moveram, e não havia nada que eu pudesse fazer para disfarçá-las.

— No que está pensando, criatura? — Suas palavras eram roucas.

Em lambar as suas runas? Graças a Deus que ele não conseguia mais ler os meus pensamentos. Com o rosto corado, procurei algo que dizer.

— Aposto que estava esperando uma Imperatriz mais alta desta vez.

Fraco.

— Eu não mudaria nada em sua aparência.

Quando prendemos os olhos pelo espelho, o seu olhar ardente fez ainda mais rubor se derramar pelo meu corpo.

A Morte se levantou com a sua graça letal e caminhou até mim. Engoli em seco. Ele tentaria me beijar?

E o que eu faria se tentasse?

Ele parou a uma curta distância.

— Venha ao meu escritório esta noite.

— Uau, uma permissão de verdade para entrar?

— Há um jogo de muito tempo atrás. Junte-se a mim em uma rodada. Se ganhar, te darei um prêmio. Perca, e me dará um.

Um prêmio? Talvez finalmente conseguisse que ele me contasse sobre as nossas interações do passado!

— Estarei lá. Qual é o jogo?

— Você verá...

Cheia de curiosidade, tomei banho, depois espiei o closet. O que vestir? Meu olhar foi imediatamente atraído para tudo que fosse vermelho, minha cor favorita.

Escolhi uma calça jeans e um casaquinho vermelho-papoula com uma regata da mesma cor. Na escala de “vadia” a “pura”, meu conjunto definitivamente se inclinava da direção do último.

Ao menos eu poderia remover o suéter, expondo os braços.

Ele parecia preferir meu cabelo solto, então eu o deixei assim.

Era como se arrumar para um encontro. De certo modo, era um encontro. Um encontro com a Morte? *Medo*.

Se meus pensamentos queriam ir até um outro garoto, eu os impedia com brutalidade.

Na verdade, enquanto descia as escadas, senti uma empolgação pela primeira vez há muito tempo. Sabia que saberia mais sobre a Morte hoje, e não passaria horas sozinhas na minha torre.

Quando bati na porta do escritório do Anjo da Morte, Ciclope se deitou no chão do corredor.

Ao invés de dizer para que eu entrasse, a Morte veio abrir a porta. Seus olhos se iluminaram quando me olharam, e eu me senti sorrir em resposta. Um bom começo de noite.

Ele me indicou uma cadeira, todo refinado. Achei que já que havia me convidado, ele ia agir como um cavalheiro. Certamente se vestiu melhor, com uma blusa preta de botões de aparência cara e calça social. Seu cinto e sapatos pareciam custar mais do que toda uma colheita de cana.

Lá fora, a chuva caía forte. Dentro daquele aposento, estávamos aquecidos, o espaço iluminado apenas por uma lareira e velas. Retirei o suéter ao sentar.

Então avistei um livro em sua mesa, lembrando que o meu bichinho de estimação/guarda havia devorado um dos filhos da Morte. *O Príncipe*.

— O que foi, Imperatriz? Acabou de empalidecer.

Tão observador.

— Eu, hmm, tenho que te dizer uma coisa. O livro que me emprestou... foi arruinado.

Ele depositou um copo com vodka na minha frente.

— Perdão?

— Não existe mais. — Eu corri a mão pela nuca. Parecia que todos os seus outros livros me olhavam de maneira acusadora.

— Como isso aconteceu? — ele perguntou, voltando à sua cadeira. Sua expressão era impassiva. Não consegui avaliar o nível da sua raiva.

— Eu sinto muito, mas nunca mais poderei devolvê-lo.

Ele juntou os dedos formando uma pirâmide. Antes eu via isso como um gesto de arrogância, mas agora ele me parecia mais um gesto pensativo.

— Estranho que não queira implicar mais ninguém.
— Já sabe o que aconteceu, não sabe?
— Poderia ter culpado o lobo — ou Fauna, por isso.
— Estou meio que gostando dos dois, ok? — Não consegui acreditar que tinha criado aquele tipo de ligação, mas às vezes as atitudes de Lark me lembravam um pouco das de... Mel. — Se isso melhora as coisas, eu fiquei péssima, cheia de culpa.
— Por quê?
Franzi a testa.

— Porque me responsabilizei por algo que te pertence, que você aprecia, e esse objeto foi destruído sob os meus cuidados. — Quando pensei em todos os seus esforços em proteger aqueles livros, meu rosto ficou quente.
— E ele era — me contorci — o seu favorito de todos.

— Eu teria sacrificado o livro de bom grado apenas para ver isso.

Hã?

— O meu desconforto?

— A evidência de sua empatia. E a sua sinceridade. — Ele inclinou a cabeça para mim, como se estivesse vendo algo novo.

— Não está com raiva?

— Felizmente para você, a edição italiana era a minha favorita.

Ele estava me provocando? Eu me vi sorrindo outra vez, relaxando.

— Então, o que vamos jogar?

— *Tarocchi*. — Da gaveta, ele tirou um baralho de cartas, com uma aparência antiga, com as cartas mais compridas que as normais.

Ele me passou o baralho. Elas eram... castas de Tarô.

— O que é isso? Vai ler o meu futuro? Isso não seria justo, já que está nas suas mãos.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— As cartas são usadas para prever o futuro — e para jogar. *Tarocchi* é um jogo de cartas.

— Como bridge?

— Um pouco mais implacável.

— Era de se esperar.

Enquanto me familiarizava com o baralho, ele explicou as regras. Os vinte e dois Arcanos Maiores eram os trunfos que anulavam todos os cinquenta e seis Arcanos Menores. Essas cartas eram divididas em quatro naipes: paus, espadas, ouros e copas.

— Os Arcanos Menores realmente existem? Como nós? — Várias das imagens das cartas menores eram tão aterrorizantes quanto as das maiores. O dez de espadas trazia a figura de um corpo ensanguentado perfurado por dez espadas.

— Em alguns jogos vejo a evidência deles por toda a parte; em outros não vejo nada.

Interessante.

— Espere, a minha carta tem um valor menor do que a sua?

— Nisso, os criadores do jogo foram sábios. — Ele continuou recontando as regras — descrevendo apostas, caixa, desistências. — concluindo com — Se você é o meu curinga na vida real, *Il Matto*, o Louco, é o deste jogo. — *Matto*. Matthew. Não ia pensar nele.

— Até pegar o jeito, eu a ajudarei com as suas apostas. Embora houvesse uma porção de regras para me lembrar, tentei reduzi-las.

— Comece com pouco, continue assim e jogue com as cartas trunfo somente quando necessário. — Eu devolvi o baralho pra ele.

— Isso bastará por hora. — A Morte habilmente embaralhou as cartas com aquelas mãos refinadas e mortais. Ele as distribuiu, e então indicou que eu comesse.

Joguei um dois de copas, ele um quatro. Partimos dali. Ganhei a primeira mão, depositando as cartas na minha nova pilha.

— Sorte de principiante?

— De fato.

Quando fiquei mais confortável com as regras, o suficiente para jogar e conversar ao mesmo tempo, perguntei.

— Então, o que faz na baixa temporada? Nos séculos entre as competições?

Ele me olhou com suspeita.

— Por que deseja saber disso?

— Porque estou curiosa. Você reage de um jeito que parece que ninguém nunca te fez perguntas do tipo.

Ele bebeu sua vodka, indicando que eu fizesse o mesmo. E sempre voltando a encher os copos.

— Claro que já perguntaram. Quando tentavam encontrar algum ponto fraco.

— Ponto fraco? Eu ficaria feliz só em saber o seu nome. Ou ao menos de onde você é. Me deixe adivinhar: Rússia?

— Já terminou?

— Como eu saber dessas coisas pode prejudicar o seu jogo? — Perguntei, embora não pudesse culpá-lo pelas suas maneiras evasivas. Pelo o que eu ouvi — e vi nas visões do passado — a Imperatriz não foi alguém em quem se confiar.

Ela era agora?

— Falaremos de outra coisa — ele disse bruscamente — ou de mais nada.

— Tudo bem. Vamos falar da sua casa. Há quanto tempo vive aqui? E o que o fez escolher um local tão isolado assim na... Virginia? — Ok, talvez estivesse mesmo sondando um pouco.

— Estamos na Virginia? Independentemente disso, vivo aqui há trinta anos. Escolhi a propriedade porque ela conjugava todos os meus requerimentos estratégicos: altitude acima do nível do mar, exterior rochoso, remota, defensível. — Com um olhar penetrante, ele acrescentou. — Pouca vegetação. — O oposto polar de Haven.

Que triste ele ter passado décadas se preparando para uma futura catástrofe misteriosa. Que tipo de vida era aquela, viver pensando apenas no que tinha chance de dar errado?

Determinada a ficar fora de assuntos mais sensíveis — o jogo, o seu passado, sua nacionalidade, meus antigos amigos — eu disse.

— Sabe dirigir? — Ou ele era como aqueles cavaleiros anacrônicos dos filmes, que temiam todo tipo de tecnologia?

O canto do seu lábio se curvou. Um sorriso da Morte.

— Sim, criatura. Eu tenho vários carros.

Relaxe, já meio que alterada pela vodka.

— É verdade. Você era podre de rico antes do Flash. Como fez tanto dinheiro?

— Comecei a minha carreira bem cedo. — Quando levantei as sobancelhas, ele disse, — Assassino. Meu dom mortal me fez bem apto ao trabalho. Um único aperto de mãos poderia pôr um fim a uma monarquia. O dinheiro aumentou com o passar dos séculos.

Seu tom era vazio; não podia dizer como ele se sentia a respeito das coisas que fez no passado.

— Então foi assim que conseguiu essas coroas. — Tentando manter as coisas leves, eu disse. — Admita, você as põe na cabeça quando não há ninguém por perto. Joga tênis imaginário com os cetros?

— Não, Imperatriz. Eu não faço isso.

— Posso, posso?

Quase sorrindo, ele diss.

— Não, Imperatriz, não pode. — Depois disso conversamos mais livremente, o gelo quebrado. Perguntei que línguas ele falava que foram as mais difíceis de aprender (*Árabe, ou possivelmente Húngaro*) e se ele assistia TV (*Não se puder evitar*).

Ele também ficou longe dos assuntos mais sensíveis quando perguntou quantos anos eu tinha quando comecei a dançar (*Três. E até você teria falado ohhh se tivesse me visto em um tutu*) e qual era o meu tipo favorito de pintura (*Pintura a óleo, para murais*).

O jogo foi enérgico. Eu ganhava uma mão, a Morte outra. O tempo todo, a nossa conversa foi animada.

Enquanto superávamos as cartas um do outro repetitivamente, andávamos e recuávamos juntos, formando uma teia e um curso tão natural quanto os das marés. Também parecia muito familiar.

O que me confundia. Podia jurar que estava em sintonia com aquele homem de um modo que nunca estive com Jack.

O Cajun e eu nunca conversamos daquela forma. Seria por que nunca tivemos uma oportunidade?

Ou porque nunca estivemos na mesma página? Jack tinha até dito, *Ficamos melhor quando não conversamos*.

Pare de pensar nele!

Durante uma mão particularmente difícil, a Morte disse.

— O jogo está próximo. — As nossas duas pilhas de cartas pareciam iguais, mas eu não tinha ideia de quantos pontos havia em cada.

Ele jogou com a carta da Imperatriz.

— Tinha essa beleza em minha posse. — ele disse, a voz áspera.

O duplo sentido me fez dobrar os dedos dos pés. Para não ser vencida, joguei o meu trunfo, um que estive guardando. A Morte.

— Eu o segurei com todas as forças. — disse, passando o dedo de um modo sugestivo pela carta.

Os lábios dele se abriram de surpresa. *Um ponto para Evie*.

Quando recolhi a pilha, olhei para a imagem dele.

— Você nunca usa a foice. Por que a leva consigo?

Em um tom seco, respondeu.

— Sou um tradicionalista.

Eu ri. Estava mesmo tendo aquela conversa com o Anjo da Morte? Minhas risadas pioraram e pioraram, até os meus olhos se encherem d'água.

Os dois cantos dos lábios dele se curvaram, quase um sorriso de verdade.

Minha risada morreu. Eu estava fascinada.

— Devia sorrir mais vezes.

Eu o olhei, olhei de verdade, de um modo como não me permiti antes.

Claro, eu reconhecia que a Morte era um cavaleiro lindo, educado e sofisticado que era rico em suntuosidades. Como eu, ele era um Arcano.

Mas por vez ou outra, eu via pistas do homem por trás do cavaleiro. Bem como agora, quando ele parecia desconfortável sob o meu escrutínio e um rubor se espalhou pelas suas maçãs do rosto tão definidas. Eu sorri quando ele puxou a gola da camisa.

Finalmente consegui admitir que aquelas pistas tinham um efeito devastadoramente atraente para mim. Com os meus sentimentos por Jack embotados por mentiras e traições, aquela atração cresceria? Especialmente desde que a Morte tinha parado de me ameaçar de morte o tempo inteiro?

Matthew havia me dito para ter cuidado com o Toque da Morte. Já que o contato com a pele do Anjo da Morte não me feria, talvez Matthew estivesse falando de algo mais profundo — como um envolvimento com a Morte, como homem, pudesse se provar perigoso. E se o poder da Morte sobre mim fosse o encantamento crescente que sentia por ele?

Pigarreando, a Morte iniciou outra rodada. Eu me vi prestando mais atenção a ele, jogando no automático. Coloquei o cotovelo em sua mesa, apoiando o queixo nas costas da mão enquanto notava os detalhes ao seu respeito.

As pontas loiras dos seus cílios. O jeito em que a ponta de uma runa aparecia pela sua gola aberta. A linha de leve no centro do seu lábio inferior mais carnudo.

Talvez só estivesse embriagada, mas não achava que ele já me pareceu mais belo do que naquele exato momento. Minhas inscrições começaram a dançar pelos meus braços.

No fim da rodada, ele recolheu as cartas que restaram, separando sua pilha.

— Ganhei a noite, então. — Ele deu aos meus braços um olhar confuso. — Não pode esperar derrotar outro Arcano se se permitir distrações, Imperatriz.

Mais um duplo sentido.

— Talvez a Imperatriz prefira se distrair a ter que jogar.

Ele inclinou a cabeça, como se dissesse, *“Touché.”*

Mas eu falei a verdade. Ainda não tinha interesse naquela competição de Arcanos e continuava a crer que formar alianças fortes era a chave. Por que a Morte não podia ser meu?

Minha missão de tirar aquele cavaleiro de cena evoluía. E se eu pudesse conquistá-lo como aliado, como amigo, como...

— Me fale dos seus pensamentos, criatura.

— Hmm? Estava me perguntando que prêmio quer de mim.



Ele olhou para os meus olhos, com o olhar brilhante.

— Há algo...

Prendi a respiração.

Mas ele se levantou abruptamente, fechando-se, aquela luz se apagando.

— Eu creio que o deixarei para outra ocasião. Está ficando tarde.

— Tarde? E daí? — Aquilo era D.F. A hora importava alguma coisa? Hoje o sol levantou por poucos minutos, mal aparecendo no horizonte. — Precisa ir ao Campus Cinzas cedo amanhã de manhã? Para a Universidade do Nada Importa?

Ele foi até a porta do escritório, abrindo-a para mim. Chutando-me para fora?

Levantei, amarrando o suéter em volta da cintura, imaginando o que dizer. *Que se exploda, Anjinho*. Da próxima vez vamos fazer isso no meu quarto.

Tinha acabado de franzir o cenho ao ver que Ciclope não estava quando a Morte se juntou a mim no corredor.

— Eu a acompanharei de volta.

— Conheço o caminho.

— Permita-me.

Eu provoquei.

— O cavalheirismo nunca morreu para você, hein?

— Sou um cavaleiro. — respondeu me fazendo sorrir.

Na subida dos degraus, fiquei ao seu lado. Se ele estava incomodado por estarmos juntos na estreita escada, não demonstrou. A manga da sua camisa roçou meu braço nu, e mais uma vez.

Minha respiração ficou mais pesada quando pele tocou pele. Morte tinha furtivamente subido a manga da camisa? Foi o botão da sua manga que caiu em um degrau?

Com cada contato, as suas pálpebras pareciam ficar mais pesadas, os olhos mais uma vez ficaram estrelados.

Agora que eu estava mais que ciente da solidão dentro da Morte, comecei a sentir aquela necessidade imensa de aliviá-la. Para ser sincera, que mulher não sentiria?

Mesmo assim, ao chegarmos à porta do meu quarto, ficamos parados em um silêncio constrangedor. Era como se ele tivesse me levado até a porta da minha casa em Haven depois de um encontro.

O lugar espaçoso me parecia pequeno.

— Podemos jogar novamente amanhã à noite?

Ele apoiou o ombro contra a parede.

— Talvez.

— Se eu ganhasse hoje, iria te perguntar sobre o nosso passado.

— Não teria me pedido para viver mais tempo?

Neguei com a cabeça.

— Você não vai me machucar.

Na luz atenuada do patamar, seu olhar estava mais do que brilhante quando ele disse.

— Não?

— Sei que gostou de hoje. Por que se privar de mim?

Com uma expressão perplexa, ele se voltou na direção da escada. Mas achei que o ouvi murmurar.

— Por que, de fato?

Não pude dizer se estava sendo sarcástico ou se fazia uma pergunta honesta a si mesmo.

Assim que ele foi embora, entrei no meu quarto, agradavelmente embriagada, me admirando do quanto me diverti.

Ciclope já estava na cama. Enquanto vestia uma camisola, Matthew tentativamente me contatou.

— *Imperatriz?*

Estava em um humor tão bom que me sentia a prova de balas. Eu permiti que ele fizesse a conexão. *O que foi?*

— *A Imperatriz é minha amiga. Sinto saudade de Evie.*

A dor no meu peito me chocou com sua intensidade. Também sentia saudades dele. Mesmo depois de tudo. Não queria dizer que poderia perdô-lo.

— *Não fique brava.*

Você me magoou, Matthew. E eu me pergunto se ao menos se importa. Talvez ele estivesse planejando algo agora.

— *Precisamos de você. Nós ruiremos.*

Nós ruiremos. *J'tombe en botte.* Jack tinha dito isso naquela noite na cabana de Finn quando expôs sua alma para mim.

Ou ao menos, partes selecionadas e editadas da mesma.

Jack e Matthew não eram mais minha responsabilidade. Os dois significavam dor. Ainda assim, não consegui evitar perguntar: *Disse a Jack o que fiquei sabendo? Que sei que ele ajudou a minha mãe a se matar e que depois mentiu para mim várias vezes?*

Agora que eu estava em um estado de espírito melhor, conseguia ver as coisas com mais clareza, aceitando que Jack nunca teria machucado a minha mãe por conta própria. Seus motivos podem não ter sido puros, mas a minha feroz mamãe podia ser bem... persuasiva.

Se ela havia decidido que o seu suicídio era a única forma de salvar a minha vida, então Jack sequer teve chance.

Só podia imaginar o peso que aquela noite teve nele, um garoto que desprezava violência contra mulheres.

Quando ele trabalhou tão duro naquele jantar para nós na última noite em Haven, tornando tudo tão bom quanto podia, os dois já deviam saber que seria a última refeição que ela teria. O que me fez perceber que Jack era perigoso.

Pelo seu comportamento, eu nunca poderia ter imaginado o que estava prestes a fazer.

Jack disse que não tinha segredos. Outra mentira. E eu pressentia que só tinha chegado até a superfície delas. Ao menos a Morte foi bem sincero acerca dos seus contínuos impulsos de me matar.

— *Contei a Jack.*

E?

Matthew suspirou.

— *E.*

O que isso quer dizer?

— *Você está nos meus olhos.*



Uma visão começou, e eu vi um borrão de Jack. Ele estava frenético, puxando os cabelos enquanto gritava.

NÃO, Matthew! Sacudi a cabeça com força. Não, não quero isso! Só bem recentemente consegui controlar as minhas emoções. Não era tão a prova de balas assim.

A visão sumiu.

— *Imperatriz?*

Não quero vê-lo. Não posso. Não conseguia aguentar mais tocas de coelhos!

— *Sinto o seu coração. Ele dói de verdade.* As mesmas palavras que ele me disse na noite que Jack confessou seus sentimentos por mim.

Precisa afastá-lo do jogo, Matthew. Não é a guerra dele, e o que ele espera que aconteça de qualquer modo não vai acontecer. Não poderia continuar com alguém que me lembrava de pesares, alguém em quem não podia confiar. *Precisa fazer com que vá embora.* De qualquer modo, era o melhor.

Naquelas semanas, cheguei a aceitar que o meu lugar não era ao lado de um não-Arcano, o que Matthew me disse várias e várias vezes. Jack, com todos os seus defeitos, merecia uma vida longa. Não a conseguiria se continuasse a se meter em nossa competição mortal.

Para o melhor...

— *Você não está pronta, Imperatriz. As máquinas não pararão sem a Morte.*

Mais uma declaração codificada. Minha cabeça começou a doer quando tentei dar sentido as suas palavras.

Quase tive medo de perguntar.

— *Você navega semanas de quietude, depois vem a tempestade. O jogo começa a sério. Precisa estar pronta para atacar...*

Capítulo 37

DIA 318 D.F.

— Quero te mostrar algo. — Morte disse ao me levar de volta à minha torre. Ele fez o mesmo em cada uma das três noites em que jogamos cartas esta semana — teriam sido quatro se não fosse mais uma de suas excursões.

Quando voltou na noite seguinte, me pegou checando a sua mão, me dizendo.

— Relaxe. Ainda estou só a um ícone à sua frente.

Agora perguntei.

— Me mostrar o que?

Ele me levou até a academia.

— Uma surpresa.

Era como se soubesse que eu precisava de uma animação. O sol nem chegou a nascer naquele dia. Uma noite sem fim.

Eu ficaria ainda mais fraca? O dia inteiro passei cheia de inquietação. Lark também. Até os seus animais pareciam ansiosos. Ogen tinha uivado que nem um maníaco...

Quando Morte acendeu as luzes da academia, vi uma nova aquisição inacreditável. Em um canto, em frente à parede de espelhos, uma barra de balé foi instalada. Um par de sapatilhas estava atado pelos laços na barra.

Um som chocado deixou os meus lábios.

De algum modo Morte encontrou uma barra e sapatilhas. Tinha se esforçado para conseguir. Foi por isso que se ausentou?

— Acredito que as sapatilhas sejam do seu tamanho.

Enquanto fitava, eu o imaginei usando aqueles dedos refinados para atar aqueles laços. A ideia era tão sensual que estremeci.

Ele estava fazendo um trabalho muito melhor de sedução do que eu. Levantei os olhos para ele.

— Como?

— Eu obtenho coisas. É um talento meu.

Ele realmente tinha uma vibração de “exerço-poder-sobre-tudo-o-que-contemplo”. E era sexy.

— Você parece ter uma porção de talentos. — Havia algo que não pudesse fazer?

Bem, exceto confiar em mim. Toda vez que parecíamos realmente chegar a algum lugar naquela semana, rompendo as barreiras entre nós, ele se fechava.

— Está contente? — perguntou.

Contente nem começava a descrever meus sentimentos. Balé. Depois do Apocalipse.

Achei que aquela parte da minha vida havia sido queimada junto com tudo mais. Agora eu tinha todo o tempo do mundo, sapatilhas e um estúdio de dança. Apesar da chuva, ainda tinha energia suficiente para dançar porque comia bem, e dormia em uma cama quente e extremamente confortável.

Tudo por causa do homem à minha frente.

O presente daquela oportunidade era estonteante. Antes de pensar duas vezes, eu me coloquei nas pontas dos pés para depositar um beijo em sua bochecha.

Ele se afastou com sua velocidade não-natural.

— Ah-ah, criatura.

— Por que me repele? Sabe que qualquer plano que tinha contra você não existe mais.

Os punhos dele estavam tão cerrados que achei que quebraria os ossos das mãos. Mas não de raiva. Ele parecia vibrar com a necessidade de me tocar.

— Então, qual é o seu plano agora?

— Vou voltar a ser feliz. — Expliquei o que a minha mãe tinha dito. — Isso é tudo o que quero fazer.

— Isso envolve me beijar?

Em uma voz mais branda, admiti.

— Sim, você. Gostei de ficar contigo esta semana. Nós nos damos bem. E você estava certo antes — não acredito que já tenha mentido para mim. Isso significa muito. — Também havia outra coisa.



Depois de meses ali, finalmente admiti para mim mesma que eu desejava... Morte. Não era só uma atração, mas uma necessidade intensamente física.

Ele sacudiu a cabeça com força.

— Ainda há um jogo, valendo a imortalidade.

Franzi o cenho.

— Eu não quero ser imortal.

— Não? Nunca envelhecer, adoecer ou morrer?

— Se existe uma coisa que sei a meu respeito, é que não fico bem sozinha. Não fui feita para ficar assim. Além do mais, ganhar significaria ferir você. Não tenho intenção alguma de fazer isso.

— Então não se importa de usar o cilício? Se o que diz é verdade, então nunca me pedirá para removê-lo?

Mordisquei o lábio inferior.

— Eu me preocupo com Ogen. E dói quando uso muito esse braço.

A Morte exalou.

— Mesmo se eu desejasse que as coisas pudessem ser diferentes, não é o caso.

— É como se tivesse jurado nunca me deixar chegar perto. O que quer que tenha te feito no passado, deve ter sido terrível.

Ele encolheu os ombros de modo evasivo, mas senti as emoções fervendo nele.

Decidindo não pressionar, fui até a barra e peguei as sapatilhas. Eram preciosas demais para mantê-las longe dos olhos. Quando desatei os laços, estremei outra vez pensando em seus dedos roçando aquela seda.

— Obrigada... — Parei de falar, desejando saber o seu nome.

Ele pareceu desconfortável com a minha gratidão.

— Acha que fiz isso para você? Caso não tenha notado, gosto de observá-la.

Arqueei uma sobrancelha.

— Gostar é uma palavra um pouco branda, hein?

Ele endireitou aqueles ombros musculosos.

— Está tarde. Para os seus aposentos, então.

No patamar da escada, notei que ele mantinha distância. Com um suspiro, perguntei.

— Se sou a mais fraca dos Arcanos, por que esse cuidado contínuo perto de mim?

— Talvez por você ser a mais tentadora dos Arcanos.

Eu sorri.

— Vou te ganhar com o tempo.

Com os olhos escuros e desprovidos de emoção, ele disse.

— Não será capaz.

Oh, veremos. A Morte não sabia disso ao meu respeito, mas eu gostava de uma batalha de forças ocasional.

Sozinha em meu quarto, deitei na cama, traçando com adoração os laços da sapatilha com os dedos. Não conseguia parar de sorrir. Incrível. Quanto mais ficava perto da Morte, mais gostava dele.

Pelos últimos onze meses, tive pavor dele. Agora mal podia esperar para acordar e vê-lo novamente.



Naquela noite eu dormi com os dedos entre os laços e um sorriso no rosto.

Quando os meus sonhos com a Morte vieram, eu os recebi de braços abertos.

Capítulo 38

DIA 325 D.F.

Hoje, quase passei uma hora inteira sem pensar em Jack...

Capítulo 39

DIA 355 D.F.

— Dance o número que executou ontem. — Morte ordenou com a autoridade de um homem que nunca era negado. Ele estava com um braço em cima das costas do sofá, tão à vontade consigo mesmo, com o seu mundo.

— Gostou daquele, né? — Era uma das minhas peças mais ousadas. Nas últimas semanas me esforcei muito, reivindicando a maioria das habilidades que havia perdido. E a Morte esteve presente quase que todos os dias, observando cada filete de suor.

Quando comecei a dançar, refleti sobre a minha nova vida. Comparado ao mundo exterior, o covil da Morte se provava ser o paraíso. Aqui, eu podia dançar, ler e até pintar.

Cortesia daquele homem. Eu agora tinha os meios para também apreciar esse passatempo. Comecei a pintar as paredes do meu quarto — porque eu tinha um quarto, um lugar onde podia descansar a cabeça todas as noites.

Cenas de campos de cana-de-açúcar e florestas verdejantes tinham começado a tomar forma, bem parecido ao meu mural em Haven. Lá, nos dias ensolarados do pré-Flash, pintei nuvens negras acima dos campos.

Aqui, neste apocalipse nebuloso, eu pintava paisagens cheias de sol.

Bem como Lark havia me dito, eu podia ir até a cozinha e sempre havia comida deliciosa disponível.

Delicatesses apocalípticas como pão e manteiga frescos.

Nas tardes (difícil chamá-las disso, já que também eram escuras), ela e eu assistíamos filmes com os lobos cochilando por perto, uma lareira

estalando, e pipoca quentinha. Às vezes saíamos “às compras”, passando um pente no sótão, que estava cheio de roupas antigas.

Várias vezes me via rindo do seu humor. Hoje ela me deu uma piscada generosa quando falou do tempo que andei passando a sós com a Morte, depois disse.

— Me sinto como um bule que está prestes a cantar *Tale as Old as Time*³⁵.

Talvez estivesse me aproximando dela porque me lembrava Mel, que foi como uma irmã para mim.

Talvez fosse porque Lark fosse a única garota ali.

Ou talvez estivesse aprendendo que nem tudo era preto e branco.

Bem e mal estavam se borrando em minha mente. Nós éramos jogadores em um jogo que nos transformaria todos em assassinos; e o homem que era a minha escala de Maldade Suprema... tinha conseguido sapatilhas de balé para mim.

Alto era baixo. Baixo era alto.

Enquanto as tempestades do final do verão aumentavam, a Morte e eu nos encontrávamos todas as noites. No seu escritório aquecido, falávamos até a madrugada ou sentávamos em seu sofá de frente ao fogo, lendo silenciosamente de sua coleção.

Eu tinha começado A Odisséia, tinha acabado de chegar a parte em que Odisseu e seus homens atracaram na ilha dos devoradores de lótus. Aqueles que comiam a lótus não ligavam para a isolamento em que se encontravam, e nunca queriam continuar as suas viagens.

Morte leu a história no grego original. Naturalmente.

Ele e eu nos entrosávamos cada vez mais. Não havia mais ninguém no mundo que ele pudesse tocar, e ninguém que eu conhecia que pudesse discutir história, literatura e arte comigo.

Estar com ele parecia... inevitável. Mas de um modo bom.

Ele me elogiava por eu aprender rápido, parecendo alegre de me ensinar mais. Se Jack tinha despertado o meu desejo, Morte despertava a minha mente, me atraindo de um jeito que nunca vivenciei.

Eu sabia que ele também apreciava a minha companhia. Muitas vezes eu levantava os olhos da página que lia e encontrava seus olhos em mim, os olhos cheios de satisfação.

Bem parecidos como estavam naquele minuto, me observando dançar.

Meus sonhos com ele continuavam, escalando para um território ainda mais erótico. Ontem, sonhei que ele tirava as minhas roupas de ginástica e me levantava em cima da barra para que pudesse lamber minha pele molhada, aninhando o quadril entre as minhas coxas...

Ainda assim se alguma vez admitisse para ele o quanto me divertia em sua companhia, ele se distanciava. Se chegava perto de rir, ele se fechava.

Com ele era um puxa/empurra constante.

Ocasionalmente, ele deixava a residência. Eu supunha que devia estar caçando, ao menos algumas das vezes, mas ele não voltava com um ícone novo e eu não ouvia nada na Rádio Arcano.

³⁵ Referência à canção do desenho A Bela e a Fera.



Além disso, a lista de jogadores laminadas de Lark — a maluquinha de fato a deixava na porta da geladeira — não sofreu novas atualizações desde Estrela.

Bem, além dela riscar o meu título com lápis e rabiscar “A Impura”. Ha-ha.

Sempre que Morte se ausentava, eu ficava aborrecida. Com saudades dele? Admitia para mim mesma que o desejava, mas eu poderia estar sentindo algo mais profundo por um homem como ele?

Ele estava em minha mente com tanta frequência que eu tinha pouco tempo para me lamentar e chorar por coisas que poderiam ter sido.

Embora tivesse restabelecido contato com Matthew — de modo reduzido — ainda me sentia traída por ele.

E por Jack.

Sempre que Matthew surgia em minha cabeça, previa mais trevas e desgraças. Ao menos achava que era o caso. Ele fazia cada vez menos sentido. Uma vez foi “*O raio esconde o monstro.*” E outra vez “*Prefira se cortar quando o altar estiver vazio.*”

Eu perguntei sobre a sua história com a Morte. Sua resposta? “*Melhor se preocupar com o seu futuro. O Diabo está nos detalhes.*” Não recebi explicação para isso.

Outra vez, instruí Matthew a levar Jack a algum lugar seguro, mas o garoto respondeu de modo inteligível.

Embora tivesse tentado ouvir melhor, fiquei progressivamente irritada, minha mente latejando.

Os dias passaram voando. O verão-que-não-acabava, meu aniversário de dezessete anos se aproximando. O único inconveniente daquele santuário era Ogen. Raramente o via e apenas quando ele estava correndo pelo complexo. Podia jurar que um dos seus chifres estava ainda mais curto.

Apesar da minha contínua inquietação com relação aos ataques do Diabo, eu sentia que aquela lúgubre mansão estava se tornando...

— No que está refletindo por trás desses belos olhos? — Morte perguntou em um tom baixo.

Sem pensar, disse.

— Que a sua casa está se tornando minha.

Parecendo que tinha acabado de esbofeteá-lo ele se levantou, andando em direção à porta.

Enquanto me perguntava por que ele reagia assim, ele disparou por cima do ombro.

— Você me faz ter pensamentos perigosos, criatura.

Pensamentos perigosos. Em transição ou em desordem? Ele iria agora treinar na tempestade, queimar a sua agressão em um frenesi?

Eu não sabia quanto mais tempo conseguiríamos ficar assim antes que algo cedesse.

Capítulo 40



**DIA 365 D.F.
VÉSPERA DO ANO 2**

— Por que não dançou hoje? — Morte perguntou.

Eu havia acabado de sentar no sofá do seu escritório, enfiando os pés debaixo das pernas.

— Não dormi muito bem.

Sim, sonhava com ele quase todas as noites, mas ontem fui bombardeada com cenas tão cheias de vida que despertei confusa ao me encontrar sozinha.

Quando ele sentou ao meu lado, embora não muito perto, engoli em seco. Perguntava-me o que faria se o beijasse.

Ele estudava a minha expressão. Podia ver as minhas bochechas corando?

— Parece corada. Está doente? O mortal aqui trabalhava com a medicina antes do Flash.

— Não, estou bem.

— Muito bem. — ele disse, parecendo pouco convencido. — Quero dizer que hoje parto para outra viagem.

Meu humor decaiu.

— Por quanto tempo ficará fora?

— Dois ou três dias. Sentirá minha falta, Imperatriz?

Não conversar com ele às noites?

— Sim. — admiti. — E me preocuparei com você. Queria que não fosse.

Minha resposta pareceu agitá-lo mais do que a minha camiseta molhada. Ele se levantou para se sentar atrás de sua mesa, pigarreando antes de dizer.

— Fauna me disse que vocês duas temem Ogen quando me ausento.

— Você teve que cortar os chifres dele outra vez, não teve?

Curto assentimento.

— Eu não o temeria tanto se você removesse a minha braçadeira.

Sua expressão escureceu.

— Sabe que não posso fazer isso. Você se sentiria melhor se eu o trancasse fora do complexo?

O melhor que eu ia conseguir.

— Sim, obrigada.

Como sempre, ele pareceu desconfortável com a minha gratidão, mudando de assunto.

— Fauna também me diz que amanhã é o seu aniversário.

— Acho que não é de muita coisa para você, já que já teve milhares deles.

— Se me pedir um agrado, talvez eu o forneça.

Me levantei com animação.

— Tipo um presente de aniversário? — Eu dei a volta em sua mesa, ultrapassando sua zona de conforto. Sentei na mesa ao lado da sua cadeira, minha coxa a centímetros de sua mão.



Ele cerrou o punho.

— Eu a avisei. Não serei seduzido.

Eu disse baixinho.

— Se não houvesse competidores, talvez pudesse ser? Por que insiste em jogar esse jogo?

— Porque foi para isso que nascemos.

Não era uma resposta.

— Você não me parece do tipo que seguiria cegamente as ordens de deuses que há tempos nem estão mais aqui.

— É uma parte de mim tão significativa que não saberia como me desvincular.

— Você me chamou de deliberadamente ingênua, mas você está teimosamente preso ao passado. Não imagina ao menos um futuro diferente? — Meu temperamento estava me dominando.

Bem como o dele.

— Eu jogo porque não há escolha! Acha que nunca tentei subverter o jogo?

— Você? Você foi um dos que fez uma trégua? — Minha surpresa pareceu enfurecê-lo.

Ele se levantou de súbito, começando a andar de um lado para outro do escritório.

— Falar em pôr um fim ao jogo é uma blasfêmia. Blasfemei por duas vezes!

— Você não, bem, viveu por isso?

Ele passou uma mão pelo cabelo loiro.

— Eu quis tanto mudar a minha existência, que a minha maldita carta de Tarô é associada com mudança até hoje. — Com a voz se elevando a cada palavra, ele disse, — Este jogo é um inferno ao qual todos nós fomos condenados. É designado para nos enlouquecer. O Arcano mais inteligente que já jogou é chamado de o Louco. O que menos deseja matar é chamado de Morte. E você, Imperatriz, não é a Imperatriz de nada!

— Não precisa matar?

Ele virou o copo de vodka, engoliu.

— Precisar. Querer. Não importa. Eu faço. — Quando verteu outra dose, a bebida balançou no vidro. — Se algum desses Arcanos soubesse o que espera o vencedor, eles não estariam tão dispostos a arrebatá-la vitória de mim. Eles me agradeceriam por ceifar suas vidas.

— Eu não tinha ideia de que você se sentia assim. — O que nem chegava perto de expressar a minha surpresa. Ele não só estava cansado de matar, ele desprezava matar.

Outro copo vertido.

— Não faz ideia alguma ao meu respeito.

— Tem razão. E agora que estou pensando, quero um presente. Quero te perguntar coisas sobre a sua vida e o seu passado, e quero que me responda com sinceridade. — Ainda sentada em sua mesa, estendi a mão e tomei a garrafa dele, para voltar a encher o copo.

— Para que eu seja capturado? — Com uma exalação, ele afundou mais uma vez em sua cadeira. — Então pergunte.



— O que as runas em sua pele significam? — As runas com as quais eu sonhava...

— Pelo tanto que me observa treinar, estou surpreso que ainda não as tenha decifrado.

Encolhi os ombros.

— Elas contam uma história, uma que eu jamais posso esquecer — mesmo se vir a morrer neste jogo. Todas as manhãs eu as olho no espelho para me lembrar. E eu nunca a revelarei para você, então nem se incomode de perguntar.

Apertei os lábios.

— Vai me dizer o que faz entre os jogos? Por favor?

Inclinando-se para frente de modo agressivo, ele disse.

— Eu vago pela terra e vejo homens envelhecerem sob meus olhos. Leio qualquer livro ou jornal em que possa pôr as mãos. Observo as estrelas no céu; durante a minha vida algumas se apagam, algumas se intensificam. Durmo semanas de uma vez e caço o dragão³⁶. — Quando franzi o cenho, ele explicou. — Ópio.

Feito da papoula, uma das plantas simbólicas da Imperatriz. Suas flores vermelhas adornavam a minha carta.

— Eu o consumo de todas as formas que puder ingeri-lo. — Ele parecia estar me desafiando a dizer algo a respeito, o que eu nunca faria.

Não conseguia imaginar o quanto a sua existência devia ser angustiante, agradecendo a Deus — ou aos deuses — por ela não ter sido o meu destino. Era por isso que eu sentia pena dele quando era menina? Quando olhava a sua carta com fascinação, eu devo ter sentido algo acerca daquele homem. *Seu cavalo parece doente, e ele não tem amigos.*

— No limiar de um novo jogo — ele continuou — a antecipação é como fogo em minhas veias. Eu me esforço para localizar as outras cartas. Para conduzi-las como um pastor, ou marcá-las para eliminação. Preparo-me para todos os tipos de catástrofes possíveis. É isso o que faço há milênios.

— Entendo. Se está atrás de julgamento, não encontrará um aqui. — disse. — Tudo o que eu quero é saber mais sobre você. Vai me contar como foi crescer? — Talvez ele tivesse lembranças felizes como eu. — De onde é?

Ele me olhou de modo acusador.

— Por que deveria te dizer? De qualquer modo não se lembrará de nada.

— Isso realmente te incomoda, o fato de eu não recordar os jogos anteriores.

Ao invés de responder, ele se levantou e foi até um cofre na parede. Retirando algo brilhante, ele passou uma joia para mim, o indicador roçando brevemente meu pulso.

— Talvez isso a ajude.

Meus olhos se estreitaram ao ver o formidável colar de esmeraldas.

— Você já me deu isso. — Ele deve ter recolhido do meu cadáver. Depois que me matou da última vez. — Estou surpresa por ter conseguido limpar o meu sangue.

Ele fechou a cara, virando-se na direção da janela. Raios partiam o céu à distância.

³⁶ Referência ao consumo de ópio, que é referido em culturas asiáticas como “dragão”.

— Por que me mostrar isso? — Eu o coloquei de lado em cima da mesa, não querendo tocá-lo mais. Embora estivesse impressionada dele ter mantido o colar por todo aquele tempo, a peça me lembrava uma morte sangrenta e violenta. — Por que não me dizer simplesmente o que quer que eu lembre?

— Porque relatar o nosso passado não terá o mesmo impacto. Porque você não confiará no que direi.

— Justo. Enquanto isso, pode ao menos me falar sobre você. Sei que nasceu há três jogos antes deste. Como foi a sua infância? Finalmente me dirá o seu nome?

— Meu nome? — Fitando a noite, ele murmurou. — Eu era chamado de Aric. Significa um soberano, eternamente solitário. — Risada áspera. — Que profético da parte dos meus pais.

Aric. Ao menos ele me falou. Quando cheguei ali, ele havia dito — *Morte é o que sempre serei para você.*

Não mais.

— Continue.

— Quando era um garoto, era bem ciente de que fui abençoado com fortuna. Meu pai era um comandante que imperava em um assentamento fortificado, um grande centro de escambo no que hoje é a Letônia.

Então era esse o seu sotaque.

Ele voltou à cadeira.

— Éramos a família mais rica do lugar, e meus pais se amavam profundamente. Desejando o que eles tinham, concordei quando meu pai me incitou a casar. Eu tinha acabado de completar dezesseis, e era hora de começar uma família própria.

A Morte — ou melhor, Aric — foi casado? Nunca imaginei que isso ao menos fosse possível. Senti uma labareda surpreendente de ciúmes.

— Mas o seu toque...

— Não nasci com a minha maldição. — Bebeu a dose, voltou a encher o copo. — Meu pai deu um baile para que escolhesse minha esposa. Dancei com muitas. No dia seguinte todas ficaram doentes apenas por segurarem minha mão. Ainda assim, na época, ninguém possuía razões para acreditar que eu era a causa. Não até a minha maldição crescer em sua força até meu toque matar em segundos, que eu soube ser o responsável. Duas das minhas vítimas acidentais foram os meus pais.

Mesmo depois de todo aquele tempo, a culpa em sua expressão era evidente.

— Enlouquecido de pesar deixei meu lar, tropeçando cegamente no jogo. Logo comecei a compreender o que era. Estava condenado a vencer, a ser imortal para todo o sempre, a ficar sozinho. — Ele exalou de modo cansado. — E então eu a conheci.

Ele finalmente iria revelar o que aconteceu entre nós?

— Já ia há mais de um ano sem contato a essa altura. Não parece muito, mas imagine todo esse tempo sem um único aperto de mãos ou um abraço de um parente. Sem ao menos o roçar das mãos de um desconhecido ao passar moedas.

Mesmo ali, eu tinha contato humano. Eu aprontava com Lark e tinha aqueles contatos passageiros com Morte. Sua existência devia ser um pesadelo constante.

— Acaricieei o seu rosto, com a intenção de matá-la. Ainda assim você não adoeceu. Ainda consigo me lembrar o quanto a sua pele era de um suave chocante. O quanto era morna. — Ele pareceu se perder na lembrança. Com a voz rouca, disse. — Eu estremecia ao senti-la contra a minha. — Levantou os olhos de repente, clareando a garganta. — Você ficou tão perplexa quanto eu.

— Nós...?

Ele sacudiu a cabeça com brusquidão, os olhos começaram a brilhar — desta vez com fúria.

Sem levar em consideração a sua raiva, pressionei.

— Então se não dormimos juntos, você já...? — Eu não era virgem, mas ele podia ser.

Seu copo se esfaqueou em seu punho.

— A-acho que não. Mas tinha a intenção de dormir comigo? — *Para a minha cama, Imperatriz.*

— Até você me trair.

— Como? — Quando ele olhou incisivamente para o colar, eu disse. — E se nunca conseguir lembrar? Eu preciso saber!

Ele falou cuspindo as palavras.

— Já te disse, criatura. Você foi a primeira a romper o pacto.

— Nós dois já fizemos uma trégua?

Ele se levantou com uma expressão enojada — mas eu não achava que era direcionada a mim. Ele parecia enojado consigo mesmo, como se aquele encontro tivesse acabado de se tornar unilateral.

— Estou pronto para a minha partida. — ele disse me dispensando, caminhando até uma porta adjacente.

Tentei segui-lo. Ele murmurou uma blasfêmia quando passei pela porta atrás dele.

Meu queixo caiu ao ver o seu quarto iluminado pela lareira. O teto e as paredes eram de um preto intenso, o chão de um mármore negro venoso.

Sua armadura negra estava em um tipo de manequim, como se outro homem estivesse no quarto conosco. A única peça de mobília era uma cama com colunas esculpidas. Seus lençóis estavam revirados.

Ele também sofria daqueles sonhos perversos?

Ele olhou em volta com uma carranca, claramente arrependido de eu ter visto o seu espaço mais pessoal.

— Sabe o que eu penso, Morte? — Quando sentei na ponta da sua cama, ele se virou inalando abruptamente. — Acho que senti minha falta hoje de manhã na academia.

Com a mandíbula cerrada, ele foi até a armadura.

— E acho que vai sentir minha falta quando for embora. Sempre que está lá fora sozinho, aquela solidão agonizante volta a aparecer?

Ele enrijeceu.

— Você odeia essa existência e eu acho que secretamente espera que eu o ajude a encontrar uma diferente.

— Não importa o que espero. Porque não posso confiar em você.

— Se pudesse, iria querer algo mais comigo? Iria querer ficar comigo?

— Isto foi um erro. Precisa sair. — Com movimentos apressados, ele afivelou uma camada de metal na perna direita, outra na esquerda. — Está proibida de vir a esta parte da mansão de agora em diante.



Eu ofeguei.

— Você quer mesmo ficar comigo. — Assim que falei as palavras, aceitei que pudesse querer passar a vida aqui com ele também. — Por favor, não vá ainda. Fale comigo, Aric.

Ele ficou tenso com o uso do seu nome, como se eu o tivesse estapeado.

— Vá agora. Se eu recordar sua traição, posso ser capaz de matá-la. Se recordar como já me traiu nesta vida...

Saltei em pé.

— O que fiz pra você? — Ele havia me capturado, aprisionado. Quando ataquei ele e sua aliança só estava me defendendo.

— Estou avisando, deixe-me. — Virando-se, ele tirou a camisa para vestir o peitoral de sua armadura. Até no meio daquela discórdia, olhei com desejo para os músculos que se contraíam em suas costas.

Ele enfiou as luvas protetoras e se virou, parecendo surpreso ao ver que ainda estava ali. Ninguém mais o desobedecia?

— Qualquer mulher com bom senso teria prestado atenção ao meu aviso. — Ele atou o cinto de sua espada.

Sim, ele havia me avisado, mas eu já tinha aprendido mais sobre ele do que nunca e pressentia que estava prestes a confidenciar ainda mais. Ou, bem, me matar. Endireitei os ombros.

— Vou ficar.

Ele pegou o elmo, enfiando-o debaixo do braço, depois andou até onde eu estava, em uma visão apavorante. Naquele momento, acreditei completamente que alguma divindade da morte havia escolhido aquele homem para ser o seu cavaleiro.

Quando estávamos com os dedos dos pés quase encostados, levantei a cabeça.

Emoções varriam o seu rosto, muitas para que eu compreendesse alguma.

— Então estou indo. — Ele me rodeou e deixou o quarto.

Eu o segui pelo corredor até as portas que davam para o exterior.

— Poxa, Aric, sua viagem não pode esperar?

Sem outra palavra, ele saiu na enfurecida tempestade. Da porta eu observei, sentindo como se tivesse acabado de perder uma oportunidade de... fazer alguma coisa.

Mente-lo ali de repente me pareceu crucial.

Quando saiu a cavalo do estábulo a uma velocidade impressionante, corri na chuva para interceptá-lo. Seu cavalo levantou as patas dianteiras, os olhos vermelhos enlouquecidos enquanto seus cascos afiados se sacudiam no ar.

— Você enlouqueceu! — Ele arrancou o elmo, revelando seus olhos brilhantes e angustiados. — O que está pensando?

Eu me apressei até a lateral do cavalo, gritando acima da chuva torrencial.

— Como o traí nesta vida? — Quando descansei a mão em sua perna protegida pela armadura, ele recuou como se sentisse dor. — Eu preciso saber.

Ele desmontou, seus movimentos deliberados, quase sinistros. Meu coração acelerou quando retraí alguns passos. Ele havia alcançado o seu limite comigo?

Assim que ele se colocou na minha frente, tive o impulso de sair correndo. Estava perto demais, era muita coisa, muita intensidade. Mas eu tinha que saber...

Ele estendeu a mão para prender a minha nuca com um aperto em forma de castigo. Por entre os dentes cerrados, ele disparou.

— Você não nasceu para ele. — A chuva tocava os seus cílios. — Você ter permitido que o mortal a possuísse... isso me deixa louco! Você deu tudo a ele.

— Você me odiou por dois mil anos. Diga por que se importa com quem eu fico.

Sua mão sacudiu.

— Eu me importo.

— Por quê?!

Ele segurou o meu rosto com ternura com aquela luva letal. Seu toque podia ser suave, mas sua expressão...

Cheia de desejo e luxúria e outros sentimentos tempestuosos demais para que os lesse.

Aquilo estava fervendo dentro de mim por semanas; deve ter fervido dentro dele por séculos.

Então os seus lábios tomaram os meus, ardentes na chuva, envolvendo, reivindicando. Sua língua me invadiu exigindo mais, mais. Para alguém tão fora de prática, seu beijo era a perfeição — mas também era selvagem, como se fosse o último que fosse obter. Entregando-me a ele, joguei os braços em volta do seu pescoço. Igual ao meu sonho.

Melhor do que no sonho.

Incrivelmente mais excitante.

Acima do barulho da chuva podia ouvir os meus gemidos, os seus grunhidos. Ele passou o braço livre em volta do meu torso me apertando com muita força contra sua armadura, mas eu ameí.

Enquanto ele inclinava os lábios sobre os meus repetidamente, notei vagamente que meus pés não estavam tocando o chão. Eu me agarrei a ele como se nunca quisesse soltá-lo, com os dedos puxando o seu cabelo.

Queria que aquele beijo durasse para sempre.

Mesmo assim ele se afastou me deixando tonta, sem fôlego.

— Aric? — Meus lábios estavam machucados, frios sem os seus.

Entre a respiração fatigada, ele falou.

— Eu me importo porque... porque você era minha esposa. Ainda é. — Minhas pernas ficaram fracas de choque. — Você aceitou os votos, depois tentou me matar em nossa noite de núpcias. — Com a voz rouca e dolorida, ele disse. — Você me forçou a assassinar a minha noiva. — A dor em seus olhos estrelados...

Ele me soltou para montar o seu cavalo. Com um último olhar ardente, disparou, me deixando para que caísse ali, no chão, de joelhos.

Capítulo 41

DIA 327 D.F.

Estou deitada na cama da Morte fitando o teto negro, segurando o colar de esmeraldas que ele certa vez me deu.

Pelos últimos dois dias evitei Lark, entrando sorrateiramente no quarto dele e passando as horas noturnas ali. Meu guarda lobo esperava do lado de fora da porta.

Não dormi desde que Aric havia partido, não comi. Eu desejava e temia o sonho com ele que pressentia estar por vir. De algum modo eu sabia que reviveria o passado na próxima vez que dormisse.

Acreditava em tudo que Aric me disse — o que ele disse pareceu verdade. Fui casada com Morte. Isso explicava por que sempre senti uma conexão com ele, algum tipo de laço de alma profundo — por que fitei a sua carta quando era criança como se olhasse uma foto de um ente amado.

Quando me apaixonei por Jack foi algo em chamas e combustão. Um inferno flamejante. O que eu sentia por Aric era como uma onda quebrando na praia para todo sempre. Ele viveu dois mil anos de anseio, vidas inteiras disso, e agora eu tapei aquele poço para sempre.

Sabia que nunca seria a mesma. Minha relação com Jack tinha me parecido obra do destino. O que quer que tivesse com Aric parecia... eterno.

Por que ele não voltava? E se nunca mais voltasse?

Deitada em sua cama, cercada pelo seu aroma viciante, eu tinha saudades dele, tinha vontade de tirar toda a dor que eu provoquei.

Se ele podia sobreviver o que quer que lhe fiz, eu ao menos poderia testemunhar do que se tratava.

Parei de lutar contra o sono...

— Agora que estamos casados, talvez me chame pelo meu nome de batismo. — Morte diz ao me levar aos seus extravagantes aposentos — somente o melhor para o meu nobre cavaleiro.

Assim que atravessamos a soleira da porta, ele me deposita no chão para retirar suas odiadas luvas.

— Mas sempre o reconhecerei como Morte, meu amor. — eu digo, minha voz toda doçura.

Não importava como tinha me tratado naquelas últimas semanas, jamais esqueceria o perigo em seus olhos quando me apunhalou. Jamais esqueceria a sua arrogância quando assumiu que eu o aceitaria apenas por ter me poupado.

Nunca pediu minha mão, meramente me informou que me casaria com ele, que ele sairia do jogo. Na sua cabeça ele é morte e eu sou vida; portanto, nascemos um para o outro.

Durante toda a preparação daquela cerimônia mantive minhas verdadeiras motivações ocultas. Ele podia ter desistido do jogo, mas eu

continuava a jogar. E sabia que não poderia derrotá-lo até que baixasse a guarda comigo. O que irá fazer agora que é meu marido.

Hoje tornei-me sua esposa. Esta noite será a sua ruína.

— “Meu amor” servirá por enquanto. — *fala com os lábios se curvando em total confiança. Estende a mão para mim, ávido para que nossas peles se toquem. — Por mais que esteja adorável nesse vestido, anseio vê-la sem ele.*

Meu vestido de casamento foi um presente dele, cortado da mais bela seda verde esmeralda. Ao ver a vestimenta, senti uma quantidade perturbadora de alegria de moça. Então me lembrei que sou a Imperatriz, uma assassina de primeira ordem.

— *Claro, meu amor. Se me ajudar, logo terá o que deseja. — O que merece. Eu me viro, presenteando-lhe com minhas costas.*

Quando começa a desatar o meu espartilho, luto contra a tensão crescente em meus músculos. Ele retira a seda dos meus ombros, depositando beijos ardentes pela minha pele.

Ele esteve impaciente para que este dia chegasse, e ainda mais quanto a nossa primeira noite como marido e mulher. Entretanto, Morte jamais me conhecerá dessa maneira.

Por toda a minha infância, fui ensinada que ele era o meu inimigo. Que o seu desejo inevitável pela Imperatriz se provaria uma das minhas forças — e fraquezas.

Porque uma Imperatriz de menos valor retribuiria aquele desejo.

A mulher em mim sentia atração por ele. Ele é encantador quando quer e é fisicamente lindo. Nunca vi alguém que se iguale. Admito que a minha respiração ficou superficial quando me juntei a ele no templo hoje mais cedo — ele estava deslumbrante em seus trajes impecáveis.

Mas aquela união estava condenada porque a Imperatriz em mim o via apenas como uma morte a ser executada. Um predador vendo a presa.

Ele não fazia ideia, confiante agora que eu era sua. Mais cedo, quando brindamos os nossos votos matrimoniais, ele sussurrou em meu ouvido.

— *O seu lugar é comigo. Para sempre.*

Quando meu vestido desliza do meu corpo amontoando-se aos meus pés, ele me vira para inspecionar melhor sua nova posse.

O brilho possessivo em seus olhos me faz eriçar. A fome tenuamente velada. Seus desejos eram tão acentuados que mal fui capaz de contê-lo todo aquele tempo. Ele é intenso demais, desejoso demais, carnal demais.

O garoto chamado Morte era tão cheio de... vida.

Ele me deita em nossa cama, depois se despe. Sim, ele é fisicamente perfeito — em todos os lugares. Meu corpo sem defesa responde. Mas tenho controle sobre meus desejos.

Assim que se junta a mim, segura a minha mão para beijar minha palma.

— *Imperatriz, eu a farei feliz por todos os nossos dias.*

Nossos limitados dias. Se deixarmos o jogo, envelhecemos. Ainda quando a imortalidade nos tenta?

Sua mão está coberta de ícones, ali, para serem tomados. Disfarço a minha ganância ao contá-los.

Com uma expressão orgulhosa, ele gira o meu novo anel em meu dedo. Um símbolo de posse? Não posso vê-lo de outra forma já que os homens de sua cultura não necessitam de um, bem como o gado não marca seus donos.

Para mim, o anel é tão detestável quanto uma coleira e isso eu não posso tolerar! Quando sinto o gosto de bile, meu caminho se torna mais claro: desejo os seus ícones mais do que o seu corpo de tirar o fôlego.

Quando ele se abaixa para beijar meu pescoço, pergunto.

— Pode buscar vinho para ajudar com os meus nervos, meu amor? — Exibo um sorriso provocante. — Nisto, eu sou uma ansiosa inocente.

Ele respira fundo domando sua avidez, embora ela emane por todos os seus poros. Suas necessidades de homem, seus desejos.

— Como queira.

Ele dá as costas à Imperatriz. Que confiante. Que tolo. O calor da batalha surge me dominando. Sem um sussurro de hesitação, deixo a cama sem fazer som.

Antes que ele possa reagir, enfio minhas garras venenosas nele, chiando em seu ouvido.

— Até que a Morte nos separe.

Acordo com lágrimas correndo pelo meu rosto.

Marido. Ele era o meu marido. E eu o traí.

De algum modo ele sobreviveu ao meu veneno. De algum modo conseguiu tomar a vantagem e me matar.

“Me forçou a matar minha noiva”, ele disse com tanta dor em seus olhos estrelados. Não era de se admirar que me odiasse — tinha todo direito de odiar! Como pude ser tão má?

Uma coisa era guerrear com um inimigo, lutar e vencer; muito diferente era trocar votos sagrados com alguém que se tinha total intenção de matar na mesma noite.

Não me surpreendia que não tivesse chance alguma de seduzi-lo. Não lido com víboras. Ele aprendeu a não confiar, e aprendeu tão jovem.

Toda a sua dureza, sua crueldade, foram afiadas por mim.

Aquela Imperatriz só tinha visto apenas a sua fome. Ela ignorou a ternura em sua expressão, o calor em seus olhos enquanto a contemplava. Ele pretendia fazê-la feliz.

Me fazer feliz.

Mesmo quando cega a tudo que ele lhe oferecia, aquela mulher havia se apaixonado por ele. Ela apenas se recusou a admitir.

Eu conseguiria?

De repente meus sentimentos por ele gritavam, grandes demais para o meu peito. Eu me sentia sua esposa. Precisava lhe explicar que jamais o trairia. Mas ele continuava ausente. Me deixando só em sua cama.

Volte para mim, Aric.

Silêncio. Muito silêncio. Eu não queria ficar sozinha no momento. Passando a manga no rosto corri do quarto, assustando Ciclope. Juntos nós subimos um lance de escadas que dava para o quarto de Lark.

Uma leve batida. Eu não tinha ideia da hora.



Lark abriu a porta, esfregando os olhos.

— O que foi, garota? — Ela usava uma camiseta de um time de futebol americano e uma *legging*. Um bebê esquilo abriu os olhos sonolentos no meio da sua juba de cabelo negro.

— Po-posso entrar?

Quando abriu mais a porta, entrei. Durante todo aquele tempo, nunca estive em seu quarto. Era exatamente como tinha imaginado — pôsteres de animais nas paredes, jaulas e aquários como prateleiras.

O seu falcão descansava em um poleiro de madeira próximo a cama como um relógio com alarme. Ela tinha um abajur de tigre, lençóis de canguru e várias borboletas vivas cobrindo o teto alto.

Eu sabia que não havia mais monarcas³⁷. Meses atrás, Matthew tinha me dito que as últimas duas estavam a milhas de distância e voavam uma *para longe* da outra. Outra vez me senti grata por Lark estar tomando conta daqueles tesouros. Mesmo assim, não podia deixar que ela pensasse que havia amolecido demais para o seu lado.

— Lençóis de canguru, Lark?

— Cara. Não me julgue. — ela disse sem raiva.

Minha presença tinha agitado alguns integrantes do seu zoológico, mas um único aceno de sua mão aquietou o choramingo e os grasnados.

— Então, quer falar sobre o que aconteceu? — Ela voltou a subir na cama, tirando um ouriço que roncava em seu travesseiro.

Eu queria? Por onde começar? Enquanto tentava organizar meus pensamentos, fui até a sua janela para fitar a noite tempestuosa.

Em algum lugar lá fora tanto Aric quanto Jack vagavam pelo mundo. Jack tinha partido o meu coração, e eu o de Aric.

— Sabia que Morte e eu nos envolvemos em um jogo anterior? Que nos casamos?

— Hmm, algumas cartas especularam.

— Acabei de sonhar com isso. Sobre como ele era.

— Eu tentei lhe dizer que ele não é tão ruim. — disse Lark. — Pelo que entendo, você meio que o envergonhava no quesito maldade. Tipo, em vários pontos.

— Verdade. Nada poderia ser pior do que o que fiz. — murmurei.

— Assim que ele voltar, vocês crianças podem se entender. Tenho confiança nisso. Você viu o jeito que ele a olha quando dança, certo? Bem, nem consegue imaginar como a olha quando não sabe que está olhando. Você ainda está com tudo.

Suspirei, não convencida. Havia muita coisa em nosso passado para ser superada. Quando um raio brilhou, eu disse por cima do ombro.

— Nunca olho para um raio sem pensar em Joules.

— Eu sei, certo? Ao menos ele não quer matar você.

— Por enquanto. — Voltei a olhar a janela quando outro relâmpago aconteceu. Raios formando nervuras em um plano negro. Um verde-amarelado formando nervuras em um plano vermelho?

Minha respiração falhou. Olhos negros com pupilas verticais me fitavam. Ogen.

³⁷ Borboletas americanas com asas laranjadas e marcas pretas e brancas.

Capítulo 42

— *BANQUETE! OFERENDA!*

— Lark! — berrei. — Corra...

— *SABBAT!* — O poderoso punho do Ogen irrompeu pela janela. Vidro quebrou, perfurando-me enquanto seu punho conectava em cheio com meu tórax.

Lark estava gritando quando bati na parede oposta. Ossos fraturaram. Crânio? Costelas? Omoplata? Fragmentos se projetavam de minha pele. Incapaz de me levantar, assisti Ogen agarrar Lark enquanto os lobos a defendiam, rasgando seus braços. Neste lugar do outro lado do quarto, ela e eu estávamos fora de seu alcance.

Apesar de esperar que ela fugisse seguindo o êxodo das criaturas trombando e voando para a segurança, ela se arremessou pra cima de mim, ajudando-me a ficar de pé. Ela foi pega por um monte de vidro também.

Ogen torceu seu grande corpanzil, firmando-se através da abertura da janela.

— *ALTAR VAZIO!* — Ele disse com um forte estrondo. — *ENTRANHAS FRESCAS.*

O reconhecimento atingiu minha mente apavorada. À sua maneira, Matthew tinha me avisado disso. *O relâmpago esconde o monstro.* Eu tinha acabado de vislumbrar Ogen pela luz de um raio. E Matthew me deu instruções: *Você deve se cortar quando o altar estiver vazio.* O altar do Ogen estava vazio; estava na hora de perder minha braçadeira.

Sussurrei para Lark.

— L-leve-me para o porão. Para as lâmpadas solares.

— Merda, merda! O chefe vai me matar. — Mas ela começou a ir para a porta, assobiando para seus lobos a seguirem. Ela gritou para Ogen.

— Ei, seu pedaço de merda, encontre-me na cozinha!

— *SUA CARNE!* — Ele *UIVOU*, retirando-se da janela tão depressa que o prédio tremeu.

Com meu braço esticado atravessado em seus ombros, nós nos arrastamos pra longe, indo na direção oposta da cozinha, um trio de lobos em nossos calcanhares. Conforme fugíamos para o andar de cima, soltei ofegante.

— O que está acontecendo?

— É algum Sabbat que não estou ciente. — ela murmurou. — Pode ser algum grande anual.

Cambaleamos escada acima, um vão que não lembrei de ter visto antes.

— Eu nunca o vi assim, Evie. Pedi reforços do celeiro, mas pode demorar um pouco para eles seguirem minhas instruções para arrombar a fechadura.

Derrapamos ao longo de um corredor até que ela parou na frente de uma parede.

Ela pressionou sua mão contra um lambri e um painel se abriu. Um pouco antes dele fazer um som assobiando fechando atrás de nossa tropa, seu falcão deu um grito agudo e mergulhou para dentro.

Na escuridão total, eu fui novamente forçada a contar com a visão noturna da Lark enquanto nos apressávamos escada abaixo voando. Nós subimos só para descermos nas entranhas deste prédio?

O ar ficou úmido, nosso entorno mais silencioso. Eu não podia ouvir a chuva, só patas pisando de modo macio atrás de nós, bater de asas e meus ossos rangendo à medida que começavam a se restaurar.

Chamei Aric. *Estamos com problemas — você tem que retornar!* Nenhuma resposta. Chamei até mesmo Matthew. Nada.

— Espere um pouco, Evie. Nós estamos aqui. — Ela me apoiou contra uma parede.

Ouvi uma chave chiando em uma fechadura, então o som de uma roda girando, como de um cofre de banco. Com um clique, uma porta gemeu abrindo e luz derramou no patamar onde estávamos.

Luz cálida.

Fiquei estupefata pela visão à minha frente. Tão grande quanto Depósito 13, e cheio com inúmeras mesas e plantas em crescimento. Lâmpadas solares cobriam cada centímetro do teto, luz cascadeando sobre minha pele sedenta.

Lark trancou a nós e suas criaturas dentro dali.

— Esta porta não vai manter Ogen do lado de fora quando ele está nesta forma. — Encostando-se nela, puxou um caco de vidro de seu quadril. Ela estava sangrando por causa do vidro quase tanto quanto eu. — Deixarei o falcão aqui para ouvi-lo. Vamos ficar lá atrás.

Enquanto Lark e eu atravessávamos o bunker com os lobos a reboque, absorvi a luz que vinha de cima, sentindo meu cérebro começar a disparar novamente. Arranquei os cacos de vidro de minha própria pele, minha regeneração acelerando.

Nós passamos por fileiras de plantas, como batalhões ordenados. Havia videiras em vasos e até mesmo mudas. Elas não seriam tão fortes quanto carvalhos gigantes ou tão furtivas quanto minha arma de escolha: Rosas. Ainda assim, este era um exército decente — se pudesse recuperar meus poderes.

Ogen nos acharia aqui embaixo eventualmente; só esperava poder preparar uma armadilha antes disso.

— Lark, preciso de uma faca realmente afiada. — Ou dependendo do tempo... — Talvez um machado? — Voltará a crescer.

— Nossa, esqueci de ambas na pressa. — Ela perscrutou em torno do jardim. — Posso te arrumar uma pá. Ou uma espátula.

Abaixei o olhar para suas garras, temendo o que eu sabia que devia acontecer.

— Você já cortou pele antes, certo? Com suas garras?

— Oh, inferno, não. Nem pense nisso, Evie.

— Acredite em mim, estou aberta a alternativas.

— O Chefe deve voltar hoje. Talvez chegue aqui a tempo?

— Está disposta a apostar sua vida nisto? — Peguei sua mão. — Me ajude a cortar esta braçadeira ou morreremos.

Ela olhou pra mim como se aterrorizada.

— Você é fria como uma pedra, não é?

— Não. Nem um pouco. Mas ainda vou fazer você me cortar.

Quando alcançamos o canto dos fundos, consegui que ela cedesse.

— Tudo bem! — Ela mostrou suas garras. — Diga-me o que você quer.

Expliquei como ela precisava cortar a pele acima e abaixo da braçadeira ao longo das extremidades, como se estivesse traçando ao redor de um copo descartável. As rebarbas estavam muito profundas por que o pedaço de metal deslizou por meu braço abaixo, então percebi que tínhamos que trabalhar aquele círculo de pele abaixo também. Mole, mole. Oh, e faríamos isto enquanto extirpávamos meu bíceps. Então mais uns dois cortes de cada lado do músculo, por favor.

Arranquei meu suéter fora, torcendo a manga para morder alguma coisa, porque tinha visto isso antes em um filme.

Quando estufei o material entre meus dentes, ela levantou suas garras afiadas como um bisturi.

— Isto está tão confuso. — Com suas pupilas do tamanho de um pires, ela começou a cortar em torno da braçadeira.

A dor fez meus olhos lacrimejarem, mas acenei com a cabeça para ela continuar.

Uma vez que ela fez todos os cortes na minha pele, o sangue estava escorrendo, tornando tudo escorregadio. Eu estava ficando tão delirante que pensei ter visto um lampejo de prazer em seus olhos. *Vermelho de dentes e garras.*

Mas quando cheguei mais perto de seu rosto, tudo que vi foi uma palidez doentia.

Puxei o material de minha boca.

— Você tem q-que se apressar. — botei pra fora. — Com este tanto de verde e luz... vou me curar rápido. Quando eu puxar a braçadeira mais alto, você desliza pra baixo dela e — minha voz tremeu — arranque o músculo. Rápido. — Coloquei de volta a manga do suéter na boca.

Com um aceno de cabeça instável, ela usou suas garras para conseguir uma boa pinça do músculo liso, então começou sua horrível tarefa.

Em meio a lágrimas jorrando olhei fixamente para o teto, sentindo pressão, dor, pressão, *dor!* Soltei um guincho contra meu suéter. Como se ele ouvisse até mesmo através daquele som abafado, Ogen berrou de algum lugar lá em cima, saltando pela mansão

— Terminamos com essa parte. — Por que ela estava balançando tanto? Ou era eu? Delírio. *Fique consciente, fique consciente.* Ela começou a puxar a braçadeira pra baixo.

Oh, Deus, as rebarbas! Eu vomitei em minha boca, sufocando isto de volta. Minhas pernas cambalearam enquanto eu tentava fazer força contra.

Quase no meu cotovelo, quase...

O metal se soltou em um fluxo de sangue, batendo no chão com um salto. Feito! Estremecendo, eu cuspi meu suéter, então descansei meu braço bom em uma prateleira de plantas. Enquanto eu me debruçava em cima dela, estreitei meus olhos ante a visão horrível da braçadeira. As rebarbas pareciam com raízes crescendo em minha antiga pele.

Lark rasgou a bainha de sua camiseta, usando o tecido para amarrar uma bandagem em torno do meu braço mutilado e flácido.

Bom. Eu não queria ver isto.

— Não posso acreditar que nós fizemos isto! Agora não me mumifique em uma videira, tá?

Libertada, mandei tudo crescer. Apesar de meus ferimentos, eu estava transbordando de energia.

Conserva? Eu tive durante meses.

Meu exército obedeceu tão depressa que eu podia ouvi-los deslizando rapidamente para a superfície. Enquanto talos, caules e folhas saltavam à vida, os olhos de Lark dardejaram.

— Isto é tão perturbador.

— Assim como suas cobras.

— Qual é o plano do jogo? — Ela perguntou.

— Vamos ter que decapitar Ogen, certo? — Ao vê-la acenar com a cabeça, eu disse. — Para nos alcançar aqui nos fundos ele terá que abrir caminho por uma selva, ficando cada vez mais fraco. Vou segurá-lo no lugar enquanto seus lobos rasgam sua barriga na parte mais macia. Depois forçá-lo no chão, nós usaremos suas presas para cortar seu pescoço ao meio.

— Okay. Eles conhecem o programa.

Em algum lugar acima de nós ele rugiu.

— Sinto cheiro de CARNE.

— Ele está vindo, Lark. Use meu sangue. Coloque-o em todas as folhas que você puder. Isso vai torná-las muito mais forte. Criarei uma última barreira para nos defender.

Ela se deixou cair para aplinar suas palmas na poça de sangue aos meus pés. Patty-cake³⁸. Delirante.

— Nosso sangue se misturando é meio louco. — Ela se levantou para sacudir levemente seus dedos revestidos. Vermelho no verde. — Como se fôssemos irmãs de sangue. Será que isso me dará uma vida extra nesta batalha?

— Eu não faço nenhuma ideia. — Enquanto minha barricada engrossava, avistei uma coisa ao longo da parte dos fundos...

Uma roseira. Meus lábios se curvaram. *Oh, Aric, você não devia ter.*

Enquanto Lark alinhava seus lobos diante da barricada, fiz com que a rosa crescesse até que os espinhos eram tão grandes quanto lâminas, os caules como correntes. Recordando a tática de outro Arcano, posicionei os caules só para Ogen. Um último suporte.

Terminando, me virei para Lark.

— Você podia deixar os lobos e ir se esconder. — Quando ela hesitou, eu disse. — Estranhamente, eu me importo se você viver ou morrer. Estarei mais preocupada em salvar sua bunda ossuda que acabar com ele. Você não pode me ajudar com ele.

— Isso não parece certo. Vou ficar por aqui...

Pedra e escombros explodiram teto abaixo a não menos que quinze metros de distância da gente, Ogen abriu seu caminho a murros pelo chão da mansão!

Ele abaixou sua cabeça através do novo buraco, afiando seus chifres no lado irregular da abertura.

— Cheiro SANGUE! — Quando ele se deixou cair dentro do depósito, tremores ondularam sob nossos pés.

³⁸ Patty-cake é uma brincadeira de criança onde batem as palmas umas das outras.



O rosto da Lark empalideceu ainda mais.

— Oh. Merda.

Ogen não teria que negociar uma selva antes de chegar até nós, não seria enfraquecido.

Quando os lobos se agacharam rosnando para lutar, saí do meu choque em um estalo. Com um gesto da minha mão, as videiras dispararam para laçá-lo. Amarraram seus pulsos e tornozelos, enrolando ao redor de seus chifres.

Uma vez que ele foi pego, os lobos atacaram como um, indo para sua barriga. Ele rugiu de dor enquanto os três arrancaram pedaços de seu couro. Uma gosma amarela-esverdeada vazou de seus ferimentos.

O falcão mergulhou pra dentro da batalha, pairando acima da cabeça do Ogen, arranhando e bicando seus olhos.

— Está funcionando! — Lark gritou.

Eu só acenei com a cabeça para ela quando Ogen se desembaraçou, livrando-se de todas as minhas videiras. Ele sacudiu sua cabeça ao redor, apontando um chifre no peito do falcão. Um pacote ensanguentado de penas desabou no chão.

Com os olhos arregalados, lancei tudo que tinha nele, videiras intermináveis. Os lobos se revezavam mordendo qualquer parte exposta.

Apesar deste assalto frontal ele começou a avançar, embaralhando-se ao passar por um campo minado de plantas. Se eu pudesse conter seu braço direito, ele usava o seu esquerdo para soltar as amarras. Se eu conseguisse conter uma perna, ele arrastaria isto atrás dele até que soltasse.

De onde tirava esta força? Ele estava crescendo ainda mais?

— SEM chefe. — sorriu, gotejando saliva. — BANQUETE agora!

Quando ele alcançou a barricada, os lobos redobram seu ataque...

Ele pegou um, torcendo seu corpo como um trapo encharcado de sangue. Eu gritei quando ele quebrou Ciclope em cima do seu joelho. Ele pisoteou o terceiro debaixo de seus cascos.

A cada ataque, Lark dava um salto e ofegava para respirar. Voltando os olhos cheios de lágrimas em direção a mim, ela estalou.

— O-o que fazemos agora?

Estávamos presas no canto dos fundos com apenas uma barricada para manter Ogen afastado.

Com um sorriso sinistro cheio de baba, ele apertou sua mão direita em um punho. Eu me preparei, sabendo o que estava por vir. Ele lançou aquele punho em minha barreira, esmurrando um buraco através dela, enviando agonia por toda parte do meu corpo. Embora eu lutasse para lacrar a fenda, ele já tinha conseguido colocar uma perna dentro.

Ele gritou.

— ALTAR! — E irrompeu por ela. Lark correu pra fora do caminho, mas ele era muito rápido. Com as costas de uma mão, ele a golpeou. Ela voou na parede — e não se moveu.

Meu medo deu lugar ao calor da batalha.

— Você vai morrer por isso. — Precisando levá-lo para a posição, rodeei mais perto da minha armadilha. — Venha, Diabo. Toque. — Em nossa batalha Arcana na beirada do rio, Gabriel surpreendeu Morte com uma rede. Eu já tinha a minha pronta.



Quando Ogen avançou para mim, uma rede de caules de roseira cascadearam sobre ele, espinhos gigantes mais afiados que arame farpado.

— Mas você pagará um preço.

Ele rugiu enquanto eu apertava os talos ao redor dele, suas lâminas navalhando sua pele. Mais apertado, mais apertado, cortando até o osso.

— Não se lembra de suas ordens, Ogen? Estou dizendo a você para ficar.... — Minhas palavras sumiram.

Ogen estava mudando de forma novamente. À medida que eu observava com horror, ele cresceu ainda mais, sua altura se esticando em direção ao teto elevado.

Aquele bruto astuto esteve escondendo o jogo o tempo todo. Ele escondeu a verdadeira magnitude do seu poder. Será que a própria Morte sabia?

Quando seus chifres espetaram as lâmpadas solares acima fazendo com que chovesse vidro, soube que não podia segurá-lo.

Ogen se debatia contra suas amarras. Elas desintegraram, a dor me marcando. O gigante se soltou.

Curvando-se mais, ele deu um passo mais perto de mim. Eu me afastei dele, lançando videiras entre nós.

Minhas costas encontraram a parede. Nenhum lugar para correr.

Ele me arrebatou, agarrando-me com uma de suas mãos enormes.

— Bela carne! — Ele me aproximou lentamente de seu rosto.

Eu o cortei com minhas garras, mas ele não pareceu senti-las.

Suas pupilas se expandiram enquanto ele me cheirava, seu mau hálito atingindo meu rosto.

— Carne morta. — Me jogou no chão, arrancando um grito de meus pulmões.

Começou a me estrangular como fez uma vez antes. Só que desta vez ele pegou meu pescoço entre seu polegar e o indicador, saboreando, fazendo isto uma última vez.

A pressão era excruciante. Será que queria estalar minha cabeça fora como de uma boneca?

Será que esta boneca não tinha mais dentes?

À medida que a consciência oscilava, pensei ter ouvido Aric berrando para eu aguentar. Delírio. Nunca mais o veria, nunca mais teria uma chance de convencê-lo do quanto eu estava diferente. Ele passaria por outros sete séculos de miséria?

A baba de Ogen pingou em minha bochecha. Esta seria minha última visão?

Foi quase um alívio quando minhas pálpebras deslizaram se fechando e cenas passaram como um flash em minha mente. Vi o rosto de Jack quando ele olhou para mim naquele momento suspenso no tempo. Eu o vi tão perfeitamente. Ouvi. *Estou em casa, Evangeline. Finalmente encontrei o lugar que eu deveria estar.* Com minha morte, Matthew diria a ele que parasse de caçar, parasse de procurar?

Vagamente percebi um grito. Aric? Consegui abrir uma brecha em meus olhos a tempo de vê-lo acelerando em meu campo de visão. Atrás da grade de seu capacete, uma luz ameaçadora queimava. Nunca pensei que ficaria tão



feliz ao ver Morte correndo em minha direção com ambas as espadas empunhadas.

— Você me desobedeceu, Diabo? Eu te avisei para nunca mais feri-la.
— Ele tinha?

Ogen deu um salto, liberando-me.

— Não é meu chefe. Eu me sento no joelho de Lucifer!

Respirei fundo, lutando para me levantar. Isto não estava terminado. A batalha ainda chamava.

Quando Ogen se moveu em alta velocidade em direção a ele, Aric fez uma finta pra direita, então golpeou com sua espada à esquerda. Ambidestro. A lâmina cortou fundo no flanco do Diabo.

Ogen uivou com fúria, quebrando mais lâmpadas. Batendo no chão, ele veio à carga mais uma vez.

Aric saltou em cima de uma mesa, mas Ogen o pegou com uma longa varredura de seu braço gigante, lançando-o na parede não muito distante de Lark. Sua cabeça estalou contra ela tão forte que seu elmo foi derrubado.

— Aric, não! — Eu disse engasgada. Lancei outra onda de videiras no Diabo. Conectada a tantas plantas e absorvendo a luz de cima, eu estava rapidamente me regenerando. Mas mesmo com força total, podia ganhar apenas algum tempo para Aric.

De alguma forma, ele continuou segurando suas espadas. De alguma forma, ele se arrumou para se abaixar. Deu uma sacudida na cabeça, como se para clarear a visão.

— Ah, Ogen, muito músculo e pouco cérebro. Nenhuma habilidade — nenhum estilo. Você não sabe que a qualidade sempre ganhará da quantidade?

Ogen rugiu tão alto que doeu meus ouvidos. Ele veio à carga mais uma vez.

No último instante, Aric rolou pra fora do caminho, esquivando-se de um punho como uma bigorna, dirigindo uma espada nas entranhas do Diabo. Uma gosma rançosa escorreu.

— C-chefe? — Ogen choramingou. Ele começou a encolher como se tivesse sido esvaziado.

Torcendo aquela espada, Aric plantou a segunda.

O corpo do Ogen encolheu até que ele não era muito mais alto que Aric. Só então Morte removeu suas espadas — para posicioná-las como tesouras no pescoço do Ogen.

Conforme Ogen cambaleava estupidamente nos seus pés fundidos, Aric disse.

— Até a próxima vez, Diabo. — Fatiou.

A Carta do Diabo não existia mais...

Com um subir e descer exausto de seus ombros, Aric olhou fixamente abaixo para o corpo ainda encolhendo de seu antigo aliado.

A batalha tinha acabado.

Aric estava de costas para mim. Não havia mais braçadeira no meu braço. Nem elmo para ele, deixando seu pescoço vulnerável. Um impulso se apoderou de mim.

O calor da batalha? *Mais que isso.*



— Ouvi você me chamando, Imperatriz. — disse quando começou a virar em direção a mim...

Eu já tinha saltado e atingido, plantando cinco garras no pescoço da Morte.

Capítulo 43

Todos os seus músculos enrijeceram, mas Aric não tentou se defender. Simplesmente pendeu sua cabeça e me deixou apunhalá-lo — rendendo-se, permitindo-me tempo suficiente para injetar veneno nele.

Quando o soltei, ele me encarou com um olhar agoniado.

— Bem jogado, criatura. — Ele soltou uma espada, pegando a lâmina da outra com uma mão para me dar o punho. — Acabe comigo então. Não lutarei de volta.

Cambaleando com confusão, tomei a lâmina, mas não fiz nenhum movimento para golpear. Eu queria explicar minhas ações, mas sua expressão roubou meu fôlego.

— V-você quer morrer?

Com uma risada amarga, ele disse.

— Por que eu iria querer viver por mais séculos quando desprezo a mim mesmo a cada segundo?

— Despreza?

— Por desejar você mais uma vez. Repetidamente, eu me apaixono por você. A primeira vez que me atacou, eu me defendi, sem acreditar que era você. Eu te derrubei antes que pudesse entregar uma dose completa de seu veneno. Você morreu no próximo jogo antes que eu pudesse encontrá-la, mas no terceiro, eu te observei e esperei.

Eu me lembrei quando a bruxa vermelha destruiu aqueles galeões. Ele esteve na orla, um observador. Ela observou que a Morte sempre foi “fascinado com seus dons de Imperatriz.”

— Eventualmente revelei a você que fomos casados — e o que você fez para mim — ele disse. — Você agiu tão horrorizada que me convenceu que nunca me machucaria novamente. Uma noite você me disse para eu possuí-la completamente. Afinal, pensei, eu conheceria a carne de uma mulher, minha mulher. Ao invés disso, você me deu seu beijo com veneno.

Eu ofeguei ante a dor insuportável em seus olhos. A desesperança.

Ele quis morrer, a fim de... esquecer. Para começar de novo.

— Seus lábios eram tão doces que mesmo depois que eu compreendi o que você estava fazendo comigo, continuei tomando sua boca. Só no último segundo eu pude escapar. Levei meses para me recuperar. — Ele estendeu a mão atrás dele para tocar os ferimentos em seu pescoço. — E agora isto.

— Aric, espera.

— Esperei tempo suficiente. — Ele arrancou fora seu peitoral, curvando seu tórax tatuado e oferecendo sua pele vulnerável. — O que isto diz sobre ser enganado? Se a vergonha vem para aqueles enganados duas vezes,



então é justo que a derrota venha para aqueles enganados três vezes. — Ele posicionou a ponta de sua espada, forçando-me a levantá-la contra ele. — Você queria saber o que as runas em meu peito significam? É nossa história, Imperatriz, um lembrete para eu nunca te dar minha confiança — e certamente não meu coração. E no entanto, eu o fiz desta vez. — Com os olhos brilhando, ele disse rouco. — Eu te desejei antes, mas nunca amei você até esta vida.

Meu próprio coração começou a bater mais rápido do que fez na batalha. Ele me amava!

— Venha agora, mergulhe esta espada. Eu valho cinco ícones para você. — Levantou sua mão direita, exibindo suas marcas, a de Ogen entre elas: um par de chifres.

Antes que eu pudesse reagir, Aric se inclinou para a lâmina, plantando a ponta acima de seu coração. O sangue gotejou de uma de suas runas. Como se ela chorasse.

— Você nem mesmo vai me poupar a agonia de seu veneno? Ou talvez possa me entregar um último beijo? Agora mordido, eu posso tocar a víbora.

Eu soltei o cabo da espada e a arma caiu entre nós.

— Falando de víboras, eu te dei uma mordida seca. — Ante seu olhar confuso, expliquei. — Eu não usei meu veneno em você — mas podia ter usado. Essas marcas de perfuração estarão curadas até amanhã. Talvez agora confie em mim quando eu disser a você que nunca tentarei te matar novamente.

A expressão dele dizia que não se atrevia a acreditar.

— Enquanto você estava fora, eu sonhei a memória de nossa noite de núpcias. E desta vez, estou realmente horrorizada pelo que fiz a você. Eu não vou te machucar novamente, Aric.

Seu queixo caiu e suas sobrancelhas se juntaram bem apertadas.

— Sievã?

Ele tinha me chamado assim antes.

— O que é essa palavra?

— Significa esposa. — Ele estendeu a mão para mim. — Porque é isso que vou te fazer hoje à noite.

Eu estava mancando para ele quando Lark murmurou meio grogue.

— O que está acontecendo?

Minha cabeça girou ao redor.

— Oh, Deus, Lark! — Ela parecia realmente arrebatada.

Seus lobos espancados rastejaram em direção a ela, a pele deles deixando uma trilha de sangue. Oh, Ciclope. Apesar de parecer terem sido atropelados, eles se posicionaram ao redor dela, ainda precisando protegê-la. Até o falcão foi mancando pra cima dela.

Eles se curariam, contanto que Lark o fizesse.

— Você está bem? — perguntei a ela. Aric dissera que havia um médico no complexo. Eu realmente esperava que Ogen não o tivesse comido. — Pode ficar de pé?

Com esforço, Lark disse.

— O Diabo está morto?

Olhando de volta para Aric, respondi.



— Muitas coisas morreram aqui hoje à noite.

Os Arcanos estavam zumbindo.

— *Morte voltou sozinho.*

— *Diabo não existe mais!*

— *A Imperatriz é a próxima.*

Eu me sentei no meu quarto escuro iluminado apenas pelo fogo. Aric viria para mim esta noite. Mais uma vez, me perguntei o que eu faria.

Deixei Lark e os animais aos cuidados de Aric e do médico, um humano indescritível que esteve se escondendo de Ogen no depósito de carvão. O jovem quis fazer um curativo em mim, mas uma vez que ele pronunciou que seus outros pacientes estavam estabilizados, deixei que esfregasse as camadas de sangue.

Aric não disse nada mais para mim, mas estava vibrando com tensão sempre que eu estava por perto...

Quando terminei de tomar meu banho fumegante, meu braço estava quase regenerado. Parecendo insignificante, mas se curando. Se ao menos pudesse me fortalecer mentalmente. Eu estava nervosa. Em essência, esta era minha noite de núpcias.

Trancei e destrancei meu cabelo, debatendo escolhas de roupas. Resolvi por uma camisola de seda azul marinho e um robe.

Por que estava tão nervosa com a perspectiva de fazer sexo com ele? Eu estava atrelada ao homem, pelo amor de Deus, e já tinha feito isto uma vez.

Com Jack. Naquele momento do tempo. *Eu estou totalmente dentro, peekôn.*

Parecia que assim que decidi dormir com Aric, meus sentimentos por Jack vieram à tona, memórias dele invadindo minha mente: *Evangeline, tenho que sentir você a cada passo. Ou eu vou ficar louco.*

Quando tive certeza que eu estava morrendo, foi o rosto do Jack que vi mais claramente. Por que? Ele era um Não-Arcano, eu lembrei a mim mesma. Ele mentiu para mim da pior maneira possível. Estes eram obstáculos que simplesmente não podiam ser superados...

A porta abriu bruscamente. Eu me levantei de um salto.

Com os olhos incandescentes, Aric permaneceu de pé na entrada, parecendo ocupar o espaço inteiro.

— Eu esperei — sua voz se interrompeu ficando mais baixa — tanto tempo para estar com você desse jeito. — Seu sotaque estava mais acentuado do que eu já ouvi.

Então ele estava caminhando em direção a mim. Seu olhar hipnotizante me alfinetou no lugar quando ele emoldurou meu rosto entre suas mãos. Quando seus lábios cobriram os meus, ofeguei. Ele aproveitou a oportunidade para aprofundar o beijo, gemendo no contato. Suas mãos apertaram em meu rosto. Seus gemidos sensuais fizeram meus dedos dos pés se curvarem, confundindo meus pensamentos.

Embora ele não tivesse despido uma mulher em séculos, antes sequer que eu percebesse minhas roupas derreteram de cima de mim, sua camisa e

botas desapareceram também. Ele interrompeu o beijo para me pegar no colo, levando-me para a cama.

Como Jack fez. *Não pense nele.*

Aric baixou o olhar para mim sem roupa em seus braços e silvou.

— Grandes deuses. — Ele me deitou de costas na cama, subindo ao meu lado. Ainda estava usando calças, mas por alguma razão eu não era tímida com ele enquanto inspecionava cada curva minha.

Provavelmente porque eu me sentia nua na frente dele durante meses.

Sua fome era ostensiva, mas quando abaixou sua cabeça até meu corpo, beijou... meu braço que estava se curando.

— Minha Imperatriz feroz. Eu não podia estar mais orgulhoso. — Me concedeu um sorriso de verdade, não um sorriso zombeteiro, nem um meio sorriso relutante.

Homem glorioso.

Seus lábios eram muito bem formados, seus dentes até mais brancos. Embora seus olhos estivessem estrelados, eu podia ver sua cor dourada. Eles estavam cheios de calor, com... amor.

Se ele era lindo antes, agora era devastador. Meus glifos arderam em resposta, atraindo seu olhar.

— Estes costumavam me encher de confusão. Eu os acho tão bonitos, mas sempre que eu os via, você normalmente estava prestes a atacar.

Jack os achara bonitos também.

Bloqueie isso! Eu era a esposa de Aric. Eu o enganei no passado, designei-o à miséria por centenas — não, milhares — de anos. Precisava fazer isto direito. Como penitência.

Ele esfregou o polegar sobre meu lábio inferior com uma mão que começou a tremer. Tive a sensação que ele estava perdendo seu controle polido, seu desejo atijando mais e mais quente.

— Você não podia ser mais adorável. — Parecia que ele estava prestes a me devorar, dando-me tanto arrepios quanto calafrios. — Sou um homem paciente, *sievã*, mas esta noite...

Havia algo vagamente ameaçador nessas suas palavras. Apreensão sobre isso surgiu. *Muito rápido.*

Contudo, ele se inclinou para me beijar, tomando minha boca até que meus pensamentos se apagaram novamente. Quando arrastou seus lábios pelo meu pescoço sacudindo a língua acima da minha pele, sua boca era tão quente que era atordoante.

Ele sempre foi polido e sofisticado. Agora a força crua de sua necessidade me desnorteou. Entre beijos, murmurou em *letão*³⁹.

— O que você está dizendo?

Ele recuou, curvando seu dedo debaixo do meu queixo.

— Você tem gosto de vida. Você é minha vida agora.

Suas palavras pareceram tão conclusivas. Se ele tinha parecido possessivo naquele passado tão distante, agora parecia como se tivesse perdido a si mesmo.

Em *mim*.

Eu estava para perguntar se poderíamos levar isto mais lentamente quando ele abaixou sua cabeça para meus seios, beijando-me lá. O prazer foi

³⁹ Letão é a língua falada na Letônia.

tão intenso que tive dificuldade de recordar minhas dúvidas e apreensões, só podia suspirar seu nome.

Quando arqueei minhas costas em sua direção, ele gemeu ao redor de um bico, então o outro, puxando com seus lábios, sacudindo com sua língua esperta.

Penitência alguma vez já se sentiu tão certa?

Contra minha pele úmida, disse rouco.

— Melhor do que milênios de fantasias. — Quando me contorci com a necessidade, ele ergueu sua cabeça. Com os olhos ardentes, disse. — Fantasiarei outras coisas também.

Roçou seus lábios sobre meus seios, desceu pela minha barriga, sua respiração morna mal tocando minha pele. Ele se aninhou no meu umbigo, então continuou seu caminho mais baixo. Mais baixo.

— Uh, Aric?

Com um grunhido desesperado, Morte... beijou.

Capítulo 44

Olhei fixamente para o teto com os membros esparramados, a mente atordoada pelo prazer que ele tinha acabado de me dar.

— Eu... você... onde você aprendeu *isto*? — Havia alguma coisa que ele não podia fazer?

Tremendo de ansiedade, ele deu uma risada dolorida. Com os olhos mais brilhantes do que jamais os vi, ele disse.

— Você nunca se perguntou o que penso quando você dança para mim? Eu fingia que as coisas eram diferentes e que você desejava meu toque, meu beijo. Fantasiava mil coisas que queria fazer com seu corpinho lindo.

Com a boca de volta aos meus seios, arrancou suas calças fora. Peguei vislumbres dele nu — e a mera visão me deixou fraca com necessidade.

Quando se moveu pra cima de mim, entre minhas pernas, ele estremeceu soltando duas palavras:

— Finalmente, *sievã*.

Espere, algo estava errado... o que estava faltando? Meus olhos se arregalaram.

— Você tem, hmm, proteção?

Ele ficou tenso.

— Neste momento particular, você está realmente me pedindo para ir buscar alguma coisa pra você? Talvez gostasse de uma taça de vinho também?

— Não, não é isso. E se eu ficar grávida? — Jack foi tão cuidadoso. *Pare de se torturar, Eves*. Para o melhor...

— Poderia nem mesmo ser possível para mim ajudar a criar uma vida. — disse Aric. — Mas não temos nada a perder tentando. Se você quiser terminar o jogo, este é um movimento que nunca foi tentado. Como



poderíamos sequer fazer mal um ao outro se começássemos uma dinastia entre nós?

— Aric, eu sou muito jovem!

Ele descansou sua testa contra a minha.

— Você não é. Agora que estamos juntos, o jogo ficará latente. Nós continuaremos a envelhecer desde que mais de um Arcano viva. Dezesete de seus anos mortais já se passaram. Vinte e três meus.

Ele estava falando sobre começar uma família? Quando eu não tinha nem certeza se o sol subiria novamente? Isto era muito intenso. *Ele* era intenso.

Muito carnal, desejoso. Suas necessidades viris.

Não, não pense na bruxa!

— Eu não posso fazer isto esta noite.

— Você está brincando?

— As coisas estão indo muito rápido. — Girando, voando, como os dias aqui. Talvez eu precisasse voltar para o mundo, parar de comer lótus e então achar meu equilíbrio com este homem?

Aric se ergueu em braços esticados, seu olhar estreitando em mim.

— Sua hesitação decorre de outra causa, não é?

Era? Eu aceitei que existiam sérios obstáculos entre mim e Jack. Mas ele disse que nós dois conseguiríamos passar por qualquer coisa — e na época, eu acreditei nele. Pediu-me para lhe dar uma chance de chegar até mim.

Se eu fizesse isto hoje à noite, não estaria dando Jack a chance que prometi a ele. Não lhe devia ao menos a oportunidade de me contar seu lado da história?

Eu sabia que este pensamento era ingênuo, inclusive ridículo. Isso nunca poderia funcionar entre nós, não depois do que ele fez. Inferno, provavelmente fui longe demais nos meus sentimentos por Aric.

Então uma simples verdade me atingiu: dormindo com Aric, eu estava tomando uma decisão sobre a minha vida — mas ainda não tinha informações suficientes para tomar essa decisão.

E ninguém poderia me fazer escolher nada antes de eu estar pronta.

Ninguém.

— Isso é por causa dele. — Aric deu a volta para se sentar na beirada da cama, apertando entre suas sobrancelhas com tanta força que seu braço inchou.

Sentei e toquei seu ombro, mas ele recuou.

— Aric, por favor. Por qualquer que seja a razão, podemos levar isto mais devagar?

— Você nega isto? — Ciúme emanava dele em ondas.

— Não estou dizendo que não quero algo com você. Mas fiz uma promessa pra ele. Você disse que eu não as mantive no passado, mas faço agora. Devo a ele pelo menos uma conversa sobre tudo isso antes de decidir levar as coisas mais longe com você.

— Eu te disse como ele era errado para você, e mesmo assim você o quer!

— Eu podia dizer o mesmo sobre seus sentimentos por mim.

Com um som rude de aborrecimento, ele se levantou para se vestir.

— Pensei que isso estava no passado. Que ele era passado.

Eu também. Minha vida passando diante de meus olhos pareceu ter chacoalhado algo deixando-o solto.

— Você quer que eu sempre me pergunte sobre ele? Não quer começar as coisas de forma limpa comigo?

Ele puxou suas calças com um arranco.

— Porra, Imperatriz, você vai me escolher! Você me deve. Ele pode seguir em frente. Eu não!

Pensei sobre o comportamento do Jack, não era totalmente certo que ele podia seguir em frente. *À moi, Evangeline!*

Andando de um lado para o outro no quarto, Aric disse.

— Você nunca deu seu coração antes. Eu estava convencido que você nem tinha um.

Puxei o lençol pra cima do meu peito.

— Eu tenho, e neste momento está se partindo em dois.

— Por que será que na primeira vez que jurei vingança contra você, é a primeira vez que você nasceu assim? Com honra e empatia? A única vez que você é perfeita para mim — e você está apaixonada por outro homem!

Sussurrei.

— Eu sinto muito.

— Depois do Flash, se eu tivesse ido para Haven e protegido você e sua mãe, teria me escolhido para amar?

Antes de estar na estrada com Jack? Antes de aprender o quanto ele era um garoto complicado? Antes dele salvar minha vida? Eu tinha que responder honestamente.

— Sim.

Aric gritou com frustração, lançando seu punho na parede de pedra. A torre inteira balançou. Dentre respirações ofegantes, ele disse áspero.

— Eu deveria ter ido pra você! Eu deveria ter colocado meu ódio no passado e protegido você.

Ele não disse *em vez de aterrorizar você*, mas eu sabia que ambos estávamos pensando nisso.

— Nós não podemos mudar isto agora.

— Não, não podemos. Tenho sido paciente com você. Estiquei os limites até mesmo da minha paciência eterna. Vejo agora que o mortal deve ser retirado da equação.

Como Matthew dissera. Em um tom de voz frio como gelo, eu disse.

— Se você machucar Jack, seja o que for que há entre nós acabará. Você quer que sejamos inimigos mais uma vez? — Minhas garras começaram a sair.

Ele notou, franzindo o cenho.

— Não, não quero.

— Você devia se sentir agradecido por ele. Se não fosse por Jack, eu teria sido capturada pelos Amantes, torturada e morta. — Dizer isto em voz alta só cimentou minha decisão de ir até ele. Ele salvou minha vida; eu devia a ele uma conversa.

— Se você tem sentimentos por ele, *lute* com eles. — Aric mandou. — Indo até ele, você estaria alimentando-os mais uma vez. Você não entende? Ele pode encontrar outra mulher — eu não posso. Se você o escolher, estará



me relegando a um destino infernal. Como você fez repetidamente. Não, isto será ainda pior porque eu tive um vislumbre maior do que estarei perdendo.

— Eu só quero conversar com ele. Estou partindo neste fim de semana. — eu disse em uma voz firme.

— Não, você não vai. — Sua atitude arrogante de volta no lugar, ele disse. — Entenda-me, não vou entregar a única mulher que nasceu só para mim. Nem a um humano, nem a ninguém.

— Você não pode me manter aqui contra minha vontade por mais tempo. O que vai fazer? Colocar aquela braçadeira de volta em mim?

— Eu lamento que...

Eu levantei minha mão para detê-lo.

— Entendo por que você fez isto. Mas não serei mais uma prisioneira.

Ele agarrou sua camisa, enfiando os braços nas mangas.

— Você diz que mantém suas promessas agora? Você fez um voto diante dos deuses para ser minha esposa. Nesta vida, você manterá suas promessas para mim — antes sequer de honrar uma para ele!

— Você não pode me impedir de partir. Tenho meus poderes de volta. Ganhei meus poderes de volta.

Com uma curva cruel de seus lábios, ele disse.

— Você prometeu nunca me prejudicar, Imperatriz. Saiba que terá que me matar antes que eu deixe você ir embora.

Enquanto ele andava a passos largos porta afora, eu disse.

— E saiba que terá que pôr aquele cilício em mim para me manter prisioneira novamente.

Sozinha, eu chamei Matthew.

— *A Imperatriz viveu hoje.*

Alguma dúvida quanto a isso?

— *Que batalha angustiante. Tantos galhos de árvores. Remoinhos.*

Seu modo de dizer que ele nem sempre podia ver as milhares maneiras que um destino podia se desdobrar. *Você ainda soa chateado, Matthew. Confuso. Está sendo demais? Preciso falar com Jack. Se eu deixar este lugar, pode me levar de volta para você?*

— *O Louco guia seu caminho...*

Capítulo 45

DIA 369 D.F.

Lark estava adormecida em seu novo quarto, parecendo tão jovem com seu mamífero enrodilhado cochilando na cama ao redor dela.

Dois dias atrás, o médico deu a ela uma calha para seu antebraço quebrado, outra para seu tornozelo torcido, e uma tipoia para sua clavícula quebrada. Então ele a confinou em sua cama para descansar.

Os lobos se curaram rapidamente com ela, atualmente deitados diante da lareira do quarto. Já que Ciclope não ainda não podia se arrumar com os degraus, ele permanecia aqui embaixo com sua matilha. Seu falcão em processo de cura aninhado perto em uma cesta de roupa para lavar.

Estava preocupada em deixar Lark para trás quando eu partisse. De alguma maneira aquela pequena maluquinha se tornou minha amiga.

Boa, ruim, boa.

Não éramos todos? Jack, eu, Aric.

Ele esteve me evitando, como se lhe doesse olhar para mim. Ele nem sequer compartilhava refeições comigo. Apesar da minha necessidade de ir conversar com Jack, eu ansiava por Aric.

No caminho de volta da visita a Lark ontem, eu me choquei com ele.

— Como Fauna está se saindo?

— Ela está melhorando.

Com um aceno de cabeça, deu meia volta para ir embora.

— É isso? — Eu chamei. — Quanto tempo mais vamos fazer isto? Nós temos que conversar sobre o que aconteceu.

Com uma risada dura, ele se virou para mim.

— É muito simples. Eu quero você, você quer outro, e estou em dívida de uma esposa. — Lutando para recuperar sua compostura, ele disse em uma voz áspera. — Se nossa situação fosse invertida, você nunca me deixaria ir embora também.

Eu caí em silêncio, incapaz de negar isto. Então olhei fixamente para ele enquanto me deixava.

A tensão na mansão era quase pior do que quando Ogen esteve ansiando desesperadamente por oferendas. Os pensamentos de Aric deviam estar um tumulto absoluto, porque seu treinamento se intensificou mais do que nunca antes. A última vez que ele esteve assim, eu me senti como se estivesse assistindo um berserker. Agora?

Uma sequência de bomba relógio em contagem regressiva.

— Imperatriz! — Matthew chamou.

Estou aqui. Puxei o edredom da Lark até o queixo, então fui até a lareira para acrescentar um tronco para ela e os animais. As temperaturas continuavam a cair, os ventos chicoteando. Minha torre balançava com o pior deles. *Mas agora não é um bom momento, Matthew. Tenho um monte de coisa na minha cabeça.* Demais, e a maior parte centrada em Aric.

— Por favor, Imperatriz! POR FAVOR!

Eu me acalmei ante seu tom apavorado. *O que é?*

— *Eles o levaram. Montaram uma armadilha. Não posso ver seu futuro! Não sabia. Eles o tem.*

Vá mais devagar. Quem tem quem?

— Duque e Duquesa Mais Perversos. JACK.

Meu coração fez um baque com medo. Os Amantes tinham Jack? Um destino pior que a morte.

— *O Cajun montou armadilhas contra o exército. Vincent estava fora fazendo reconhecimento de um novo acampamento e o surpreendeu. A violeta se juntará ao seu irmão. Uma vez que os Amantes se reunirem, Jack será... machucado.*

Quanto tempo tenho?



— Antes de matá-lo ou antes de quebrá-lo além do reparo?

Senti gosto de vômito na minha boca. *Posso alcançá-lo a tempo?!*

— *O acampamento deles fica a poucos dias do da Morte.*

Qualquer coisa podia me atrasar. Tempestades, milícia, Saqueadores. *E Selena? Nós podemos enviá-la para lá?*

— *Ela arriscou sua vida por ele. Deixada para morrer. Finn também.*

Envie outro Arcano para salvá-lo, prometa qualquer coisa! Eu darei QUALQUER COISA!

— *A Torre prometeu sua aliança para a Imperatriz. Salvará seu mortal se você trazer a cabeça da Morte para ele.*

— *O que? Joules libertará Jack, como um mercenário?*

— *Torre Mercenária!*

Não vou pagar o que ele quer. Tente negociar qualquer outra coisa. Qualquer coisa exceto isso! Eu informarei o que planejo.

— *Depressa, Imperatriz!*

Eu queria pensar nisso friamente, racionalmente. Mas medo por Jack me fez tremer.

Tropecei degraus abaixo em direção aos aposentos de Aric. Pelo que eu podia ver, o destino me deixou dois caminhos. Pedir ajuda de Aric ou... o impossível.

Por que Morte ajudaria o garoto que fez amor com sua esposa? Não tinha nenhuma esperança de conseguir que ele me ajudasse, mas eu tinha que tentar.

Sem bater, escorreguei pra dentro de seu estúdio. Eu o achei perdido em pensamentos deitado no sofá. Ele estava sem camisa, vestindo apenas calça de cintura baixa de couro. Olhando fixamente para o teto, ele tinha um braço atrás da cabeça, usando sua mão livre para correr os dedos por cima do peito. Ele traçava diferentes runas, como se tivesse memorizado sua localização exata.

No que estava pensando enquanto tocava essas formas?

— Aric, preciso falar com você.

Ele se levantou com sua velocidade antinatural, andando a passos largos para mim.

— O que aconteceu? — Ele apertou meu queixo, girando meu rosto de um lado para o outro. — Por que está tão pálida?

Tentando falar em um tom firme, eu disse.

— Jack foi capturado pelos Amantes.

Ele deixou sua mão cair.

— Então neste exato momento ele está desejando que eu tivesse acabado com ele na mina.

Lutando para não chorar, eu disse.

— Preciso de sua ajuda para libertá-lo.

— Assumir um exército por ele? E por que eu faria isto? Eu o odeio mais do que jamais odiei qualquer um. Até mesmo você. — Se virou, indo direto para a vodca. Ele despejou, mas não bebeu. — Aceite isto: Seu mortal está condenado.

— Por favor, Aric. Estou te implorando!

Ele deu meia volta, fúria em sua expressão.



— Você se recusou — duas vezes — a me implorar por sua própria vida, mas imploraria pela dele?

Sussurrei.

— Sim.

Com um brilho calculista em seus olhos, ele disse.

— Esta não é uma tarefa impossível que você me pede. Eu poderia pedir favores antigos, contatar velhos aliados. Eles poderiam estar aqui em poucas horas. Nós cavalgaríamos fora daqui como um.

— De v-verdade?

— Com uma condição: você se tornará minha esposa de verdade, minha em todos os sentidos. A partir de hoje à noite. Concorde e assumirei um exército por você.

Meus lábios se abriram de choque.

— Como você pode fazer isso comigo?

— Deveaux está perdido para você de uma forma ou de outra. Ele ou será sacrificado pelos Amantes — ou poupado pela minha mulher, por seu sacrifício. — Ele ofereceu sua mão. — Venha comigo e comece isto.

— Não faça isso, Aric! Não destrua o que sinto por você.

— Vou tomar — ele se apossou da minha mão, puxando-me para perto — o que eu puder conseguir.

Mesmo não querendo, tremi pelo contato, por sua voz rouca.

Seu aperto em mim era firme, proprietário. Porque ele acreditava que eu estava prestes a me tornar sua. A bruxa vermelha em mim sussurrou, *Morte acha que tem você à sua mercê. Mas a Imperatriz não consegue ser colocada sob coleira ou enjaulada — ou controlada. Tome sua cabeça e pague a Torre.*

Cale-se!

— Por favor, Aric. Odiarei você por isso. Não quero me sentir assim em relação a você. Nunca mais. Não me force a fazer isto.

— Forçar? — Impassível, ele me levou em direção ao seu quarto. — Eu não estou forçando você a fazer nada. Assim como você não pode me forçar a salvar a vida do seu amante. Cada um de nós faz sacrifícios para conseguir o que queremos.

Com meu coração martelando, cruzei o limiar para dentro de seu mundo escuro. Paredes pretas, teto preto, noite preta além de suas janelas. No entanto, lá fora achei que eu vi... um único floco de neve flutuando.

Como um sinal.

— Venha, *sievã*. Não vou esperar mais.

Enquanto Morte me levava para sua cama com a promessa de prazer, senti nascendo o calor do desejo — e de...

Batalha.

FIM